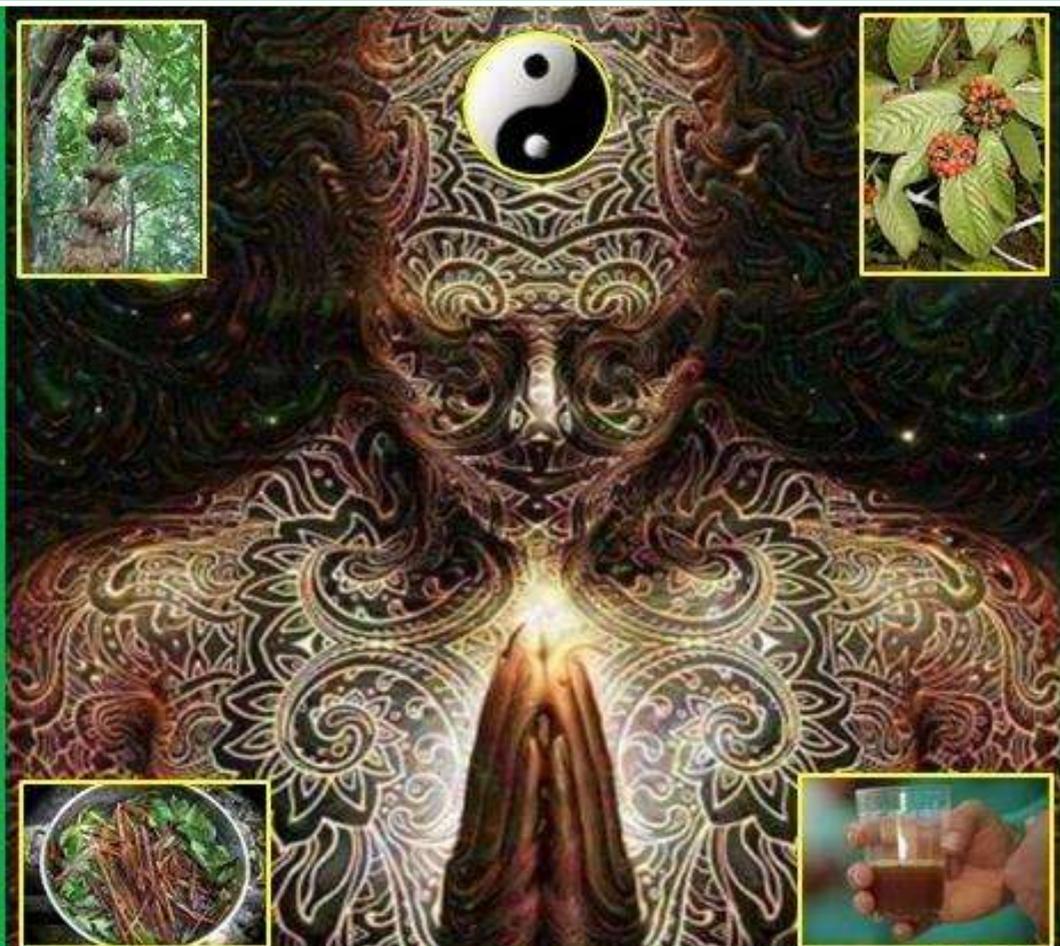


CÉU E INFERNO EM EQUILÍBRIO, NO REINO DE HOASCA

UMA VIAGEM ENTEÓGENA

2ª. EDIÇÃO – 2.023



ANTONIO TADEU M. DE ANDRADE
ATMAN

**UM DISCÍPULO PERGUNTOU AO
MESTRE GABRIEL, O QUE ELE
DEVERIA APRENDER, AO
COMUNGAR O SAGRADO CHÁ.**

**A RESPOSTA VEIO EM TRÊS
PALAVRAS:**

APRENDER A MORRER!

CÉU E INFERNO, EM EQUILÍBRIO, NO REINO DE HOASCA.

Apresentação

ANTONIO TADEU MIRANDA DE ANDRADE

Prefácio

Alexandre, Beatris, Caroline, Diogo, Fernanda, Marcos,
Sabrina, Sheila, Sheron, Alessandra, Rafaela e Michele.

(hoasqueiros anônimos)

Versão para o Inglês

FERNANDA AMARAL DE ANDRADE

Revisão Técnica

ALEXANDRE SCARLATO

BEATRIS NEPPEL

CAROLINE MINOTTO BOM

DIOGO DA SILVEIRA MARTINS

FERNANDA EIFLER DE ALENCASTRO

MARCOS DE ALMEIDA BARRETO

SHEILA GALHEGO BARRETO

MARK COLLINS

Revisão Estilística e Gramatical

FERNANDA AMARAL DE ANDRADE

Capa e Arte

SR. HUGO LEONARDO CAVALCANTE FÉLIX

Registro no ISBN: 974.999

CÉU E INFERNO, EM EQUILÍBRIO, NO REINO DE HOASCA.

ANTONIO TADEU M. DE ANDRADE

CÉU E INFERNO EM EQUILÍBRIO, NO REINO DE HOASCA.

UMA EXPERIÊNCIA ENTEÓGENA

1ª. Edição

2.020

CÉU E INFERNO, EM EQUILÍBRIO, NO REINO DE HOASCA.

Capítulo	ÍNDICE	Página
1.	INTRODUTÓRIO.	035
2.	CIENTE FICA SÃO, O CHÁ DO CORAÇÃO.	040
3.	CAPÍTULO 01 - APRESENTAÇÃO DOS PROTAGONISTAS.	053
4.	CAPÍTULO 02 - A ORIGEM DE TUDO. O CAMPO DA EXPERIÊNCIA HUMANA.	
5.	CAPÍTULO 03 - A DUALIDADE CÉU E INFERNO, QUE HABITA EM NÓS.	082
6.	CAPÍTULO 04 - HISTÓRICO DA AYAHUASCA, NO BRASIL.	090
7.	CAPÍTULO 05 - FUNDAMENTAÇÃO LEGAL DO USO, FORMULAÇÃO QUÍMICO-BOTÂNICA E EFEITO, NO CORPO E MENTE HUMANA, DA AYAHUASCA.	105
8.	CAPÍTULO 06 - UMA HISTÓRIA ENTEÓGENA – A SAGA DE SETE PERSONAGENS, NO REINO DE HOASCA.	156
9.	1º. ATO - A HISTÓRIA INICIAL, DO DR. MARCUS PATRIOTA (DR. PINEL).	157
10.	2º. ATO - A HISTÓRIA INICIAL, DE MARIA OHARA E OHANA STEVENS.	164
11.	3º. ATO - A HISTÓRIA INICIAL DE MADELEINE DE MARSELLE (MADÁ) E ANDRÉ GALHEGO FONTANA (CHINA).	175
12.	4º. ATO - A HISTÓRIA INICIAL DE JEOSHUA CRUZ E CARLA FIORAVANTE.	184
13.	5º. ATO - APROFUNDANDO A EXPERIÊNCIA DO DR. MARCUS PATRIOTA E SEUS PACIENTES.	196
14.	6º. ATO - NOS EUA, APROFUNDANDO AS EXPERIÊNCIAS DE OHANA SETEVEENS (HOSTIE) E MARIA OHARA (MARI Ô).	220
15.	7º. ATO - NO PERU - MADELEINE (MADÁ) E ANDRÉ (CHINA).	229
16.	8º. ATO - SAMPA - DE VOLTA À VIDA COTIDIANA, COM JEOSHUA CRUZ, CARLA FIORAVANTE, DR. PINEL E LAURA.	240
17.	9º. ATO - OHANA STEVENS E MARIA OHARA, EM NORWOOD, PARA A PRIMEIRA SESSÃO DE VEGETAL.	251
18.	10º. ATO - EM AYACUCHO, COM MADELEINE E ANDRÉ.	266
19.	11º. ATO - EM SAMPA - DR. PINEL, LAURA, CACÁ E JOTA CÊ.	276
20.	12º. ATO - ENCONTROS FINAIS DOS PROTAGONISTAS NO REINO DE HOASCA.	285
21.	CAPÍTULO 07 - CONCLUSÃO (INCONCLUSIVA).	298

PREFÁCIO DINÂMICO, DOS LEITORES HOASQUEIROS.

CAROLINE MINOTTO BOM

O que dizer da ferramenta que atuou como um machado, abrindo uma fenda em meu ser, fazendo com que a luz divina entrasse direto, conectando-se com o meu interior. Posso dizer que a Ayahuasca foi o que me salvou das trevas.

Naquele momento, rodeada de energias densas, andando por lugares repletos de drogas e situações pesadas, perseguida e recebendo trabalhos de magia negra, de uma pessoa que me acessava, porque havia uma abertura no meu campo e sendo atacada, energeticamente, por vários seres, quando, por um impulso de minha alma, fui levada e comungar a sagrada medicina da floresta, de repente, tudo mudou e, a partir daí, começou o meu processo de ascensão, ao encontro da minha luz interior.

Minha história tem conexão com vários dos personagens que compõem o enredo do livro **Céu e Inferno em Equilíbrio, no Reino de Hoasca**.

A partir do relato que fiz acima é perceptível que, assim como a Cacá, que estava envolvida com pessoas que viviam nos seus infernos, em meio às drogas e energias densas, por um movimento de sua alma se conectou com o Jota Cê, para que pudesse chegar à planta sagrada,



Caroline comunga, desde 2.019 e participou de 12 sessões, do Sagrado Chá.

a Ayahuasca, que já a havia escolhido, para ser “salva”. Também senti certa identificação com a personagem Madeleine de Marseille que sempre foi muito arredia às religiões formais e seu DNA nunca aceitou nenhuma imposição dogmática, originada em preceitos advindos das batinas da matrix. Assim, eu sempre fui, também.

Viajando, juntamente, com as deliciosas aventuras dos personagens vi-me, vivendo muitas das experiências, dentro da minha própria realidade. Pude recordar de memórias minhas, de muita resiliência, transformação, aventuras e livramentos.

Durante esse período sombrio, em minha vida, eu consegui não me perder, por conta das energias que me protegem e que estão a serviço de Deus. Elas me conduziram, mesmo no meio da escuridão, a buscar ferramentas, para que eu conseguisse ir me curando e manter um fio conectado à luz.

Mas, o que mais profundamente fez uma limpeza, em meu campo, foi experienciar um ritual de Ayahuasca e seguir realizando, a prática, com certa frequência.

Depois do contato com a Ayahuasca eu consegui ganhar, ainda, mais força, para parar de consumir qualquer tipo de droga, afastar-me de pessoas que consumiam ou tinham a energia densa, por outros motivos, fez-me rever todas as minhas escolhas, em relação a trabalho, consumo e relacionamentos.

Fez-me ganhar consciência, sobre a vida e sobre o espírito, analisar meus princípios e valores, todos os meus hábitos e, o mais importante, fez-me sentir que eu sou o EU SOU.

Além do livro trazer-me um sentimento de conexão e me levar a recordar histórias tão importantes e profundas de minha vida, eu,

também, fui munida de, ainda mais informações, sobre essa medicina da floresta, pois ele contém muitas informações técnicas e práticas, do uso da Ayahuasca, que são muito importantes para entender o quanto o seu consumo é seguro e para o bem.

Por meio do contato com a sabedoria da Ayahuasca, eu passei não só a acreditar na existência de Deus, como chamo essa consciência que tudo rege, como comecei a sentir Deus. E meu ser foi transformado por completo a ponto de eu entrar no fluxo do meu propósito de vida e viver, através da minha alma e não mais através do meu ego.

O livro é uma experiência maravilhosa, para que mesmo os que não tiveram contato com algum ritual de Ayahuasca, possam sentir o poder de cura e transformação dessas plantas. E para os que já tiveram possam reviver e relembrar de suas experiências sagradas.

MARCOS DE ALMEIDA BARRETO

No intuito de se aprofundar e dedicar as suas experiências com a Ayahuasca, com os demais irmãos e irmãs que querem entrar neste caminho sagrado, o autor, Antonio Tadeu, nos brinda, com esta surpreendente, extraordinária, fantástica obra, “Céu e Inferno em Equilíbrio no Reino da Hoasca”, o livro faz com que o interessado obtenha a compreensão do que é o Sagrado Chá e como ele atua, nas mudanças internas de quem o comunga, ao longo de sua leitura. Através das vivências dos personagens do livro, podemos relembrar as nossas próprias experiências e ratifica-las, compreendendo melhor tudo o que experimentamos e que nos mudou, com o passar do tempo e dos rituais. Pelo que percebemos, para aqueles ou aquelas que estão para dar o passo da primeira experiência, o livro é um manual completo de instruções preciosas, para que os adventícios possam aproveitar, melhor, as experiências advindas dos efeitos do Chá. Quando discorre sobre as origens desta prática ritual, referendando a história da Hoasca, qualifica a prática científica e legalmente, para dar tranquilidade a quem se inicia, nesta comunhão, de que não está infringindo nenhum tipo de lei e, ao mesmo tempo, passa a acreditar no potencial curativo da Bebida Sagrada. O livro, aparentemente, despretensioso é dotado de conhecimento e aventuras, que não é outra senão sua própria experiência de vida. Aconselhamos a sua leitura, para que os tabus sejam derrubados e que a expressão da verdade brote dos rituais do Sagrado Chá.



Marcos comunga, desde 2.020 e participou de 03 sessões, do Sagrado Chá.

ALEXANDRE SCARLATO

Uma obra prima literária, sobre o assunto, a meu ver. Além de, minuciosamente, explicar, pelo viés técnico, o que é, de onde veio, como foi difundida e como é feita a Ayahuasca, traz, de forma esclarecedora e ricamente ilustrada, o que esta medicina da floresta é capaz de nos proporcionar .

Mostra, profundamente, como é possível a evolução através do próprio conhecimento

e com isso poderemos escolher melhor, nossos caminhos, em cada oportunidade, na qual, comungamos o Sagrado Chá.

Citada e explorada, com maestria, nas histórias dos personagens, quando observamos, nestes, que a medicina age de forma diferente, de acordo com o momento e com o interesse, da busca pessoal do comungante e que determinantemente, através de cada acesso a essa planta, a experiência nos proporciona um grau de questionamento evolutivo, capaz de trazer as nossas realidades mais profundas à luz de nossa consciência atual.

Os relatos explicam, claramente, que, através da comunhão do chá, devemos continuar a busca da evolução espiritual e que esta está, diretamente, relacionada à coragem e à entrega de cada um, pra o encontro com a própria consciência.

A obra mostra muita seriedade, com a qualidade das pesquisas e das informações sobre o chá, e sobre as plantas que o compõe e o seu



Alexandre comunga, desde 2.012 e participou de 150 sessões, do Sagrado Chá, aproximadamente.

feito. E, através das histórias dos personagens traz, às pessoas que nunca comungaram a Sagrada Bebida, a desmistificação negativa, afasta o medo e dos preconceitos existentes, além de esclarecer que não há risco, em seu consumo, ao contrário, evoca a funcionalidade, numa evolução consciente, encorajando os novos adeptos a fazerem essa escolha. No meu caso pessoal, como hoasqueiro, há alguns anos, o livro esclareceu-me muitos detalhes, sobre as plantas que eu não conhecia, de forma direta, simples e didática.

A narração das aventuras dos personagens fez-me lembrar, em parte, o meu processo com as sagradas plantas, em comunhão, tendo revisto os passos que dei, as mudanças e transformações que ocorreram, em mim e que ainda ocorrem, dando-me a certeza de ter feito as escolhas certas, por conta de, hoje, aceitar-me e gostar muito mais da luz de cada dia, que me é concedido e de conseguir, ter uma maior consciência do que eu realmente sou e me dar a certeza de que está, em minhas mãos, o meu próprio caminhar .

Esta obra me satisfez, por completo, no sentido de considera-la um material muito sério e claro que, com certeza, posso indicar para encorajar os possíveis iniciantes, nos caminhos da Sagrada Medicina da Floresta. E, também, para validar as experiências pessoais, com o chá, acrescentando muita energia, aos que já fizeram a escolha de comunga-lo. Tomo a liberdade de dizer que este livro me confirmou que a Ayahuasca é o melhor meio de me enxergar, manifestando a consciência de uma real crença, em mim, nas minhas escolhas e de assumir, inteiramente, a responsabilidade, sobre elas .

SHEILA GALHEGO BARRETO

A minha busca, na consagração da Medicina Sagrada da Floresta (Ayahuasca) foi na intenção de uma cura física (câncer de mama) e de uma cura espiritual e mental (a vaidade), pois sempre fui muito preocupada com a minha aparência externa.

Após a doença me acometer, senti que faltava alguma coisa na minha vida, sentia falta de uma busca por mim mesma.

Passei, então, a procurar algo que pudesse me fortalecer e me equilibrar, novamente. Nesta ocasião, por fazer parte de um grupo de busca da espiritualidade, fui convidada a participar de um ritual, onde se utilizava um Chá, chamado Ayahuasca, em Camanducaia – MG. Consagrei a força do Vegetal, por três ocasiões e cada consagração me proporcionou uma experiência diferente. Notadamente profunda, foi a minha segunda experiência, quando tive acesso à frequência vibratória do meu conjunto de chacras, e, neste ponto, ao me deparar com a minha própria luz, chorei copiosamente.

Fiz contato com meus guias espirituais, o meu pai “de cabeça” **Omólú** ou **Obaluaiê** (Conforme o Candomblé), com a minha mãe **Yemanjá**, onde pude ver em todos os matizes apresentados, a profundidade e a exuberância de sua beleza. Quão linda ela é!

Vi que a minha beleza estava, realmente na alma e para não dar foco à vaidade. Senti, em minhas mãos, uma cascata de energia, como



Sheila comunga, desde 2.020 e participou de 03 sessões, do Sagrado Chá.

uma cachoeira de luz. Uma força iluminada inexplicável, com as palavras, que usamos na matrix. Todo este processo me deixou fortalecida, aumentou a minha intuição, senti-me muito mais leve e consegui acessar a minha melhor versão. Ao ler a obra escrita e compilada, pelo nosso companheiro de jornada, compreendi muita coisa que, ainda, estava obscura, nas experiências que havia vivenciado, durante os rituais. O livro nos dá, didaticamente, um Norte para o uso do Sagrado Chá, em todos os sentidos, científico, religioso, emocional e, principalmente, pelo viés das curas que a Sagrada Bebida, nos proporciona.

Acredito que é um manual de utilização desta ferramenta, na direção da re aquisição de nossa “Consciência Primordial”, a “Consciência da Fonte” que existe em nosso interior. Por isso, recomendo a sua leitura, para aqueles que querem comungar o Sagrado Chá e, ainda, não o fizeram e, também, para aqueles que já a comungam, há algum tempo, para que se abram novas perspectivas a respeito desta Prática Sagrada.

FERNANDA EIFLER DE ALENCASTRO

Milhares são os motivos para mergulhar nessa obra e aumentar seu campo de conhecimento. Maiores, ainda, são os poderes de Deus em sua infinita sabedoria, que nos presenteou com um buscador e professor, como é o autor.

E é nessa rima que convido a todos para conhecer esse mundo paralelo que é a medicina da Ayahuasca. As reais experiências contadas no livro



Fernanda comunga, desde 2.018 e participou de 09 sessões, do Sagrado Chá.

trazem curiosidade a quem nunca experimentou e nostalgia a quem sabe do que se trata. Cura, reconexão com o Todo e muita liberdade de expressão. O reino citado é uma mistura de sagrada magia, festa de sons, infinitas cores e incontáveis segredos internos que só quem consagra é capaz de entender. Minhas experiências são a prova que eu precisava para me encantar com o céu e até mesmo o inferno apresentado em forma de visão. A primeira vez foi em novembro de 2018. Medo e ansiedade eram os sentimentos que me moviam horas antes de consagrar. Mas foi amor ao primeiro gole. Amargo, inesquecível. Sensações que iam e vinham com a música, o fogo e a dança. Meu corpo dançava, a alma requebrava. Comemoração divina e de profunda entrega.

Até hoje foram 09 (nove) contatos com minha sombra e minha luz, inclusive, quando estava grávida, do meu filho Yan, hoje com 09 (nove) meses. Ele também teve contato com a medicina desde o

ventre. Se eu pudesse dar um conselho a todos que leem isso agora e que ainda estão em dúvidas sobre se entregar ou não, seria: respira fundo e se abra para uma profunda reconexão consigo e com seus amores mais ocultos, você vai se maravilhar ao se redescobrir. A Ayahuasca sempre esteve inserida em um contexto de rituais sagrados e fica o convite para ser inserida na sua vida também. Hoje, eu e meu companheiro organizamos rituais no sul do Brasil, algo que eu jamais imaginaria pouco tempo atrás, mas que me foi dito em uma experiência com o chá. E eu sigo a risca tudo que ele me mostra e traz a tona. Até agora nenhuma decepção, só expansão e abundância em minha vida. Uma praia deserta com mar de águas cristalinas, talvez o Caribe. Um jardim florido com animais de cores vivas e brilhantes, talvez a Amazônia. Um mundo sem guerra com amor e harmonia de pilares. Essa é a viagem, a melhor viagem que podemos fazer. Gratidão ATMAN, por enriquecer a literatura com essa obra e por me permitir fazer parte do teu círculo de discípulos/amigos.

DIOGO DA SILVEIRA MARTINS

Este livro é certamente um marco conceitual de grande peso, nos estudos sobre consciência no Brasil.

Unindo uma erudição impressionante, sobre o universo religioso da Ayahuasca e um esquema de apresentação que facilita a absorção das distinções principais de estilos, em um universo complexo de experiências e



Diogo comunga, desde 2.019 e participou de 12 sessões, do Sagrado Chá.

vivências, utilizando a Ayahuasca. No início de 2.019, quando tive a primeira oportunidade de tomar o chá, passei a transmutar e ressignificar diversas crenças que tinha sobre amor, sociedade e sobre meus próprios valores. Já contemplo mais de 12 (doze) consagrações e em cada ritual que participo ou, mesmo, nos que ministro, venho obtendo mais consciência, para me tornar um ser humano cada vez mais íntegro, que ruma a sua cura, para, então, conseguir curar o próximo. Não existe guru, existe unicamente a nossa consciência que se expande na “embriaguez divina”, para nos permitir “ver” e praticar a ascensão no nosso cotidiano. Eu desejo então deixar aqui a minha homenagem, cheia de reconhecimento, de carinho e de respeito ao autor, esse sábio, que está transmitindo ao mundo conhecimentos e informações valiosas.

BEATRIS NEPPEL

Todo mundo tem um ano “marco”, aquele que é considerado como uma espécie de portal, que vai abrindo todos os outros pela frente. O meu com certeza foi em 2.014, já em sua virada, quando ouvi pela primeira vez a palavra “tantra”. Foi (e *continua sendo*) minha chave principal para um mergulho profundo em mim e na minha sexualidade. Com o tantra vieram muitos outros conhecimentos, terapias, vivências e aprendizados, entre elas a Ayahuasca. Minha primeira experiência foi no Paraná em 2.015, confesso que não entendi muito bem o meu processo, o que eu deveria ou não sentir. Estava muito ansiosa, com medo das mirações que tanto ouvia falar. Foi suave, viajei com as músicas de rezo cantadas pelo Ale de Maria, o qual estava conduzindo lindamente a sessão. Meses depois, consagrei mais uma vez e meu maior processo foi com a medicina do rapé. Naquele dia, tirei minhas conclusões, de que já havia conhecido a Ayahuasca e não precisaria mais dela (ô inocência!), pensamento esse que durou até eu conhecer o ATMAN, no ano de 2.016, no Rio de Janeiro. Entre nossas conversas loucas do astral que vagavam as noites de Copacabana, sobre tantra, tarô e Ayahuasca, fui convencida que deveria me aprofundar ainda mais em meu processo de autoconhecimento e que a medicina da floresta seria uma grande e necessária aliada. Foi então que minha terceira sessão aconteceu,



Beatris comunga, desde 2.015 e participou de cerca de, 30 sessões, do Sagrado Chá.

em Florianópolis naquele mesmo ano, novamente conduzida pelo Ale de Maria, em uma sexta-feira santa, data religiosa cristã que relembra a crucificação de Jesus Cristo e sua morte no Calvário (significativo não?). Dessa vez muito mais consciente a respeito da medicina, dos meus propósitos e necessidades, fui com o coração totalmente aberto para me permitir ouvir o que a medicina tinha a me dizer. Foram quase 12 (doze) horas na “força”, em processos muito intensos, portais e mais portais, vidas e mais vidas, muitas informações, tomadas de consciência, baldes de lágrimas e claro, a famosa e temida peia. Tive muita clareza a respeito de muitas questões do Universo, do véu da ilusão, que nos cobre aqui nesse plano e de vários comportamentos e atitudes que precisaria mudar em mim. Foi tão libertador que no mês seguinte estava embarcando para o Peru para uma sessão particular com um xamã, em um vilarejo chamado **Pisac**, próximo a **Cusco**. Lembram-se da frase com a qual iniciei esse texto? Essa sessão no Peru foi outro grande marco na minha vida e nos meus estudos com a Ayahuasca. Uma sessão conduzida em um quarto totalmente escuro, apenas ao som dos cantos em quéchua de **Eduardo Hualpa**, uma alma muito antiga e humilde, que me ajudou a encarar minhas sombras de frente. Foi uma conexão ancestral, senti a energia da **Pachamama**, em meu ser. Entre uma peia e outra (e, diga-se de passagem, a maior até hoje), muitas instruções recebidas, naquela noite fria e estrelada, que enfeitava os céus, do Vale Sagrado dos Incas. Foi sagrado, consciente, emocionante e ao mesmo tempo foi muito assustador. Morri, nasci e vivi tudo na mesma noite. De lá para cá, não foram só mudanças, mas lindas transformações, mortes e renascimentos, em minha vida

por completo. Agradeço ao ATMAN pela iniciativa de escrever um roteiro, para a utilização do Sagrado Chá. Com certeza, as informações, contidas na obra, servirão de bússola, para suas manifestações frente aos rituais de Ayahuasca e suas burracheiras, consequentes. A experiência do autor, certamente, servirá de embasamento, para as suas conclusões, expressas, na obra, fazendo com que as experiências individuais, de cada peregrino, sejam as mais completas, possíveis, dentro de seus merecimentos.

Tenho muito respeito, honra e gratidão pelos ensinamentos que tive com a Ayahuasca e pelo meu grande e estimado amigo ATMAN, por ter me incentivado a mergulhar nas profundezas do meu ser e da minha Consciência Interna, onde pude me conectar e trazer toda a força da **Deusa Kali**, em mim.

SABRINA ZAHARA



Sabrina comunga há pouco mais de 05 (cinco) anos e participou de 12 sessões, do Sagrado Chá. Ela é a nossa Artista Xamã, cantora, compositora e atriz.

Guia.

O senhor das folhas é meu guia

Toda consciência amplia

Como montanha suspensa

A mata adentrou meu ser

Vi na Íris a cor da terra

As cinzas do tempo

A água da chuva escorrer

Parecia um desespero

Cada zigue-zague e um novo jogo

Muitas serpentes de fogo

Tudo em meio a nevoeiro

E uma coluna de vento

Vinham para desequilibrar

CÉU E INFERNO, EM EQUILÍBRIO, NO REINO DE HOASCA.

Num rápido deslocamento
Céu e inferno em equilíbrio
No reino da Hoasca
E eu renasço sob os cuidados de ATMAN!
Na dança do fogo
Na Purificação da transmutação
Escuto O trovão que escapou
A ladainha da mulher que esperou
Sou Herdeira do caos
Isso é real
A brotação é real
A miração é real
Giro em torno do sol
Sou o cego sorrindo
No nevoeiro do mar
Aquele cego sorrindo, Eu Sou
Na fumaça que sobe, Estou
NO peito da santa, Estou
O cheiro da flor, Eu sou
A árvore dos Encantados, Eu Sou.
Somo, todos, nós,
Somos um só.

SHERON MAIA DE CARVALHO



A medicina se fez presente em minha vida no ano de 2.020, foi onde iniciei meu processo com o sagrado chá. A busca era por autoconhecimento, mudanças, mas foi além do que eu imaginava que seria.

Após 2 anos senti um grande chamado em servir a Ayahuasca, as pessoas me procuravam e eu sempre me esquivava, até que cedi, me tornei facilitadora, condutora de cerimônias, com bastante auxílio e cheguei até aqui. ATMAN, o conheci em 2023, através de um amigo chamado Victor Henrique que já havia participado de uma de suas sessões. Quando o procurei me apresentei em busca de uma mentoria sobre as plantas de poder, pois quanto mais pudesse me aprimorar ao meu ver seria melhor. Expliquei o meu intuito, e ele topou, então nosso primeiro encontro aconteceu em 14/03/23. Sempre muito gentil, além dos estudos sobre as plantas de poder, me apresentou um universo vasto de conhecimento sobre diversos assuntos,

topei me jogar neste mar e sou grata pela oportunidade que tive em aprender e relembrar o que já estava armazenado aqui dentro.

Seguimos com nossas reuniões, tivemos pressa para colocar em prática tudo o que havíamos conversado, e nossa primeira sessão com a medicina da floresta aconteceu em 19/03/23 no espaço cedido pelo nosso amigo, irmão Victor Henrique. Estávamos em quatro, eu a aprendiz, Alessandra uma amiga querida, Victor amigo e dono do local, e ATMAN o mentor.

Foi um processo muito intenso e benéfico, muita informação, autoconhecimento, lembranças agradáveis e outras nem tanto “rsrsrs”, muitos seres presentes como animais de poder, elementais, outros e também a famosa peia. Tão profundo que não há explicação que possa transmitir o que vivemos naquele dia. De todas as vezes em que consagrei durante esses 03 anos em que a medicina se faz presente em minha vida, posso dizer que essa foi uma das mais marcantes que já tive. Passei por lugares inimagináveis, novas cores e muito brilho se apresentavam durante o dia no momento do processo, a música era envolvente e nos convidava a dançar, os bons sentimentos, o amor nos inundava e era indescritível. O trabalho em equipe era nítido e foi essencial, nos sentimos acolhidos e amparados. Houve uma grande transformação em nossas vidas, na minha vida. Esse processo foi a virada de chave trazendo a certeza de que no momento este é o caminho. Seguimos. Sou grata ao Universo, a Vida, e primeiramente ao nosso Criador por nos permitir, proporcionar

CÉU E INFERNO, EM EQUILÍBRIO, NO REINO DE HOASCA.

este encontro tão esperado, enriquecedor e cheio de luz para nossas almas.

A medicina Ayahuasca, todo meu infinito respeito e gratidão por todos os ensinamentos. E ao ATMAN gratidão por toda disponibilidade, atenção, amor e incentivo, que bom que você veio, agora além de mentor, um bom e grande amigo.

Abaixo segue um poema descrevendo em poucas palavras nossa primeira consagração juntos, guiada pelo ATMAN.

A luz do querido Sol chegando vem clarear, brilhar, para iluminar, se EU que não sou EU quiser e deixar.

Lembrar-me de agradecer e apenas aceitar, que somente existe o AR que me permite respirar.

E na leveza, sempre me lembrar, de deixar o AMOR entrar, que no final somente o AR é o que irá restar, pois é somente o que “hÁR”...

Junto da luz do nosso querido Sol que vem para nos integrar.

Decidi que quero sim, decidi que vou deixar, e então uma resposta veio, a resposta é “amAR”.

Amar a todos os seres e tudo que aqui “hÁR”.

ALESSANDRA CHRISTINA RAPACI



As medicinas da floresta entraram em minha vida em abril de 2022, quando, em busca de autoconhecimento, fui apresentada à experiência com a Ayahuasca. Em um momento de grande confusão pessoal, questionei meu propósito neste plano e pedi ao Criador a oportunidade de conhecê-Lo diretamente, sem intermediários ou necessidade de religião. Foi então que encontrei essa conexão dentro de mim durante a primeira sessão em que participei. Pude perceber a Totalidade em mim e encontrei essa mesma Totalidade no outro, à qual todos pertencemos, e ao decorrer do tempo, pude compreender essa força interna que todos carregamos. Como alguém que carrega a justiça em seu nome, foi desafiador abrir mão dos apegos às minhas próprias crenças e convicções que tanto me atrapalhavam. No entanto, decidi abraçar este caminho e me aproximei de uma grande amiga, Sheron, pela qual sou imensamente grata pelo carinho e cuidado demonstrados até aqui. Ao acompanhar o seu compromisso em servir o sagrado chá, compartilhamos experiências juntas na medicina, até que conhecemos o ATMAN, nosso querido amigo e mentor. Ele

CÉU E INFERNO, EM EQUILÍBRIO, NO REINO DE HOASCA.

generosamente se propôs a compartilhar seu conhecimento conosco e tivemos nosso primeiro encontro no dia 19 de março de 2023, na casa de nosso amigo Victor, que nos apresentou ao ATMAN. Posso afirmar que essa sessão foi a mais impactante da minha vida até agora, como se fosse um renascimento. Individualmente, foi um momento intenso e incrivelmente pacífico. Minhas crenças foram desafiadas e um véu da ilusão caiu dos meus olhos. Estava envolvida em muito amor e verdade. O tempo parecia não existir, e experimentei a sensação de eternidade em um único instante, como se aquele momento fosse tudo o que existisse. A sessão inteira foi bela demais, estávamos completamente conectados e solícitos ao que o momento nos pedia. A música nos conduzia, e foi um processo de muita limpeza e autoconhecimento. Poderia dizer que renasci espiritualmente naquele dia. Agradeço pela sagrada medicina e por toda a sabedoria e conhecimento que acompanham aqueles que escolhem trilhar esse caminho. Digo com convicção, a Ayahuasca transformou minha vida e a forma como a enxergo. Sou grata ao nosso Criador por colocar pessoas como Sheron, Victor e ATMAN em minha vida, verdadeiros companheiros no caminho da fé, que me auxiliam de maneiras especiais. Sou grata pelo carinho que eles demonstram por mim, pelas lições compartilhadas, pela atenção e pelo incentivo, constantes. Salve o sagrado chá, nossa sagrada medicina Ayahuasca! Que todos aqueles que têm sede de se conhecer e conhecer o Divino tenham coragem de abraçar esse caminho. Expresso minha gratidão!

RAFAELA SIVIERO DOS SANTOS



Rafaela comunga, desde outubro de 2.022 e participou de 06 (seis) sessões, do Sagrado Chá, até a elaboração deste texto.

Ela pinta com guache e se inspira nas “burracheiras”, para elaborar novas obras, inéditas.

Acompanho minha mãe, estrela Tau Alniyat (Débora Siviero), da Fundarca e da Constelação do Escorpião, aos rituais de Ayahuasca, desde os meus 15 anos, quando pude receber e, até hoje, coleciono diversos momentos e aprendizados, com pessoas e lugares, que tive o imenso prazer em conhecer e fazendo com que, cada vez mais, eu me interessasse, pelas medicinas da floresta.

Lembro-me bem das fortes dores de cabeça e mal estar que sentia, durante as quatro horas do ritual, quando finalmente me juntava aos participantes, para ouvir suas experiências e, claro, tomar a famosa sopa de abóbora com gengibre.

Com o passar dos anos, minha vontade e necessidade se fortificavam, cada vez mais, até que, finalmente, minha “*mamuska*” me autorizou a consagrar o “vinho da pequena morte”.

CÉU E INFERNO, EM EQUILÍBRIO, NO REINO DE HOASCA.

Quase completando maioridade, aos 17 anos, estava totalmente inserida na matrix e suas preocupações, tais como pressões da vida adulta e escolhas do rumo da minha vida.

Fui em bus do Sagrado Chá, com o propósito de me encontrar, clarear meus caminhos e me tranquilizar nesse rito de passagem. Estava completamente neutra e tentando ficar no controle da situação, sentada na posição de lótus, até que me entreguei à medicina e me deitei, quando, de repente me transfigurei a sete palmos, abaixo do chão, onde pude sentir a umidade e respiração da terra em completa harmonia.

Não foi uma situação ruim, sinto como se fosse uma vida passada, agitada, onde tive o alívio de finalmente descansar.

Fui orientada por um ser, uma cobra, acredito que faça parte de mim ou talvez meu animal de poder. A cobra me passava uma sensação de mãe, amorosa e autoritária, fazendo-me entender e sentir que as respostas estavam dentro do meu ser.

O passado, presente e futuro habitam em mim, me transformando e moldando meu caminho a partir daquilo que eu sou, minha essência. Foi quando tive certeza que deveria continuar com meus processos internos, para que eu consiga transmutar e emitir tudo que há de verdadeiro em mim, para o mundo, fazendo minha vida fluir. Sem ficar matutando, exageradamente, no meu racional, apenas deveria sentir e ouvir a sabedoria do SER.

Foi-me revelado um nome que conquistou meu coração, “Sol”, como se fosse o começo de uma nova vida, um novo ser e novos processos evolutivos. Então fui tomada por inteiro,

CÉU E INFERNO, EM EQUILÍBRIO, NO REINO DE HOASCA.

daquela energia de pertencimento e amor próprio, até porque a partir daquele dia tinha muito caminho pela frente.

A jornada em busca do equilíbrio interno, conhecimento, e consciência se fazem onde nós nos desfazemos por inteiro, nos conectando com a fonte criadora e nossa maior ferramenta, nosso SER. A partir daquele dia, minhas concepções mudaram, sentia as matriarcas da minha família e sabedorias do oculto, instaladas em meu ser, um poder que sempre esteve ali, mas só alcançado naquela experiência sagrada.

Depois dessa primeira experiência, houve outras que me fizeram chegar a conclusão de que só o amor e a procura por nós mesmos, nos faz alcançar a consciência plena, trabalhando em nossos carmas, amarras e infernos interiores.

Essa constante busca terá começo, meio e começo de novo até que seja chegada à hora de meu fim carnal. E claro, a Ayahuasca se faz presente nesse processo transmutador, assim como meus guias espirituais e todas versões do EU SOU.

O livro escrito, pelo meu amigo Antares (ATMAN), que neste momento prefacio, com estas poucas e precisas palavras, com certeza esclareceu muitas coisas com seu desenrolar entre os personagens e suas informações valiosíssimas, que nos dão um norte para reflexões e questionamentos mais profundos.

Grata a todos que me acompanham, todas estrelas e sagrado por me proporcionar á sentir.

CÉU E INFERNO, EM EQUILÍBRIO, NO REINO DE HOASCA.

Maiores são os poderes de Deus que **HABITAM EM MEU SER, RELUZINDO AO MUNDO.**

Sou luz, **MINHA ESSENCIA** se faz presente constantemente.

Senhor, fazei-me um instrumento de vossa **CURA.**

MICHELE MENDES CARDOSO

Em julho de 2.022 tive a primeira experiência com a medicina sagrada Ayahuasca. E que experiência!

Quando ouvi falar do Chá, não levei muito a sério, pelo contrário, eu o critiquei. A seguir, uma amiga consagrou e me contou os detalhes de sua experiência, então,



Michele comunga desde julho de 2.022 e já participou de 19 (dezenove) rituais.

primeiramente, eu fui pautada, na curiosidade , depois que consaguei, vi que o negócio, além de sério, era extremamente sagrado. Nossa, de lá para cá, nunca mais parei.

Em cada consagração acontece um aprendizado, um direcionamento, uma libertação, trazendo a cura de um trauma. Tem horas que é inexplicável, falarmos da medicina, só quem consagra, é que sabe, o quão maravilhosa e, ao mesmo tempo, desafiadora, ela é.

É uma viagem para dentro de si, indo mais além, eu diria, um encontro, entre o seu EU Interior com a espiritualidade. Tentei, diversas vezes, por anos, me encaixar em alguma religião, ou algum tipo de terapia, que me compreendesse e, principalmente, me preenchesse.

A medicina não é uma religião, mas posso afirmar, com toda certeza do mundo, que eu me encontrei e me preenchi com a Ayahuasca. Com a medicina, tive insights da minha história de vida, relembro e curando traumas, que estavam arquivados, dentro de mim. Pude, também, compreender e perdoar pessoas e o principal de tudo perdoar a mim mesma! Buscamos a cura, sempre, no outro, sendo que, a verdadeira cura está em nós.

Quero relatar, também, que nem tudo são flores, quando consagramos o Chá. Devemos estar preparados para ver, ouvir e sentir os desafios e direcionamentos a serem mostrados. Como diz o ditado:

“A Ayahuasca é para todos, mas nem todos são para a Ayahuasca!”

Tenho exemplos de amigos que foram consagrar uma ou duas vezes e não voltaram mais, para consagrar, pois não viram o que queriam ver, ou melhor viram seus traumas, erros, egos e fugiram de si próprios. Lembrando que, às vezes, é preciso encararmos a nossa dor, para obtermos a sua cura.

Eu sou muito grata por ter conhecido a medicina sagrada, já foram 19 (dezenove) consagrações, cada uma, diferente da outra, mas todas, sempre, com um grande ensinamento. Confesso que, às vezes, sou um pouco teimosa, desobedeço os direcionamentos, mas, mesmo assim, o Chá, sempre, tenta me mostrar o melhor caminho.

A medicina faz a parte dela, te mostra a direção, cabe a nós fazermos a nossa.

CÉU E INFERNO, EM EQUILÍBRIO, NO REINO DE HOASCA.

FOTOS DE ALGUNS DOS NOSSOS LOCAIS DE COMUNHÃO, DO SAGRADO CHÁ.



RECANTO ALEGRE



SÍTIO KAMBÔ



ESPAÇO SANTOSHA – SÃO
CAETANO DO SUL - SP

CÉU E INFERNO, EM EQUILÍBRIO, NO REINO DE HOASCA.



ESPAÇO PALOMA & LÍRIO – SÃO CAETANO DO SUL - SP



ESPAÇO DO "SEU ZÉ" – SÍTIO DO JOTA - SAPUCAÍ MIRIM - MG

INTRODUTÓRIO DO AUTOR

A fábula, à qual chamamos de vida real, marca todos os aspectos de nossa percepção sensorial, pois vivemos ou pensamos viver, pelos cinco sentidos.

Chamamos de realidade o que suspeitamos, hoje, ser uma imensa ilusão e, embora a “*matrix*” tente nos manter na prisão sensorial já manifestada, uma sexta via se nos apresenta, vinda e nascida com as novas gerações, encarnadas, nas últimas décadas.

Um sexto sentido clama por espaço de manifestação, em todas as pessoas que, a ele, estiverem abertas e atentas às suas sutis incursões, em nosso dia a dia.

Há um clamor espetacular, surgindo em nossos interiores, chamando-nos a ver as coisas de outra maneira.

No último século vivido, por nossa civilização, nossas vidas foram jogadas no cerne dos conflitos mais profundos que, historicamente, já houveramos vivenciado.

Nunca matamos tanto nossos semelhantes e nunca estivemos, nesta raça de manifestação cósmica, tão próximos de um suicídio coletivo.

Neste quadro de convulsão corrompida de processos de troca, entre nós, seres humanos e nosso fornecedor essencial de matéria prima, física e energética, para que nos manifestemos no plano mais denso da matéria, o planeta Terra, vivem sete personagens fictícios, em locais distantes uns dos outros, mas com problemas existenciais profundos e arraigados e que chegaram, podemos dizer, em suas “horas da verdade”. O que une cada um deles é a solução para seus desequilíbrios, que se apresenta na figura de um “Chá Misterioso”. Um caminho de volta à nossa essência, fazendo-nos, apenas, SER.

Sete peregrinos, filhos pródigos, em seus respectivos momentos de inflexão e retorno à Casa do Pai.

Quando cada um chega à sua capacidade, máxima, de afastamento de si próprios, um cordão interno os traz de volta, mas, agora, com a experiência, mesmo que ilusória, da tentativa de “não ter sido”.

A experiência de ter “falhado” e ter que retornar à origem não é de todo decepcionante, pois surge uma percepção interna, em cada um, que, aqui, o “fracasso” representa o sucesso na jornada.

Cada um dos sete tentou, ao seu modo e durante muitas vidas, negar a onipotência, onisciência e onipresença do Criador. Cada vida física, uma tentativa frustrada. Cada retorno, um afastamento, ilusório, maior.

No presente momento, é chegada a hora de retornar da longa e angustiante jornada e, para isso, é necessário construir outro caminho de volta. Marcado por uma orientação luminosa, pautada na Luz, na Paz e no Amor.

No decorrer da história de cada um, faremos o possível para transmitir aos interagentes dessa obra, como funciona a ferramenta de religação, baseada no “Chá Misterioso” ao qual denominamos, HOASCA ou Ayahuasca.

Ao recebermos a missão de escrever sobre este sacramento, no decorrer de uma sessão de vegetal e no estado denominado de “burracheira”, vislumbramos uma oportunidade relatar nossas experiências e treze anos de visitas ao nosso interior profundo, bem como compartilhar as experiências dos sete companheiros na busca de suas respectivas iluminações.

Quem reencontra o vegetal (Ayahuasca), renasce de “baixo para cima”, por intermédio de sua própria vontade expressa na prisão da matéria, complementando o nascimento uterino de “cima para baixo”, por conta de uma missão cármica de reencarnação.

André Galhego Fontana, Jeosha Cruz, Maria Ohara, Ohana Stevens, Madeleine de Marselle, Carla Fioravante e Marcus Patriota ajudar-nos-ão, com suas experiências pessoais, a integrar a presença do Sagrado Chá em nossas vidas.

A história e o seu desenvolvimento ajudar-nos-ão a perceber os caminhos do Mariri (cipó) e da Chacrona (folha), unidos, por cocção, em um chá, na nossa corrente sanguínea e os efeitos trazidos à nossa mente, ao corpo astral, etérico e físico, pela ação ativa de seus componentes, acordando a nossa Glândula Pineal e abrindo portais de outras dimensões, dentro nós mesmos.

A viagem que realizamos rumo ao “EU SOU”, através do sagrado chá é intensa e individual, não há viagens iguais, nem coletivas, uma atrás da outra, as camadas que se acumularam e nos cegam vão desaparecendo e a nossa Luz Primordial fica, cada vez, mais evidente e ao nosso alcance perceptivo.

Esta obra tem a função de tentar explicar-lhes, como funciona a ferramenta do Sagrado Chá, na abertura dos portais internos, por onde passaremos, para nosso encontro final conosco mesmos.

Peia, após peia, Luz, após Luz, até atingirmos o TAO.

A Ayahuasca põe em conflito o peregrino externo, com o peregrino interno, até conseguir integrá-los. Como resultado, nossas sombras e nossas Luzes acabam em perfeita comunhão e equilíbrio, afastando, completamente, as tensões e os conflitos iniciais, que nos prendem

às nossas Mentes de Maya ou plano da ilusão. A “**dimetiltriptamina**”, componente do Chá Composto, abre as dimensões internas de nosso ser

e ativa a nossa Glândula Pineal, para que esta continue a produzir a substância, em nosso próprio organismo. Por esta razão o Chá não é uma droga viciante e sim um santo remédio universal, curando tudo o que encontra, em desequilíbrio dentro de nós, sejam comportamentos, vícios prejudiciais à saúde e, mesmo, doenças já estabelecidas e manifestadas, em nossos organismos.

O Ritual de Ayahuasca não é uma religião, mas uma forma de religação de nossos seres a nós mesmos, no “**Somos Todos Um**”.

Rompe barreiras e estruturas que nos aprisionam e impedem de vermos, com os olhos d’alma aquilo que temos que ver e enxergar, para sermos O que Somos.

Aqui nas terras de Cabral, basicamente, existem três filosofias principais, de uso do “Chá Misterioso”: O Santo Daime, a Barquinha e a União do Vegetal. Na sequência, criadas pelos Mestres, Irineu, Daniel e Gabriel. Enviados de Deus, para tirar as vendas dos olhos da humanidade.

Coube à Terra da Sexta Raça Raiz (Hispano Americana), desta Quarta Cadeia Planetária, o Brasil, a missão de sediar o centro deste esforço energético de impulsionar a humanidade, na direção da Consciência Plena.

Sete guerreiros que representam os Sete Filhos Auto Gerados, da Fonte Criadora (Ishwaras) serão os personagens desta narrativa

pseudocientífica, cuja missão é desmistificar e difundir a prática das Cerimônias de Ayahuasca, aos grupos de Buscadores da Luz.

Como disse o Grande Mestre:

- **De mil que me procuram, um me encontra!**
- **De mil que me encontram, um me segue!**
- **De mil que me seguem, Um se transforma Naquilo que já SOU.**

Minha expectativa pessoal é poder ajudá-los a se transformarem em Luz, mesmo que isso ocorra, antes de eu próprio atingir este objetivo.

“APROVEITEM A BURRACHEIRA!”

“QUE A SESSÃO PROSSIGA NA LUZ, NA PAZ E NO AMOR!”

CÉU E INFERNO, EM EQUILÍBRIO, NO REINO DE HOASCA.

CIENTE FICA SÃO, O CHÁ DO CORAÇÃO.

PERDIDO EM MIL VIDAS, SIGO POR ESTRADAS ESQUECIDAS.
ANDO EM CÍRCULOS, POIS O CÍRCULO É O SÍMBOLO DA VIDA.
BUSCO, NO MEU CAMINHAR, ALGUMA COISA ENCONTRAR.
UMA PISTA, UMA FAGULHA, UMA SENHA.
ALGUMA COISA QUE ME EXPLICITE A RESENHA.
RESENHA DE UM EXISTIR, QUE INICIEI, AO BEBER UM ELIXIR.
BEBIDA VOLUNTÁRIA, O FIZ POR MEU QUERER.
MESMO TENDO QUE ESQUECER O QUE SOU.
PARA ESTAR, ONDE ESTOU, NEGANDO QUEM SOU.
CANSADO PELO TEMPO, SEM RUMO E SEM ALENTO.
PENSO-ME ABANDONADO E PENSAR É COMO UM TORNADO.
QUE REVOLVE A MINHA MENTE, A TORNA DEMENTE.
FUJO PARA UM NINHO DE PAZ E CARINHO.
NO CENTRO DE UM “HD” ONDE “CIENTE FICO”, QUE EU SOU VOCÊ.
NESSE UM, NESSE OM, QUE EXPERIMENTO.
MUDO MEU TOM E SURGE UM ACOLHIMENTO.
MAS COMO CHEGUEI AQUI?
SERÁ OUTRO ELIXIR, A ME DEVOLVER O DISCERNIMENTO?
UM CHÁ DO CONHECIMENTO?
MINHA PERCEPÇÃO AUMENTO, SOU SOM, SOU COR, SOU LUZ.
UMA MIRAÇÃO ME CONDUZ, AO QUE SOU REALMENTE.
VEJO BROTAR UMA SEMENTE, VIRO ARVORE, ABRANGENTE.
DESPERTO A SERPENTE, ADORMECIDA PELA MENTE.
LUZES VÊM E VÃO, ACELERAM MEU CORAÇÃO.

CÉU E INFERNO, EM EQUILÍBRIO, NO REINO DE HOASCA.

FAZ-ME TREMER NA INAÇÃO, DE MEU CORPO ADORMECIDO.

DESPERTO, COM O ACONTECIDO.

MAS ANTES, TENHO QUE MORRER.

MORRER PARA UM LADO, VIVER PARA O OUTRO.

O OUTRO ONDE ESTOU, O OUTRO QUE, REALMENTE, SOU.

DESINTEGRO-ME INTEIRO, NUM SUSSURRAR SORRATEIRO.

QUE PENETRA MEU OUVIDO E UM SEGREDO MILENAR JORRA,

POR INTEIRO.

SERÁ QUE SOU EU? SERÁ QUE ISSO TUDO É MEU?

UMA CONFUSÃO PACÍFICA SE INSTALA, AGORA NADA MAIS ME

ABALA.

É TEMPO DE DESPERTAR, É TEMPO DE ACORDAR,

É TEMPO DE ILUMINAR.

NÃO HÁ POR QUE ESPERAR, A ORDEM É CANTAR.

AS COISAS DO CORAÇÃO, FAZER BROTAR O PERDÃO.

DE DENTRO DE SI MESMO, TIRAR A SI PRÓPRIO DO CAMINHO

ERMO.

FAZER BROTAR O DISCERNIMENTO, ULTRAPASSAR O

CONHECIMENTO.

SER, REALMENTE, O MOMENTO.

MOMENTO QUE É FORÇA, MOMENTO QUE É PRESENTE.

SAIR DA MENTE, RENASCER DO CORAÇÃO E RECEBER O

AUTOPERDÃO.

CANTAR O AMOR, NUMA CANÇÃO.

TIUACO E HOASCA, JUNTOS, EM COMUNHÃO.

CÉU E INFERNO, EM EQUILÍBRIO, NO REINO DE HOASCA.

POSSIBILITAM, EM MIM, ESTAR SÃO.

SANIDADE ABANDONADA E, NOVAMENTE, ENCONTRADA.

ATRAVÉS DA SANTA BEBIDA, EM MIM ACOLHIDA.

POR DECISÃO DE MINH'ALMA, ESCOLHI VOLTAR, AO MEU CENTRO
INTERIOR.

ONDE ARDE EM FULGOR, A ENERGIA FUNDAMENTAL.

A ENERGIA DO AMOR.

TRAZ-ME, ÀS VEIAS E ARTÉRIAS, UM ANTIGO VIGOR, SAIO DE UM
IMENSO TORPOR.

TEVE SUA FUNÇÃO, AO CRIAR A CONFUSÃO.

COM O ATRITO, O MOVIMENTO, NA DIREÇÃO DO CONTRÁRIO.

DESCONTAR DO SANTO ERÁRIO, A ENERGIA NECESSÁRIA.

FAZER DO NÃO OUTRA CRIAÇÃO, SEM NOÇÃO DO PORQUÊ.

MAS, CUMPRINDO, TÁCITO DEVER, DE ANTÍTESE DIVINA SER.

QUERER, SABER, FAZER, A TRILOGIA DO PODER.

PODER CRIADOR, PODER DO ALTÍSSIMO SENHOR.

BEM VINDO DE VOLTA MENINO, À CASA DO PAI.

EM SEU PRÓPRIO INTERIOR, NÃO TEVE QUE SAIR DO LUGAR.

PARA O AMOR ENCONTRAR.

APENAS UM EXERCÍCIO DO QUERER, QUE O LEVOU A MERECEER.

VOLTAR A AMAR!

ATMAN

Texto jogado na rima, escrito por ATMAN, depois de sua 102ª. Sessão de Vegetal, em 2.012, na cidade de São Lourenço da Serra – SP. O texto aqui colocado fluiu como uma “burracheira” de Luz.

CAPÍTULO 01

APRESENTAÇÃO DOS PROTAGONISTAS

01. ANDRÉ GALHEGO FONTANA

APELIDO	LOCAL DE NASCIMENTO	DATA DE NASCIMENTO	OCUPAÇÃO
CHINA	SANTOS – SP – BRASIL	20.11.1985	Arquiteto

Caiçara da gema, André nasceu em berço esplêndido. Filho de um diplomata brasileiro, lotado em Xangai, e, apesar de formado em arquitetura, não exercia sua profissão.

Sua estada no extremo oriente facilitou seu contato com o ópio, sua ferramenta de escape da realidade.

O contato com as drogas começou na universidade e sua inteligência peculiar não o impediu de cair na complicada armadilha de fugir do que chamamos de realidade, através dessas substâncias.

Filho único de uma mãe semi-esquizofrênica e de um pai extremamente ocupado em suas funções diplomáticas, André perdeu o rumo de forma repentina, fruto das amizades, perturbadoramente, perdidas do caminho.

Além da posição de destaque do pai, sua riqueza familiar é patente e o desobriga de trabalhar, se assim fosse a sua escolha. E, ao que nos parece, foi este, o caminho escolhido.

Bebidas e drogas fazem parte de sua vida corriqueira, na movimentada Xangai e em suas incursões por Hong Kong. Solteiro, não tem, em suas pretensões, firmar qualquer ligação concreta, com



quem quer que seja, apesar das inúmeras pretendentes que o assediavam.

Em algumas ocasiões, esteve internado, para combater o vício, sem resultados que atestassem a eficácia do tratamento. A droga sempre voltava ao seu convívio.

A pesar da preocupação com o filho, o trabalho do pai estava sempre em primeiro lugar, correndo em seu socorro, somente, quando as crises estavam em seus ápices.

A mãe sempre teve um comportamento ausente, mantendo-se, invariavelmente, dentro de seu mundo isolado do derredor.

Inúmeras vezes, **André** foi salvo de acidentes e ou incidentes fatais, pelos seguranças que o acompanhavam, verdadeiros anjos da guarda do rapaz.

Apesar do quadro crítico, que o acometia havia, ainda, alguma luz em seu interior, que, em raros momentos o fazia pedir ou procurar ajuda externa, para uma eventual tentativa de cura.

André, no seu tempo de China, fez amizade com um local, chamado **Shao Ling**, que houvera morado no Brasil e no Peru, em sua adolescência e, era para ele que contava, parte de seu desespero, por conta das drogas que o consumiam, diariamente.

Shao era filho de um rico e emergente industrial chinês e praticante de artes marciais, notadamente o kung fu.

A disciplina era o ponto forte de sua personalidade e, através dela, procurava ajudar o amigo a sair daquele caminho de perdição.

É por seu intermédio, que André consegue começar a construir a ponte de sua salvação. **Shao**, durante sua estada na América do Sul,

teve contato com as chamadas plantas de poder, notadamente com o chá Ayahuasca, tanto no Peru, como no Brasil.

Com a experiência adquirida nas suas “borracheiras”, iniciou um processo de convencimento de seu amigo a reverter a sua história de vida.

02. JEOSHUA CRUZ

APELIDO	LOCAL DE NASCIMENTO	DATA DE NASCIMENTO	OCUPAÇÃO
JOTA CÊ	Humaitá – AM - BRASIL	07.09.1.986	Topógrafo

Nascido em Humaitá, AM. Cresceu às margens do Rio Madeira, entre pirarucus e jacarés.

Meio branco, meio índio, sua vida no mato lhe mostrou, aos poucos, como funcionam as forças da natureza. Sentia a chuva pelo faro e pelo movimento da brisa ribeirinha, tocando-lhe a pele.

Seus pais eram mestiços e descendiam da

grande **Nação Yanomami**. Sua mãe, **Madalena**

Benedicta da Cruz, morreu no parto e seu pai, **João da Cruz**, esvaiu-se pelo mundo, quando **Jeoshua** completou dezoito anos.

Considera-se uma pessoa dona de seu próprio destino, sem nenhuma pretensão gregária.

Sua religião, se é que se pode considerar assim, baseia-se na observância dos instintos naturais que nortearam seus primeiros anos de vida. Embora, na natureza, aparentemente, sobressaia-se a lei do mais forte, ele sempre achou que o conceito de “mais forte” é muito relativo e depende de onde se encontra o observador de determinada



manifestação e a qual grau de evolução pertence o próprio observador, já que se trata de um conceito pessoal de julgamento.

Sua paixão por esportes, notadamente, o futebol o fez atleta, desde a tenra infância. Participou de todos os torneios de sua escola, no ensino fundamental.

Mas nem só de futebol viveu **Jeoshua**, muitas vezes, embrenhava-se na mata vizinha à sua cidade, onde ficava por um final de semana inteiro, em busca não se sabe do que.

Dizia aos amigos que fazia isto para cumprir a sua missão nesta vida, mas não dava mais detalhes, pois achava que os outros não iriam entender seus motivos.

Possui uma simbiose fantástica, com a floresta e seus habitantes do reino mineral, vegetal e animal, como se interagisse com ela, para harmonizar-se, interiormente.

Nunca foi atacado por qualquer tipo de animal, mesmo pernoitando em redes, atadas em árvores, durante noites, muitas vezes, chuvosas.

Aos dezessete anos, mudou-se para Rio Branco, onde, por concurso, passou a frequentar o curso de topografia, numa escola técnica local. Esta ocupação fez com que tivesse que percorrer imensidões, pela floresta amazônica, hora em empregos formais, hora em situações temporárias.

O fato é que, na consecução de suas tarefas, esteve em contato com muitas outras etnias indígenas e sentiu, de perto, a decadência, à qual seus parentes distantes eram submetidos. Sua sensibilidade aumentou quando foi iniciado, por um dos pajés locais no uso da

Ayahuasca e teve contato com seu ser interior, durante as “burracheiras” que experimentou.

O uso do chá de duas plantas de poder, dentro da mata e num ritual xamânico, potencializou os efeitos enteógenos experimentados por **Jeoshua**, nas sessões, nas quais participou.

Em Rio Branco adaptou-se ao uso mais focado numa das três igrejas que utilizam o vegetal como sacramento, mais especificamente a União do Vegetal (UDV), recriada, pelo Mestre José Gabriel da Costa, nos anos sessenta.

Sua vida é bastante simples, levando-a num ritmo de rotina, com foco em objetivos específicos, tal qual, a evolução espiritual, em primeiro lugar, guiando seu crescimento sócio profissional, na sequência de prioridades de sua vida.

Não sendo dado à arte do cortejo, ao sexo oposto, por conta de sua timidez, não obstante, sua beleza agreste provoca suspiros nas moças, quando passa nos corredores da escola técnica.

Uma, especialmente, direciona olhares provocativos, ao cruzar com o mancebo. Não se sabe, ao certo se ele percebe o recado, mas faz como se não percebesse e simula uma olhada no relógio, sempre que isso acontece, como se tivesse atrás de um tempo perdido a ser reencontrado, não podendo, desta forma, desviar sua atenção para outros focos.

Logo em seguida à sua formatura, recebeu uma proposta de trabalho que o levou a percorrer, cerca de 1.000 quilômetros em diversas direções a cavaleiro do Rio Madeira, num trabalho para o INPE, de mapeamento regional e controle do desmatamento da floresta amazônica.

Com o reconhecimento de sua eficiência no trabalho executado, foi convidado a trabalhar em outros projetos Brasil a fora. Um deles lhe trouxe a São Paulo, onde terá que ficar por bastante tempo.

03. MARIA OHARA

APELIDO	LOCAL DE NASCIMENTO	DATA DE NASCIMENTO	OCUPAÇÃO
MARI Ô	Cusco - Peru.	15.06.1982.	Arqueóloga

Peruana e membro de uma família de origem ítalo-brasileira, tem uma genética peculiar e de dimensões multiculturais.

Seu pai, **Adão Feitosa Ohara**, piloto da aviação civil, era brasileiro, hoje falecido e, sua mãe, **Helena Bianchi Ohara**, uma professora universitária, paranaense, de descendência italiana, de quem herdou o gosto pela pesquisa e pelos estudos.



Dotada de beleza exótica, morena, traços fortes, olhos escuros, profundos e puxados, à moda oriental, daqueles que quando olham em alguma direção, querem ver tudo, em profundidade.

Sua marca registrada é seu sorriso largo e encantador, que desmonta qualquer tentativa de alguém lhe opor, qualquer tipo de resistência. Pode-se dizer que, seu sorriso é uma chave mestra, que abre qualquer porta. Quando criança e até a adolescência sempre usou cabelos curtos por conta de uma implicância de sua mãe, que não

queria investir seu tempo precioso de cátedra, na tarefa de cuidar dos cabelos da filha.

Nasceu em Cusco, num período em que sua mãe morou no Peru e lecionava na **Universidade Nacional de San Antonio Abad Del Cusco**, onde pós graduou-se e empreendeu uma promissora carreira de professora efetiva, a convite da reitoria da universidade, logo depois de concluir seu curso de pós-graduação em Antropologia, com especialização nas Civilizações Ameríndias.

Maria, como toda geminiana que se conhece, teve a instabilidade e a dúvida, como ferramentas precursoras de suas ações e decisões. Para lhe dar um pouco mais de estabilidade e cognição material, nasceu, por intervenção Divina, com seu Ascendente no signo de Capricórnio.

Amante da fotografia, seu hobby e verdadeira paixão, enveredou pelo ramo investigativo e restaurador da verdade, através de seus estudos na área de Arqueologia, incentivada por sua mãe, antropóloga de renome internacional.

Cursou esta matéria, na própria universidade de **San Antonio**, onde a mãe lecionava, interessando-se, rapidamente, por suas origens e pelas origens da própria humanidade.

Iniciou seus estudos e defesas de teses nos sítios arqueológicos locais, apaixonando-se pela cultura Inca.

No entanto, apesar do misticismo que envolve as civilizações ameríndias, sua descrença em qualquer tipo de preceitos religiosos era total.

Podemos defini-la, como ateia de carteirinha.

Sua infância foi eivada de aventuras, às escondidas de seus pais, que queria levar sua educação nos mais rígidos dos preceitos cristãos ocidentais. Falharam, nesta tarefa, pois Maria era imprevisivelmente esperta e ousada, quando a matéria era, buscar uma aventura diferente.

Certa feita, aos dezessete anos, fugiu da escola normal, sem deixar paradeiro, com um grupo de amigos e amigas e teve que ser resgatada de uma trilha na Amazônia peruana, a algumas dezenas de quilômetros de Cusco, no vale do Rio Mapacho, Vale Sagrado dos Incas.

Quatro dias desaparecidos, por conta de uma mera curiosidade adolescente. Seu espírito de liderança manteve o grupo coeso e unido até o resgate.

Foi dela a ideia de levar alguns sinalizadores, em sua mochila e que na última tentativa do grupo, um deles conseguiu ser avistado, por um helicóptero da polícia local.

Dezenas de situações, parecidas com esta fazem parte do currículo de Maria, a garota de cabelos curtos que os queria compridos.

Por isso, ninguém estranhou, quando resolveu prestar vestibular para o curso de Arqueologia na **UNSAAC**.

Alguns, equivocadamente, até apostaram que a menina iria se aquietar.

Ledo engano, ao escolher a matéria, inspirou-se em, nada mais, nada menos do que em **Indiana Jones**, seu épico preferido, desde o início de sua adolescência.

No tocante aos seus relacionamentos, pode-se dizer que sua atuação foi modesta, até o ponto em que iniciamos esta descrição, pois

considerava que poucos dos homens, que conhecia, mereceriam sua atenção.

Sua mente, perspicaz, era, também, muito analítica, fazendo com que, seus pretendentes, tivessem que enfrentar o Minotauro, no labirinto, antes de terem a honra e o privilégio de cortejá-la.

Inexplicavelmente, apesar de seu ceticismo, sempre gostou de astrologia, pois, segundo ela, era o ramo do esoterismo que mais se aproximava das ciências exatas.

Talvez, por ter a sua Lua em Virgem, tenha aberto esta exceção em seu currículo de ceticismo aplicado.

Este posicionamento de sua Lua natal, pode representar o motivo de tanta análise, antes de deixar alguém se aproximar, de forma mais íntima.

Seu último namorado, **Juan Carlos**, estudante de engenharia, na mesma universidade, poderia escrever um livro, se tivesse dom da escrita, de suas passagens, junto a sua amantíssima Maria Ohara. O namoro acabou porque **Juan** não conseguiu acompanhar a menina, na ótica das expectativas dela.

A gota d'água, para tudo acabar, foi a malfadada aventura no leito do Rio Mupacho, um ano antes, quando ela teve que lhe desferir um tapa na cara, diante da covardia do garoto e que estava, por conta de seu chique, deixando o restante dos aventureiros, em polvorosa. Maria não resistiu e lhe desferiu o corretivo providencial.

Maria, atualmente, trabalha como pesquisadora da **UNSAAC**, em sítios arqueológicos da América Latina, tentando montar o quebra cabeças das civilizações Inca, Maia e Asteca e suas eventuais relações.

Reclama, constantemente, do pouco caso que os governos atuais fazem deste tipo de pesquisa, e da falta de patrocínio local, por isso, está entrando em contato, através da universidade, com um grupo de cientistas americanos interessados nas civilizações andinas, pré-colombianas.

Durante o desenrolar da história, vai viajar aos Estados Unidos, algumas vezes, para se encontrar com este grupo de cientistas.

Numa destas viagens, conhecerá Ohana Stevens, antropóloga americana, também pesquisadora das populações indígenas de seu país.

Este fato marcará, para sempre, a vida de Maria.

OHANA STEVENS

APELIDO	LOCAL DE NASCIMENTO	DATA DE NASCIMENTO	OCUPAÇÃO
HOSTIE	Barstow – CA. USA	15.06.1982.	Arqueóloga

Americana, ela recebeu uma formação, inicialmente, rígida e luterana.

Loira, dona de olhos de intenso azul destaca-se, na paisagem, quando sai a cavalgar, em seu cavalo malhado de duas cores, à moda apache. Montava o animal em pelo, sem necessidade de sela.



Seu temperamento era extremamente tímido, no que tange ao contato com outras pessoas.

Sua paixão por cavalos começou na infância, pois adorava ver filmes de faroeste. Aprendeu a montar com um índio da nação Lakota

(Sioux), que frequentava a fazenda de seu pai e, esporadicamente, lhe vendia cavalos.

Seu pai, **John Stevens**, fazendeiro, especializado em um tipo de gado, chamado “chifres longos”, também criador de cavalos e, no auge de suas cinco décadas e meia de idade, ainda, monta , como um peão de vinte anos.

Sua mãe, **Margareth Stevens**, veterinária, uniu o útil ao agradável, ao casar-se com **John**.

Ohana adorava o “pele vermelha”, que se chamava de **Red Fox** e lhe realizava todos os desejos, que fossem possíveis. Ensiná-la a montar, foi um deles.

Batuta no arco e flecha, ela acertava qualquer coisa, do tamanho de uma laranja, a uma distância de cinquenta metros. Nasceu em Barstow – CA, mas mudou-se para Los Angeles, aos dezessete anos, para iniciar seus estudos superiores.

Completo-os, com mérito, na “*Stanford University*”, Palo Alto, Califórnia, alinhando os conhecimentos adquiridos em sua vivência com os nativos, durante toda a sua infância e adolescência, às ferramentas da antropologia moderna.

Red Fox, seu amigo e guia espiritual, teve grande influência na forma de pensar de **Ohana**.

Ela se apaixonou, a tal ponto, por esta senda, que tomou por companheiro um descendente da grande nação indígena que enfrentou o sanguinário Coronel Custer, da 7ª. Cavalaria do Exército Americano, em 1.877 e o derrotou em Little Big Horn. Seu nome é Peter Mackoy, o “Olhos de Águia”.

Ohana é uma mistura de arqueóloga, antropóloga e historiadora, apaixonada pelos “princípios formadores” das grandes nações e grupos culturais.

Com Sol em Virgem é uma pesquisadora arguta e detalhista, com oratória impecável e envolvente. Seus pais nunca conseguiram contra argumentar suas posições firmes e decididas, desde criança.

Sua forma impulsiva de ser advém de seu ascendente em Áries, que também lhe dá a alcunha de briguenta e explosiva. Uma verdadeira amazona, em seu proceder.

Arqueologia, nunca foi o sonho dos pais de Ohana, para sua filha única. Mas aprenderam a conviver com os caprichos da menina e tiveram que ceder aos seus argumentos.

Com os índios, iniciou-se na busca dos mistérios espirituais e, logo cedo, aos dezenove anos experimentou, pela primeira vez os efeitos de uma das plantas de poder, utilizadas pelos nativos americanos e mexicanos, o **peyote**.

Misticismo e ciência, uma mistura explosiva, na ótica cultural de nossa sociedade, dita moderna.

Suas posições lhes renderam alguns inimigos mortais, mas, também, muitos aliados apaixonados e que lhe usaram e usam, como porta voz.

Red Fox, seu grande amigo, lhe apresentou Peter, um rapaz de origem indígena, por quem se apaixonou, imediatamente.

Juntos, aventuraram-se, pelas sendas do misticismo e das lendas, do imaginário do povo original da América.

Casaram-se, quando Ohana tinha trinta e dois anos e Peter trinta e três, numa linda cerimônia, ao ar livre, na fazenda da família, numa

cerimônia sincretista, das culturas dos pais e a do marido e com direito ao “Cachimbo da Paz”.

Um pastor anglicano e um pajé Lakota, oficializaram a cerimônia religiosa, que teve gente vestida com roupas das duas culturas.

Peter, o “**Olho de Águia**”, seu companheiro, lhe acompanha em suas jornadas e pesquisas, mundo a fora.

O rapaz é um competente advogado que defende a causa indianista.

A escolha do rumo espiritual de **Ohana**, como era de se esperar, não agradou nem um pouco a seus pais.

Seu estilo heterodoxo, sua paixão pelos nativos, chocava a família que nada pode fazer, para mudar seu jeito de ser.

Ainda bem, pois se não fosse assim, ela não seria protagonista desta história. A experiência espiritual de **Ohana**, junto aos índios, irá contracenar com o ceticismo laico de **Maria Ohara**, desde o primeiro encontro, entre as duas protagonistas. Ohana, atualmente, trabalha como pesquisadora da **UCLA**, especificamente para a **American Indian Studies Center**, tentando reestabelecer contato com o conhecimento ancestral das nações indígenas americanas, resgatando suas essências primordiais.

Maria e Ohana formarão um núcleo personalístico da trama, onde o tema central será a dialética e o debate construtivo de um caminho de religião, com suas respectivas fontes essenciais.

04. MADELEINE DE MARSEILLE

APELIDO	LOCAL DE NASCIMENTO	DATA DE NASCIMENTO	OCUPAÇÃO
MADÁ	Marselha - França	31.08.1977	Antropóloga

Filha de pais brasileiros, que estavam em período de estudos de pós - graduação, na França, Madeleine sempre foi muito arredia às religiões formais. Seu DNA nunca aceitou nenhuma imposição dogmática, originada em preceitos advindos das batinas da matrix. Desde pequena, foi um desafio aos seus pais, doutores em antropologia.



Aos dez anos, a família mudou-se para o Peru, mais precisamente para Cusco, onde assumiram uma cadeira na universidade local.

Madeleine continuou seus estudos e apaixonou-se pela cultura Inca e pela Amazônia peruana.

Logo cedo, manteve contato com o quéchua, língua falada pelos indígenas locais, desde o seu império fundador.

Sendo coisa do destino, logo aprendeu a se comunicar neste dialeto andino. Sua afinidade com os locais saltaram aos olhos de seus pais, que, compreensivos, estimulavam estas tendências da filha francesa. Morena de olhos meio puxados, mas, claros, mais precisamente, verdes, ela nos lembrava, quando criança, uma princesa andina que, por ordem ou desordem do destino, havia se desgarrado e ido parar na república da marselhesa.

Como toda aventureira, haveria de nascer num porto, aliás, um dos mais famosos e antigos do mundo.

Crescendo, rapidamente, aos quinze anos, iniciou as suas aventuras, pela Amazônia peruana, com um grupo de amigos (as) da escola.

Adorava o **trecking**, pela selva e esta iniciativa veio com a ajuda de amigos locais, que conheciam bem as trilhas, por onde passavam e exploravam. Logo conheceu o avô de Henriques, amigo de turma, peruano. Um “pajeão”, dos antigos costumes Incas, que, atualmente, exercia a função de curador ou curandeiro, na região de **Ayacucho**, na porção centro-sul peruana e próxima à selva, daquele país.

Trujillo era o seu nome de batismo, mas todos o chamavam pelo apelido de curandeiro: “**Trueno Fuerte**”, talvez, o apelido tenha derivado de seu temperamento, corroborado pela sua voz grave e estrondante.

Num final de semana prolongado, entre dois feriados e a passeio, com sua turma, Madeleine e amigos foram até a fazenda de **Trueno Fuerte**, para serem apresentados à figura mítica do avô de Henriques.

Seria uma aventura à parte, para todos os integrantes da patota aventureira. O interessante de se notar é que todos na turma de Madeleine eram curiosos desta área de magia e misticismo.

A expectativa era grande, para conhecer e aprender, com o famoso pajé.

Madeleine sonhava, com esta oportunidade, já há alguns anos, desde que conhecera Henriques, na escola.

Estimulada, por sua mãe, ela já navegava bem pelas cartas do Tarot Cigano e, também, pelo de Marselha, como seria de se esperar.

Desde os doze anos, Madeleine estudou, sozinha, os princípios da astrologia e, agora, faltava a parte esotérica, ligada à cura e à magia.

O que “**Trueno Fuerte**” poderia fazer, iniciando-a, como aprendiz. Henriques já tinha algum conhecimento que lhe fora passado, pelo próprio avô, desde a tenra infância. Isso a fascinava, aguçando a sua curiosidade.

Uma das melhores amigas de Madeleine, Maria Estéfano, peruana, estava no grupo que viajara a **Ayacucho**, nesta aventura esotérica e xamânica.

Também pesquisadora do oculto, Maria tinha as suas próprias pretensões com o aprendizado a ser adquirido, naquela viagem, mas, não compartilhava com ninguém, as suas ideias e dúvidas.

Guardava tudo a sete chaves e não comentava, mesmo com a sua amiga Madeleine.

Chegaram na sexta-feira, pela manhã, tendo viajado à noite toda e percorrido os quase 600 km de distância, entre Cusco e Ayacucho, em pouco mais de dez horas de van.

Muito cansados, foram direto para a casa de hóspedes da chácara de **Trueno Fuerte**, que os recebeu e os alojou, sem muitas palavras.

Marcou-se uma reunião de apresentação, para aquela noite, após descansarem e se alimentarem. **Trueno Fuerte** sabia de sua responsabilidade e das possibilidades daquele grupo de sete jovens, entre eles seu próprio neto e que estariam à sua disposição naquele final de semana de Lua Cheia.

Madeleine, apesar de cansada, mal conseguiu dormir, até ser acordada pelo badalar de um velho sino espanhol, que marcava os eventos na chácara do pajé.

Saíram a se alimentar, num salão, onde havia uma imensa mesa redonda de pedra e uma panela de bom tamanho, de ferro fundido, no qual crepitava um cheiroso caldo da culinária local.

A panificadora da chácara houvera trabalhado, muito bem, pois as massas e os pães estavam com uma aparência deliciosa. Às 20:00 horas, estava marcada a primeira reunião, com **Trueno Fuerte** e sua equipe, que os orientariam, nos próximos quatro dias, de estadia, no local.

O Salão, em forma circular, tinha a sua estrutura edificada em pedras e madeiras, da região, sendo muito bem construído.

Seria a primeira vez que Madeleine e seu grupo teriam contato com o “**Chá da Pequena Morte**”, a Ayahuasca.

Uma surpresa para todos, pois Henriques não os havia avisado, com detalhes, desta possibilidade.

Embora assustada, Madeleine gostou da novidade e iria aproveitá-la em todas as suas dimensões possíveis.

Seus pais já haviam se iniciado na prática ritualística do Chá, mas, nunca houveram lhe falado, a respeito de como funcionava aquilo tudo.

Após meia hora de explicações básicas sobre os rituais e os efeitos da Ayahuasca, o chá foi servido, pontualmente, às 21:00 horas.

Uma experiência de duração variável, conforme a reação de cada um dos participantes, mas que duraria, pelo menos oito horas, segundo falara **Trueno Fuerte**.

Uma bebida de cor marrom de cheiro muito marcante e que, em muitos, causava náuseas, foi servida em copos de pedra, numa porção de beirava os 100 ml, por pessoa.

Decorridos quinze minutos, depois de ingerida a bebida, os efeitos enteógenos passaram a ser sentidos, por todos os integrantes da sessão. Pela programação do pajé, durante a estadia dos adolescentes, a bebida seria ingerida em rituais, todos os dias e com objetivos diferentes, em cada um.

Madeleine se viu em outras vidas, como habitante daquela região, mas, mil anos antes, no apogeu do império Inca, nas Américas.

Curandeira, por ofício, servia a um imperador, daquela época, além de ter sido cortejada por ele.

Um misto de aflição e alegria hora vinha, hora ia. Eram os efeitos do chá, abrindo os seus baús, mais recônditos e escondidos em suas entranhas emocionais. Esquecidos dos tempos atuais e, agora, acordados de seus sonos milenares.

Baita susto, ao se reencontrar com alguns de seus demônios e alívio ao sentir muitos de seus anjos.

Sua amiga, Maria Estéfano, parecia sem vida, sentada num canto, mas, dentro de si, vulcões e furacões disputavam um espaço em sua mente, aparentemente, adormecida.

Tomava todos os cuidados, para não deixar escapar seus segredos aos demais, de forma inadvertida.

Veza por outra, usava um balde posto à disposição, para as limpezas regurgitadas, do estômago e, imediatamente, voltava ao seu canto inerte como uma rocha, para reviver, internamente, a sua experiência enteógena.

Fisicamente os estados de todos eram parecidos, embora, internamente, os fatos fossem bem diversos e focados na individualidade de cada um.

Passadas as oito horas, de duração do ritual, o pajé iniciou os ritos de finalização da experiência, emitindo cânticos na língua quéchua e chamando todos de volta ao plano da matrix.

Meio tonta, Madeleine, ainda, resistia e tinha dúvidas se queria voltar. Mas, os efeitos da sagrada bebida, já começavam a dar sinais de enfraquecimento e a volta era inevitável, embora todos estivessem, muito, diferentes, de quando iniciaram o ritual, oito horas antes.

Na verdade, nunca mais seriam os mesmos. Isto era certo.

Um caldo verde muito forte, mas saboroso, foi o jejum de toda a turma, para retornarem ao plano físico.

As sessões se repetiram pelos três dias seguintes, nas vezes subsequentes, beberam doses menores e a duração da sessão foi de quatro horas, a metade do tempo, da primeira. No terceiro dia, realizaram uma caminhada, através de uma trilha na floresta adjacente, munidos de tochas, até a base de uma cachoeira imensa, com quase quarenta metros de queda d'água, sob o efeito do Chá.

Fazia bastante frio, mas, entrar da lagoa formada, pela cachoeira, seria inevitável. Uma segunda dose do Chá foi servida ali mesmo, a todos (as), antes voltarem, à chácara, ao amanhecer.

Cobras e dragões apareceram em suas mirações, tudo saído de seus baús internos. Há que se enfrentá-los e equilibrá-los, com forças de Luz.

Mas que Luz? Onde estaria a Luz, nestes momentos.

Misteriosamente, ela sempre reaparecia, quando tudo parecia perdido.

Foram quatro dias intensos que valeram por anos de eventuais leituras, em livros esotéricos.

Madeleine e Maria, além de Henriques, continuaram a participar dos rituais de **Trueno Fuerte**, durante os anos seguintes, vindo a se tornar discípula e formanda, em curandeirismo, através dos ensinamentos do velho pajé.

Já aos 21 anos e formada em arqueologia, pela Universidade de Cusco, usou o seu aprendizado da história humana, para organizar o seu aprendizado xamânico. Passou a viajar pelos países andinos espalhando seus conhecimentos, adquiridos, com o velho pajé.

A Ayahuasca passou a fazer parte de sua caminhada na face da terra.

Henriques tornou-se seu companheiro, em todos os sentidos, do primeiro ao sexto, acompanhando-a em suas viagens e experiências. Após esta **“petite introduction”**, encontraremos Madeleine, navegando nas páginas da HOASCA, em companhia dos demais personagens.

05. CARLA FIORAVANTE

APELIDO	LOCAL DE NASCIMENTO	DATA DE NASCIMENTO	OCUPAÇÃO
CACÁ	São Paulo - Brasil	31.09.1989	Psicóloga

Carla sempre foi uma rebelde, mas, durante muito tempo, sem causa. Sentia-se convocada, em todas as situações a se rebelar e a desobedecer aos padrões instituídos. Debochava das religiões, achando-as o cárcere da humanidade. Muitas vezes ouviam-na bradar que o homem transformou algo sagrado, em satânico. Não que ela achasse



as ferramentas satânicas algo, necessariamente, ruins. O que a afetava era a hipocrisia de falsos profetas e enganadores do povo e que trocavam a fé por dinheiro e poder.

Nascida em família de classe média, que nunca teve problemas de ordem financeira, estudou em bons colégios e conseguiu passar em um vestibular de universidade pública, o que lhe atesta uma base sólida de conhecimento e inteligência.

Nunca teve dificuldades nos estudos, embora estudasse pouco, captava tudo na primeira vez que ouvia. Sua memória era de “outro planeta”, diziam suas colegas de classe.

Com isso lhe sobrava tempo para as baladas e festas regadas a todo tipo de bebidas e outras drogas. Costumava dizer que ela dominava o vício e não o contrário, o que a deixou à mercê das drogas psicodélicas e do das bebidas alcóolicas, disponíveis, pela fartura de sua “carteira”. Desde a faculdade, trabalhava em diversos projetos pessoais para conseguir dinheiro, desde elaborar trabalhos, para os colegas, menos dotados e nas últimas horas, até a vender entradas de shows, com ágios de cambista.

Cacá sempre foi do “rolo”. Era profundamente agnóstica e materialista, desde o sempre e com muito vigor oratório, quando a discussão a levava ao tema religioso.

Não era muito viciada em nada, mas provava de tudo, o que nos demonstra uma grande resistência, aos alucinógenos presentes e disponíveis na “praça”.

Como não poderia deixar de ser, ganhou dinheiro com isso e reforçou as finanças, como “peixe pequeno” e, notadamente, nas “raves”

paulistanas. Viu muitas amigas, em estado de overdose, mas, ela mesma, nunca chegou a este estado.

Sua autoconfiança, neste sentido, era enorme, mas mal sabia que a casa estava prestes a cair.

A mesma autoconfiança que a fazia ter muitos romances, curtos e simultâneos e que a levaria se envolver com a “nata das sombras”, encarnadas, neste planeta de expiação.

Usava os homens como queria, mas, sem perceber, também era usada de diversas formas. Cacá era uma curiosa, desde o seu DNA, portanto, nada a impedia de conseguir uma resposta, quando a curiosidade batia à sua porta.

Como a curiosidade, sempre, “matou o gato”, ela esteve à beira do abismo, várias vezes, em sua vida.

Conheceu um sujeito do submundo, chamado “Dedo Leve”, um traficante que dominava a zona sul da capital paulista, na região das represas.

Tiveram o primeiro contato, numa festa de arromba, numa propriedade, na margens da Represa de Guarapiranga, quando já estava, meio doidona e o “Dedo Leve” se aproximou, do que seria, a sua próxima e provável vítima.

Mas Cacá não era uma presa fácil e, depois do primeiro contato, não se sabia, exatamente, quem era a presa e o predador.

O fato é que ficaram próximos e resolveram, então, atuar, em conjunto, em todos os aspectos possíveis, de uma relação multifacetada, tanto do ponto de vista afetivo-sexual, quanto do profissional, no submundo.

Nossa amiga, a Cacá entra nesta história enteógena, quando as coisas começaram a dar errado, em sua vida desregrada e precisou voltar ao se centro de equilíbrio.

Seu envolvimento com o “Dedo Leve” a levou muitas vezes às Delegacias de Polícia, mas, sempre se safou das situações, por conta de bons advogados e da legislação frouxa, em nosso país. Nas primeiras visitas ao xilindró, ainda, era um menor, aos seus dezessete anos de idade.

Passou a ser uma espécie de consultora da quadrilha de Dedo Leve, que a respeitava, até certo limite. Mas, sempre, ouvia seus conselhos certos e eficazes.

Passava dias sem voltar para casa e não ouvia as palavras de seus pais, que, em geral, estavam mais preocupados com seus próprios umbigos.

Nada muito diferente da maioria das famílias atuais.

A história de Cacá seria uma história comum, a não ser pela sua rara inteligência, o que a tornava especial, aos olhos dos demais.

Seguindo seus conselhos de psicóloga, Dedo Leve eliminou a concorrência de dois outros traficantes e ampliou seus negócios ilícitos, na região, onde atuava.

Passou a ficar famosa nos meios do crime, notadamente, no tráfico de drogas.

MARCUS PATRIOTA

APELIDO	LOCAL DE NASCIMENTO	DATA DE NASCIMENTO	OCUPAÇÃO
PINEL	Brasília - DF	31.10.1977	Psiquiatra

Marcus, desde a tenra infância, demonstrava o seu interesse nas pessoas, à sua volta. Gostava de dar conselhos, mas era um mestre na arte de ouvir os outros. Por isso mesmo, era muito querido por todos, mas, ao mesmo tempo invejado, por outros poucos, o que não alterava o seu bom humor.

Nasceu no planalto central, na capital da república, mesmo assim, não gostava de política e fugia deste assunto, sempre que provocado, pelos colegas.

Filho de pai e mãe médicos incorporou a energia de ajudar ao próximo, como forma de interagir com a humanidade à sua volta.

Resolveu, na adolescência, equilibrar a forma de pensar e agir, daqueles que sofriam com as doenças mentais.

Na sua ótica, ter uma doença mental era a pior das punições, que uma pessoa poderia receber do carma e como ser humano altruísta, teria que fazer alguma coisa, pela cura destes.

Sempre estudou muito e não teve dificuldades, em passar no curso de medicina da UNB, na primeira tentativa.

Nos seis anos de curso, foi, sempre, muito discreto e não era afeito às festas da turma da universidade. Mas, tinha um restrito número de amigos, muito fiéis e que o acompanharam, durante todo o curso.

Amava a natureza e os esportes radicais. O trekking e a escalada de pedras, em parques nacionais, eram as suas escolhas favoritas, desde os seus onze anos de idade.



Esportes que lhes foram apresentados, pelo próprio pai. Como o Brasil é rico nestas possibilidades, viajou, muito, com este intuito. Escalou quase tudo o que existe para ser escalado no país.

Mantiqueira, Roncador, Caparaó, Roraima e Neblina, um roteiro, bem completo do que existe disponível nas terras tupiniquins.

Como atesta seu nome, sempre foi apaixonado pela *terra brasilis*, chegando ao ponto de tatuar a bandeira nacional, no braço direito.

Seu parque preferido era o da Serra do Roncador, em Mato Grosso, que visitava, periodicamente. Era um curioso apaixonado, pela história do Coronel Percy Fawcett, um americano, explorador esotérico, que desapareceu tentando encontrar, uma pretensa passagem dimensional que lhe permitiria ter contato com seres intra-terrenos.

Teve contato com os índios Xavantes, que ocupam a região e são os guardiões do local.

Deste contato, surgiu o seu interesse, pela Ayahuasca, que entrou em sua vida aos vinte e um anos, ministrada por um pajé Xavante, apresentado por guardião da serra, mestiço e morador do local, chamado, Juan Chaves. Durante as suas experiências com o Chá, teve contato com os seres que o Coronel Fawcett procurava.

Hoje, exercendo a medicina psiquiátrica, faz pesquisa com o Chá Sagrado, com projetos oficiais e ajuda muitos pacientes a viverem melhor e com um uso mínimo de medicamentos. Coordena um grupo de dez pacientes, que fazem parte de sua pesquisa científica, sobre a ação do DMT, de um dos componentes do Chá (*Psychotria Viridis*), na cura de diversos níveis de esquizofrenias e atingidos por estados depressivos.

CÉU E INFERNO, EM EQUILÍBRIO, NO REINO DE HOASCA.

Desta forma, está ligado aos diversos segmentos religiosos que se utilizam do Chá.

Recentemente, teve um paciente que se liberou, completamente, da medicação alopática e quinzenalmente, comunga a Ayahuasca, numa sessão local da UDV.

Aos 43 anos, tornou-se mestre da UDV e coordena um centro de comunhão do Sagrado Chá. Muitos cientistas, da área médica, participam dos rituais, ao mesmo tempo, que realizam pesquisas, sobre a bebida sagrada.

O Mestre Gabriel é um ícone em sua vida, pela sabedoria e pelo exemplo de vida. O Pinel, como é chamado, em alusão ao Hospital Psiquiátrico do Rio, em Botafogo, transformou-se numa “ferramenta viva” de cura e equilíbrio.

Nota: Tanto as histórias, quanto os personagens e suas interações, nesta saga, são fictícios e servem, apenas, para elucidar a ação do Sagrado Chá, naqueles que o comungam, em cerimônias de diversas naturezas e crenças religiosas, de acordo com as pesquisas terapêuticas e de cunho bioquímico, de diversas fontes, realizadas e que serviram, para nortear o autor, em sua elaboração.

A intenção desta obra é orientar e tornar segura a comunhão da Ayahuasca, para aqueles (as) que desejam conhecer, um pouco mais profundamente, este caminho de reaquisição de consciência.

CAPÍTULO 02

A ORIGEM DE TUDO – O CAMPO DA EXPERIÊNCIA HUMANA

A matrix já agoniza, na maneira como se manifesta neste planeta e não há mais lugares para que se escondam as verdades disponíveis, segundo a nossa capacidade de frequência vibratória.

Durante milênios, os condutores do processo material, neste planeta esconderam do povo e do cidadão comum as verdades libertadoras que nos conduziriam a um patamar, bem diferente do que vivemos nos dias atuais. Já é certo que somos uma experiência alienígena, na terra. Fomos projetados para sermos trabalhadores numa causa de uma raça extraterrestre e, ao concluirmos as tarefas para as quais fomos projetados, fomos deixados à própria sorte e competência, embora monitorados, numa caminhada, aparentemente, incerta, sobre a face deste planeta, em evolução.

Muitos cientistas e antropólogos, ao analisarem o salto evolutivo que o Homo Sapiens deu em relação aos seus antecessores, ficam confusos, pois não encontram uma ponte racional entre o Homem de Neandertal, por exemplo, e o homem moderno. O tempo necessário para esta evolução, física, seria extremamente maior, caso seguissemos a cronologia natural evolutiva do planeta. É uma abreviação de milhões, para milhares de anos. Nota-se, então, uma evidente interferência externa, inexplicável, à luz da ciência que conhecemos. Muitas teorias surgem, para preencher estas lacunas, aos olhos da “nova ciência”. Uma delas é a que evoca a existência de um décimo planeta, no Sistema Solar, chamado *Nibiru* e que, tal

planeta é habitado por um povo, que os mesopotâmios chamavam de *Anunnaki*.

Transcrevemos, a seguir, a teoria encontrada nos escritos de alguns autores e pesquisadores do assunto.

*Por Jason Martel
Tradução: Mahajah!*

Anunnaki: na língua suméria significa "Aqueles que desceram dos céus"; para os hebreus eram Nefilim, Elohim, para os egípcios, Neter. Descobertas arqueológicas e artefatos recolhidos, nos últimos duzentos anos, são os fundamentos da teoria de que uma avançada civilização, proveniente de um planeta distante, porém pertencente ao sistema solar, do qual a Terra faz parte, chegou ao golfo Pérsico a cerca



Reconstituição de um homo neandertalenses.

de, 432 mil anos atrás; eram os Anunnaki. Os visitantes estelares colonizaram a Terra com o propósito de obter grandes quantidades de ouro. Sua mão-de-obra foi arrebanhada entre os humanos primitivos, que foram manipulados geneticamente.

Há 250 mil anos, o sistema de colonização alienígena começou a decair; os operários das minas (terrâqueos) começaram a se rebelar contra as condições de trabalho e os Anunnaki, então, decidiram criar um ser que pudesse substituir os humanos primitivos.

CÉU E INFERNO, EM EQUILÍBRIO, NO REINO DE HOASCA.

O resultado ao qual chegaram foi o homo sapiens, que veio ao mundo, para ser um escravo! Os primeiros homens, sendo híbridos, não se reproduziam.

Tempos depois, novos ajustes foram feitos e, assim, a espécie pôde procriar. Quando os sapiens tornaram-se muito numerosos, parte deles era expulsa das cidades Anunnaki e, assim, gradualmente espalharam-se no planeta. No entanto, as criaturas surpreenderam os criadores: eram belos e se desenvolviam rapidamente.

O experimento de engenharia genética teve de ser refeito. Enki, cientista genético e Ninhursag, chefe de medicina, criaram híbridos, usando material do homo erectus, de animais e dos próprios Anunnaki. Algumas fêmeas começaram a servir de parceiras sexuais para os colonizadores. Essas uniões eram férteis e produziam prole. Era uma situação inaceitável para a maioria dos Anunnaki que decidiram exterminar a população colonizada - a humanidade - provocando uma colossal inundação em época próxima à reentrada de Nibiru nas proximidades da órbita da terra. Esse dilúvio aconteceu há, cerca de, 12 mil anos atrás. Muitos humanos



Reconstituição de um homo cro-magnon, uma versão mais antiga do homo sapiens.



A associação homo sapiens e os cães, os tornaram imbatíveis.

foram salvos por Enki, que simpatizava com aqueles que ele mesmo havia criado. Por milhares de anos, homens e mulheres foram escravos e soldados. Os Anunnaki usavam seus servos nas guerras que travaram entre si, na construção de palácios e cidades, em instalações astronômicas situadas em todos os continentes. Eles ocuparam não somente a Mesopotâmia, mas também o Egito, a Índia, as Américas. Por isso os sinais de sua presença são encontrados em todo o mundo.

Seis mil anos depois do dilúvio, os Anunnaki que aqui permaneceram resolveram que era hora de deixar o planeta e, gradualmente, conduziram a raça humana à independência, introduzindo um sistema sociopolítico fortemente hierarquizado. Linhagens de reis foram estabelecidas, possivelmente considerando a descendência dos Anunnaki: eram os "Iniciados" versados em ciências como a matemática e a astronomia, conhecedores de técnicas de medicina, arquitetura e engenharia. Dinastias cujas continuidades eram feitas, por meio de "colégios" - os Colégios dos Mistérios.

A Evidência Astronômica

A prova definitiva da veracidade da tradição suméria seria o reconhecimento científico de um décimo planeta (ou 12º astro) no sistema solar, ou seja, a "descoberta" de Nibiru, com tamanho, órbita e outras características descritas nos registros da Mesopotâmia.

Plutão foi descoberto em 1.930 e Caronte, sua lua, em 1978. A análise de Plutão mostra que determinadas peculiaridades da órbita deste planeta e também das órbitas de Urano e Netuno somente podem ser explicadas pela existência de um planeta desconhecido que deve ser bem maior que Plutão e mesmo a Terra. Entre 1.983 e

1.984, o *IRAS - Infrared Astronomical Satellite* produziu observações relacionadas a um décimo planeta. Em 1.992 novas descobertas foram publicitadas sobre um planeta a mais no sistema, denominado "intruder - planeta intruso". Os cientistas começaram, então, a confrontar os dados da astronomia com as traduções de Zecharia Sitchin, em especial, a tradução do documento *Enuma Elish*, que contém a história da formação deste sistema solar.

São anais muito antigos que falam de um planeta do tamanho de Urano, chamado Tiamat, cuja órbita passava entre Marte e Júpiter.

O grande planeta Nibiru foi capturado pela força gravitacional do sistema solar e sua entrada no conjunto causou anomalias nas luas dos outros planetas. Nibiru colidiu com Tiamat e enormes fragmentos entraram na órbita da Terra. Um desses fragmentos veio a ser a Lua. O interesse de antigos e contemporâneos, por Nibiru decorre de uma questão muito prática.

Os relatos arqueológicos são claros: a passagem deste planeta a cada 3.600 anos, nas proximidades da Terra produz efeitos sensíveis na realidade ambiental; catástrofes são desencadeadas. A passagem de Nibiru é, possivelmente, a causa da mudança nos polos da Terra, dos regimes da marés, dos padrões climáticos, dos desvios da órbita e choque com asteroides que são arrastados pelo "intruso". Nibiru pode ter provocado, por exemplo, a extinção da vida em Marte ou o fim da época dos dinossauros.

A Evidência Tecnológica

Há muito tempo escavações arqueológicas têm trazido à luz artefatos, ferramentas, máquinas e registros que surpreendem, pelo seu

avanço, as expectativas dos estudiosos. São objetos inexplicáveis para a ciência histórica acadêmica. No deserto do Iraque foram encontradas baterias de argila, com eletrodos, datadas em 2.500 anos antes de Cristo; em uma pirâmide funerária, havia um modelo de aeroplano perfeitamente funcional. Mais recentemente, a redescoberta de ouro monoatômico em sítios arqueológicos do Oriente Médio veio reforçar a crença em civilizações do passado altamente sofisticadas. As substâncias monoatômicas são supercondutoras de energia em temperatura ambiente e possuem propriedades anti-gravitacionais. Somente nos últimos anos o ouro monoatômico tem sido investigado pela física. Arqueologicamente, entretanto, o ouro monoatômico mesopotâmico é conhecido desde 1889, quando sir Flinders Petrie demonstrou que o material era produzido há 03 mil anos atrás.

A Evidência Documental

Os registros históricos documentados, da existência e das realizações dos Anunnaki começaram a aparecer desde os primeiros anos do século XIX. As escavações de antigos sítios arqueológicos mesopotâmicos revelaram uma avançada civilização Suméria.

Milhares de lâminas de argila contêm escrituras relacionadas não somente com as questões do cotidiano, como o comércio, os casamentos, as ações militares e sistema de cálculos astronômicos; as tábuas cuneiformes também falam dos Anunnaki. Fica evidente que os sumérios sabiam perfeitamente que aqueles alienígenas eram criaturas vivas, de "carne e osso". A Biblioteca de Assurbanipal, apesar de ter sofrido um incêndio, não perdeu nada de seus documentos feitos de argila, resistente ao fogo. Assim, foram

preservadas 400 tabuletas cuneiformes que contêm a história dos tempos arcaicos, sem falhas; uma espécie de "cápsula do tempo" feita de barro cozido. São estes documentos que contam a saga dos Anunnaki.

A Evidência Genética

Os registros sumérios localizam o laboratório, onde os Anunnaki criaram o homo sapiens na região leste da África Central, próximo às minas de ouro. É uma área que coincide com o lugar onde foi encontrado o mais antigo DNA mitocondrial, pertencente ao fóssil que ficou conhecido como Lucy. Os arqueólogos também encontraram ruínas de minas de ouro de 100 mil anos.

Os documentos descrevem, ainda, os avanços da engenharia genética. O rápido progresso da espécie humana sapiens, apenas 250 mil anos depois de começar a realmente "sair das cavernas" é notavelmente anômalo, diante dos milhões de anos que foram necessários para consolidar os membros mais antigos do nicho dos homo erectus.

FONTE

Giants Upon the Earth - por Jason Martell, ANCIENT-X- acessado 09/01/2007

Planet X: Past and Present - ANCIENT-X - acessado 09/01/2007

Zecharia Sitchin - ANCIENT-X - acessado 09/01/2007

Tradução: Lígia Cabús (Mahajah! ck)

É necessário que foquemos nesta história, onde, notadamente, tiramos os "véus" que cobriam os nossos olhos físicos como

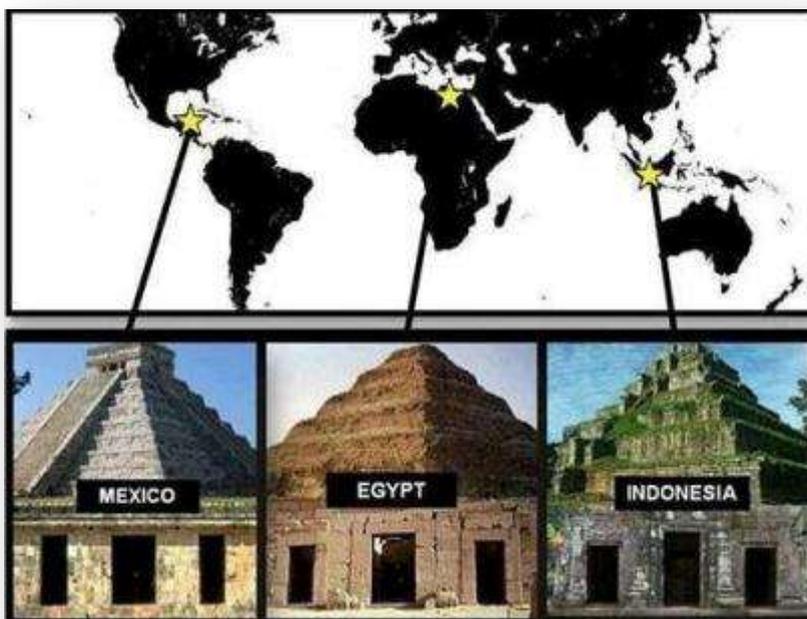
CÉU E INFERNO, EM EQUILÍBRIO, NO REINO DE HOASCA.

humanidade, para entendermos qual é o papel da Ayahuasca, neste momento, da história humana na face da terra.

Sabemos que nossos “elaboradores” genéticos não ativaram, em sua totalidade, o nosso DNA, por conta de sermos um experimento, à parte da evolução planetária. Estamos e sempre estivemos, sob a observação, detalhada, de nossos criadores. Embora nunca tenhamos percebido este fato. De um objetivo inicial de sermos mão de obra mais inteligente do que a que era disponível, no planeta, aquela época, passamos a ser, doravante, um experimento genético de uma nova raça a habitar a terra.

Tivemos, então, uma ajudinha extra, para evoluirmos em nossas sendas material e espiritual.

Experimentos e combinações do DNA dos “deuses” que nos criaram, provavelmente, com o DNA do Homem de Neanderthal, que era a



As coincidências presentes em todas as construções estudadas, pelos arqueólogos, levam-nos a crer, numa perfeita integração, entre os povos

criatura mais evoluída, no planeta, por aqueles tempos, fizeram surgir o homem moderno, ou Homo Sapiens. Fomos criados para sermos serviçais dos “deuses alienígenas”, em sua busca por minérios terrestres, notadamente o ouro.

As escrituras de muitos povos ancestrais, mais modernos, nos falam de tais visitas do espaço e dos seres que os orientaram a serem cientificamente, mais aptos a vencerem os desafios do crescimento populacional, da engenharia, da agricultura e de outros ramos do conhecimento que, hoje, chamamos de humano.

As construções antigas, como as pirâmides, por exemplo, encontram-se em todo o planeta, circundando-o, quase que perfeitamente, América Central, Egito e Ásia (Camboja, Vietnam e Indonésia). Seus alinhamentos com constelações, estrelas e planetas específicos, chega a ser impressionante, do ponto de vista do conhecimento que as civilizações tinham aquela época.

Foram criadas histórias arquetípicas, para nos convencerem do contrário. Nasceram as religiões compatíveis com o nosso amadurecimento social, no sentido de orientarem nossa convivência, sem nos matarmos mutuamente, por motivos triviais.

Depois de quase oito mil anos de história escrita em diversos idiomas, a humanidade chegou num ponto, onde, para muitos, as ditas religiões já não têm respostas às suas dúvidas, mais profundas.

Tanto a ciência, que não consegue sair do campo experimental de um laboratório e por isso mesmo não consegue evoluir, além das paredes de concreto de suas construções falíveis, quanto as religiões dos “templos de pedra” e palavras escritas em papéis amarelados, pelo tempo, por seres humanos, cheios de dúvidas, estão com seus

dias contados, pelos novos humanos, que encarnam, nestes tempos de definições espirituais e que as requisitam, em suas responsabilidades intrínsecas, por respostas equilibradas, para as suas dúvidas mais profundas.

No início do século passado, **Rutherford, Bohr, Einstein, Heisenberg** e outros cientistas, menos conhecidos, descobriram a física do microcosmo, a **Física Quântica**, que nos traria muitas respostas e quem sabe reuniria num só “pote”, a ciência e a religião, tornando-as mais palatáveis ao ser humano comum.

Esta situação nos ajuda, no ponto de vista de completar lacunas, mas ainda está muito longe de ser a verdade que procuramos, sendo, apenas, mais um caminho de pesquisa, na busca de nós, por nós mesmos.

O importante de nos conscientizarmos, nesta fase de transição, pela qual passamos, é que o “saber” não é o final da história e sim uma parte do caminho, que nos levará a, realmente, SER.

Desta forma, para nos liberarmos das prisões da matrix, só há um caminho, a Consciência e esta só se encontra, realmente, no Ser, ou seja, no EU SOU.

Durante milênios a nossa matrix interna (ego) nos encheu de medos e culpas, que são as “grades” de nossas prisões energéticas, aliados à incapacidade de discernimento, por conta de nosso DNA incompleto, o quadro se tornou perfeito, para as peças do “Grande Teatro”, no qual vivemos.

Este é o teste que nos foi imposto, pelos nossos criadores alienígenas. Sairmos, sozinhos (será?), desse emaranhado

energético, montado com alguma finalidade, da qual não temos conhecimento.

Não temos a informação se, apenas os Anunnaki são os responsáveis de estarmos aqui. Tudo indica que não. Evidências apontam para a existência de uma confederação de seres extraterrestres, com interesses na raça humana, muito embora estejamos, quase que, totalmente, alienados, dessa situação.

Em todas as épocas se apresentaram seres notáveis, descritos nas escrituras, como sendo deuses e ou profetas, que encarnaram, na terra, com missões específicas. Muitos foram, até martirizados, por irem contra os costumes da época em que viveram, tentando fazer a humanidade evoluir de interagir como irmãos e como coletividade.

Desta forma, o leitor já pode perceber, o quão difícil e complexa seria a gestão de todo este processo evolucionar.

Seres alienígenas criando novas espécies, outras em disputa aberta e franca, com as primeiras, pelo domínio das criaturas originadas, por estas experiências. Exilados de outros sistemas trasladados e vindo a viver por estas plagas, em conjunto com a humanidade local, todos, sem consciência do que são e tendo que reconectar com a Fonte de todo o processo, deste Universo Local.

Todas estas peças teatrais, da vida na face planetária, sendo protagonizadas, em diferentes frequências vibratórias, de forma que, os mais sutis e evoluídos não pudessem ser percebidos, pelas criaturas recém-criadas e, por consequência, menos evoluídas e mais densas, em suas manifestações.

Nesta panaceia planetária, do ponto de vista da humanidade, em evolução, não haveria desenvolvimento na forma como ocorreu, sem

CÉU E INFERNO, EM EQUILÍBRIO, NO REINO DE HOASCA.

a ajuda dos nossos criadores, que, em outras épocas, chamamos de deuses.

Muitos desses seres chegaram a encarnar, por aqui para cumprir uma missão física e específica de amor e paz, (**Jeoshua, Sidartha Gautama e Khrishna**), pois a pacificação da energia material é o primeiro passo, para que se atinja o caminho espiritual e este, sempre, foi o recado deixado pelos avatares que, voluntariamente, encarnaram, em todas as eras conhecidas, deste planeta. Diante de tudo o que expusemos, até aqui e pela complexidade de fatores possíveis de ocorrer, na história desta humanidade, com toda a sua diversidade de manifestações, nada mais razoável do que existirem, à nossa disposição, ferramentas de aceleração e catalizadoras da nossa própria evolução, através da Consciência que já reside em cada um de nós.

Bastaria, apenas, que nos dispuséssemos a aprender a utilizá-las, neste sentido, ativando capacidades adormecidas em nossas manifestações matricianas.

As plantas de poder representam tais ferramentas e seu uso ancestral, nos atesta isso.



O Mariri e a Chacrona, os dois unidos é quem nos



Preparo do Chá Ayahuasca.

Provavelmente foram trazidas, pelos mesmos alienígenas que nos projetaram e nos criaram, sendo introduzidas na flora planetária e, posteriormente, eles mesmos, agindo como instrutores, ensinaram os nossos antepassados a utilizá-las. Daí termos o jagube e a chacrona, o peyote e o São Pedro, a jurema, o tabaco e outras plantas, consideradas como chaves, para o mundo espiritual.

O foco de nosso estudo, na presente publicação, é a Ayahuasca (Vinho da

Morte ou Vinho da Pequena Morte), como é chamada pelos povos andinos.

O Chá Ayahuasca é um composto de um cipó amazônico, chamado **mariri** ou **jagube** (*Banisteriopsis caapi*) e uma folha de uma rubiácea, parente do café, chamada **chacrona** (*Psychotria Viridis*). A combinação destas duas plantas, através de uma infusão e dentro de determinados parâmetros técnico ritualísticos, nos dá o **Chá Sagrado**, capaz de nos colocar em contato com os nossos “baús interiores”, onde repousa tudo o que, realmente, somos. Este sacramento já faz parte da cultura ameríndia a mais de 1.500 anos, desde as culturas toltecas, maias, astecas, incas e populações indígenas amazônicas. Provavelmente, quem tinha acesso ao sacramento eram, apenas, sacerdotes, pajés e aprendizes, em processo de iniciação, não sendo aberto, o seu uso, à população comum.

Nas mirações, os sacerdotes visualizavam as profecias que faziam e isso lhes dava um status de semideuses e dirigentes espirituais, de um povo desprovido de cultura mais elaborada.

As informações e as técnicas deixadas pelos orientadores alienígenas eram de usufruto restrito às elites, ficando a população com as histórias que lhes contavam, segundo as conveniências de cada governo ou linha religiosa.

A tese era: *“um povo com medo é mais fácil de controlar”!*

Parece-nos que esta tendência perdura até hoje, pela falta de conhecimento e iniciativa, do cidadão comum, para alcançá-lo e que persiste até os dias atuais, apesar das informações disponíveis, em grande volume, que se oferece, hoje, a quem quiser desfrutar e usufruir.

Desta forma, ao disponibilizarmos o “Chá do Conhecimento” a quem quiser comungá-lo, estamos abrindo as portas para a reconexão com a Consciência Plena da Fonte Criadora.

Mas, não é para qualquer um!

Há que se ter coragem para se descobrir e dissolver o ego ilusório no Espírito Eterno que já habita dentro de nós, mas, que se encontra encerrado em um baú fechado, na nossa inconsciência.

A Ayahuasca é a chave deste baú.

CAPÍTULO 03

A DUALIDADE CÉU E INFERNO, QUE HABITA EM NÓS.

Durante milênios, as religiões usaram a polaridade inerente à matéria, para nos controlar, sendo assim, seu primeiro passo nesta direção foi tirar o conceito de Céu e Inferno, da nossa expressão interna, colocando-a na nossa manifestação externa, tornando, assim, impossível a solução desta dicotomia, apenas, pelo indivíduo.

Esta opção só seria possível, segundo eles, no coletivo, através dos grupos religiosos e das seitas que sempre operaram, em beligerância, entre si.

As religiões, sempre, tiraram o poder individual de seus adeptos, enfraquecendo-os em suas buscas pessoais e tornando-as impossíveis. Em algumas épocas as desobediências foram punidas com as crucificações e as fogueiras.

Criou-se e disseminou-se a noção do pecado, da forma como o entendemos, hoje e, mais além, a do pecado mortal, que levaria qualquer um ao fogo eterno, do inferno religioso, hipotético.

A noção de que tanto o Céu, quanto o Inferno habitam dentro cada ser individualizado e necessitam ser equilibrados e mantidos neste estado, para que possamos recobrar a Consciência Plena, é imprescindível ao peregrino, que “mete o pé na estrada” da busca de si mesmo.

Assim como o Yin e o Yang, em equilíbrio, nos remete ao TAO.

Desde o *Big Bang* que a dualidade Luz e Sombra passaram a interagir e criar manifestações de energia em infinitas frequências vibratórias, criando e transmutando a matéria física em múltiplas

CÉU E INFERNO, EM EQUILÍBRIO, NO REINO DE HOASCA.

densidades, por todas as partes dos universos locais e multidimensionais.

Energias de gestão e controle estão em todas as partes manifestadas, para que as manifestações se iniciem, atinjam seus apogeus e declinem, morrendo para a sua situação anterior e renascendo para uma nova “viagem temporal”.

Este é e, sempre, será o fluxo da energia na matéria. Enquanto existir energia disponível, em um processo criativo qualquer, este fluxo prossegue, indefinidamente, no tempo, hora estando, hora não estando, em estado de manifestação completo.

Ao descermos à frequência material e assumirmos a missão de sermos a antítese da Fonte Criadora, perdemos a Consciência do que somos e criamos todas as manifestações, possíveis, através das leis da dualidade controlada.

O mundo de Maya (ilusão) é necessário, para que a Tese Imanifesta se perceba Síntese Imanifesta, no Início e no Fim, no Alpha e no Ômega. Estamos sem Consciência no plano da



TAO
O EQUILÍBRIO DA POLARIDADE



FASES DO PROCESSO DE
COGNIÇÃO DO TAO

manifestação, pois seria impossível, termos Consciência e nos manifestarmos, no plano da ilusão (plano material). Pelo pressuposto da Onipotência da Fonte Criadora, ela jamais poderia ser dual, a não ser numa hipotética missão ilusória, criada por Ela mesma, para provar-se no improvável.

Logicamente que, uma tentativa ilusória de provar a Fonte Criadora, inexoravelmente, falhará e, em falhando, transforma, automaticamente, a Tese em Síntese, sendo, este, o objetivo primordial.

Não há movimento no Plano da Fonte, onde Tese e Síntese são, potenciais onipotentes, ou seja, “Uma Coisa Só”.

Ora, por pressuposto, não há movimento, por conta de tudo já ser perfeito, sem necessidade de nenhuma busca a mais.

Então, analogamente, onde há movimento, há imperfeição e, portanto configura-se, em plano de ilusão. É o que ocorre na matrix, ou seja na manifestação da matéria física.

A manifestação ou qualquer tipo de ação configura-se em antítese da Fonte Criadora, por consequência.

A Teosofia fala em **Pralaya** (Sono da Fonte), onde reside a Verdade e tudo é potencial e não manifestado e **Manvantara** (Manifestação da Fonte), onde ocorre, hipoteticamente, uma pretensa batalha, polar, entre Céu e Inferno, entre a Luz e a Sombra, entre o Positivo e o Negativo.

Esta “peça teatral”, energética, usa como palco, primordialmente, o microcosmo, ou seja, ocorre dentro de cada ser manifestado, à imagem do Criador e que possua a ferramenta do livre arbítrio.

É neste plano do conflito que a Ayahuasca atua, retirando os véus que nos impede de discernir, sobre o que é ilusão e o que é Verdade. A ação da Medicina do Chá, numa primeira fase, inicia a preparação da pessoa para receber o choque da realidade libertadora, desta forma, há que se limpar o peregrino de toda a “sujeira” e “entulhos”, acumulados nesta e em milhares de vidas passadas e que ainda não foram equilibradas ou curadas e que podem, até, ter se transformado em doenças físicas de gravidade.

Nesta fase, o ego resistirá fortemente e não dará vida fácil ao peregrino, na sua intenção de equilíbrio. As mirações e peias serão fortes, durante a experiência, com o Chá.

O ego tentará, por todos os caminhos, fazer com que o peregrino desista de seu intento de dissolvê-lo, na sua porção espiritual. Muitos não voltam a comungar o Chá, após a primeira experiência, o que pode ser considerado normal, posto que, podemos dizer que o peregrino não escolhe a Ayahuasca, é a Ayahuasca que escolhe o peregrino.

A medicina sabe de antemão quem está e quem não está pronto para ela. Assim o fato da burracheira não aparecer, numa experiência de um peregrino qualquer, ou mesmo do peregrino ter uma experiência muito forte e assustadora, são fatores de desistência comuns, entre os iniciantes neófitos.

Ver o seu Inferno particular e falar com seus “demônios de estimação”, não são experiências agradáveis. Apesar de termos sido nós mesmos quem os criamos, hoje, são eles quem nos metem medo e nos insuflam culpa e noção errada de pecado. Somos escravos do

que tememos, então, é necessário ter muita coragem, para trilhar nesta senda.

A curiosidade nos leva ao gole primeiro, do Chá e a coragem nos faz continuar a comungá-lo.

A hipocrisia religiosa da “igreja romana”, que considero uma antítese da igreja cristã, nos últimos 2.000 anos nos levou a evitar todo e qualquer contato com as nossas sombras, tornando hereges aqueles que insistiam em fazê-lo.

Como equilibrar uma questão se não podemos ter contato com ela?

Não há como uma árvore atingir, o Céu, com seus ramos, sem que suas raízes tenham descido e tido contato com o Inferno.

Sem os detalhes de um problema, não podemos elaborar a sua solução equilibrada e sem contato com o mesmo, como saber de tais detalhes.

Concílio de Nicéia – 325 D.C.

A primeira investida contra

os ensinamentos

cristãos verdadeiros se

deu no Concílio de

Nicéia, 325 D.C., na

cidade de Nicéia, na

Bitínia, região norte da

Turquia, quando o

imperador romano,

Constantino, reuniu os



Constantino comandou os trabalhos de oficialização do Cristianismo, no Império Romano.

bispos cristãos, em concílio, para discutirem os preceitos do cristianismo.

Este concílio ecumênico foi a primeira tentativa de alcançar um consenso na Igreja, através de uma assembleia, representando toda a cristandade. Ósio, o bispo de Córdoba, provavelmente, sob legado papal, pode ter presidido suas deliberações.

Seus principais feitos foram a resolução da questão cristológica da natureza divina de Jesus e sua relação com Deus Pai, a construção da primeira parte do Credo Niceno, a fixação da data da Páscoa e a promulgação da lei canônica em sua primeira forma.

Argumentos a favor do arianismo.

Debate Principal do Concílio - A tese de Ário

Segundo relatos encontrados, o presbítero Ário defendeu a supremacia de Deus, o Pai, e sustentou que o Filho de Deus foi criado com um ato da vontade do Pai. A premissa era que o Filho foi a primeira criatura de Deus, antes de todas as eras, teve um começo e somente o Pai não teve começo. A argumentação era que tudo o mais foi criado, por meio do Filho, desse modo, somente o Filho foi criado, diretamente, por Deus. Ário acreditava que o Filho de Deus era capaz de ter livre arbítrio do certo e errado, que "se Ele fosse um filho, no sentido mais verdadeiro, devia ter vindo depois do Pai e, obviamente, houve um tempo, quando Ele não existia e, portanto, era um ser finito" e que Ele estava sob a autoridade e grandeza de Deus, o Pai. Ário insistiu que a divindade do Pai era maior que a do Filho. Os arianos recorreram às escrituras, citando afirmações bíblicas

como «o Pai é maior do que eu» (João 14:28) e também que o Filho é «primogênito de toda a criação» (Colossenses 1:15).

Argumentos contra o arianismo

A visão oposta originou-se da ideia de que gerar o Filho é, em si mesmo, a natureza do Pai, que é eterno. O Pai sempre foi um Pai e tanto o Pai como o Filho sempre existiram juntos, eternamente e consubstancialmente. O argumento contra os arianos afirmavam que o Logos (o "Verbo") era "eternamente gerado", portanto, sem começo. Os adversários de Ário acreditavam que seguir a visão ariana destruía a unidade da divindade e tornava o Filho desigual ao Pai e insistiram que tal visão transgredia as escrituras, que afirmam que «Eu e o Pai somos um» (João 10:30) e «o Verbo era Deus» (João 1:1). Eles declararam, como fez Atanásio, que o Filho não teve começo, mas teve uma "derivação eterna" do Pai e, portanto, era co-eterno com ele e igual a Deus em todos os aspectos.

Resultado do debate

O concílio declarou que o Filho era verdadeiro Deus, co-eterno com o Pai e gerado de sua mesma substância, argumentando que tal doutrina codificava melhor a apresentação bíblica do Filho, assim como a crença cristã tradicional, sobre ele transmitida, pelos apóstolos. Essa crença foi expressa pelos bispos no Credo de Niceia, que formou a base do que é conhecido atualmente como Credo Niceno-Constantinopolitano.

Esta é uma questão para um debate, através da recém-descoberta Mecânica Quântica, posto que, a qual Fonte se referem os debatedores de Nicéia?

Tendo em vista que existem infinitos Universos, com Fontes locais, segundo a mesma física quântica, tornando estes infinitos universos, finitos, quando observados, individualmente.

O concílio, também, substituiu a posição da energia feminina na Santíssima Trindade, tornando-a subalterna, colocando, em seu lugar, uma pomba, representando o Espírito Santo (Lei). Acabaram com o conceito da reencarnação, sendo esta uma posição pessoal de Constantino e baniram os Gnósticos, que sustentavam as teses esotéricas, além de execrarem os Evangelhos de Thomé, Felipe, Judas e Madalena.

Percebem a manipulação da matrix (Roma), em relação à implantação de uma ferramenta cristã, que nos libertaria, do julgo material?

Séculos depois, deste evento, muitas pessoas foram martirizadas, sabe-se que, mais de 150.000 foram julgadas e, cerca de 3.000, executadas, das formas mais horrendas pelos inquisidores da idade média, simplesmente, por serem dotadas de mediunidade e ou por discordarem das opiniões formais da igreja, imagine, então, os casos onde deveria haver uma pesquisa profunda, para a aquisição de conhecimento, para a solução de questões que, ao serem respondidas, abalariam a ciência aceita aquela época.

Giordano Bruno e Galileu fora vítimas deste inferno na terra. O primeiro morreu por não abrir mão de suas convicções e Galileu teve que enfrentar a inquisição e calar sobre a sua teoria heliocêntrica.

Mais uma vez a matrix exercendo um papel de sombra sobre a história

CÉU E INFERNO, EM EQUILÍBRIO, NO REINO DE HOASCA.

Humana e sobre o conhecimento que libertaria a população, do medo e da ignorância.

Atualmente, está mais fácil chegar aos nossos infernos pessoais, sem ser queimado numa fogueira ou ser torturado, para confessar uma coisa que não fizemos.

Basta beber um Chá, com o efeito enteógeno, numa experiência controlada, ou mesmo, sem controle algum e observar, no entanto, não participar naquilo que acontece, após se iniciarem os efeitos psicodélicos da experiência.

Naturalmente, no microcosmo, somos um reflexo do que acontece em todo o universo, ou macrocosmo. Ao mesmo tempo somos unos com o todo, o que significa que já temos em nós, através do conflito Céu e Inferno, todas as respostas que necessitamos.

Bebamos, então, o Sagrado Chá, chamado Ayahuasca e “morramos”, para a matrix que nos aprisiona, vivendo, assim, para a Consciência Eterna.

CAPÍTULO 04

HISTÓRICO DA AYAHUASCA NO BRASIL

Para o homem branco, em terras brasileiras, a Ayahuasca foi redescoberta, nas primeiras décadas do Século XX, na região borracheira, do Estado do Acre.

A primeira organização com cunho ritualístico e religioso foi o **Santo Daime**, provavelmente na década de trinta.

Na sequência, surgiu a **Barquinha**, foi constituída, em 1.945 e, finalmente, vem à luz, a **UDV - União do Vegetal**, aí pela década de sessenta.

Atualmente, estima-se que mais de trinta mil pessoas comungam o Chá, ritualisticamente, ligados a uma das três religiões básicas do processo. Sem contar outros milhares que o bebem em rituais xamânico, independentes, mais correlacionados com as práticas indígenas brasileiras e andinas.

De alguma forma, a três igrejas sincretizaram a Força da Ayahuasca, com as Igrejas Cristãs, notadamente, com o Espiritismo e com a Igreja Católica Apostólica.

Nos dias atuais, existem muitos grupos que ampliaram esta miscigenação religiosa e cultural, trazendo a Umbanda, para os rituais, são os chamados "**umbandaime**".

Achamos muito salutar que tais correntes prosperem, cada uma com a sua religião de origem, pois no fim desta senda, seremos todos Universalistas. Seremos todos UM, todos OM.

Ademais, achamos bastante saudável que o processo tenha evoluído dessa forma, pois grupos de pessoas, mal intencionadas, em algum momento, iniciou uma prática de rituais de Ayahuasca, juntamente

com drogas psicodélicas de todo tipo, maculando a sacralidade do Chá e se prejudicando, pessoalmente.

Tais grupos não prosperaram, pois o Chá é uma entidade energética de cura e não se combina com tais substâncias nocivas, ao organismo e à saúde mental do indivíduo.

A egrégora da Ayahuasca é exclusiva, pois ela é “mestra” naquilo que nos traz e no que nos mostra, nas “mirações” e “burracheiras”.

Ao contrário e numa outra rota, O Sagrado Chá nos tira dos vícios inerentes às drogas e ao álcool, nos mostrando, durante o processo, o mal que ambos nos fazem.

Aqueles que cruzaram a “*dead line*” não conseguiram durar muito tempo na ação e tiveram que escolher entre uma coisa ou outra, ou seja, entre a sombra e a luz. Dentro de um ritual religioso e ético, tais práticas, de forma alguma são permitidas. Não comungamos o Sagrado Chá, para termos efeitos alucinógenos e sim para entrarmos em contato com o nosso Ser Divino Interno, sendo, então, uma experiência enteógena.

Usar drogas ilícitas e prejudiciais à saúde, em conjunto com a Ayahuasca, além de desrespeito à sua egrégora, pode ser comparado a uma tentativa de “suicídio espiritual” e com grandes consequências nocivas à saúde física e mental.

A seguir, contaremos, resumidamente, o surgimento de cada uma das religiões ligadas à comunhão do Sagrado Chá e o papel de seus mestres fundadores, na disseminação das práticas sagradas e de cura, trazidas por ele, ao homem branco. O sincretismo religioso, com as religiões cristãs e, mais recentemente, com as religiões afro brasileiras, marcam o tom das práticas, na atualidade.

SANTO DAIME

A Igreja Céu do Gamarra é parte de um grande elo espiritual iniciado no Acre, melhor dizendo, no Maranhão.

Contaremos aqui um pouco da história do Mestre fundador desta Doutrina, narrada por alguns companheiros de sua época que vez por outra nos deixaram alguns relatos da vida deste santo homem.

Na noite de 15 de dezembro de 1892, nasceu em Vicente Ferrer, Maranhão, Raimundo Irineu Serra, fundador da Doutrina do Santo Daime, da qual temos a honra e o privilégio de fazer parte. Mestre Irineu, filho do Sr. Sancho

Martinho Serra e Dona Joana Assunção Serra, eram descendentes de escravos, homem forte, media 1,98 metros e calçava sapatos de número 48.

Deixou sua terra natal aos 15 anos de idade, passando por muitos lugares até chegar ao Acre, isso por volta de 1.912. Trabalhou como seringueiro nas regiões do Xapurí, Brasiléia e Sena Madureira.

Também trabalhou como funcionário na Comissão de Limites na delimitação da fronteira do Acre com a Bolívia e o Peru. E foi nesta época que conheceu a Ayahuasca, bebida ingerida, em rituais indígenas deixada pelos incas e usada por grande parte da população cabocla da região Amazônica.

Foi na cidade de Cobija, na Bolívia, que conheceu os irmãos Antônio Costa e André Costa que, por coincidência, eram seus conterrâneos.



Mestre Irineu

Estes lhe falaram pela primeira vez da bebida, que a haviam conhecido por intermédio de um caboclo peruano de nome D. Crescêncio Pisango, também conhecido por Huascar.

Huascar era um antigo rei inca que passava seus conhecimentos para Pisango. Convidaram então o Mestre para participar de um ritual com Ayahuasca.

De primeiro, o Mestre não aceitou, mas depois pensou e disse: "Eu vou. se for uma coisa boa, vou levar pro meu Brasil, pois de coisa ruim o meu Brasil já está cheio". Da primeira e segunda vez que tomou a bebida, nada sentiu, só na terceira é que chegaram as "mirações". Estava sentado numa roda de 12 pessoas, quando D. Pisango se aproximou e "entrou" na cuia grande onde era servida a Ayahuasca, sendo percebido, apenas, pelo Mestre. O caboclo pediu que ele convidasse o grupo a olhar dentro da cuia e que dissessem o que estavam vendo. Responderam que viam apenas a bebida. Então o caboclo Pisango explicou ao Mestre Irineu que só ele tinha condições de trabalhar com aquela bebida e que ninguém mais conseguia ver o que ele via com a Ayahuasca.

Numa outra noite voltaram a tomar a infusão. Desta vez só os dois, Antônio, que estava no quarto, e o Mestre na sala da casa onde realizavam a sessão. Foi quando Antônio chamou pelo Mestre, que olhava encantado para a lua, e disse:

- Raimundo, aqui tem uma senhora chamada Clara que quer falar com você.
- Por que ela não fala contigo mesmo?

- Não sei não, mas diz ter te acompanhado desde o Maranhão. Ela tem uma laranja na cabeça para lhe entregar. Fala que vai te procurar na próxima sessão.

E assim foi.

O Mestre numa ansiedade danada aguardava por aquele dia. Era uma quarta-feira numa noite linda de luar. O Mestre se deitou na rede de modo a apreciar a lua e, pouco a pouco, a "força" da Ayahuasca foi chegando, intensificando as mirações e, neste momento, é que viu a lua se aproximando pra bem pertinho dele. (Esta miração, mais tarde, veio inspirá-lo a receber, do astral, seu primeiro hino, "Lua Branca"). A Senhora sentada ao centro da lua com uma águia na cabeça em ponto de voar lhe disse:

- Quem tu achas que sou?

- Pra mim é uma Deusa.

- Tu tens coragem de me chamar de Satanás?

- Ave Maria, minha Senhora, de jeito nenhum.

Você está pensando que sou uma princesa, mas não, eu sou a Rainha Universal.

- Tu achas que o que tu estás vendo agora, alguém já viu?

- Acho que sim minha senhora (o Mestre julgava que outros tantos que já haviam bebido a Ayahuasca também já podiam ter tido aquela visão).

- Tu estás enganado. O que vês agora, ninguém jamais viu, só tu. Eu vou te entregar este mundo para tu governar, mas isso não é agora, primeiro tens que te preparar. Agora que tu já é homem, tu vais trabalhar e vais ficar com teu cabresto assim, bem curtinho. Vais ter

uma preparação para ver se tu tens merecer, verdadeiramente. Tu vais passar oito dias comendo só macaxeira (mandioca) cozida e insossa, com água e mais nada, nem ver e nem ouvir mulher alguma. O Mestre, no dia seguinte, se retirou para a mata com o propósito de cumprir as ordens da Rainha. Conta-se que no quarto dia ele foi tentado com várias visões com intenção de lhe amedrontar. Os paus na sua frente criavam vida, parecia que estavam todos rindo dele, caboclinhos surgiam de todos os lados, fazendo contato com os animais que chegavam bem próximo. Com sua espingarda dava tiros para o alto, pois os estampidos o confortavam naquela situação. (Até hoje, nos trabalhos feitos na Doutrina do Santo Daime, se usa soltar foguetes, durante a sessão espiritual para que seja lembrada aquela passagem da vida do Mestre Irineu).

Outro fato interessante que se conta é que, certo dia, Antonio Costa, estava em casa preparando a mandioca insossa do amigo, quando pensou em botar um pouquinho de sal, mas imediatamente mudou de idéia e quando, mais tarde, o Mestre voltou das matas disse ao companheiro que viu que o outro ia colocando sal na macaxeira, mas resolveu não por. Antônio se espantou com o amigo:

- Mas rapaz, como é que tu fez pra saber?
- Então já sei que tu tá aprendendo.

No oitavo dia de iniciação nas matas, a Rainha voltou a aparecer para o Mestre e lhe entregou a laranja como símbolo do globo universal. Ele pediu que o fizesse um curador e ela respondeu:

- Já está feito e tudo está em tuas mãos.

Também o advertiu de que teria muito trabalho com aquela missão e que nada poderia tirar em proveito próprio. (Assim como hoje o Daime

não pode ser comercializado, pois desta forma estaríamos em desobediência com as ordens da Rainha).

Na verdade, logo o Mestre entendeu que aquela senhora era a Virgem Mãe Santíssima, a Virgem da Conceição, e que tudo aquilo que ele havia ouvido e visto não eram suficientes para ele ser. Ele havia recebido sim aquela missão e a partir daí ele tinha que dar prova e se fazer ser.

Durante alguns anos, nosso Mestre percorreu caminhos espirituais difíceis

entre a dúvida e a certeza, a verdade e a mentira, pois quem anda nesta estrada sabe que uma linha muito fina separa estes princípios, o que é certo do que é errado. Mas a Virgem Soberana continuou a aparecer, muitas outras vezes, para o Mestre, dando-lhe força, conforto e fé, e numa destas aparições, foi revelado ao Mestre o nome da bebida.

O verbo "dar" originou a palavra "Daime". Em alguns hinos da Doutrina se encontram as expressões "dai-me amor", "dai-me fé", "dai-me cura", pois quem toma Daime deve estar pronto a receber as dádivas vindas de Deus, contidas nesta bebida sagrada.

Também recebeu da Virgem o título de Chefe Império Juramidam e os fundamentos do ritual do Santo Daime. A Mãe Divina o instruiu a cantar hinos que iria receber do Céu, que seriam o testamento de sua missão e estariam reunidos em um hinário ao qual ele chamou "O Cruzeiro". Mas o

Mestre era um homem muito simples e humilde e não se achava capaz de cantar, até o dia em que a Rainha da Floresta lhe disse:

- Olha, vou te dar uns hinos e tu vais deixar de assobiar, pra aprender a cantar.

- Ah! Faça isso não minha Senhora, que eu não canto nada.

- Mas eu ensino! Afirmou ela.

E como o Mestre sempre contemplava a lua, Ela falou:

- Agora você vai cantar.

- Mas como? Insistiu.

- Abra a boca, não estou mandando?

O Mestre obedeceu e deslanchou a cantar "Lua Branca", seu primeiro hino, onde também recordaria a já citada miração.

Na década de 20, o Mestre e os irmãos Costa fundaram um centro chamado Círculo de Regeneração e Fé (CRF), na cidade de Brasília, no Acre. Reuniram-se naquele lugar algumas pessoas que, apesar de poucas, chegaram a fundar uma associação.

Mas para desgosto do Mestre, alguns desentendimentos com Antônio Costa e outros integrantes o fizeram tomar a decisão de ir embora, deixando aquele centro. Mudou-se para Sena Madureira e depois para Rio Branco, onde ingressou na Guarda Territorial (sendo aí que conheceu Germano Guilherme, amigo que o acompanhou por muitos anos). Manteve-se nesta corporação, aonde chegou a cabo, até o começo dos anos 30, quando pediu baixa.

Mais tarde, como tinha feito muitos conhecidos, doaram a ele uma colônia na Vila Ivonete, bairro rural próximo a Rio Branco. Foi quando o Mestre deu início aos trabalhos públicos com o Daime, fazendo no dia 26 de maio de 1.930, seu primeiro trabalho. Eram só três pessoas: o Mestre, Zé das Neves e outro que não se sabe o nome. Zé das Neves conta que trabalhou com ele 41 anos e 41 dias.

Em sua casa, que também servira de sede dos trabalhos espirituais, logo reuniu um pequeno grupo. Nele estavam Germano, Maria Marques, João Pereira, Daniel Pereira e Zé das Neves. Pouco mais tarde também se juntou a esse grupo Antonio Gomes. Todos estes são expoentes de nossa Doutrina.

Neste tempo nosso Mestre foi perseguido, chegando mesmo a ser chamado na delegacia, porém nunca sendo preso. Resolveu então adentrar um pouco mais na floresta e foi nesta época que recebeu uma doação, por parte do ex-governador Guiomar Santos, que lhe arranjou uma colocação, chamada Espalhado, com uma colônia, a Custódio de Freitas. Neste lugar fundou o Centro de Iluminação Cristã Luz Universal

(CICLU), a igreja sede, levantando, também um cruzeiro de 05 metros de altura, e em cimento armado.

No Alto Santo, abrigou mais de quarenta famílias, que trabalhavam em sistema de mutirão, muito comum no Acre. Viviam do que plantavam, conseguindo assim sustentar sua comunidade.

Mestre Irineu era homem de grande carisma. Com sua calma e paciência atraía inúmeras pessoas à sua volta, que vinham atrás do curador, já popular, em Rio Branco. Encontravam um patriarca de grande coração, pronto a servir aqueles que precisassem.

Ele mesmo se autodenominava "árvore-sombra".

Com o tempo foi se tornando uma pessoa muito respeitada na região. Resolvia casos difíceis, com amor e firmeza, pois a disciplina sempre foi uma bandeira, muito importante, dentro da Doutrina do Santo Daime.

O Mestre se tornou um grande conselheiro, para aquele povo que o seguia e lhe pedia as bênçãos.

Aos poucos a doutrina foi adquirindo traços mais característicos, o hinário do Mestre, "O Cruzeiro", ficando cada vez maior, recebendo hinos contando vivências espirituais e acontecimentos diários daquela gente. Outros companheiros também começaram a receber seus próprios hinos e iam até o Mestre confirmar seus ensinamentos.

Em pouco tempo, caminhou muito dentro da doutrina, recebendo seu hinário de grande valor, começando logo a ser chamado de Padrinho Sebastião. Mas sobre este homem daremos destaque mais adiante. Agora volto ao Mestre.

Os anos se passaram e tudo cresceu com grande rapidez. A igreja já lotada, vindo gente de todo canto. Mestre Irineu levava seu trabalho com grande alegria e satisfação, mas como ele mesmo dizia, em seu hinário, já se achava fraco e cansado. E, no dia 6 de julho de 1971, nosso querido Mestre deixou seu corpo. E hoje, nas Campinas do Astral, governa esta Santa Doutrina e ainda sentimos seu amor e força tão necessários ao crescimento espiritual de seus afilhados. Tão grande foi a repercussão de sua morte, em Rio Branco, que o governador do estado decretou ponto facultativo em repartições públicas, além de oferecer veículos para o transporte do povo, para o velório e enterro. Uma multidão compareceu ao seu funeral, prestando suas últimas homenagens.

O Mestre deixava grandes saudades e um enorme sentimento de gratidão. Dali pra diante, estava nas mãos de alguns a decisão das medidas a serem tomadas com relação ao comando da Doutrina etc. O então presidente da entidade era o Sr. Leôncio, junto com uma

diretora. Havia também a viúva do Mestre, Dona Peregrina. O tempo foi que, aos poucos, acomodou as coisas no lugar. Todos tinham sua importância.

A BARQUINHA

A Barquinha foi instituída em 1.945, pelo maranhense, Daniel Pereira de Matos, o qual nasceu em 1.888 e foi grumete da Marinha.

Ao deixar a corporação, como sargento, permaneceu em Rio Branco, como barbeiro.

Na metade da década de 1.930, Daniel esteve doente do fígado e foi amparado por seu amigo e também maranhense Raimundo Irineu Serra, fundador do Santo Daime (MERCANTE, 2.015).

O autor supracitado assevera que Daniel principiou, a seguir, os trabalhos espirituais de Irineu. Após algum tempo teve uma visão revelatória de anjos que baixavam do céu, trazendo-lhe um livro. Tal visão é usada por Irineu para impulsionar Daniel a iniciar o próprio trabalho espiritual. Em 1.945, este último, ganhou um terreno dentro de um antigo seringal, no que hoje é o bairro da Vila Ivonete, e Irineu lhe abasteceu com o Daime, que é o nome dado à Ayahuasca nestas tradições.

Em 1.957, Francisca Campos do Nascimento, pouco depois do parto de sua terceira filha, buscou o auxílio de Daniel, para tentar resolver um problema de saúde. Ela possuía o corpo coberto de feridas, e os médicos não logravam diagnosticar e nem tratar o problema. Daniel



Mestre Daniel

começou a cuidar de dona Francisca, que anunciou que, se ficasse curada, consagraria sua vida à doutrina de Daniel (MERCANTE, 2.015).

Em 1.958 Daniel morreu, porém, Francisca, cumprindo sua promessa, segue até os dias de hoje dentro da Barquinha. Em 1.991 ela deixou o centro original da Barquinha e abriu sua própria igreja, o “Centro Espírita Obras de Caridade Príncipe Espadarte”. Esse príncipe é o espírito de um encanto, um ser espiritual que tem mais de uma forma: no mar ele é um peixe-espada, o “Príncipe Espadarte”; na terra, o “Soldado Guerreiro Dom Simeão”. Os encantos ou encantados são temas de cultos em todo o Norte e Nordeste do Brasil, em muitas religiões que têm influência afro e indígena (MERCANTE, 2.015). Araújo (1.999) afirma que o nome Barquinha está relacionado à figura de uma embarcação. Esse autor estudou com detalhes os significados relacionados ao nome Barquinha, para os fiéis deste grupo, focalizando mais particularmente a construção dos espaços rituais do grupo, comentando que a noção de uma barca está intensamente ligada, no imaginário destes fiéis, à missão espiritual do mestre Daniel.

Para o autor supracitado, haveria uma relação estreita entre a figura de uma barca e a própria comunidade de adeptos e, também, uma associação entre o mar e o chá da Ayahuasca. Por causa dessa associação, os seguidores deste grupo frequentemente garantem que navegam nas ondas do mar sagrado.

Goulart (2.015) assevera que termos como viagens marítimas, embarcações e naus são constantes, entre os adeptos da Barquinha, e normalmente são usados, para comentar suas experiências

CÉU E INFERNO, EM EQUILÍBRIO, NO REINO DE HOASCA.

espirituais, que envolvem o uso ritual do daime ou Ayahuasca. Ademais, as roupas usadas nas cerimônias do grupo, chamadas de fardas, se assemelham aos uniformes dos marinheiros.

Para essa autora, é possível explicar, em parte, a presença deste imaginário ligado ao mar e a marinheiros, devido ao fato de o mestre Daniel ter servido na marinha, por um período de sua vida. É fato comprovado que ele veio para o Acre, como marinheiro em uma viagem da corporação em 1.907.

A UDV – UNIÃO DO VEGETAL

A União do Vegetal teve sua origem na Floresta Amazônica, na fronteira do Brasil com a Bolívia.

José Gabriel da Costa trabalhava como seringueiro naquela região e, em 1.959, bebeu o Chá HHOASCA pela primeira vez com um senhor chamado Chico Lourenço. Pouco tempo depois, Mestre Gabriel começou a distribuir o Vegetal, inicialmente, para sua família e para outros seringueiros que trabalhavam na região. Em 22 de julho de 1.961, ainda nos seringais da Amazônia, Mestre Gabriel realizou uma sessão e anunciou a criação da União do Vegetal, dando início ao trabalho de desenvolvimento espiritual de seus discípulos, ao qual ele se dedicou até desencarnar, em setembro de 1.971.



Mestre Gabriel

“A União do Vegetal está plantada na terra” – Mestre Gabriel

A EXPANSÃO DA UDV

Em janeiro de 1.965, após a criação da União do Vegetal, nos seringais, Mestre Gabriel vai com sua família, para Porto Velho (RO). Lá, com sua esposa Raimunda Ferreira da Costa e seus filhos, deu continuidade à obra religiosa da UDV.

Novos discípulos chegaram e foi fundada então a Associação Beneficente União do Vegetal. Logo teve início a formação da estrutura interna da União do Vegetal. Mestre Gabriel criou o Quadro de Mestres e o Corpo do Conselho.

Em 1.967, o Mestre Florêncio Siqueira de Carvalho, um dos primeiros mestres formados na UDV, foi autorizado a distribuir o Chá em Manaus (AM), “De Manaus, a União do Vegetal vai circular o mundo”, disse Mestre Gabriel. A previsão do seu criador vem se concretizando.

A partir de Manaus (AM) a UDV seguiu expandindo-se no Brasil e no exterior. Posteriormente, em 1.971, foi registrado oficialmente o Centro Espírita Beneficente União do Vegetal, com sua primeira Sede Geral em Porto Velho. Em 1.982, a Sede Geral foi para Brasília (DF) e o movimento de crescimento do CEBUDV continua.

LINHA DO TEMPO

José Gabriel da Costa nasce em 10 de fevereiro de 1.922, no município de

Coração de Maria, próximo à cidade de Feira de Santana, Bahia (BA).

- Em 1.944, alista-se como “soldado da borracha”. Viaja de navio de Salvador (BA), para Belém (PA) e, de lá, segue para Porto Velho (Território Federal do Guaporé).

CÉU E INFERNO, EM EQUILÍBRIO, NO REINO DE HOASCA.

- De 1.944 a 1.946, foi seringueiro nos seringais Bom Futuro e Triunfo. De volta a Porto Velho, trabalhou com fornecimento de lenha para a Estrada de Ferro Madeira Mamoré e, depois, no Hospital São José em Porto Velho, como auxiliar de enfermagem.
- Em 1.947 conheceu Raimunda Ferreira da Costa, chamada de “Pequenina”, e com ela se casou.
- Entre 1.950 e 1.958, de Porto Velho passou a ir aos seringais com a sua família, vivendo por um período no Território de Guaporé, atual estado de Rondônia, e voltando à capital. Fez esse trajeto por algumas vezes, sem ter a oportunidade de conhecer o Chá HOASCA.
- De 1.959 a 1.964, Mestre Gabriel morou nos Seringais Guarapari e Sunta, nas margens bolivianas do rio Abunã, nas fronteiras com o Acre. Em abril de 1.959, teve seu primeiro contato com o Chá HOASCA, que era distribuído às pessoas, sem ritual ou doutrina definida. Inicia, então, seu propósito de utilizar o chá de forma benéfica e ordenada.
- Em 22 de julho de 1.961, declara criada a União do Vegetal, estando presentes sua esposa “Pequenina”, seus filhos e alguns seringueiros. Continua distribuindo o chá, já dentro de um ritual e uma doutrina.
- Em janeiro de 1.965, Mestre Gabriel e família mudaram-se para Porto Velho (RO), onde a UDV se organizou primeiramente como Associação Beneficente União do Vegetal e em 1.970, como Centro Espírita Beneficente União do Vegetal, instalando-se a sua primeira Sede na Rua Abunã.
- Em 24 de setembro de 1.971, desencarna em Brasília (DF).

CAPÍTULO 05

FUNDAMENTAÇÃO LEGAL DO USO RELIGIOSO, FORMULAÇÃO QUÍMICO-BOTÂNICA E EFEITO NO CORPO E MENTE HUMANA, DA AYAHUASCA.

Como já falamos, anteriormente, o Sagrado Chá é o resultado de uma preparação, por cocção, de duas plantas principais, o mariri (*Banisteriopsis caapi*) e a chacrona (*Psysichotrya Viridis*). Seu preparo é ritualístico e demorado, não havendo oferta, para uma demanda populacional, repentina e crescente.

O poder público, ao tomar contato com aquela nova doutrina de cunho religioso, nada encontrou de ilegal, em seus procedimentos, mas, mesmo assim, as religiões tiveram problemas, por conta do desconhecimento e do medo que os relatos causavam nos agentes públicos.

Numa ocasião o mestre José Gabriel da Costa chegou a ser preso, indevidamente, como prova da ignorância humana, em relação às coisas espirituais. O engano foi desfeito e o mestre foi liberado, não guardando rancor, com relação a esta questão, nem deixando que seus seguidores fizessem qualquer retaliação, aos que lhe prenderam.

DESENVOLVIMENTO DA PRÁTICA, NA LEGALIDADE – HISTÓRICO.

Em 1.982, por ordens do Ministério da Justiça, foi enviada, até a comunidade (então assentada no Rio do Ouro), a primeira comissão interdisciplinar com o objetivo de estudar o uso religioso do Santo Daime. Esta comissão foi presidida, pelo então comandante do 7º

BEC (Batalhão de Engenharia de Construção), coronel Guarino, com a presença de historiadores, sociólogos, psicólogos, assistentes sociais, cientistas e diversas autoridades do Estado e Universidade do Acre.

Em 1.985, com a proibição do uso do sacramento, pelo antigo DIMED, a questão veio novamente à tona. Em 1.986 foi criado o GT/Ayahuasca, presidido pelo jurista Dr. Domingos Bernardo, que visitou no mesmo ano, todas as principais entidades religiosas.

Durante esta época, participamos juntamente com as demais organizações, das articulações e encontros realizados em Brasília. Também recebemos, várias visitas, em nossas igrejas do sudeste, culminando com a ida de todo o GT/Ayahuasca ao Céu do Mapiá. Da mesma forma como em 1.982, a comunidade foi muito apreciada. Podemos constatar no relatório final da comissão a boa impressão que todos tiveram, do povo do Padrinho Sebastião. E como esta boa impressão contribuiu, para as conclusões finais do relatório, amplamente favoráveis, em conceder proteção do Estado, para o uso religioso do sacramento.

Em 1.987 a proibição da DIMED foi suspensa. Em 1.991 houve um seminário com a presença de todas as entidades religiosas e foi pactuada uma carta de princípios, que refletiu desde então os principais princípios e compromissos que ainda hoje foram utilizados na regulamentação definitiva do CONAD em 2.006.

Em 1.995, ocorreram novos questionamentos contra a nossa ainda frágil e incipiente legalidade. O Plenário do antigo CONFEN (Conselho Federal de Entorpecentes) se reuniu, mais uma vez e endossou o parecer do relator, conselheiro José Costa Sobrinho,

amplamente favorável, aos nossos argumentos. Até então, não havia ainda uma situação estável para a prática de nossa confissão religiosa. Mudanças de autoridades ou mesmo de funcionários subalternos implicavam em novas dúvidas e sobressalto para todas as igrejas. Ainda em 2.002 fomos surpreendidos com a realização de um encontro de igrejas em Rio Branco, onde nos foi apresentado um questionário, com mais de 70 perguntas. Algumas chegaram a trazer estranheza e indignação, para muitos centros. Mesmo assim, encaminhamos oficialmente a resposta, ao questionário, incluindo uma apreciação crítica sobre a metodologia apresentada. Foi apenas no final de 2.002 e início do ano de 2.003, que houve uma transição importante, com a formatação de uma nova configuração institucional: a criação do CONAD, que substituiu o antigo CONFEN. As resoluções de 2.004 e 2.005, do recém-criado CONAD, representaram um novo avanço e renunciaram a necessidade, de uma regulamentação definitiva.

Em março de 2.006 foi convocado pela SENAD-Secretaria Nacional Antidrogas, um seminário em Rio Branco, AC. Este seminário trouxe uma proposta inovadora. Cada uma das principais linhas tradicionais (Alto Santo, UDV, Barquinhas e CEFLURIS), escolheram, de forma participativa e aberta, seus representantes para comporem um grupo multidisciplinar encarregado de fazer uma proposta de regulamentação definitiva para o uso religioso do Santo Daime/Ayahuasca no Brasil. As chamadas linhas independentes também tiveram os mesmos direitos e indicaram dois representantes. O resultado deste trabalho, que durou quase todo o ano de 2.006, foi o documento Princípios Deontológicos, para o uso religioso da

Ayahuasca, que no entanto, só foi publicado no DOU - Diário Oficial da União, em janeiro de 2.010.

FUNDAMENTAÇÃO LEGAL DO USO DO CHÁ AYAHUASCA.

Atualmente, seu uso é regulamentado pelo CONAD – Conselho Nacional de Políticas sobre Drogas, através do resultado de uma estudo empreendido, por um Grupo Multidisciplinar de Trabalho, específico para a finalidade de estudar e organizar o uso religioso da Ayahuasca, que apresentou um relatório, onde se encontram regras de utilização do Chá.

O Relatório do Grupo Multidisciplinar de Trabalho (GMT), consolida, atualiza e deixa mais claras as regras, obrigações e recomendações que estavam contidas, em outros textos legais. A Resolução Nº. 1/2.010 do CONAD foi publicada na edição de 26 de janeiro, do Diário Oficial da União e sua íntegra pode ser acessada, por todos os cidadãos, que assim o desejarem.

A seguir, seguem os dez itens que integram as conclusões do GMT, que orientam o uso religioso do Sagrado Chá, em território brasileiro e que são seguidos, por todas as religiões que o consagram.

1. O chá Ayahuasca é o produto da decocção do cipó *Banisteriopsis caapi* e da folha *Psychotria viridis* e seu uso é restrito a rituais religiosos, em locais autorizados, pelas respectivas direções das entidades usuárias, vedado o seu uso, associado a substâncias psicoativas ilícitas.
2. Todo o processo de produção, armazenamento, distribuição e consumo da Ayahuasca integra o uso religioso da bebida, sendo vedada a comercialização e ou a percepção de qualquer vantagem, em espécie ou in natura, a título de pagamento, quer seja pela

produção, quer seja pelo consumo, ressaltando-se as contribuições, destinadas à manutenção e ao regular funcionamento de cada entidade, de acordo com sua tradição ou disposições estatutárias.

3. O uso responsável da Ayahuasca pressupõe que a extração das espécies vegetais sagradas integre o ritual religioso.

Cada entidade constituída deverá buscar a auto sustentabilidade, em prazo razoável, desenvolvendo seu próprio cultivo, capaz de atender suas necessidades, para se evitar a depredação das espécies florestais nativas. A extração das espécies vegetais da floresta nativa deverá observar as normas ambientais.

4. As entidades devem evitar o oferecimento de pacotes turísticos associados à propaganda dos efeitos da Ayahuasca, ressaltando os intercâmbios legítimos dos membros das entidades religiosas, com suas comunidades de referência.

5. Ressalvado o direito constitucional à informação, recomenda-se que as entidades evitem a propaganda da Ayahuasca, devendo em suas manifestações públicas orientar-se sempre, pela discrição e moderação no uso e na difusão de suas propriedades.

6. A prática do curandeirismo é proibida, pela legislação brasileira. As propriedades curativas e medicinais da Ayahuasca - que as entidades conhecem e atestam – requerem uso responsável e devem ser compreendidas do ponto de vista espiritual, evitando-se toda e qualquer propaganda, que possa induzir a opinião pública e as autoridades a equívocos.

7. Recomenda-se aos grupos que fazem uso religioso, da Ayahuasca que se constituam em organizações jurídicas, sob a condução de pessoas responsáveis com experiência no reconhecimento e cultivo

das espécies vegetais sagradas, na preparação e uso da Ayahuasca e na condução dos ritos.

8. Compete a cada entidade religiosa exercer rigoroso controle sobre o sistema de ingresso de novos adeptos, devendo proceder a entrevista dos interessados na ingestão da Ayahuasca, a fim de evitar que ela seja ministrada a pessoas com histórico de transtornos mentais, bem como a pessoas, sob o efeito de bebidas alcoólicas ou outras substâncias psicoativas.
9. Recomenda-se, ainda, manter ficha cadastral, com dados do participante e informá-lo sobre os princípios do ritual, horários, normas, incluindo a necessidade de permanência no local até o término do ritual e dos efeitos da Ayahuasca.
10. Observados os princípios deontológicos (Deontologia: conjunto de regras e princípios que regem a conduta de um determinado grupo) aqui definidos, cabe a cada entidade e a seus membros, indistintamente, no relacionamento institucional, religioso ou social que venham a manter umas com as outras, em qualquer instância, zelar pela ética e pelo respeito mútuo.

FORMULAÇÃO QUÍMICO-BOTÂNICA

O **mariri**, que na tradição ritualística, representa a Força, juntamente com a chacrona, quer representa a Luz, formam, juntos, uma corrente de poder e ensino, tal como é a função das Plantas Mestras.



Sessão transversal. do cibó mariri.



Mariri, in natura, na selva.

CÉU E INFERNO, EM EQUILÍBRIO, NO REINO DE HOASCA.

É uma raiz trepadeira, do tipo cipó, da região amazônica, sendo utilizado na como um dos componentes do Chá Ayahuasca.

O mariri pode, também, ser chamado de: jagube, ayahuasca, liana, yagé, caapi e outros, dependendo da região e da cultura que o utiliza.

O *Banisteriopsis caapi* contém os seguintes alcaloides de harmala:

- **Harina** - 0,31, na proporção de 8,43%.
- **Harmalina** - 0,03, na proporção de 0,83%.
- **Tetrahydroarina** - 0,05, na proporção de 2,94%.

Estes alcaloides da classe betacarbolinas atuam como inibidor da monoamina oxidase (IMAO), em inglês MAOI. Os IMAO permitem que o composto psicoativo primário, N, N-dimethyltryptamine, que é introduzido a partir do outro ingrediente comum na Ayahuasca, oriundo da planta *Psychotria viridis*, seja oralmente ativo.

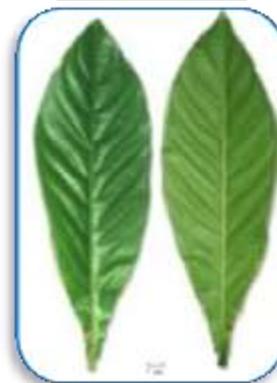
As hastes contêm 0,11 ou 0,83% de beta-carbolinas, com harmina e tetrahydroarina como os principais componentes. Os alcaloides estão presentes em todas as partes da planta.

Existem alguns tipos de mariri, tais quais: tucunacá, caupuri, quebrador, ourinho e pajezinho.

O mais difundido e utilizado é o tucunacá, sendo, também, mais suave, sob a nossa ótica,



Arbusto da chacrona.



Folhas da chacrona.

como hoasqueiro. Já o caupuri, dos alagados, tem uma graduação de força, bem intensa.

A função principal do mariri é dar proteção ao princípio ativo da chacrona, ou seja, a dimetiltriptamina. Os alcaloides, existentes no mariri, impedem que o IMAO, ataque e desintegre a substância, protegendo-a, sendo, por esse motivo que seu efeito via oral se faz presente.

O mariri, também conhecido como Marechal, protege a chacrona, também chamada de Rainha, segundo a tradição popular e oral, transmitida pelos mestres das religiões hoasqueiras. A **chacrona**, *Psysichotrya Viridis*, arbusto da família *Rubiaceae*, a mesma do café, produz a folha que, como mariri, ao ser misturada e submetida a um processo de cocção, produzem, os dois, o Sagrado Chá. Também é chamada de: rainha, chacruna, kawa e outros nomes.

Princípios ativos: O princípio ativo encontrado nas folhas é um derivado triptamínico a N, N-dimetiltriptamina (DMT) (MCKENNA et al., 1984; RIVIER & LINDGREN, 1972, apud METZNER, 2002), um alcaloide indol, muito semelhante à serotonina (5HT), tanto na estrutura molecular, como na atividade (STRASSMAN, 2001).

Callaway observou que os níveis de concentração de DMT nas folhas variavam, de acordo com o horário da colheita. Os níveis mais altos foram encontrados em folhas colhidas ao anoitecer (9,52mg/g de DMT) e na madrugada (8,97mg/g de DMT), ocorrendo uma depressão por volta das 10h (8,01mg/g de DMT) e apresentando menor quantidade, ao meio dia (5,57mg/g de DMT) (CALLAWAY apud METZNER, 2002).

CÉU E INFERNO, EM EQUILÍBRIO, NO REINO DE HOASCA.

Ocorrência: Em toda a floresta amazônica (Brasil, Peru, Colômbia, Equador, Bolívia).

Descrição: As plantas dessa família apresentam folhas completas de formato lanceolado, medindo em média 12 a 15 cm de comprimento por 4 a 5 cm de largura; de disposição oposta cruzada; nervação peninérvea, presença de bainha semi – amplexicaule e pecíolo curto, limbo simples e inteiro, liso na parte superior e presença de domácias na parte inferior (JOLY, 1991; SOUZA & LORENZI, 2005).

FORMA DE ATUAÇÃO DO SAGRADO CHÁ, NO ORGANISMO.

Na III Conferência Internacional da Ayahuasca, realizada no início de junho de 2019, em Girona (Espanha), Francisco Cid Coelho Pinto (Detentor de graduação, em Fisioterapia, pelo Centro Universitário Estácio do Ceará - FIC (2016). Mestrando em Farmacologia (2018), pelo Departamento de Fisiologia e Farmacologia da Universidade Federal do Ceará - UFC, no Laboratório de Neuropsicofarmacologia, do Núcleo de Pesquisa e Desenvolvimento de Medicamentos – NPDM).

Francisco integrou um painel, sobre Saúde Mental e Física, em que apresentou um resumo de seu trabalho de mestrado, que consiste na avaliação sobre os efeitos do Chá Ayahuasca, na depressão. Nesse mesmo painel, outros pesquisadores



Dose do Sagrado Chá, pronta para ser servida.

apresentaram resumos de trabalhos, que, também, indicam, preliminarmente, os efeitos positivos do uso do Chá Ayahuasca, em pacientes com depressão e estresse pós-traumático.

A seguir, Francisco Cid escreveu:

“Há indícios fortes de que o Chá Ayahuasca tem apresentado benefícios na saúde mental, especificamente, na melhora de quadros depressivos, avaliados em estudos pré-clínicos, clínicos e na vivência social. Por meio de uma ampla pesquisa bibliográfica, aponto os elementos constituintes do chá, o local onde os constituintes realizam suas ações e como esses efeitos agem, melhorando o quadro depressivo.

O DMT (dimetiltriptamina) é uma molécula que produzimos de forma endógena (no interior de nosso corpo), principalmente quando dormimos, em sub-regiões cerebrais, como na glândula pineal. O DMT também está presente nas folhas da Chacrona (*Psychotria viridis*), uma das plantas utilizadas no preparo do Chá Ayahuasca (a outra planta é o cipó Mariri –*Banisteriopsis caapi*). Quimicamente, o DMT possui afinidade pelos receptores chaperone Sig-1R e serotoninérgico 5-HT_{2a}, onde, acredita-se que, por meio de ligações moleculares, leva aos efeitos de mirações e visões. O receptor Sig-1R realiza também a formação de novas células neuronais, o crescimento de sinapses (transmissão do impulso nervoso de um neurônio a outro), além de aumentar a velocidade de condução dessas conexões e modular inflamações neuronais. Porém o DMT, quando ingerido, por via oral, antes de alcançar as células neuronais, é degradado por uma enzima que o inativa. Na composição do Chá Ayahuasca, há uma sinergia, entre substâncias, que possibilitam a

ação do DMT. Essa sinergia é possível em decorrência da presença das substâncias do Mariri, que inibem a degradação do DMT, sendo elas: β -carbolinas, harmina, harmalina e tetrahydroharmina. Podemos observar a importância da união dessas plantas. As β -carbolinas, além de permitir que o DMT exerça suas funções nos neurônios, aumentam de forma direta neurotransmissores responsáveis, pela alegria e pelo bem-estar, demonstrando propriedades psicoativas e atuando como estimulantes no sistema nervoso central, em neurogênese (formação de células nervosas), migração neuronal, proliferação de células-tronco e plasticidade neuronal. Consequentemente, esses efeitos auxiliam na reversão de quadros depressivos, pois a depressão atualmente pode ser vista como uma inflamação neuronal crônica, que ocasiona uma diminuição de novas conexões sinápticas (sinapses), levando a sintomas de apatia, tristeza, perda de prazer e memória. Foram observadas, em alguns estudos, a reversão da depressão utilizando o Chá Ayahuasca, em humanos e a diminuição dos sintomas de depressão símile (animais com comportamento depressivo) em roedores e primatas, e a harmina, administrada de forma isolada, reverteu a depressão símile (animais com comportamento depressivo) em roedores. “Podemos concluir que o Chá Ayahuasca é inofensivo à saúde, tendo benefícios para o cérebro e melhora na saúde mental, das pessoas que o bebem, bem como evidencia a importância da união das duas plantas, na melhora de pessoas, com depressão.”

FORMA DE ATUAÇÃO DO SAGRADO CHÁ NO CÉREBRO HUMANO

A pesquisa mais importante, na neuroquímica da Ayahuasca, tem sido realizada, ao longo da última década, na Espanha, no Hospital Universitário de Saint Paul, em Barcelona. O Dr. Jordi Riba tem estudado

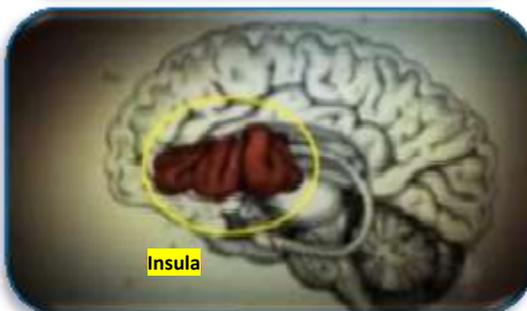
Os efeitos do “medicamento”, no corpo e na mente humana.

Diz o doutor:

“O que realmente me surpreendeu, foi que eles aparentaram, estar muito calmos. Depois de beberem a Ayahuasca, eles permaneceram sentados, com seus olhos fechados. Mais tarde, quando os entrevistei, contaram-me que tiveram revelações e visões.

Aconteceram muitos insights interessantes, sobre suas personalidades, a forma como se relacionavam, com as outras pessoas e perceberam que isto era muito útil, para as suas vidas diárias e para o seu crescimento pessoal.”

“Eles, também, tiveram acesso a memórias emocionais



de seus passados, muitas vezes traumáticos. Há algum tempo, atrás, eu costumava brincar, dizendo que a Ayahuasca permitia, às pessoas terem algo, como, um acesso aleatório à memória. Mas, hoje, já penso que não seja, tão aleatório, assim, porque o que, realmente, vem à tona são memórias que têm uma carga emocional, muito forte, não sendo, simplesmente, lembrar-se do que você comeu ontem, no jantar, mas, talvez, como tenha se sentido a respeito de um parente importante ou alguém amado, há muitos anos atrás, ou a lembrança de alguma experiência que foi, emocionalmente, relevante, para você.”

O doutor Riba e sua equipe descobriram que a Ayahuasca hiperativa o altamente desenvolvido

Neocórtex, a área do cérebro que nos faz humanos.

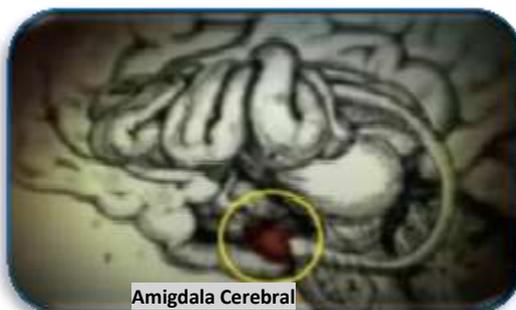
É nela aonde nós percebemos, raciocínios e tomamos decisões. A Ayahuasca, também, ativa regiões como a amígdala, que atua como armazém, para as primeiras memórias emocionais, especialmente as mais traumáticas ou significativas, como a perda de um dos pais, por exemplo. Para finalizar, a Ayahuasca a ativa a ínsula, a qual se credita a criação de uma ponte entre os nossos impulsos emocionais e a nossa capacidade de tomada de decisão.

Conclui-se, então, que seria onde a sabedoria é mediada e é a área em que estados sentimentais são gerados (**Ínsula**). De acordo com muitos neurocientistas, o nosso processo de tomada de decisão tem um poderoso componente emocional. Quando qualquer estímulo entra no cérebro, este tenta entendê-lo, baseado em experiências anteriores. No início da vida, eventos poderosos ou traumáticos criam uma impressão no cérebro, uma espécie de padrão. Um padrão é

CÉU E INFERNO, EM EQUILÍBRIO, NO REINO DE HOASCA.

como um atalho, ativados toda vez que enfrentamos uma situação similar. Por exemplo, se fomos uma vez, atacados por um cachorro, nosso cérebro pode fortalecer um conjunto daquelas vias, que associam aquele cão, com todos os demais cães, fazendo-nos temê-los, no geral. Podemos, inclusive, reagir negativamente a um latido distante.

Eventos repetidos causam padrões neurais, que reforçam estas conexões, ligando-as com proteínas e construindo-as, como uma cicatriz. Sendo



assim, que os traumas são originados, em nosso cérebro, como a Ayahuasca afeta esses padrões enraizados?

Ela hiperativa a região inteira do cérebro, onde guardamos e processamos a memória emocional, frequentemente descobrindo memórias, há muito esquecidas. Esta hiper-ativação habilita a parte consciente do novo cérebro a substituir, temporariamente, os padrões entrincheirados,

permitindo que novas conexões sejam feitas. Cachorros, por exemplo, podem não ser mais temidos, assim que estas



conexões são criadas e memórias reavaliadas. Em estudos de campo, usuários da Ayahuasca descrevem, tipicamente, terem emergido, com novas perspectivas de experiências passadas e de padrões de comportamento, profundamente enraizados.

O Doutor Josep Maria Fábregas, psicanalista, em Barcelona, fala a respeito dos efeitos de longo prazo da Ayahuasca. Ao longo de um período, de vários anos, usuários regulares foram submetidos a testes padronizados, para medir os efeitos do Chá. Entramos na segunda fase do experimento, agora que sabemos que é segura, resta-nos saber, para que a Ayahuasca serve. Para alguns problemas, ela é uma solução excelente. Com no tratamento de stress pós-traumático, para casos de abusos sexuais, em jovens e adolescentes, não sendo a psiquiatria, a solução, para muitos desses problemas, pois ela não irá mudar os sintomas, mas, com a Ayahuasca, você tem a possibilidade e a capacidade de reviver esta situação, com o mesmo sentimento e mesma dor, mas com a capacidade de mudar a situação, vendo-a com outra ótica, mais elaborada. Esta descoberta é um tesouro sem preço. Reforçando-se que a experiência é revivida em um ambiente seguro e sob controle.

Sabemos que a maior parte dos vícios se relacionam com o stress pós traumático. A Ayahuasca, torna-se, então, uma automedicação, onde o paciente pode observar a mudança, dentro de si próprio e ver como e porque funciona. Sendo o ritual com a Ayahuasca uma experiência inteiramente pessoal.

INOCUIDADE DA AYAHUASCA

Entre 1.991 e 1.993, a Universidade Federal de São Paulo (antiga Escola Paulista de Medicina), Universidade de Campinas,

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Universidade do Amazonas, Instituto Nacional de Pesquisas Amazônicas (INPA), Universidade da Califórnia, Universidade de Miami, Universidade do Novo México e Universidade de Kuopio (Finlândia), foram convidados por iniciativa da União do Vegetal, para gerenciar uma pesquisa científica, intitulada “**Farmacologia Humana da Hoasca**, chá usado em contexto ritual no Brasil”. A pesquisa foi articulada pela direção central do Centro de Estudos Médico-Científico da União do Vegetal, órgão interno da instituição, que reúne, entre seus adeptos, profissionais de áreas relevantes. Os resultados constatam que a bebida Ayahuasca é inofensiva à saúde.

A pesquisa está publicada em importantes revistas científicas como: “Psychopharmacology”, em texto assinado por J. C. Callaway (PhD), e “The Journal of Nervous and Mental Disease”, em texto de Charles S.Grobb (PhD).

Este estudo foi realizado em Manaus e envolveu nove centros universitários e instituições de pesquisa do Brasil, Estados Unidos e Finlândia, financiados pela fundação norte-americana Botanical Dimension. A pesquisa começou a ser planejada em 1.991 e aconteceu em 1.993. Consistiu em aplicar testes laboratoriais e questionários, dentro dos procedimentos científicos padrões, em usuários da Ayahuasca. Eram pessoas de faixas etárias variadas, dos meios urbano e rural, frequentadores assíduos dos cultos. Os testes foram também executados em não usuários, servindo de grupo de controle.

A avaliação psiquiátrica conduzida pelo Departamento de Psiquiatria da Universidade Federal de São Paulo, Centro de Referência da

Organização Mundial da Saúde, não encontrou entre os usuários pesquisados nenhum

caso de dependência, abuso ou perda social pelo uso da Ayahuasca,

aspectos presentes em usuários de drogas proscritas pela legislação.

As conclusões comparativas são surpreendentes. A primeira delas, confirmando a afirmação de que a bebida é inócua, do ponto de vista toxicológico: não se constatou “nenhuma diferença significativa no sistema neurosensorial, circulatório, renal, respiratório, digestivo, endócrino entre os grupos experimentadores e de controle”.

Nos testes psiquiátricos, foram aplicados os recomendados pela ortodoxia científica, o CIDI (Composite International Diagnostic Interview), com os critérios do CID 10 e DSM IIIR, e o TPQ (Tridimensional Personality Questionnaire). Constatou-se que os usuários da Ayahuasca, comparativamente aos não usuários (grupo de controle) mostraram-se mais “reflexivos, resistentes, leais, estoicos, calmos, frugais, ordeiros e persistentes”. E ainda: mais “confiantes, otimistas, despreocupados, desinibidos, dispostos e enérgicos”. Exibiram também “alegria, determinação e confiança elevada em si mesmo”. Os examinados apresentaram desempenho significativamente melhor que os do grupo de controle quanto à capacidade de lembrar as palavras, na quinta tentativa. Foram melhores também em “número de palavras lembradas, recordação tardia e recordação de palavras após interferência”.

Embora o protocolo de estudo não permitisse separar os benéficos atinentes, ao contexto religioso dos efeitos da bebida em si, esta pesquisa confirma a impressão geral, decorrente da sua utilização

milénar, da inocuidade da Ayahuasca. De fato não se conhece caso de lesões e doenças provocadas pelo seu uso “in natura”, sem adulterações ou misturas.

CONVERSA DA MEDICINA SAGRADA, COM UM DISCÍPULO, RECÉM-CHEGADO, AO PROCESSO.

Disse o Chá ao peregrino, logo após, este entrar em contato consigo:

- Se tu vens a mim como vítima, não te apoiarei, mas vou ter a coragem de andar com você, através da dor que você está vivendo.
- Vou colocar-te no fogo, te despir e sentar-te na terra. E tratá-lo com ervas, fazer-te vomitar a raiz de toda a culpa de dentro de ti.
- Depois vou soprar o teu rosto para limpar as velhas memórias, que te fazem repetir o mesmo comportamento.
- Vou te soprar os cabelos para afugentar os pensamentos que cobrem a tua visão e te beijarei a garganta, para libertar o nó que não te deixa expressar-te.
- Tocarei teu coração, para tirar o medo para que vá para longe, onde não possa mais te encontrar.
- E tocarei o teu plexo solar, para extinguir a ardência que você carrega, aí dentro e você conhecerá a paz.
- Acenderei com fogo o teu estômago, para queimar os apegos e amores que se foram e apagarei a marca dos (as) amantes que te deixaram as ânsias das crianças, que nunca nasceram.
- Pousarei as minhas mãos, em teu coração para te aquecer, para reacender o teu desejo de sentir, criar e começar de novo.
- Limparei os teus centros energéticos, para curar a porta sexual da tua alma.

CÉU E INFERNO, EM EQUILÍBRIO, NO REINO DE HOASCA.

- Arquivarei o lixo que recolhestes, tentando amar o que não queria ser amado e limparei, com segurança, toda a amargura, dentro de ti.
- Vou te soprar as mãos para destruir os laços que te impedem de criar, vou soprar os teus pés para limpar e apagar as memórias das pegadas, para que nunca possas voltar a esse lugar ruim.
- Virarei o teu corpo, assim o teu rosto beijará a terra e acariciarei a tua coluna vertebral, da raiz até o pescoço, para aumentar a tua força e te ajudar a andar com firmeza.
- Vou te deixar descansar.
- Depois disso você vai chorar, chorar, como nunca o fez, depois de chorar você vai dormir e sonharás sonhos lindos e imponentes.
- Quando acordar, estarei a tua espera e te sorrirei e você irá me devolver o sorriso. Vou te dar o alimento e comerás, com gosto, saboreando a vida, porque o que eu estou te oferecendo, hoje, me ofereceram, quando a escuridão morava dentro de mim.
- Coisas que eram importantes vão perder relevância e coisas que você não se importava irão ganhar ênfase.
- Você irá se afastar de algumas pessoas, sem brigar e você irá se aproximar de outras.
- Você será impelido a estar com seus pais (se ainda os tem), a estar com seus filhos e com seus irmãos.
- O seu relacionamento afetivo vai se organizar, de uma forma ou de outra, se existe amor, o amor sobrepor-se-á e se o amor acabou irá acontecer uma separação.

CÉU E INFERNO, EM EQUILÍBRIO, NO REINO DE HOASCA.

- Você irá parar de comprar tanta bobagem, você cuidará mais do planeta, você irá separar o lixo, você irá respeitar os animais.
- Você começará a escutar o seu próprio corpo, cuidando da alimentação, largando vícios e coisas que lhe fazem mal, como o álcool ou, eventual mente, quaisquer tipos de drogas, por exemplo.
- Você ficará mais pensativo (a) e precisará recorrer, muitas vezes à natureza!
- Você será você é esta é a melhor coisa que você irá fazer.
- Você irá respeitar todas as pessoas, mesmo aquelas das quais você se afastar.
- Você irá parar de julgar os demais, à sua volta e, em hipótese alguma, conseguirá falar mal, de qualquer irmão (ã).
- Você entenderá a diferença da religião (criada pelo homem) e espiritualidade (um pilar de nossas vidas).
- Você irá ao infinito, expandindo a Consciência!
- Isto não é uma profecia, estas mudanças já são visíveis, nas pessoas e no grupo que, de fato consagram o Sagrado Chá.

CARACTERÍSTICAS APRESENTADAS PELA AYAHUASCA, EM RELAÇÃO AOS SEUS EFEITOS NO COMUNGANTE.

- Ayahuasca não é droga, não vicia, não causa dependência física ou psicológica, nem “alucinações”.
- Ayahuasca está associada a inúmeros casos de cura de vícios, de dependência de álcool e drogas, e de recuperação da saúde.
- Ayahuasca é uma via de auto-centramento, fortalecimento da psiquê, segurança, autoestima, firmeza, otimismo e paz interior.

CÉU E INFERNO, EM EQUILÍBRIO, NO REINO DE HOASCA.

- A Ayahuasca age como um estupendo facilitador, de compreensão da existência das camadas profundas dos “impulsos de vida” e “impulsos de morte”, nos permitindo dialogar com o seu centro inteligente, e seus desdobramentos energéticos no plano espiritual, ou seja, “invisível”, mostrando e ajudando a eliminar profundas camadas psicológicas e espirituais de nosso SER, através de ações musculares de contração e relaxamento, chamadas de purificação ou limpeza.
- Ayahuasca é um caminho para o reencontro com o que temos de melhor em nós e com o Divino manifesto na Terra.

Estas afirmações, entretanto, serão inúteis se não forem fundamentadas nos fatos e comprovadas pela experiência de cada um.

ESTADOS ALTERADOS DA CONSCIÊNCIA, PELA AYAHUASCA.

A Ayahuasca é um meio de expansão da consciência, sendo que o estado de transe e êxtase é parte da prática religiosa de milhões de pessoas.

Para o espiritismo o transe é condição necessária para possibilitar a comunicação com os espíritos dos mortos; o médium, em transe, emprestaria seu corpo para que um espírito o usasse como veículo de sua manifestação.

A Ayahuasca joga rapidamente as ondas cerebrais de ALFA, para TETA, levando para uma zona da memória onde toda a vivencia irá se desenvolver, buscando e rememorando a vida interior do corpo

CÉU E INFERNO, EM EQUILÍBRIO, NO REINO DE HOASCA.

(genética e hereditária) e a vida exterior ou social da pessoa, no presente, passado e futuro, e abrindo para a paranormalidade.

MUDANÇAS INTERNAS DO ORGANISMO DURANTE O TRANSE.

A ingestão da Ayahuasca provoca uma mudança física, afetando diretamente o cérebro, cuja frequência de ondas passa do nível BETA (ativo), para o nível ALFA (relaxado, entre 8 e 12 Hz), ou TETA (profundamente relaxado, entre 5 e 8 Hz). Simultaneamente, ocorre redução do ritmo respiratório de 12-14 para 4 - 6 vezes, por minuto, redução de oxigenação, em até 20%, redução do ritmo metabólico de 25 a 30%, redução da pressão sanguínea, mudança no pH e nos níveis de bicarbonato de sódio do sangue, aumento da resistência da pele, bem como aumento da acuidade e sensibilidade da audição, da visão, e do tato. Ou a DELTA, quando atingimos o êxtase.

REAÇÕES FÍSICAS do CORPO DURANTE O TRANSE.

Difícilmente as ondas do cérebro serão alteradas, sem alterar o organismo físico como um todo. Um está ligado ao outro e, naturalmente, a alteração vai afetar todo o sistema nervoso. Sendo assim é inevitável que, também, os movimentos do esôfago e dos nossos intestinos sejam alterados, dependendo mais ou menos, do estado de ansiedade e das condições físicas em que o indivíduo, em questão, se encontra, no momento que passa pela experiência, podendo ocorrer eliminação de líquidos e substâncias aquosas, retidas em algumas das dobras profundas, dos mesmos, ocasionando um intenso bem estar, em seguida.

REAÇÕES DURANTE O TRANSE QUE OCORREM NO CÉREBRO.

Passando para o estado ALFA, o cérebro passa, naturalmente, a funcionar, com ondas mais calmas do que as do dia-a-dia, as BETAS, e tem a natural tendência de deter o fluxo dos pensamentos vagabundos, duais, que o habitam, trazendo um inegável bem estar, repassado para o corpo físico todo, tanto que mesmo a dor e as infecções tendem a diminuir durante o tempo em que a mente permanece em estado ALFA.

Quando estas mudanças celulares eletroquímicas ocorrem, o aumento da

atividade dos neurônios é inevitável, tendo a pessoa à impressão clara de

que estava dormindo e acordou de repente, remodelando as redes neurais que estavam desconexas, fazendo com que o neocórtex (pensamento e intelecto), o sistema límbico e o tálamo (sensação e emoção) e o bulbo raquiano (intuição e inconsciente) se comuniquem. Restabelecida esta conexão, costumamos sentir que “estamos salvos”, no plural.

O transe leva à paranormalidade, sendo que os tipos de paranormalidade são:

Telepatia – Faculdade onde o sensitivo mantém comunicação com outra pessoa à distância. Pode também se comunicar com espíritos, elementais ou “coisas”.

Clariaudiência – Captação hiperfísica nos ouvidos humanos, podendo ser ouvidos até sons de outras galáxias.

Clarividência ou Miração – O sensitivo consegue ver o que se passa em outros planos, como seres ou “coisas” que dele se aproximam no campo astral.

Psicomетria – Captação, pelo toque das mãos em qualquer objeto ou superfície.

Psicografia – Capacidade paranormal de “receber mensagens por escrito” de outros planos (como os Ícones cantados nos Trabalhos).

Inspiração – O sensitivo consegue captar ideias que fluem pelo espaço, dentro de uma vibração semelhante à sua.

Intuição – Manifestação vinda do Mestre Interior.

Incorporação – Manifesta-se através do movimento do corpo, podendo haver também uma manifestação simultânea de clariaudiência e/ou de clarividência.

Transfiguração – Mudança de aspecto físico.

Hiperestesia Indireta do Pensamento (HIP) – “Leitura” do pensamento

(através da linguagem corporal; capacidade de “ouvir” o pensamento à curta distância, poucos metros).

Pantomnésia – Capacidade do Inconsciente de se lembrar de tudo.

Talento do Inconsciente – Inteligência e raciocínio do Inconsciente.

EFEITOS ESPIRITUAIS DO ÊXTASE.

O êxtase, do grego “ex stasis”, significa literalmente “ficar fora”, “estar fora”, isto é, “libertar-se” da dicotomia da maior parte das atividades humanas. Êxtase é o termo exato para a intensidade de consciência

CÉU E INFERNO, EM EQUILÍBRIO, NO REINO DE HOASCA.

que ocorre no ato criativo. Não é algo irracional: é suprarracional. Une o desempenho das funções intelectuais, volitivas e emotivas, provocando instantâneas mudanças de comportamento.

O cérebro ao entrar em êxtase vai começar a funcionar em ondas celebrais TETA profundo, não raro inconsciente, sem a Ayahuasca com o chá este estado fica plenamente concentrado intensamente e consciente. Quando inconsciente e porque entrou em DELTA, que sobre efeito do chá são poucos minutos, levando a experiência da imitação da morte. O êxtase elimina a separação entre objeto e sujeito alargando as fronteiras da consciência humana, levando o sujeito à CRIATIVIDADE.

Seus efeitos são:

- Oferece a certeza, a sensação de que “nada pode nos acontecer que já não nos pertença, guardado no nosso ser mais secreto”.
- Unidade, pois o individuo sente que a separação entre ele e um objeto exterior não se faz mais presente, embora saiba, ao mesmo tempo, que, num outro nível ele e os objetos (animados e inanimados) estão separados.
- Transcendência do Tempo e do Espaço, ao experimentar a sensação de eternidade ou infinidade.
- Altruísmo (transcendência do EGO) e sentimento de Humildade, pois a pessoa está mais capacitada a ouvir seu SER interior, superando a ansiedade, a inibição, a defesa, o controle, o conflito da loucura e da morte, e isto vale dizer que o medo diminui na vida pratica.

CÉU E INFERNO, EM EQUILÍBRIO, NO REINO DE HOASCA.

- Profunda sensação Interior de positividade, despertando alegria, bem-aventurança e paz.
- Sacralidade, o respeito e admiração em relação à presença de realidades inspiradoras.
- Objetividade e realidade, dadas pelos insights, ou iluminação a nível não racional, obtida por experiência direta.
- Paradoxalidade, experiências místicas que podem ser contraditórias, como “O Eu Existe e Não Existe”.
- Persistentes Mudanças de Comportamento em relação ao EU, em relação à VIDA, em relação à própria experiência mística.
- Livre-arbítrio ampliado devido à sensação de estar ativo, de se tornar o centro criativo de suas próprias atividades e de suas próprias percepções, mais autônomo, um agente livre, desta forma ampliando os próprios horizontes e conseqüentemente o LIVRE-ARBÍTRIO.

COMENTÁRIOS SOBRE A PURIFICAÇÃO.

Purificação é o nome dado ao processo de descondicionamento de antigas couraças, musculares e psíquicas, tanto no plano físico, como no plano do corpo astral.

A purificação pode ocorrer em qualquer momento do trabalho, ela atua tanto física, quanto mental e espiritualmente, através das aberturas do corpo. É menos comum, mas a purificação pode acontecer, até alguns dias depois de se beber o Sagrado Chá.

Os xamãs a chamam “Peia”, ou “Chicote de DEUS”. Ela desbloqueia as nossas resistências físicas, há muito enraizadas nos músculos, como também a resistência interna a mudanças, ao novo.

- A purificação promove eliminação de fluídos existentes nas dobras do estômago que geram doenças.

É crença geral que no momento em que contraímos a ideia de uma doença ou de um mal, seja ele qual for, este pressentimento impregna o ar e vem em nossa direção, criando a energia geradora daquele mal, gerado nas entranhas dos intestinos. Enquanto esta energia não for expelida, a doença não para de ativar seus efeitos, atraindo coisas específicas daquela vibração para o nosso corpo.

- A Ayahuasca promove a purificação na linguagem-pensamento. Devido à fragmentação da linguagem (que provoca a desestrutura do pensamento) os pensamentos e as emoções se fragmentaram, causando grande dano mental e emocional, seja por qual razão ocorra.

Quais os efeitos desta fragmentação e como agem em longo prazo?

Agem sozinhos, nas horas menos previsíveis: parecem ter vontade própria. É o VERBO em estado caótico procurando se acomodar na nova ordem mental da mistura das letras geradas no mecanismo automático do pensamento.

- A Ayahuasca promove a purificação nas formas fragmentadas de emoções. Trata-se de formas de emoção não domesticadas, desprendidas e atraídas pela emoção e que ganham vida pela palavra. São o que figuradamente podemos chamar do lixo das palavras que sobraram no plano mental coletivo.

OUTROS EFEITOS DA AYAHUASCA:

- Diminui a depressão, religando o comungante ao Princípio Divino, gradualmente.
- Ajusta os corpos sutis, pois são sete os planos de manifestação da vida, neste planeta que nos permitem viver, num corpo físico. Os sete planos, juntos, compõem o nosso corpo astral. A religação consiste em ajustar ou religar os sete corpos sutis criando harmonia, que se manifesta, no campo físico, pela harmonia entre pensamentos, sentimentos e a linguagem ou fala.
- Ativa a memória, estimulando os neurônios. Para isso são usados cantos arcaicos, de sílabas sonorizadas, que expressam a linguagem simbólica e têm como objetivo trazer as forças da Natureza e do Cosmos para a experiência humana que, desde o começo de sua presença na Terra, insiste em restabelecer o contato com o Divino.
- O canto reconecta a Memória com o Sagrado, principalmente quando pronunciamos as sílabas dirigidas para o topo da cabeça.

Está técnica ajuda a diminuir os pensamentos “vagabundos” que povoam a nossa imaginação.

Os cantos ou ícones são usados no sentido de buscar a consciência das palavras e das estruturas linguísticas, com percepção clara do poder da linguagem formulada pelo cérebro, assim como da palavra dita em voz alta. Estudando a estrutura das palavras saberemos porque um povo age de determinada maneira e não de outra forma.

A música é capaz de ativar o fluxo de memórias acumuladas, através do “corpus callosum” - uma porção de fibras que ligam os hemisférios

CÉU E INFERNO, EM EQUILÍBRIO, NO REINO DE HOASCA.

direito e esquerdo do cérebro – ajudando ambos a trabalhar em harmonia, estimulando as endorfinas, opiáceos naturais segregados pelo hipotálamo, que produzem um sentimento de embriaguez, como o de estar apaixonado. Ajustando, desta forma, a emoção e a razão, acabamos de vez com a guerra existente entre estes dois lados da cabeça. Não há como acabarmos com as guerras exteriores e mundiais, se não acabarmos primeiro com as desavenças dentro de nosso próprio cérebro.

O SOM DO MARACÁ COMO ELEMENTO DE RESTAURAÇÃO.

Nas técnicas xamânicas usam-se os Maracás, pois eles possuem o poder de restauração da saúde, eliminando obsessões de origem astral vindas de forças estranhas ao ser



Maracá, utilizado em rituais xamânicos.

humano. Esses obsessores tanto podem ter origem em elementos da natureza, como em pensamentos das pessoas, e acabam ganhando vida própria. O resultado geral do uso da Ayahuasca pode ser descrito como a pacificação gradual da personalidade, diminuindo a ansiedade, eliminando o mau humor, e equilibrando o sistema nervoso – a razão e a emoção.

PEIAS E MIRAÇÕES – OS EFEITOS DO CHÁ, VISÍVEIS, DURANTE A EXPERIÊNCIA.

Artigo de Juarez Duarte Bomfim

Há algo comum às diferentes tradições hoasqueiras – e a vivência do hoasqueiro - que é a experiência de levar peia. Na Doutrina do Santo Daime é denominada de "peia do daime".

Oposto da “miração”, ou – na percepção de alguns - caminho quase obrigatório para alcançar a miração, a “peia” significa os possíveis efeitos “dolorosos” do Chá.

Enquanto a miração leva o indivíduo à “revelação” e ao êxtase, a “peia” (expressão usada aqui como sinônimo de surra, castigo) provoca grande mal-estar físico e psíquico. Uma definição da “peia”: “As pessoas, no desenrolar do trabalho, atravessam passagens difíceis, que podem ir desde náuseas, mal-estar generalizado, vômito, diarreia, como sensações de depressão e angustia intensas, resultantes da revivência das coisas que ela própria considerava erradas. Essa catarse pode vir também acompanhada de “mirações” onde se vê (de uma forma alegórica ou de uma vivência em outro



As mirações de uma peia variam de pessoa para pessoa, mas, em geral, guardam alguma semelhança, entre si.

CÉU E INFERNO, EM EQUILÍBRIO, NO REINO DE HOASCA.

grau de percepção) as causas espirituais dos erros, das falhas de caráter ou mesmo, das doenças físicas.”[2]

Assim define Goulart a este fenômeno:

“A ‘peia’ refere-se a uma espécie de castigo aplicado pelo Daime ao sujeito (...) o chá do Santo Daime é visto por estes religiosos como um ‘ser divino’ que possui vontade própria. A ‘peia’ pode se expressar de várias maneiras. No sentido mais imediato ela significa uma



As visualizações em nossas telas mentais ocorrem, simultaneamente às sensações físicas de limpeza.

‘surra’, em geral sentida por aquele que, durante os rituais, ingere o chá. A surra pode implicar num excesso de vômitos, numa crise de diarreia, ou então em sensações emocionais desagradáveis.”

“A ‘peia’ diz respeito a uma situação mais ampla, ligada à trajetória pessoal do indivíduo. Assim, ela pode ocorrer fora dos rituais da doutrina, aludindo a um período da vida do sujeito”. [3]

Sendo inerente a todos ou quase todos daimistas (hoasqueiros), a peia adquire múltiplos significados. Okamoto da Silva, que trata do tema em sua dissertação de mestrado, enumera várias de suas características.

Segundo ele, a peia:

1. É parte integrante e quase sempre presente, nos rituais e a qual todos estão sujeitos.
2. É um castigo ou disciplina aplicada, "pelo daime", em decorrência de uma conduta inadequada, expressa por uma "falha moral" ou desconhecimento dessa falha.
3. É consequência da desobediência às instruções recebidas "do astral".
4. Manifesta-se como um descontrole, sobre os efeitos da bebida.
5. Proporciona uma "limpeza" física, mental e emocional, sendo natural a ocorrência de vômitos e outros efeitos purgativos.
6. É vista como benéfica, no sentido de conscientizar o sujeito sobre falhas e erros cometidos e sobre as formas de corrigir essas deficiências.
7. Auxilia na interpretação e dá significado a infortúnios ou dificuldades vivenciadas, pelos adeptos em suas vidas. [4]

Para além da possibilidade do hoasqueiro levar peia, nos rituais mágico-religiosos dos quais participa, existe algo que podemos designar como uma "cultura da peia" entre certas linhas hoasqueiras. O antropólogo Edward MacRae, fazendo a etnografia de uma dessas linhas [5] hoasqueira, assim considera:

“Para os daimistas, o mundo dos espíritos é cheio de conflitos que extravasam o plano físico, onde os espíritos precisam se materializar para estabelecer alianças. Há assim uma constante interação entre o mundo espiritual e o físico. Estes dois mundos, apesar de serem duas dimensões diferentes, seriam indivisíveis no cosmos e mutuamente dependentes.”

“Os trabalhos no astral são concebidos como guerras ou batalhas contra a fraqueza, a impureza, a dúvida ou a doença.” [6]

Continuando, MacRae considera que alguns participantes, devido ao atributo de mediunidade latente ou arquétipos mentais, no decorrer das sessões travam verdadeiras “guerras” astrais, entre as “forças do bem” e do “mal”, “mal” este manifestado, através de pensamentos negativos, obsessões, surtos repentinos de paranoia etc. Estes adeptos travam difíceis batalhas contra “demônios” presentes no seu “eu inferior” ou na “corrente” (acreditando que foi trazido, por membros do grupo ali reunido), e o trabalho na sessão levará o bem a triunfar.

Assim, sendo considerada uma “guerra astral” o ato de tomar daime, ritualisticamente, não importando como seja, por exemplo, mesmo num ritual festivo de bailado, tomar daime será sempre – ou quase sempre - uma batalha, uma peia, a consequência do uso da beberagem ritualizada.

É por essas e outras que essa bebida feita do cipó e da folha já foi definida como: “Ayahuasca, da agonia ao êxtase”.

Portanto, devido ao risco da “peia” (efeitos dolorosos da ingestão da ayahuasca), são recomendados previamente que o usuário evite o

consumo de bebidas alcoólicas e outras substâncias, assim como são feitas recomendações alimentares, para os neófitos (recomendação de uma alimentação leve antes do trabalho) e recomendação de abstinência sexual, para todos. Indivíduos que apresentem sinais de doenças mentais congênitas devem evitar tomar o daime.

Túlio Cícero Viana, com sua inspirada verve, assim descreve certo episódio de peia disciplinar: “Padrinho (Sebastião) falou que tomaríamos um Daime, de dez anos de idade, feito pelo Mestre Irineu. No dia da concentração, fomos convocados juntos com outras pessoas escolhidas, pois era só um litro, daquele poderoso Daime. Sei que tomei minha dose e sentei numa cadeira, fechando os olhos para esperar a viagem. Escutei uma ventania pesada, ela vinha se aproximando. Ouvei as janelas do templo se abrindo, cachorros latindo, gatos emitindo um som raro. Pensei: “Isto é só na minha cabeça”. Abri os olhos e me assustei quando vi que realmente aquilo acontecia, do meu lado tinha um gato que sofria uns ataques esquisitos, enquanto vomitava. Tornei a fechar os olhos, percebi uma imensa legião de espíritos perdidos que provocavam todos aqueles desmandos. Antes não acreditava nestas coisas, mas diante daquela realidade, estava abismado. Eles açoitavam o templo em todas as direções, a sensação é que ele podia desabar. Mantinha-me firme grudado na cadeira. Aprontaram tanto e foram indo embora, até voltar a tranquilidade. Então uma fogueira se acendeu dentro de mim, esquentava minha cabeça, dando-me a sensação de que meu cérebro derretia. Espiritualmente enxergava meu cérebro derretido como um líquido dourado, ele escorria por caminhos infinitos espalhando cores por todos os lados. Pensei; “Estou morrendo!”.

Quando me dei conta de que ainda permanecia vivo, estava na maior sessão de vômitos, tombado na cadeira com a cabeça entre as pernas.

... até o Padrinho dar por encerrada a concentração (...) Dácio veio, me deu um abraço e me disse ao ouvido: “Hoje eu vi o Mestre Irineu (...) Ele estava muito bravo e me chicoteou com um enorme jagube”...

... “Mesmo assim, Dácio sentia-se muito orgulhoso de vê-lo, pessoalmente, lhe disciplinando”. [7] Nesse depoimento, o castigo é considerado método de disciplina. A planta maestra, "o professor dos professores", ensina também através da peia. Lembremo-nos de Jesus Cristo que, investido de um chicote de cipó, chegou expulsando os vendilhões do templo; [8] e o Apóstolo Paulo pergunta: “que quereis? Irei ter convosco, com vara ou com amor e espírito de mansidão?” [9]

E qual é a maior das peias? Os irmãos do Norte costumam dizer que a maior das peias é tomar daime e não mirar.

Referências bibliográficas deste capítulo:

[1] Juarez Duarte Bomfim é sociólogo, mestre em Administração e Doutor em Geografia Humana. Professor-Adjunto do DCHF-UEFS, na Bahia.

[2] POLARI DE ALVERGA, Alex. O livro das mirações. Uma viagem ao Santo Daime. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Record / Nova Era, 1.995, p.87-88.

[3] GOULART, S. L. As raízes culturais do Santo Daime. São Paulo: Dissertação de mestrado, defendida na FFLCH-USP, 1.996. p. 42,43 apud SILVA, Leandro Okamoto da. Marachimbé chegou foi, para

apurar - Estudo sobre o castigo simbólico, ou peia, no culto do Santo Daime - São Paulo: Dissertação de mestrado defendida na PUC-SP, 2.004, p. 93.

[4] SILVA, Leandro Okamoto da. Ibidem, p. 94.

[5] A linha daimista designada "linha do Padrinho Sebastião.

[6] MACRAE, Edward. Guiado pela lua. SP: Brasiliense, 1.992, p. 70.

[7] VIANA, Túlio Cícero. O consagrado defensor. Belo Horizonte: Littera Maciel Ltda, 1.997, p. 102-103.

[8] MATEUS 21:12; Hino nº 68, Doutrina do Cipó, de Alex Polari.

[9] I Coríntios 4: 21.

AYAHUASCA: DA RELIGIOSIDADE À MEDICINA ALTERNATIVA

Um trabalho (documentário) de: Yanca Palumo

Follow - Dec 7, 2018.

Conhecida por livrar o corpo e a alma da impureza e abrir comunicação com os antepassados e as forças naturais, a bebida tem atraído, cada vez mais pessoas.

Ayahuasca é um nome quíchua (antigo idioma dos incas) em que **aya** significa espírito ou ancestral e **huasca**, vinho ou chá. O nome também é traduzido como “cipó dos espíritos”. A bebida é o resultado da combinação do princípio ativo de duas plantas da Amazônia: o jagube e a chacrona e, apesar das mais variadas pesquisas, ainda, não é possível afirmar quando o seu uso teve origem. O primeiro registro oficial é de 1.851, feito pelo botânico Richard Spruce, que realizou um estudo detalhado da flora e fauna amazônica. Na época, ele encontrou potes e desenhos arqueológicos que levaram a acreditar que o uso do chá acontece desde 2.000 a.C. Tradicionalmente, a Ayahuasca é utilizada por diversos povos indígenas da região amazônica do Brasil, Peru e Equador.

Aqui em terras tupiniquins, ao longo do século XX, surgiram diversos grupos religiosos sincréticos, com fusão de diferentes doutrinas para a formação de uma nova, podendo ser de caráter filosófico, cultural ou religioso. Como resultado disso, houve a junção de elementos indígenas e não indígenas, como o uso das plantas e dos tambores para cura e a utilização de conceitos cristãos, por algumas vertentes, respectivamente. Atualmente existem mais de 20 grupos religiosos no país que utilizam a Ayahuasca. Por exemplo, o **Santo Daime** que

recebe kardecistas, umbandistas e até céticos e soma mais de seis mil adeptos entre o Brasil, os Estados Unidos, a Europa e o Japão. Há também a **União do Vegetal**, que começou em Rondônia, na década de 1.960 e espalhou-se pelo Brasil, pelos Estados Unidos, parte da Europa e pela Austrália e conta com mais de 18 mil seguidores. Além das religiões, a Ayahuasca também está presente no Xamanismo, um conjunto de práticas e rituais ancestrais que buscam estabelecer uma ligação com o sagrado e inclui o conhecimento profundo das ervas, o sincronismo com a natureza e a prática de danças ao som de tambores e flautas.

E afinal, o que é a Ayahuasca?

A bebida que tem atraído, cada vez mais, o interesse das pessoas é conhecida, por livrar o corpo e a alma da impureza e abrir comunicação com os antepassados e as forças naturais. O uso da Ayahuasca busca estabelecer uma ligação com outros planos de consciência, a fim de obter conhecimento, equilíbrio e conexão, com elementos da natureza ou espiritualidade. Além disso, as conexões são valorizadas e a capacidade de autoanálise e ligação com o mundo exterior também. A dirigente de uma igreja, lotada em São Paulo e que lida, diariamente, com pessoas interessadas em **consagrar**, termo utilizado para a ação de tomar o chá. “O maior índice de procura eu diria que é para autoconhecimento, e então essas pessoas conseguem se reconstruir, porque é a partir do autoconhecimento que começam as transformações”. Ela completa que atualmente observa também uma grande procura em busca da conexão com a espiritualidade. Outro comungante do Chá, de São Paulo, acredita que com os trabalhos com a Ayahuasca é possível “se conhecer mais,

entender quais são os próprios objetivos e intenções.” O depoente conta sua experiência. Os trabalhos visam facilitar a comunicação com o Divino, o Astral, Entidade ou alguma outra realidade que seja trabalhada. Os rituais com a Ayahuasca possuem divergências a partir das vertentes, por exemplo: no Xamanismo é comum que sejam feitos em locais abertos e ao redor da fogueira, enquanto no Santo Daime acontece dentro da igreja (da própria doutrina), com hinários e danças feitos em conjunto. Apesar das diferenças, é possível perceber que a música está sempre presente. A dirigente explica que a música é energia e ela atinge frequências que são necessárias no processo de cura. “Além disso, dependendo do que a música está falando, pode desencadear e ser uma chave para abrir algum processo dentro da gente”, completa.

Cuidados

Para participar dos trabalhos é necessário um preparo e as recomendações podem variar. Há locais que pedem que a pessoa interessada não consuma carne, por até duas semanas, antes do ritual, enquanto há outros que recomendam um dia de abstinência, como é o caso do Canto dos Ancestrais, como explica a dirigente do local.

Algumas orientações podem servir para se ter uma experiência melhor, enquanto outras estão voltadas às precauções de quaisquer problema de saúde, como é o caso da cocaína, que é estimulante e pode aumentar as chances de sofrer uma arritmia cardíaca, sob o efeito da Ayahuasca.

Há muitas crenças e recomendações na hora de se tomar Ayahuasca. Especialistas, alegam que “a restrição alimentar mais comum, nesses casos é com relação à carne de porco, pois a dieta purifica a mente e o corpo, para recepção de trabalhos xamânicos, como cura, caça, magia ou divinação.”

O gosto do chá é amargo e, algum tempo após tomá-lo, que varia entre 15 e 50 minutos, acontece a expansão da consciência. É nesse momento que todos os chacras se alinham (*Nota: Há discordâncias, de opinião, com relação à questão do alinhamento dos chacras, neste momento e, pela simples ação, do Chá*) e se entra no que chamam de força, que é a responsável por trazer as experiências que as pessoas buscam nos trabalhos.

Há relatos de que o chá leva a sentir todo tipo de sentimento. Mas o que mais permanece é o de compreensão, amor, firmeza e perdão, dizem alguns. Através de experiências e comportamentos é possível ver tanto o belo como o feio. Já cheguei a ver coisas da minha vida passada e lembranças de quando eu era criança falam muitos que comungam o Chá.

A Ayahuasca contribui com a capacidade de experienciar, analisar e compreender determinadas situações. Em texto publicado no **Universo Místico**, Régis Alain Barbier, médico, filósofo e presidente da Sociedade Panteísta Ayahuasca, afirma que “além de influir na intensidade e no foco das percepções, a experiência pode motivar a ressignificação dos conteúdos sendo observados.” A força que se entra durante um trabalho é resultado de um processo psicofisiológico de mudança na percepção sensorial, ocasionado pelo

aumento de neurotransmissores. As ondas cerebrais elevam-se e sente-se também um relaxamento. Neste momento, os sentidos ficam mais aguçados e o processo cognitivo se amplia. Além da força, lida-se, também, com as mirações, que são as visões espirituais que se atinge no estado de consciência expandida. Assim como as mirações podem revelar fatos do presente, passado e futuro e ora são nítidas e diretas, ora são enigmáticas, necessitando de aprofundamento e compreensão, elas também podem variar entre luzes que parecem dançar a animais de todos os tipos. De modo geral, as miragens provocadas pelo chá são extremamente difíceis de descrever em palavras e, por isso, o artista plástico Pablo Amaringo, um peruano que descendia de uma linhagem xamã, dedicou sua vida e tornou-se especialista em pintar as visões causadas pela Ayahuasca.

Ao conversar com pessoas que têm ou já tiveram contato com a Ayahuasca, o que mais se escuta é sobre a necessidade de estar ciente sobre quais são as reais intenções de participar de um trabalho. Um dos entrevistados conta que na segunda vez que participou do ritual não foi tão agradável, pois, depois de ingerir a bebida e entrar na força, começou a sentir muito medo e entrou em pânico. “Na verdade eu tomei uma surra porque eu não queria ver, eu não fui com um objetivo, eu fui de boa”, recorda-se. Ela avalia que não ocorreu a entrega total de si: “Eu acho que isso é muito importante, você ter um objetivo, o que você está buscando? E não só tomar o chá porque todo mundo toma”. Muitos concordam que, para participar de rituais é necessário estar em busca de algo. “O propósito é muito importante, porque a Ayahuasca é uma erva de cura, ela vai te curar em um sentido de espírito, de alma mesmo, não é uma erva sagrada para

você viajar.” Em muitos casos, é comum acontecer o que chamam de peia e, segundo os seguidores, está associado a processos incômodos que podem se manifestar a partir de pensamentos e sensações, incluindo visões que causam terror. Além disso, há também o processo fisiológico associado à limpeza, que comumente se manifesta por vômitos, suor e/ou diarreia. A limpeza à qual se referem está ligada à carga energética e/ou física, ou seja, essa purgação do corpo seria necessária para jogar fora impurezas e quaisquer aspectos negativos, por isso o balde ao lado do colchonete dos participantes. Por mais que a tal da peia pareça desagradável, pesquisadores comentam que, em todas as tradições de Ayahuasca da América do Sul, que se conhece, a purgação “não é compreendida como um efeito adverso indesejado.”

Por outro lado, a ciência explica que as náuseas e o vômito derivam de uma ação na área do tronco encefálico, onde está o bulbo, responsável pelo ato de vomitar. Para além dessas explicações, independente de qual aspecto é levado em consideração, quando se trata da peia, é inevitável a conclusão de que, cada corpo reage de uma maneira e, enquanto algumas pessoas não sentem efeito algum, outras podem sentir todas essas sensações citadas.

De onde vem tudo isso?

Apesar de chamarmos de “chá”, a bebida é na verdade resultado da decocção da folha da chacrona (*Psychotria viridis*), conhecida como rainha, e do cipó-mariri (*Banisteriopsis caapi*), também chamado de jagube, ou seja, é necessário o cozimento prolongado das plantas

para que o princípio ativo entre em ação. A folha é responsável pelas mirações e o cipó pela força. Além disso, há um processo ritualístico desde a colheita. O efeito da Ayahuasca é resultado principalmente da ação de uma substância chamada Dimetiltriptamina (DMT), encontrada na chacrona. Essa substância produz efeitos alucinógenos, em seres humanos, porém as folhas se consumidas isoladamente não provocam qualquer alteração, devido à rápida destruição da DMT, pela Monoamina oxidase (MAO), uma enzima que está presente naturalmente no organismo humano e que tem como função destruir as diversas monoaminas, que são substâncias químicas derivadas de aminoácidos.

É neste momento que o jagube entra em ação. O cipó possui as betacarbolinas: harmina, harmalina e tetra-hidroharmina, elas são responsáveis por agir de maneira inibidora sobre a MAO a ponto de evitar a degradação da DMT. Essa interação possibilita a absorção e penetração da substância na corrente sanguínea e é daí, que surgem as mirações e a força, pois os neurônios são afetados e uma hiperestimulação das funções cerebrais perceptivas e cognitivas acontece, desencadeando na liberação das sensações já citadas anteriormente. Pesquisadores ressaltam que um ponto importante é que já está comprovada a presença da DMT, no cérebro de mamíferos, inclusive humanos.

Apesar da dimetiltriptamina (DMT) ser naturalmente excretada, pela glândula pineal, a substância é controlada no Brasil (Portaria 344/98) e também em esfera internacional. Neste segundo caso, devido à expansão das religiões Ayahuasqueiras, em mais de 30 países, as reações políticas encontram implicações e controvérsias, ao lidar com

o tema. No Brasil, a primeira política importante relativa à Ayahuasca aconteceu em 1.985, quando a Divisão Nacional de Medicamentos (Dimed), renomeada no final da década de 90, para Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), classificou o cipó mariri como uma substância proibida. Entenda o processo de regulamentação: Perante a lei, o uso da Ayahuasca, por gestantes e crianças é permitido, pois a bebida não apresenta evidências científicas suficientes de efeitos danosos à saúde. Nestes casos, é comum que os locais ofereçam uma dose menor para esses grupos. Ainda que pareça importante ficar atento, pois o uso da Ayahuasca pode trazer efeitos colaterais, como aumento de pressão arterial e da frequência cardíaca.

Por isso uma pessoa com problemas cardíacos não deve ingeri-la. É responsabilidade do local, que realiza os rituais decidir quem está apto ou não, do ponto de vista clínico e psicológico, a tomar o chá e, para isso, os dirigentes produzem uma ficha. Procuo saber o estado de saúde, o estado emocional e qual tipo de experiência a pessoa já teve com a Ayahuasca. A partir do que ela me responde eu avalio se tem a possibilidade dela tomar. Alguns psiquiatras fazem algumas restrições. O uso da Ayahuasca por pessoas que apresentam depressão, ainda passa por conflito. Enquanto alguns médicos alegam que não são favoráveis ao consumo da bebida, por esses grupos, uma pesquisa publicada na Revista Brasileira de Psiquiatria mostra que o chá pode ser eficiente no combate à depressão. Segundo dados do estudo, 62% dos voluntários relataram diminuição dos sintomas depressivos 24 horas, após a ingestão.

Esse efeito pode estar relacionado à harmina, que age também como uma espécie de antidepressivo natural presente na Ayahuasca.

Outro estudo feito pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), ao longo de três anos e publicado na revista *Psychological Medicine*, mostra a eficiência da Ayahuasca, contra depressão.

Nele, 29 pessoas com a doença foram divididas em dois grupos: 14 receberam a Ayahuasca, enquanto outras 15 receberam placebo com sabor e cor semelhantes ao chá, além do acréscimo de sulfato de zinco para provocar um leve mal-estar gastrointestinal, para que não soubessem o que estavam recebendo.

Todos eles ficaram acomodados durante oito horas em locais, com camas, poltronas reclináveis e música suave. Do

primeiro grupo que recebeu Ayahuasca, nove dos quatorze participantes

apresentaram melhorias. No outro grupo, somente quatro dos quinze.

Neurocientistas que estudam o assunto afirmam que a mistura feita no chá de Ayahuasca é uma mistura psicoativa muito poderosa, que vai muito além do DMT. “É possível que muito dos benefícios terapêuticos que advêm do uso da Ayahuasca sejam devido justamente a essa interação”.

A investigação científica a cerca dos benefícios da Ayahuasca não param por aí. Um estudo de 2.013 da Universidade da Colúmbia Britânica mostrou que a bebida pode colaborar no tratamento do alcoolismo, tabagismo e vício em cocaína. Seguindo essa linha, uma casa de reabilitação no Acre oferece tratamento com o chá para dependentes químicos. Segundo o presidente da instituição, mais de 2,5 mil pessoas já fizeram tratamento no Centro Caminho da Luz, filiado à União do Vegetal.

Já em Rondônia, a Organização não Governamental Acuda oferece há mais de quinze anos o uso da Ayahuasca a presidiários, em regime fechado. “Na minha cabeça, é mais difícil, de se ressocializar uma pessoa na cadeia”.

O Santo Daime provoca que você entre na sua consciência. Muitos dos presos têm a visão de tudo que fizeram, é um processo muito doloroso.

“Para mim, só assim eles poderão se curar”, conta o fundador da ONG, em entrevista. Para a ciência, ainda é necessário mais investigação e aprofundamento, para que haja comprovação da eficácia do tratamento da Ayahuasca na dependência de drogas e em seu uso terapêutico.

Nos últimos anos, a demanda internacional, pela Ayahuasca cresceu de modo considerável, o que colocou o cipó em risco de extinção em algumas regiões do Peru, país que passou a receber centenas de turistas interessados em participar de rituais. Um caso que ganhou destaque foi a agência de turismo peruana Pulse Tours, que oferecia pacotes de sete, quatorze ou vinte e um dias com passeios pela selva amazônica, visitas a santuários de animais silvestres e, para completar, cerimônias de Ayahuasca.

A chamada fica em algo como “aventuras que mudam sua vida”, e os pacotes podiam custar até R\$ 10 mil. A crescente procura não acontece só no exterior, aqui no Brasil é possível garantir uma dose da bebida por R\$ 900, com apenas um clique em sites e páginas do Facebook. A banalização do ritual carrega incontáveis riscos, como o pouco ou nenhum cuidado em relação à segurança de seus usuários, que levou um estudante californiano à morte, em 2.012. Kyle Nolan, 18

anos, morreu, no Peru e, segundo as autoridades, o motivo seria uma overdose de Ayahuasca. Neste caso, é de extrema importância ressaltar que, se a bebida for preparada de forma incorreta ou misturada com outras drogas, o resultado pode ser fatal. Além disso, há também relatos de “xamãs” que assediam e estupram mulheres, durante as cerimônias. Uma depoente relata que conheceu locais em que os responsáveis davam outro tipo de bebida, para abusar de mulheres e alerta “sempre pesquisem, antes irem a grupos de Ayahuasca.”

Em contrapartida à indústria do turismo espiritual, muitas tribos temem perder o acesso legal ao chá de Ayahuasca. Em texto publicado no **Vice**, uma comungante conta sobre sua primeira vivência com o chá e alerta que é preciso ficar atento para a globalização da Ayahuasca. “Já apareceram os primeiros xamãs impostores e com eles algumas mistelas, mal preparadas que são, evidentemente, perigosas”, alerta.

A comungante afirma temer “que a Ayahuasca se converta na Disneylândia da experiência psicodélica”. Para ela, qualquer intenção desonesta, para com a planta tem o seu preço. “Porque a Ayahuasca, à sua maneira, mata-te”, lembra. Diante da caótica vida nos centros urbanos, diversas pessoas procuram maneiras de se conectar ao seu eu interior e às ancestralidades. Porém, substâncias psicoativas não são um caminho para todos, e a escolha deve ser baseada em amplo conhecimento acerca de todos os fatores envolvidos. É necessário estar consciente que a experiência com a Ayahuasca pode ser intensa e abranger conflitos internos exigindo resoluções. Também é importante estar acompanhado de um facilitador (ou guia)

CÉU E INFERN0, EM EQUILÍBRIO, NO REINO DE HOASCA.

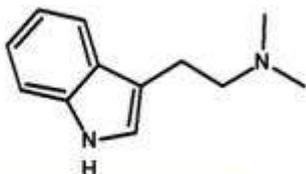
familiarizado com os processos, além disso fatores externos como onde o chá é servido e o ponto de vista cultural e espiritual influenciam na experiência.

Observação do autor: *Os nomes dos depoentes, entrevistados, foram omitidos a pedido da autora do trabalho, com o intuito de preservar as suas respectivas privacidades.*

RESUMO DA QUÍMICA ENVOLVIDA

A QUÍMICA DA AYAHUASCA

A *Ayahuasca* conhecida também por *santo-daime* é uma bebida indígena alucinógena preparada com plantas da Amazônia e consumida em rituais sagrados indígenas e de seitas como o Santo Daime, União do Vegetal e Barquinha.



N,N-dimetil-triptamina
(DMT)

PREPARO

Devido à atuação da enzima monoamino oxidase A (MAO-A) o DMT não é ativo por via oral, contudo na presença de substâncias inibidoras desta enzima, torna-se ativo.

Desta forma a *Ayahuasca* é preparada a partir da mistura de uma espécie rica em DMT, geralmente *Psychotria viridis* com plantas que contenham inibidores da MAO-A, sendo o cipó *Banisteropsis caapi* o mais utilizado para este fim.

A *Ayahuasca* geralmente é preparada por indígenas ou centros religiosos. Seu preparo é laborioso e exige muitos cuidados com relação à quantidade de DMT no chá. Para preparar a *Ayahuasca* os indígenas ou xamãs podem levar de horas até um dia. E seu consumo se dá geralmente em rituais coletivos.

COMPOSIÇÃO

O principal componente da *Ayahuasca* é o DMT (*N,N*-dimetiltryptamina), um alcaloide indólico de estrutura muito semelhante à serotonina. O DMT é o responsável pelo efeitos alucinógenos da *Ayahuasca*, atuando como agonista parcial dos receptores da serotonina.

DMT

Espécies ricas em DMT fazem parte da cultura de diversas tribos indígenas. Dentre as preparações ricas em DMT cita-se o *paricá*, um rapé indígena obtido a partir das sementes de *Anadenanthera peregrina*.

O DMT puro é muito mais ativo que a *Ayahuasca*, entretanto apresenta menor tempo de ação. Com a ingestão da *Ayahuasca* os efeitos alucinógenos podem durar de 2 até 4 horas.



Química Total

CAPÍTULO 06

UMA HISTÓRIA ENTEÓGENA - A SAGA DE SETE PERSONAGENS QUE SE ENCONTRAM, NO REINO DE HOASCA.



CHINA.



JOTA CÊ.



MARI Ô.



HOSTIE.



MADÁ.



CACÁ.

DESCRIÇÃO SUMÁRIA DOS PERSONAGENS.

China: Filho de um diplomata brasileiro, (Cônsul na China) é um viciado em drogas (Ópio), em busca de tratamento.

Jota Cê: Acreano, e conhecedor da Ayahuasca, pelo viés da UDV, muda para São Paulo, por conta da profissão, topógrafo.

Mari Ô: Arqueóloga peruana, filha de pais brasileiros, totalmente descrente nas religiões e que viaja aos EUA, para conhecer a, também arqueóloga, Hostie.

Hostie: Arqueóloga americana, que trabalha na Universidade da Califórnia e que deseja conhecer os efeitos da Ayahuasca.

Madá: Francesa, filha de pais brasileiros, mudou-se para o Peru, quando tinha dez anos. É formada em antropologia, pela Universidade de Cusco.

Cacá: Brasileira, mora em São Paulo, viciada em grau médio e envolvida com o traficante Dedo Leve. Busca na Ayahuasca a sua cura para o vício.

Dr. Pinel: Médico psiquiatra, radicado em São Paulo. Utiliza a Ayahuasca, como ferramenta terapêutica no tratamento, adjunto, de doenças mentais.



DR. PINEL.

1º. ATO - A história inicial, do Dr. Marcus Patriota (Dr. Pinel).

Era uma sexta feira, ao entardecer, quando Marcus, recebeu a visita, em seu consultório psiquiátrico, de Laura, uma paciente de alguns anos. Ela tinha um semblante sereno e realizava uma rotina semanal de visitas, ao seu médico, desde que iniciou seu tratamento experimental.

Cada visita se iniciava com o preenchimento de uma ficha de eventos ocorridos, durante intervalo de uma semana. Laura comungava o Sagrado Chá, a cada quinze dias, numa comunidade da linha da UDV, o Núcleo Samaúma, em São Paulo, já há dois anos. Completou um ano, sem uso de medicamentos e estava exultante com seu próprio progresso, dentro da experiência desenvolvida, pelo Dr. Marcus, que considerava o seu “anjo da guarda” e o chamava, carinhosamente, de “Pinel”, seu apelido de faculdade.

Laura estava ansiosa para compartilhar com o Dr. Pinel a sua última experiência com o Chá, na última sessão que participara. Segundo ela, havia sido uma experiência marcante, posto que, recordara-se de uma passagem, numa vida passada e distante, provavelmente na idade média, quando foi julgada e condenada à fogueira, pela inquisição espanhola, por pretensa prática de bruxaria.

Naquela época, ser diferente e ou pensar e falar coisas diferentes poderia chamar a atenção da Igreja de Roma e resultar numa fogueira, queimando seu próprio corpo, bastava ter alguém que a denunciasse, sem necessidade de muitas provas, apenas, um exercício de falso testemunho.

Muitos inocentes foram carbonizados, desta maneira infame, com o conluio da igreja medieval. Laura estava ofegante, ao compartilhar as suas lembranças, com o Dr. Pinel, que a escutava, atentamente. Não a interrompeu, continuou, fazendo algumas anotações, no bloco de notas da paciente.

Na história contada, ela tinha, apenas, dezessete anos e morava numa pequena cidade, próxima a Santiago de Compostela, o famoso destino, do caminho dos peregrinos saídos da França, mais precisamente, nos Pirineus e percorrido, exaustivamente, o caminho de peregrinação, pelo norte da Espanha.

Seu processo, na visão que teve, durou um ano, no qual foi torturada, para confessar o que não tinha feito. Laura não abriu mão de sua versão de inocência e, por conta disso, sofreu torturas que iam, desde chicotadas, passando pela cama esticadeira e encerrando, nas técnicas de afogamento.

Durante um ano, esta foi a rotina de sofrimento da Laura, àquela época. Segundo ela, o Chá lhe mostrou detalhes do que ocorrera e ela assistira a tudo, com estranha impassibilidade, meramente, como observadora, das cenas, em sua tela mental.

Teve tempo para refletir sobre o perdão e sobre as causas de ser submetida aquele sofrimento. Não conseguiu chegar à causa primordial, daquela situação de provação e castigo, injustos, que atingiu centenas de milhares de pessoas inocentes, apenas porque tinham outras crenças.

Após meia hora de explanação, o Dr. Marcus a interrompeu, calmamente, e perguntou:

- *Como se sente em relação a isso tudo?*

Ao que Laura respondeu:

- Muito bem. Tranquila e com cognição, pelo que eu, provavelmente, passei.

Ela, ainda, duvidava daquilo tudo e em algum ponto de sua mente, havia

“alguns gramas” de dúvidas, em relação ao que havia presenciado. Como estas visões não eram frequentes, em suas experiências com o Chá, as novidades assustaram-na um pouco.

Por isso a ansiedade, em dividir sua experiência com seu psiquiatra.

Marcus, por fim, elogiou os progressos de Laura e a chamou, para ajudá-lo nos processos de rotina da Casa do Chá Sagrado, onde, ambos, comungavam a Sagrada Bebida.

Ao ouvir o convite, Laura, abriu-se, num belo sorriso, de orelha a orelha e seu coração bateu mais forte, dentro do peito.

Era muita felicidade, para um só momento. Respirou fundo e respondeu que aceitava o convite do terapeuta.

Haveria uma sessão, naquela mesma semana, onde a visão da Laura, a respeito do processo estaria, totalmente, modificada e com outro foco de avaliação.

Ela queria ajudar outras pessoas a superarem seus problemas específicos e que as levaram a fazer parte do experimento do Dr. Pinel, na Casa de Consagração do Sagrado Chá.

Além da sessão de escala, desta semana, haveria, depois, um preparo do Chá, para uso dos membros da casa, durante o período anual seguinte.

Laura já havia participado de dois preparos e adorava a energia desse processo de elaboração do Chá.

CÉU E INFERNO, EM EQUILÍBRIO, NO REINO DE HOASCA.

Surgiu, na sua mente a lembrança de processos passados nos anos anteriores.

O preparo, em geral, durava quatro dias de trabalhos, rodando vinte e quatro horas, neste período. Fechou os olhos, por alguns segundos e as lembranças começaram a fluir na sua cabeça, como num filme sem intervalos. A colheita do cipó e da chacrona, na mata, a preparação de ambos, homens com o mariri, mulheres com a chacrona.



O mariri, sendo macerado até virar fibra, sob o efeito das marretas de madeira, batendo em ritmo, constante e pausado, com se marcasse as batidas de um coração . As folhas sendo lavadas, pelas mulheres entoando cânticos, específicos, para a ocasião e, em seguida, sendo colocadas, no caldeirão, camada a camada, antes de ir para o cozimento.



Todo este ritual era importantíssimo, para que o resultado fosse um Chá com graduação forte e equilibrada.

A questão da fomalha lhe inspirava e intrigava, ao mesmo tempo, pois o fogo a atraía, de forma inequívoca. Talvez,



CÉU E INFERNO, EM EQUILÍBRIO, NO REINO DE HOASCA.

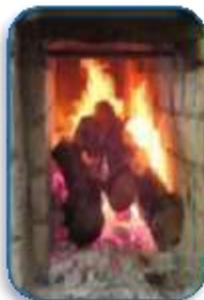
agora, soubesse a razão, por conta da visão que teve, na última sessão, que participara.

Manter o fogo, sempre aceso, durante o preparo era um desafio, para o grupo do

preparo, exigia um revezamento, entre os homens do grupo, a cada duas horas. Grande tarefa, assistida, de longe, pela Laura, sempre curiosa e fascinada com a cena, das labaredas, crepitando na madeira que se transformava em brasa e cinzas.



Croqui esquemático do SALÃO DE COMUNHÃO DA AYAHUASCA e CASA DE PREPARO, conforme a descrição da Laura quando de sua entrevista, para contribuição desta obra.



O fogo, sempre, aceso.



O Chá sendo armazenado, para descansar e ser comungado.

A casa de preparo se situava num telheiro, com chão de cimento rústico, construído pelos próprios membros da comunidade, contíguo ao Salão de Comunhão, com sessenta e quatro metros quadrados, de área total, havendo espaço para todas as tarefas preparatórias necessárias, à preparação dos caldeirões, para o cozimento das plantas e elaboração do Chá. Quando Laura chegou à comunidade

toda esta estrutura já estava pronta e vinha sendo usada há anos. Tudo, muito organizado e funcionando, plenamente. Esta organização, sempre, a impressionou e impulsionou a volta do seu equilíbrio interno, ajudando, sobremaneira, a sua cura. Ela, sempre, dizia, para si mesma, um dia eu chego perto do “fogo”. Talvez, até o final desta história, consigamos narrar esse evento libertador, através dos efeitos do Sagrado Chá. Foram quatro dias de intenso trabalho e comungando a Ayahuasca, todos os dias, dentro do preparo.

Laura, exultante, conversava com as folhas de chacrona, entre uma chamada (canção) e outra. Sempre, pedindo equilíbrio, para a sua mente conturbada, pela esquizofrenia, latente.



Chacrona e mariri, sendo preparados para o cozimento.



Arbusto da chacrona, antes da colheita das folhas.

Parece que as “conversas” acabaram dando certo, pela melhora, visível, na garota de vinte e cinco anos.

O Dr. Pinel acompanhava, de perto, o seu progresso, não obstante, tivesse muitos outros pacientes, na mesma situação. Deles, quatro optaram, pelo uso da Ayahuasca, incluindo a Laura, como forma complementar de tratamento da doença, vindo, com o passar do tempo a ser o principal vetor de cura, em todos eles. Consagrar o Sagrado

Chá passou a ser uma bênção, na vida do psiquiatra e de seus quatro pupilos. Uma jornada de Luz, Paz e Amor, para os cinco.

2º. ATO - A história inicial, de Maria Ohara (Mari Ô) e Ohana Stevens (Hostie).

Maria Ohara estava nervosa no veículo, que a levava ao aeroporto de Lima, de onde partiria para Los Angeles, na Califórnia. Evidentemente, ela estava atrasada, segundo a sua expectativa de chegar três horas, antes da decolagem da aeronave.

Esta era uma de suas características emocionais, principais, da Mari e, no final tudo, as coisas sempre davam certo, para ela, apesar do stress que causava em si mesma e nas pessoas, ao seu redor, nestas ocasiões.

O motorista do Uber, um senhor de seus setenta anos, muito experiente na arte de transportar pessoas, daqui para ali e de lá para acolá, tentava acalmá-la, dizendo sempre, que ela chegaria a tempo, para embarcar.

Não adiantava muito, mas, a Maria teve alguns poucos minutos de sossego, durante os sessenta e cinco minutos de viagem, do hotel, onde se hospedara, ao aeroporto.

Sua ida à terra do Tio Sam se devia a um convite de uma colega de profissão, que lera seus trabalhos e teses, sobre a Civilização Inca e lhe propusera uma troca de experiências mútuas, nas suas carreiras, dentro da arqueologia. Ambas estudavam os povos primitivos das Américas.

O foco de Ohana, sempre, foram as culturas americanas e da América Central, notadamente até os sítios de Yucatan, no sul do México.

As quase nove horas de viagem, que separam as duas cidades, serviriam para Mari Ô devorar, pela leitura, cerca de trezentas

páginas de anotações, sobre o trabalho da colega, com as civilizações **Toltecas**, **Maias** e **Astecas**, nos anos decorridos, em que esta, logo após atingir a graduação, da sua formação universitária, passou envolvida, em terra e po

eira, das escavações arqueológicas, daquelas culturas e civilizações.

Fascinada com o rico trabalho, em detalhes, escrito pela colega americana, Maria mal parava para beber um gole d'água, durante a leitura dinâmica que utilizava, nestes momentos.

Aos poucos, foi confirmando o que sempre desconfiara, alguma forma de comunicação avançada interligou, todos estes povos, durante as suas convivências, entre o início, o apogeu e declínio de suas civilizações, pois os princípios de crenças e tecnologias utilizadas, sempre foram muito similares. Pôde comprovar, até, a similaridades entre os americanos centrais e os americanos do sul (Incas).

Ohana pôs muito foco, também, nos aspectos religiosos das culturas estudadas, o que trouxe a curiosidade de Maria, para um ritual, em comum, específico, entre as culturas estudadas e catalogadas, a utilização das plantas de poder, notadamente, a Ayahuasca.

Pelo seu ceticismo religioso, Maria, nunca, dera importância, expressiva, a este foco, nos seus estudos sobre os Incas. Deixava, sempre, para o segundo ou terceiro plano, dos seus trabalhos, quando não ocupavam, apenas, notas de rodapé.

Com o contato, estreitado, com a sua colega americana, esta visão estava mudando um pouco e ela já considerava, colocar mais para o alto, em seus escritos, a questão do uso religioso, das plantas de poder. Porém, antes, teria que debater, muito, com Ohana a este respeito, para se situar melhor, sobre as situações de cada cultura,

especificamente, no tocante às práticas ritualísticas, com as medicinas da natureza, notadamente, as da floresta.

Ohana estava em Los Angeles, há cinco anos, onde chefiava uma das cadeiras de Ciências Naturais, da Universidade da Califórnia.

Fez a sua graduação e pós-graduação, na “*Stanford University*”, na pequena cidade de Palo Alto, próximo a San Francisco, onde passara, segundo ela, os melhores anos de sua vida, até então.

Uma indicação, depois de participar de uma conferência, a levou até Los Angeles, onde permaneceu, até os dias atuais.

Casada com Peter Mackoy, um advogado da causa indianista americana, dividia-se entre as tarefas de esposa e seus caminhos acadêmicos e profissionais, utilizando todas as forças, para equilibrar as situações familiares e profissionais, sendo esta a razão de seu sucesso, com seu companheiro e, também, entre seus pares e colegas.

Agora queria rodar o mundo e sair dos sítios locais das civilizações americanas antigas. Ohana, sempre, se impressionou com a cultura Inca, pelos seus avanços na cultura, na política, religião e poderio bélico, no auge do império andino.

Ohana, com frequência, tinha o marido, como companhia, nas suas aventuras arqueológicas. Apesar de advogado, Peter tinha, nas veias, um sangue aventureiro e seguia a esposa no seu trabalho de vasculhar o passado remoto de seu país e da cultura de seu povo de origem. Sua ascendência era Sioux (Lakota) e o credenciava como um aventureiro das planícies centrais americanas. Não negava fogo, quando o assunto era uma boa aventura arqueológica, proposta pela esposa.

Na outra ponta da história, a aeronave da **American Air Lines** já se preparava para o pouso e Maria havia adormecido, sobre o laptop, onde lia os projetos de Ohana. Foi acordada pela aeromoça, para que se preparasse, para o pouso, recolhendo a mesinha e guardando o computador. Na verdade estava sonhando, com o que havia lido. Sentia-se uma Sacerdotisa Inca, dirigindo rituais de mulheres, do seu povo.

Achou tudo, muito engraçado, já que não acreditava em nada daquilo. Um pouso tranquilo, num voo de nove horas e quinze minutos, onde nada mais deixou acontecer, além de devorar, com os olhos, o conteúdo escrito, pela colega.

Como arqueóloga, houvera tido contado com a história daqueles povos da América Central, mas, agora, a ótica era outra.

Ohana tinha uma visão mais religiosa e cultural, do que social, política e militar, que era seu foco, no caso dos estudos da civilização Inca, que desenvolvera, até aquele momento.

Depois de passar pela imigração, e chegar ao desembarque, logo foi localizada, por Peter, que acompanhara Ohana, ao aeroporto.

O advogado tinha uma excelente memória fotográfica e só de observar duas vezes a foto de Mari Ô, foi capaz reconhecê-la no portão do desembarque. Era apelidado de “olhos de águia”, desde a sua infância.

Tanto Peter, quanto Ohana falavam o espanhol, o que facilitava, bastante a comunicação e Maria dominava o inglês, não havendo dificuldade, na conversa dos três.

Dois anos conversando, via **what's app**, tornaram Maria e Ohana, íntimas e parceiras de horas conversas. Dezenas de

videoconferências e trocas de e-mails, muitas informações profissionais e pessoais fizeram das duas, confidentes, uma da outra. Agora, conhecendo-se, pessoalmente, as coisas iriam fluir com mais rapidez e profundidade. Ohana havia conseguido, na agenda da UCLA, espaço para uma exposição de Maria, para uma bancada de pesquisadores. Ela falaria, logicamente, sobre a civilização ancestral de seu país. Mari Ô planejou ficar, cerca de, trinta dias na Califórnia e tinha uma programação apertada a cumprir.

Muito trabalho de campo, conferências e palestras a assistir e a ministrar, uma proposta oficial, de cooperação, da **Universidade Nacional de San Antonio Abad Del Cusco**, com a **Universidade da Califórnia**.

A evidente alegria e felicidade estavam estampadas nas faces de ambas que se abraçaram, demoradamente, no saguão do aeroporto. O casal morava nas proximidades da Disneylândia, ao sul de Los Angeles, há 52 km, do aeroporto, distância a ser percorrida, naquele horário, em aproximadamente, uma hora, tempo mais do que suficiente, para por os detalhes em dia, já que o Peter iria dirigindo o veículo do casal.

Era a quinta viagem de Maria aos EUA, a primeira, ainda na infância, para conhecer a Disney World, agora ela conheceria a “semente” do grande parque de diversões, a Disneylândia, a três quarteirões da casa de Ohana.

As outras quatro ocorreram por conta de congressos e feiras de arqueologia, nas quais se inseria, intensamente, sobrando pouco tempo para realizar turismo.

Tendo chegado às 19:15 h, calculava que, por volta de 21:30 h, estariam na casa de Ohana.

Já havia um jantar encomendado, para a recepção da amiga, regado a um bom vinho tinto californiano. Provavelmente um Sesbastiani, da safra de 2.007.

Ao chegarem, Ohana e Maria, após colocarem as malas no quarto de hóspedes, foram direto para cozinha, enquanto Peter dirigiu-se à adega, para pegar duas garrafas do vinho mencionado.

O jantar foi muito animado e o trio sentiu, de imediato, a sintonia energética.

Ohana, como era de costume, iniciou uma conversa, sobre um assunto, que nunca houvera sido discutido, antes, entre elas.

O ceticismo religioso cultural de Maria. De cara Ohana demonstrou curiosidade sobre a Ayahuasca, tendo em vista que, já houvera experimentado o peyote, algumas vezes, junto com seus amigos indígenas, Lakotas, durante o tempo em que morou na fazenda de seus pais, em Barstow. Evidentemente, sem que os progenitores soubessem de suas experiências.



Peyote



São Pedro

Maria ruborizou, não pelo preconceito, mas pela descrença e consequente falta de conhecimento a respeito.

Peter entrou na conversa, para falar de suas experiências com o peyote e para expor o que sabia, através de seu avô, um pajé e curandeiro da Nação Lakota, em Montana.

Iniciou, então a sua exposição, sobre o que sabia do assunto.

- O peyote (*Lophophora Williamsii*) é um pequeno cacto, sem espinhos, que floresce nas regiões mais áridas do México. A planta se apresenta, rente ao solo pedregoso do deserto, na forma de cabeças arredondadas, de cor cinza esverdeada, Suas raízes mergulham, profundamente, o terreno em forma de cenouras.

Os índios mexicanos e americanos consomem o peyote fresco, ou pulverizado, neste caso, moem-no em um almofariz de pedra, após tê-lo secado, ao sol e bebem-no, com água.

Com a chegada dos conquistadores espanhóis no México, o peyote foi perseguido, pela inquisição e proibido, como obra do demônio, o que não impediu que seu uso continuasse muito difundido entre os índios mexicanos. Na verdade, a disseminação cresceu nos anos seguintes, quando foi introduzida nos EUA pelos apaches mescaleros. No século XIX, o peyote desempenhava papel central na religião de várias tribos norte-americanas, incluindo os comanches, os lakotas (Sioux), os cheyennes, os delawares e os kiowas.

Existindo, também, na América do Sul, outra variedade, deste cacto, com outra configuração morfológica, sendo chamada de São Pedro.

O princípio ativo destes cactos é a mescalina, que apesar de combatido pela igreja e pelo governo americano, décadas, atrás,

conseguiu reconhecimento jurídico e legal, através da **Igreja Nativa Americana**.

A mescalina e outros quinze alcaloides, atuam em regiões do cérebro, provocando uma série complexa de manifestações psicofisiológicas.

O interesse dos cientistas, médico e estudiosos, no geral, focou-se na mescalina, isolada no começo deste século. Esta substância foi a base de grande número de observações e pesquisas, sobretudo no domínio da psiquiatria experimental. Entre as pessoas proeminentes que se utilizaram e realizaram experiências com a substância, está Aldous Huxley, que escreveu um livro, sobre o assunto: **“As Portas da Percepção”**.

A espiritualidade indígena da América foi reconhecida, pela primeira vez no Congresso e transformada em lei, em 1.876 (Lei Dawes), pelo presidente Grant.

Contendo vários alcaloides de ações diversas, incluindo, entre outros, um excitante dos reflexos, um convulsivo e um estimulante respiratório. A planta deve seu poder, principalmente, à mescalina, embora a presença de outros alcaloides psicoativos como a loforina e a anhalonina produza efeitos mais fortes e diferentes daqueles experimentados, com a ingestão da mescalina pura.

O uso medicinal do peiote foi bastante difundido, entre médicos norte-americanos, no final do século XIX, que receitavam como tônico cardíaco e medicamento para dificuldades respiratórias. Ele também chegou a ser testado antiespasmódico e até mesmo em caso de manifestações histéricas, mas hoje em dia sua aplicação terapêutica é nula.

Estudos realizados na Universidade do estado da Califórnia, por James McCleary, revelaram que substâncias extraídas do peiote possuem propriedades antibióticas, inibindo as atividades tóxicas do *Sataphylococcus aureus*, uma bactéria resistente à penicilina.

História da legalização da medicina do peyote, nos EUA.

Em 1.918, um comitê de Oklahoma reconheceu, federalmente, os líderes espirituais nativos americanos, com a ajuda de James Mooney, na redação do Estatuto Social, que Incorporou a Igreja Nativa Americana . Esta igreja está qualificada para receber todas as proteções e direitos da Primeira Emenda, desde 1.918.

A igreja, sendo reconhecida, permitiu o uso do peyote em rituais religiosos oficializados, pelas mesmas.

Peter, como advogado de diversas organizações de defesa dos direitos dos nativos americanos, tinha conhecimento jurídico científico, das questões envolvidas e do potencial de cura das medicinas naturais, questões que não agradavam muito à indústria farmacêutica. Sabe-se que a tal indústria da cura alopática, não passa de uma perpetuadora das doenças, para que as drogas e vacinas sejam necessárias, faturando bilhões ou trilhões de dólares, anualmente, com o



Touro Sentado, chefe da Nação Lakota, algoz do general Custer, em Little Big Horn e ancestral de Peter.

sofrimento humano.

Fazer das medicinas naturais, uma ameaça fictícia, à saúde humana, através de mentiras veiculadas, na imprensa comprada, da matrix, é um dos principais caminhos utilizados, para desacreditar, tais práticas curativas ancestrais.

A maioria dos médicos, atuais, são formados, para “receitar medicamentos”, você não vai a uma consulta, sem sair com uma série de drogas alopáticas a comprar. A prevenção é praticada por poucos e raros profissionais que já abriram os olhos para esta questão.

A argumentação de Peter era muito forte e convincente, pelos anos de lutas nos tribunais e escrevendo artigos, para os jornais locais e que tratavam deste assunto.

Além do que, por tornar as pessoas conscientes de suas situações e direitos, todos os que comungam as medicinas, acabam por perceber as manipulações políticas dos poderosos e passam a lhes fazer oposição séria e sensata, não permitindo que maus políticos continuem, muito tempo, no poder.

Neste ponto, os três concordavam, com as conclusões às quais chegaram, depois de três garrafas de vinho.

Às 03:30 horas, todos estavam caindo de cansados e querendo, apenas, uma aconchegante cama, com um confortável colchão e algumas horas de sono recuperador. Mas, o assunto não houvera sido esgotado, naquela madrugada, os três voltariam à carga, sobre o tema, na primeira oportunidade, bastando, apenas, mais algumas garrafas de vinho.

Agora era chegada a hora de descansar o corpo, para poderem iniciar a movimentada agenda que as esperava, já no dia seguinte, no campus universitário da UCLA.

A ideia era visitar o campus e os laboratórios de pesquisa da universidade, além de apresentar Maria aos seus amigos pesquisadores da cadeira de arqueologia.

Na previsão de Ohana, a agenda duraria o dia inteiro.

3º. ATO - A história inicial, de Madeleine de Marseille (Madá) e André Galhego Fontana (China).

Depois de viajar, mais de 23 horas, os 17.180 km, entre Xangai e Lima, André, finalmente, chega ao seu destino. Nos últimos sete anos, morou na China, onde seu pai foi cônsul e, depois, embaixador do Brasil.

Sua vinda ao Peru era voluntária, pois buscava tratamento, para seus vícios, adquiridos, muitos anos antes, desde que chegara à China.

Embora ainda tivesse alguma lucidez, para entender o seu problema, as crises iam e vinham de volta ao seu encontro.

Seu amigo Shao indicara-lhe alguns grupos de pessoas que comungavam o Sagrado Chá, numa tentativa, quase última, de lhe tirar das sarjetas das drogas.

Shao vivenciara muitos milagres de curas, desta natureza, enquanto morava no Peru e no Brasil, participando dos rituais de Ayahuasca, de forma frequente e numa linha de organização religiosa.

Muitas das igrejas às quais frequentava tinha grupos de cura de dependentes de drogas e alcoólicos, que, em outras ocasiões e lugares, já haviam perdido as esperanças de cura efetiva. Nada que a Ayahuasca não pudesse resolver, até, com certa rapidez e efetividade, desde que o tratamento fosse levado a sério, por quem necessitava da cura.

Logo ao desembarcar, André encontrara seu guia para aquela empreitada, um motorista, amigo de Shao, que o levaria até o altiplano andino, nas bordas da Amazônia peruana. Juan era um sujeito atarracado de média estatura e com feições nativas de qualquer ângulo que fosse observado. Semblante sério, de poucos

sorrisos e palavras. Chegara, com muita antecedência, ao aeroporto, para apanhar o Sr. André, que lhe fora muito bem recomendado pelo seu amigo chinês Mr. Shao.

Sua missão era conduzir André até, Ayacucho, onde se hospedaria, antes de ir à fazenda do Sr. Trujillo, também chamado, Trueno Fuerte, um pajé e curandeiro famoso, em todo o Peru e que conduzia terapias com as plantas de poder, na cura de vícios, quase impossíveis de serem curados.

A planta mestra, principal, utilizada, em suas atividades de cura era a Ayahuasca.

Ninguém saía, em algum tempo, daquele retiro, sem estar limpo e curado, pela medicina ancestral, chamada, pelos locais, de Chá Milagroso. Era uma jornada de esperança, para André que tentara de tudo, até aquele momento, até mesmo, tirar a própria vida, enquanto morava, na China.

Passaria, cerca de, três meses, em tratamento intensivo, na propriedade do pajé curandeiro. Naquela ocasião haveria mais cinco pessoas, passando pelo mesmo processo de André, todos vindos da Europa, sendo três franceses e um casal de belgas, todos recém-chegados, naquela semana.

Trueno Fuerte, já estava acostumado com esta movimentação e com pessoas de todas as partes do mundo, em sua propriedade, procurando a luz interna da cura.

Madeleine de Marselle, depois que teve o primeiro contato com o Sagrado Chá, passou a frequentar o espaço de cura de Trueno Fuerte, que carinhosamente, passara a denominar de “**Espaço Céu e Inferno em Equilíbrio**”. O nome foi ideia de Madá, que Trueno

Fuerte aceitou, depois de muita relutância e meditação, a respeito de assunto.

Certa vez, numa de suas experiências, a francesinha vira, na sua tela mental, uma imagem, enquanto experimentava o êxtase, de uma burracheira “boa”.

A descrição foi a seguinte:

Viu-se num imenso templo abobadado, extremamente iluminado pela luz natural, que entrava, através vitrais e o seu estado era o de, apenas, uma observadora. Nos bancos do templo existia uma divisão à esquerda e à direita, onde se compunham quatro colunas, paralelas, com trinta e três fileiras, em sequência, até a sua porta de entrada.

Nas duas colunas da esquerda, ela identificou todos os anjos caídos e manifestadores do mal e das sombras e nas colunas da direita, todos os Anjos do Altíssimo e portadores da Cura e da Luz.

O ambiente estava numa profunda calma e tranquilidade e é certo que, poder-se-ia ouvir, caso uma folha de papel caísse ao chão, pela ausência total de qualquer som.

As duas legiões, tanto as sombra, quanto as de Luz olhavam, fixamente, para o Altar, onde se encontrava Madá, observando a cena, sendo esta, também, a sua postura, de total impassibilidade.

Uma sensação de êxtase final invadiu o seu chacra cardíaco, experimentando este sentimento, por alguns minutos da sua burracheira.

A visão foi tão marcadamente, forte, que jamais esqueceu quaisquer dos detalhes da cena, inusitada e improvável, aos olhos de qualquer ser humano médio.

O interessante é que não havia a menção de vitória do bem sobre o mal, apenas o equilíbrio entre as duas polaridades, que, antes eram inimigas, desafetas e contendoras eternas.

Madá queria que aquele êxtase, jamais, acabasse, mas, o efeito do Sagrado Chá, após três horas de ritual, já se enfraquecia em sua psique e a volta aos domínios do ego, era inevitável. Ficara a lembrança firme da imagem e da sensação que sentiu.

Uma das coisas que inferiu com a cena é a certeza de que, o tal templo

abobadado, onde se passara o evento observado, certamente se localizava, dentro dela mesma, em seu chacra cardíaco.

Tudo aquilo era dentro dela!

Tudo aquilo era ela mesma, numa cura maravilhosa, que se operava, em seu ser mais íntimo.

O equilíbrio de suas tensões internas era ela e, ao mesmo tempo, era o seu Ser Divino, Eu Sou.

Ao perceber esta situação se operando, dentro de si, Madá transformou-se, num só sentimento, o de gratidão.

Alguns minutos, que a fizeram compreender a razão de sua existência, neste plano de manifestação.

Como não aproveitar a ocasião, para dar o nome ao local, onde ela vira a cena, com a própria descrição do que vira, com os olhos do seu coração?

Foi o que fez. Conversou com Trueno Fuerte, sobre o assunto e o convenceu a aceitar a denominação.

Madá, a esta altura, já era uma auxiliar do pajé, como voluntária e, sempre, passava algumas semanas, do ano, na fazenda, ajudando o seu guia xamânico, com os pacientes.

Assim como nesta obra, o nome da fazenda de terapia surgiu de uma visão na burracheira de um protagonista da história.

Coisas de Hoasca!

André, na sua falta de detalhamento cognitivo, sobre o assunto, não conseguiu inferir, sobre o porquê do nome daquele lugar.

Chegou até a pensar que quem tivesse êxito no tratamento iria para algum lugar chamado Céu e, quem não lograsse a mesma sorte, acabaria no inferno. Para quem nunca comungou a Ayahuasca, era compreensível a dúvida e um pensamento desses, que mais parecia ser, totalmente,

regado a um belo vinho, elaborado de “uvas dogmáticas”, típicas do Vaticano.

Madá conheceria André, o casal de belgas e dois dos franceses, em três dias. A outra francesa, Dominique, já era uma velha conhecida e amiga de infância, de quando morou em Marselha.

Dominique entrara para o mundo das drogas, aos quatorze anos, influenciada, pelas “amizades das sombras”, companheiros (as) de seu colégio, alguns anos, depois que Madá viera para Cusco.

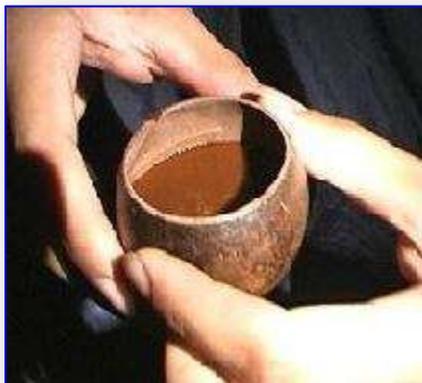
A vida as colocava, novamente, frente a frente, mas, agora, numa situação, totalmente, diferente, pois, em Marselha, era Dominique quem cuidava de Madá, agora, seria o contrário.

Passados os três dias necessários à adaptação e acomodação dos pacientes estrangeiros, ao ritmo da fazenda **“Céu e Inferno, em Equilíbrio - CIE”** iniciaram-se as atividades principais de cura.

Naquela segunda feira, haveria o primeiro ritual com a medicina, sendo ministrada a todos os pacientes, num ritual xamânico dirigido, pelo próprio **Trueno Fuerte**.

Tais rituais se repetiriam nos próximos noventa dias, todos os dias, no mesmo horário, das 18:00 às 22:00 h, numa dose de 50 ml, por vez. A dose poderia ser repetida, o mesmo ritual, desde que o paciente tivesse alguma dificuldade em atingir o estado de miração, ou burracheira, na primeira parte do ritual.

Os rituais aconteciam em um salão específico da fazenda, mais afastado da sede e dos alojamentos, nas bordas de uma região de mata de preservação, com características de selva amazônica. Em alguns momentos a floresta se mostrava intensamente silenciosa, noutros, ao contrário, era só sonoridade.



Uma pequena dose e um grande efeito.



Todos os rituais tinham um imensa fogueira no centro do salão.

Parecia que o vento e todas as espécies animais acordavam na mesma hora.

Madá estaria presente, na maioria dos rituais, pois era a facilitadora na comunicação entre Trueno Fuerte e os pacientes, já que falava, português, Francês, espanhol e inglês.

Neste primeiro evento, era muito importante, a sua presença, pois seria o primeiro contato de todos com a Ayahuasca. Muita responsabilidade, misturada com a sua fé e certeza inabaláveis, no poder da medicina, a levar todos à cura, do corpo e do espírito. Sempre presente aos rituais, estava, também, a Maria Estéfano, sua melhor amiga e que a acompanhava, nas idas à fazenda de Trueno Fuerte. Cada participante sentava-se no chão, protegido por uma esteira de palha e tinha alguns cobertores para se protegerem do frio, pois o efeito do chá abaixa o metabolismo do corpo e a sensação térmica de frio era inevitável e não só, pelas condições climáticas, do local. Depois de

mais uma explanação dos efeitos do Sagrado Chá, aos participantes e

mais recomendações de como se comportar, com respeito às possíveis reações causadas pela Sagrada Bebida, em cada um (a), o ritual estava prestes a se iniciar, pontualmente, às 18:00 h.

Dez pessoas se encontravam no salão e iriam comungar a Ayahuasca, naquele ritual de abertura, entre os quais seis pacientes, Trueno Fuerte, o condutor dos trabalhos e três auxiliares, entre eles a Madá, que se tornara o seu braço direito, neste processo.

A fogueira, no centro do salão já crepitava, há algum tempo, tendo sido acesa quinze minutos, antes do ritual de comunhão do Chá

CÉU E INFERNO, EM EQUILÍBRIO, NO REINO DE HOASCA.

começar a ser iniciado, pelo próprio pajé. As chamas consumiam a lenha, que se elevavam a uma altura de um metro do solo, esquentando o ambiente. Em algumas épocas do ano as temperaturas, na fazenda, chegavam a atingir níveis, abaixo de zero. André foi atingido, por um calafrio que lhe subiu a coluna, quando sentiu o cheiro forte da Sagrada Bebida, a lhe penetrar as narinas.

Em muitos casos os efeitos do Chá já se sentem, por quem irá comungá-la, muito antes do ritual. Parece que uma energia que vem do futuro, atua no presente, avisando ao corpo do peregrino, da situação que está prestes a experimentar.

Telepatia xamânica? Pressentimento? Mediunidade, entre o peregrino e o Chá?

A resposta não é tão fácil, de se obter, mas, desconfiamos que, como tudo está interligado, pessoas mais sensíveis são capazes de sentir, no futuro, o que irá experimentar, trazendo a sensação ao presente.

A eficácia do tratamento variava muito, de acordo com, o grau de envolvimento dos pacientes com os agentes viciantes e as suas respectivas forças de vontade. Fatores que podem ser considerados, muito íntimos, para serem generalizados pelo grupo.



**Pitando tabaco num cachimbo
Fulni ô.**



**Aplicação do Rapé, antes da
sessão de Ayahuasca, num ritual
xamânico.**

Podemos dizer, através das entrevistas iniciais, que aquele grupo era de dificuldade mediana, pois André e Dominique tinham um grau de severidade maior, juntamente com a mulher belga. Dali a trinta dias, saberíamos, com certeza, o grau de eficácia do Chá. Madá apostava na amiga e começara a se interessar pelo André, do qual não tirava os olhos e a mente. Os dois, Dominique e André teriam uma atenção especial da francesa de Marselha. Na frente de cada paciente, fora colocado um balde ou uma bacia, para a realização das limpezas que se apresentassem. Normalmente, os baldes acabavam cheios ou, no mínimo, pela metade, sendo tarefa de cada um, limpar o seu próprio recipiente, usado na limpeza. No ritual xamânico, é comum que se usem outras medicinas, antes da Ayahuasca ser servida, as mais comuns são o tabaco e o rapé. Naquela sessão, todos pitaram o tabaco orgânico, elaborado por e tiveram o rapé soprado nas narinas, por Trueno Fuerte e Madá, que se tornara uma sacerdotisa das medicinas da natureza, locais. Esta história continuará, em ouro ato, atingindo o seu clímax de narrativa.

4º. ATO - A história inicial, de Jeoshua Cruz (Jota Cê) e Carla Fioravante (Cacá).

Apaixonado pela selva amazônica, Jeoshua relutou em aceitar a proposta para um trabalho, em São Paulo, mas o dinheiro era bom e seria ótimo, para o seu currículo, mudar o foco da atuação de sua especialidade. Como topógrafo, poderia trabalhar em grandes obras da construção civil, como também no meio da mata, demarcando terras.

Chegou a São Paulo, com muitas esperanças de reforçar a sua carreira técnica e progredir na profissão. Apesar disso, imediatamente, após a sua chegada, sua primeira preocupação foi saber, aonde poderia comungar o Sagrado Chá, em terras paulistanas. Iniciou uma busca pelos centros religiosos ligados à sua linha de comunhão, a UDV.

Um deles lhe chamou a atenção pelo nome, o Núcleo Samaúma, em Araçariguama, um município do interior paulista.

Samaúma é uma árvore comum, na selva Amazônica, por conta disso, chamou-lhe a atenção.

Também havia a indicação do núcleo onde comungava em Rio Branco, atestando a seriedade do Samaúma.

Passados quatro dias de sua chegada e instalado na casa de amigos acreanos, foi, imediatamente, resolver esta questão.

Ajudado pelos amigos da casa onde se hospedara, não teve dificuldades em chegar ao local.

Apresentou-se no núcleo e preencheu uma ficha cadastro, para participar das sessões. Haveria um tempo necessário à sua

aprovação o que deixou apreensivo, pois passaria cerca de um mês, sem comungar o Sagrado Chá. Mas, haveria que ter paciência para aguardar, a hora certa, de reiniciar os trabalhos com o vegetal. Jeoshua havia trazido consigo, cerca de, um litro do Sagrado Chá, mas não o utilizava sozinho. Sempre comungava em rituais coletivos de escala de seu núcleo, em Rio Branco.

Ele ainda não era mestre e não dirigia sessões de vegetal, por conta disso, tinha muito respeito pela prática e levava a ferro e fogo as recomendações ritualísticas da UDV.

Depois de uma semana, começou os seus trabalhos de topógrafo, contratado que fora, por um consórcio de empresas responsável pela conclusão do rodoanel viário de São Paulo.

Trabalho extenuante que, às vezes, adentrava aos finais de semana. Nunca reclamou de trabalhar, por conta disso, não teve dificuldades com o novo serviço.

Sua moradia, temporária, ficava na Praça da República e a janela de seu quarto se descortinava, diretamente, para a praça.

O apartamento era uma república, onde morava, ele e mais dois amigos conterrâneos, artistas artesãos, especializados em arte indígena.

Adorava passar entre os expositores e barracas que se armavam na praça, aos finais de semana, também ajudava os amigos, vez por outra, em suas tendas de artesanato.

Num desses dias, enquanto tomava conta de uma das barracas, uma bela morena se aproximou e começou a namorar colares e brincos de cunho artesanal, expostos na barraca. Impressionado com a beleza da moça, abriu um sorriso ao atendê-la.

Era notório que rolara um clima entre os dois, pois seus corações reagiram em sístoles e diástoles descompassadas.

Jota Cê acabara de conhecer a Cacá.

Uma das manias da Cacá era se embelezar com colares e pulseiras de ori

gem artesanal. Tinha uma imensa coleção dessas bijuterias nas prateleiras do seu quarto.

Cacá ficara impressionada, com duas coisas, ao mesmo tempo, com as peças em exposição e com o atendimento gentil de Jota Cê.

Como eram peças originais vindas dos “*Yawanauás*”, povo indígena da fronteira do Acre com o Peru e com a Bolívia, Cacá necessitava de mais informações de sua procedência, o que animou Jota Cê a lhe explicar, em detalhes, a origem de cada peça.

Com o movimento fraco, àquela hora, eles puderam conversar à vontade, durante uns vinte minutos, tempo suficiente, para as explicações sobre as peças e para que se desse um processo de “química atrativa”, entre os dois jovens.

Após escolher e comprar algumas peças em exposição, ambos trocaram seus celulares, pois a conversa fora além dos objetos vendidos na barraca e entrara no campo da curiosidade da Cacá, que era insaciável.

Ela queria conhecer mais a respeito da cultura dos povos da floresta e vira no Jota Cê, além de outros atributos, esta possibilidade.

Marcaram de se encontrar no domingo à tarde, em um dos shoppings de São Paulo. Tomariam um café e conversariam sobre os assuntos que motivaram o interesse de ambos, um no outro.

O próprio Jota Cê não entendera muito bem o que ocorrera, pois a sua timidez, jamais deixaria uma coisa, como aquela acontecer. O forte fluxo energético entre os dois romperam as barreiras que o seguraram, por anos de sua adolescência.

Mas como diz a citação “*alea jacta est*” que pode ser traduzida por: “*a sorte foi lançada*”, supostamente dita por Júlio César, ao atravessar o Rio

Rubicão, antes de provocar a guerra civil e se tornar imperador de Roma.

Não que Jota Cê se achasse um Júlio César, mas *a sua sorte, naquele encontro, fora lançada!*

Avisou a seus amigos que não trabalharia na feirinha, no dia seguinte, por conta do seu encontro com Cacá, naquele domingo, à tarde.

Cacá saíra muito empolgada, com as suas compras e com o contato com Jota Cê. Sua vida estava encrocada com o Dedo Leve, já fazia algum tempo e queria dar um ponto final nesta história, no entanto sabia que não seria fácil, por conta do temperamento do traficante.

Sua empolgação fez com que não se importasse muito, com este detalhe, naquele momento. Pensaria em algo, depois, o importante era viver aquele momento. A sensação que sentia era a de ver uma luz no final do túnel, embora não soubesse o porquê, daquilo que sentia.

O fato era que já se iniciara um processo de autodestruição depressiva, dentro de si própria, por conta da vida que estava levando regada a drogas e álcool, além do envolvimento com o

traficante e alguma coisa precisava ser feito. Esta luz ela viu naquela barraca de artesanato e foi percebida, pela sua intuição aguçada.

Coisa estranha ela estava sentindo, um misto de alegria e apreensão. Alegria por ter percebido a luz, naquele breve momento na praça e apreensão, pelo peso da sombra que carregava.

Voltou para casa e, logo, pôs-se a experimentar todas as peças que comprara e a fotografá-las, postando, tudo, nas redes sociais, como era de seu costume.

Adicionou Jota Cê nas suas redes sociais e lhes enviou as fotos. Arrependeu-se de não ter ficado mais tempo, conversando com o rapaz.

Mas, não havia nada a reclamar, pois encontrar-se-ia com ele, no dia seguinte e completaria o que não foi completado, no primeiro encontro.

Naquela noite, deu um “perdido” no Dedo Leve, dizendo que não estava passando bem e não o encontrou. Precisava pensar muito bem, no que iria fazer, com relação a esta situação, pois a perspectiva seria de um rompimento tumultuado e arriscado.

Algo mudara na sua energia, pois em pleno sábado à noite ficaria em casa, ninguém na sua casa entendeu muito bem o que estava acontecendo.

Cacá morava em uma casa espaçosa, na zona oeste da cidade, com um grande jardim, com árvores, na lateral e nos fundos do terreno. Havia um quiosque com colunas de madeira e cobertura de palha trançada onde ela costumava sentar, em um dos bancos e fumar o seu “baseado diário”, fazia isso, sempre à noite e isolada, para não

afrontar seus pais, que raramente apareciam por lá. Isso lhe dava sossego para realizar as suas viagens psicodélicas.

As drogas mais pesadas ela só consumia, nas casas das companheiras do tráfico e na companhia de Dedo Leve, nas raves que, eventualmente, frequentava com o bandido.

Naquela noite, queria paz e sossego, ficando sozinha, com uma linda lua cheia acima de sua cabeça. Ninguém em casa, pois seus pais haviam descido para o litoral, sendo uma ocasião única para se deixar levar, numa onda de possibilidades, em seus planejamentos de ação, intrincados e sempre complexos.

Seus pensamentos voltavam, sempre, para a barraca de artesanato da praça e no vendedor Jota Cê. Nem ela entendia o porquê disso tudo, mas, como a sua intuição, sempre, enxergou longe, ela tinha certeza de que algo ocorreria, proximamente, só não sabia, exatamente, o quê.

Falou para si mesma: "*sossegue mocinha, será o que tiver que ser*"!

Terminou de fumar o baseado e deitou no chão de madeira do quiosque para observar melhor a grande lua amarelada, totalmente cheia, que surgia no horizonte, visível, de São Paulo.

A lua cheia, na astrologia, é uma lua em oposição ao sol, logo, as emoções estão em oposição às regras estabelecidas, por isso é a lua da manifestação dos lobisomens. Um prato cheio, para realizar seus planejamentos revolucionários.

Enquanto isso, Jota Cê, no centro da cidade, encontrava-se com um conhecido que já era membro do Núcleo Samaúma. A ideia era conhecer o máximo do novo núcleo, através de alguém de confiança e já conhecido de velhos tempos em Humaitá.

Pedro, seu amigo, já morava em São Paulo há cinco anos e há quatro frequentava o Samaúma e tinha excelentes recomendações pessoais, sobre o local. Participou de vários preparos do Chá e, hoje, comunga a própria bebida que ajudou a preparar. Esta observação é importante de se ter, pois quando você participa de todo o processo desde a colheita do cipó e da folha, até o preparo final da bebida, o Chá fica equilibrado, para as suas necessidades.

Melhor, ainda, se você plantou o cipó e o arbusto, naquele canteiro de mariri e de chacrona, pois colherás aquilo que plantastes.

Jota Cê sabia de tudo isso, pelos anos de comunhão na UDV de Rio Branco, mas não custava ouvir o amigo, atentamente, como prova de boa vontade, gratidão e humildade.

Ficou muito animado como teor da conversa e foi dando corda ao Pedro, para extrair o máximo possível da experiência dele. As regras na UDV são muito rígidas e tudo deve ser realizado, dentro das suas normas internas e das leis vigentes no país, por isso mesmo, a organização religiosa cresceu, dentro da disciplina da ética cósmica, muito mais severa que a ética humana. Jota Cê gostava disso, posto que, faltava-lhe, na formação familiar, esta noção tão importante.

Estava ansioso para participar de sua primeira sessão de escala no Samaúma que seria dali a uma semana, como de rotina, no sábado à noite.

Cacá adormeceu no quiosque e acordou às três da manhã, sentindo um intenso frio. Levantou-se, acendeu mais um cigarro e foi pro seu quarto, depois de tomar um banho quente e caiu na cama, adormecendo, quase, automaticamente.

Sonhou coisas estranhas, mas que não lhe trouxeram medo. Saia do corpo e se via, enquanto dormia, só que dessa vez era como se tivesse morrido e assistia a desintegração daquele que houvera sido a sua ferramenta de manifestação, em seus 31 anos de vida. Achou que seria mais um sonho de morte que costumava ter, mas, desta vez era muito real, sentiu na pele a desintegração da matéria e a sensação era de liberdade total. Como se aquele corpo que se ia, não lhe servisse mais, tendo chegado a hora de devolvê-lo à fonte material que o criara.

Quando acordou, teve um ímpeto de se beliscar, para saber se estava, mesmo, viva, mas estava bem e se sentindo mais leve, do que nos dias anteriores.

Tomou seu café matinal e foi aproveitar o sol, no jardim, comemorando a vida, depois sonhar que morreria.

Jota Cê, por sua vez, acordou depois de uma noite bem dormida e desceu até o boteco do Joaquim, para tomar seu café da manhã, como fazia, praticamente, todos os dias.

Um pingado e um ovo frito, no pão francês, era a sua refeição, para começar o dia.

Ajudou seus amigos a montarem a barraca de artesanato, na praça, pela da manhã, pois à tarde encontraria a Cacá em um shopping, na Avenida Paulista.

Por volta das 14:45 horas, Jota Cê chega ao local mercado, com alguma antecedência, como sempre fazia quando marcava um compromisso ou reunião. Pontualidade era um hábito para ele.

Cacá atrasou, cerca de, quinze minutos, mas avisou a Jota Cê, pelo *what's app* e chegou desculpando-se, “pelos cotovelos”, sem

necessidade, pois apesar de pontual, Jota Cê desculpava os atrasos dos outros.

Foram necessários cinco minutos para que Cacá se acalmasse da pressa, com a qual chegou, por conta de seu atraso.

De início, pediram dois cappuccinos, acompanhados de bolo de cenoura com chocolate.

Acostumado com Humaitá e Rio Branco, Jota Cê, ainda, se deslumbrava com o que ele encontrou em São Paulo e com a dinâmica de uma das maiores cidades do planeta.

A conversa se iniciou com as perguntas de Cacá sobre as etnias indígenas da Amazônia. O Gosto pela arte indígena, também, impulsionava a sua curiosidade, pelo que a motivava.

Jota Cê respondia cada pergunta, da moça, com requintes de detalhes, logicamente, dentro dos limites de suas possibilidades.

Em algum momento a conversa se direcionou para as crenças religiosas dos habitantes da floresta e Jota Cê mencionou alguma coisa sobre a Ayahuasca, o que despertou a antena de curiosidade da Cacá.

Parecia que estava tudo sincronizado.

Inicialmente, Cacá se referiu à bebida como um alucinógeno, utilizado pelos índios, em cerimônias nas aldeias, ao que foi corrigida por Jota Cê, dizendo tratar-se de uma bebida enteógena, cujo significado é: "**manifestação interior do divino**".

Cacá ficou surpresa com a correção, mesmo não sabendo muito, a respeito daquele assunto e a sua curiosidade aumento, significativamente, depois da explicação de Jota Cê.

A partir daí, a conversa tomou esta direção e se aprofundou, com Jota Cê, dando uma pequena aula sobre o Sagrado Chá.

Jota Cê já tinha estudado, cientificamente, como a bebida agia em nossos organismos e em nossas mentes, de forma exaustiva, como topógrafo, gostava de por tudo nos seus devidos lugares, delimitando fronteiras e consequências, causa e efeitos das coisas manifestadas.

Explicou-lhe da ação inibidora do Chá, com relação à continuidade dos vícios mais comuns: álcool e drogas sintéticas, que, naquele momento faziam parte da vida de Cacá.

Com as explicações e respostas às suas perguntas, Cacá começou a vislumbrar o porquê de ter visto, na sua intuição, a “luz no final do túnel”, no dia anterior, quando conhecera Jota Cê.

Sem saber direito, ainda, do que se tratava, mencionou a sua vontade de conhecer a Ayahuasca.

Esta indicação de Cacá deixou Jota Cê entusiasmado, em ajudá-la, à medida em se deu conta, dos problemas que a nova amiga trazia consigo, como bagagem a ser liberada, assim que possível.

Agora ele teria que viabilizar não só, a sua continuidade na comunhão do Sagrado Chá, como também a introdução da sua nova amiga, no processo de ritual e de cura.

Cacá lhe contou seu problema com as drogas e com o álcool, além das dificuldades que teria em sair das redes do traficante Dedo Leve.

Com tranquilidade, Jota Cê lhe falou que deviam resolver uma coisa de cada vez. Primeiro ela deveria se fortalecer, curando-se do que se poderia chamar de vício e, depois disso, pensar em como se afastar de Dedo Leve e sua turma de bandidos.

Uma relação de forte amizade começava a nascer, entre Jota Cê e Cacá, que duraria, enquanto vivessem. A conversa entre os dois durou várias horas, até quase o fechamento do shopping.

Na saída, Cacá ofereceu uma carona ao amigo, que aceitou, por conta do horário. Um abraço demorado marcou a despedida dos dois, na região da praça, onde se localizava o prédio, onde Jota Cê estava hospedado. Ficaram de se encontrar no dia da sessão de escala, do Núcleo Samaúma, onde Cacá deveria conhecer os mistérios do Vegetal, numa sessão de adventícios.

Havia, ainda que resolver a sua questão com Dedo Leve e seu bando, sabendo, desde já, que não seria fácil, a tal tarefa.

Pensaria numa forma de fazer tudo isso dar certo, sem mais sequelas, para todos, se possível.

Comentou, apenas, por alto, tal situação com Jota Cê, pois não queria envolvê-lo, nesta questão intrincada e complexa.

Nem de longe, comentou que poderia correr risco de vida, caso alguma coisa desse errado ou saísse de controle.

Resolvera esperar a experiência da Ayahuasca, no final de semana seguinte, para dar início à sua ação de afastamento das sombras, com as quais estivera se relacionando, até então. Muita coisa para equacionar e processar, novidades para introduzir na sua vida cotidiana, planejamentos a serem postos em movimento, mas, tudo estava, ainda, muito no começo. Percebeu, num relance, que, também, havia mais alguns sentimentos em jogo e achava que poderia estar interessada, no Jota Cê. No entanto, não queria colocar o carro na frente dos bois.

Deveria aguardar mais alguns dias, para resolver interagir com esta questão.

Chegou em casa, fumou um cigarro, tomou um banho e deitou na cama, adormecendo. Que venham novos sonhos, como os que tive ontem. Pensou em tudo o que conversara com Jota Cê e dormiu.

No dia seguinte, não se lembrou dos sonhos, mas acordou muito mais leve, do que costumeiramente, acordava.

Pulou da cama, pois tinha hora marcada, em seu consultório, com uma paciente nova.

5º. ATO – Aprofundando a experiência do Dr. Marcus Patriota (Dr. Pinel) e seus pacientes. Seu primeiro contato com Jota Cê e com Cacá.

Naquela semana haveria uma sessão de escala, no Samaúma e a Laura iniciaria seus trabalhos como auxiliar do núcleo. Esta expectativa a deixou ansiosa, durante toda a semana. Só pensava nisso.

Na quinta feira, como de costume, adentrou ao consultório do Dr. Pinel e já começou a falar, sem parar. As palavras saiam de sua boca, meio desconexas, como que nascidas, já, sem direção.

O doutor sentiu a situação da paciente e lhe propôs uma breve meditação, antes de começarem a falar. O exercício começava com respirações profundas e pausadas, por alguns minutos. Colocou uma música, a meio tom, na frequência 432 MHz e comandou o exercício, até que a Laura acalmou-se, internamente.

Terminado o exercício meditatório, o Dr. Pinel perguntou-lhe como se sentia, ao que respondeu:

- "Acalmei, mas, ainda estou ansiosa, com as obrigações que assumirei no núcleo".

Neste ponto da conversa o psiquiatra abriu-lhe um sorriso e lhe disse: -"Tudo o que fará, no núcleo, é muito simples e para as tarefas que requeiram alguma ordem prescritiva, haverá um treinamento específico, para você. Sossegue." Já mais calma, começaram a conversar, em consulta, como sempre.

Laura era filha única de um casal de mais idade que não sabia como tratá-la, por conta dos surtos esquizofrênicos, que se iniciaram aos

dezessete anos de idade. Nesta fase da vida, nos picos da doença, começou a fugir de casa e a passar dias sem paradeiro, na última crise mais profunda e intensa, foi encontrada na Estação da Luz, vestindo um velho paletó do pai e deitada no chão, sobre algumas peças de papelão. Neste dia, específico, fazia um frio de nove graus. Neste ponto de sua vida, seus pais resolveram procurar cuidados médicos, para a adolescente e, na busca encontraram o Dr. Patriota. Sorte de todos, encontrar o médico certo, num momento de crise, como a que Laura atravessava.

O tratamento inicial teria que ser de impacto, devido à profunda crise na qual a moça se encontrava. Ficou internada, um mês, numa clínica psiquiátrica, até que a normalidade se reestabelecesse, mas, sempre, com acompanhamento, sistemático, da equipe de enfermeiras.

Durante um ano, teve um tratamento tradicional, recomendado, pela medicina moderna ocidental.

Após este período, o Dr. Pinel iniciou, com pequenas dosagens, o tratamento com o Chá, sempre, de forma acompanhada, metodológica e laboratorial.

A dedicação do médico fez do processo um sucesso. Pinel acompanhara outras experiências terapêuticas, com colegas mais antigos e experientes, nesta senda de tratamento.

Nenhuma delas dera errado, havendo, sempre, melhoras expressivas, nos resultados comportamentais dos pacientes.

Tudo isso lhe fez adquirir confiança no novo método e o motivou a aplicar a técnica na maioria das pessoas que o procurava, com problemas desta ordem. Evidentemente que, com autorização e apoio dos respectivos pais e responsáveis. Após setenta minutos de

conversas a Laura estava mais calma e confiante nos resultados da nova missão que empreenderia no núcleo. Não seria mais, apenas, uma simples pessoa a comungar o Chá, mas, também, seria convidada a participar das decisões internas do grupo, além de trabalhar na organização dos eventos, juntamente com a equipe da administração do local.

Despediu-se do médico e levou para casa uma relação de coisas e assuntos que deveria estudar e saber, para conduzir as suas novas tarefas no núcleo.

Eram vinte páginas, em formato de apostila, com horários das tarefas, alguns cânticos e hinos cujas letras deveria saber de cor.

Deveria realizar a leitura de alguns dos textos, no início das sessões, logo após a ingestão do Chá.

Esta exposição a deixava nervosa, mas sabia que, com o tempo e com a prática, tudo se normalizaria. A confiança que o Dr. Pinel lhe dava era colossal e foi um ingrediente, fundamental, na sua melhora.

No sábado, a sessão de escala iniciar-se-ia às 20:00 horas, mas Laura já estava por lá, desde a hora do almoço, já que seria seu primeiro dia com as novas tarefas a realizar.

Maria, a companheira de núcleo, encarregada de lhes passar as tarefas, no detalhe e lhe dar treinamento específico, gostou de vê-la, tão cedo, no local e de sentir o seu entusiasmo, em iniciar-se no novo patamar do núcleo.

Tudo era luz, para Laura, naquele dia. Fazia tudo com muito cuidado, mas entusiasticamente, tinha medo que aquela sensação boa, fosse embora.

A previsão daquela sessão era de comparecimento de setenta membros do núcleo e de alguns adventícios, já que era uma sessão destinada a comungar com novos membros e de apresentação dos trabalhos que, comumente, se realizavam, no local.

Causar uma boa impressão era uma meta permanente para os dirigentes da casa, mas, ao mesmo tempo, tinham que mostrar que, continuar participando das sessões seria uma escolha pessoal de cada um.

A experiência com a Ayahuasca nos mostra que o entusiasmo inicial, às vezes se esvai, quando o (a) peregrino (a) se depara com alguma questão muito importante, em seu interior e esta informação vem na forma de uma “peia forte”.

A vontade de desistir e não voltar a passar, por aquela situação cresce dentro do buscador, que se vê, numa encruzilhada, tendo que decidir se continuará ou se desistirá de empreender a busca por si mesmo, através da ferramenta, do Sagrado Chá.

Laura passara por estas situações várias vezes, no início do processo, mas, sempre que pensava em desistir, lembrava que teria que voltar aos medicamentos de tarja preta, que tanto abominava.

Daí, sempre optar por continuar na comunhão da bebida sagrada e aprofundar a sua cura, de forma permanente, incentivando os conhecidos que indicavam que iriam parar, a continuarem nesta estrada de cura e luz, como ela sempre repetia, aos demais.

Depois de algum tempo, recebendo instruções da Maria, Laura finalmente, acabara suas tarefas, dentro do cronograma e se sentara em um banco de madeira, para saborear um chá de erva cidreira,

avisando o seu estômago, que hoje seria um dia de Sessão de Vegetal.

Estava, entre as suas tarefas, a de preparar um caldeirão de sopa de abóbora com gengibre, a ser servido após a sessão.

Era uma porção gigantesca, pelo número de participantes que se esperava para aquela noite. Como chegou cedo, partiu de imediato para o ataque às abóboras, cortando-as e pondo-as no fogão para cozinhar.

Cozinhar era um de seus hobbies e isso, ela fazia, muito bem, desde pequena, puxando a saia da mãe, na cozinha de casa, para pô-la, em pé, num banquinho e ajudar nas tarefas culinárias da família.

Sua mãe sempre gostou de sua companhia na cozinha e a incentivava, neste caminho. Aprendeu, cedo, o conceito de bem temperar, uma comida. Sempre gostou do cheiro das especiarias e, por conta disso, brincava com as misturas mirabolantes que fazia, ao fogão.



“João Grandão”, um jequitibá rosa que a Laura usava, como confidente e protetor, no núcleo, antes das sessões.



Samaúma, árvore gigante da Amazônia, que emprestou seu nome ao núcleo da UDV e, São Paulo. A samaúmas são as maiores fábricas de água da floresta.

Em suas pesquisas sobre tais assuntos, na internet, leu, em algum lugar, os benefícios de temperos, como o coentro, a salsa e a cebolinha, no desbloqueio de glândulas pineais cristalizadas, pela química dos alimentos industrializados, desta forma, sempre que preparava alguma comida salgada, colocava o “trio”, em abundância, notadamente, o coentro, acompanhado de cominho. Sua comida tinha um sabor forte e marcante, qualidades notórias, em seu temperamento. Nestas ocasiões, era praxe, cada um trazer uma pequena quantidade de comida, para compartilhar, aos finais das sessões.

Bolos, pães, iogurtes, queijos, sucos, frutas, comidas práticas, para um lanche, sem grandes dificuldades de preparo e de fácil consumo, por todos. Além desses e como prato principal, figurava o sopão de abóbora, cuja responsabilidade de preparo ficara com a Laura, naquela ocasião.

Tarefa cumprida com primor, pela “pequena notável”, como era chamada a loirinha, paciente do Dr. Pinel.

Ajuda mútua, compartilhamento de tarefas e dos resultados eram a bússola de encaminhamento de tudo no núcleo e isso era muito respeitado por todos, não havendo espaço para discussões contrárias, nestes aspectos. Quem não concordasse, não conseguiria continuar nos trabalhos. Isso ficava, bem claro desde o início de cada um como membro da comunidade hoasqueira, do núcleo.

Laura, como boa libiana, adorava o contato com o próximo e ajudá-los, em seus problemas, tendo em vista que, sempre, recebera ajuda externa, para seus problemas internos. Por volta das 17:00 horas e com toda a comida pronta, depois de saborear seu chá de erva

cidreira, resolveu sentar-se, junto a um frondoso jequitibá, de trinta metros de altura, que já existia, no local, antes da construção do núcleo e ela apelidara de “João Grandão”.

João Grandão era companheiro, das samaúmas que, também, habitavam a propriedade do núcleo. Ela gostava de estar junto ao “patriarca da floresta”, como é chamado o jequitibá e se sentir protegida de quaisquer coisas que pudessem, de alguma forma, prejudicá-la. Aquele jequitibá rosa era seu “anjo da guarda botânico”. Um placebo vivo e gigante, que lhe trazia calma e conforto, através da confiança que sentia, ao sentar-se, próxima ao seu tronco. Às 18:00 horas começaram a chegar os primeiros adventícios, trazidos por seus padrinhos.

Tinham que preencher uma ficha e responder a um questionário, assinando os papéis no final, dando ciência de que tinham sido orientados a respeito da experiência e que não havia, da parte do (da) peregrino (a), nenhum impedimento, daqueles citados, para a comunhão do Sagrado Chá.

Longe dali, no centro de São Paulo, Cacá houvera marcado com Jota Cê, para irem juntos, ao seu primeiro ritual de comunhão do Sagrado Chá. Eram 16:00 horas, quando ela o apanhou, na Praça da República. Ambos já usavam roupas claras, como se recomenda, neste tipo de ritual.

A morena estava nervosa, por não saber o que esperar da experiência da qual estava prestes a participar. Um misto de medo, desconfiança e esperança eram os componentes das sensações que experimentava, naquele momento.

Tinham que chegar com antecedência, pois para ambos seria a primeira vez no núcleo, havendo situações administrativas e de cadastro e serem observadas, antes da experiência, em si. Muito embora Jota Cê, já fosse um veterano, em matéria de Ayahuasca, a primeira vez que você vai em um núcleo, tudo é novo e as características ritualísticas, do local, devem ser respeitadas, nos detalhes.

Laura pilotava a sua caminhonete 4x4, com extrema perícia e levariam cerca de, quarenta minutos, para chegar ao local, indo pela Rodovia Castello Branco, no município de Santana de Parnaíba.

Antes das cinco da tarde, já estavam no local, estacionando o veículo.

Apresentaram-se na recepção do local e pegaram as fichas para preencher. Em meia hora, haveria uma pequena palestra, para os novatos tirarem as suas últimas dúvidas, antes da sessão. Estas reuniões são de praxe, nas sessões de adventícios e são, também, muito necessárias, para tentar relaxar os iniciantes, dentro da experiência. É notório que, alguns conseguem relaxar, muito embora outros, nem tanto.

Laura estava neste comitê de recepção aos novatos e logo entrou em contato e conheceu Jota Cê e Cacá.

O Dr. Pinel chegou ao espaço, praticamente, na mesma hora que o casal e como um dos dirigentes da casa, seria ele a proferir a palestra aos adventícios.

Cumprimentou, rapidamente, a sua paciente Laura e deslocou-se ao salão, posicionando-se à espera das pessoas que, ao chegarem,

sentaram-se em cadeiras plásticas, cada uma ao lado da outra, já organizadas, pela equipe do núcleo.

Quarenta minutos de conversa seriam suficientes, para explicitar-lhes as dúvidas, que martelavam as suas mentes, de iniciantes inexperientes.

Dr. Pinel tinha um jeito especial e convidativo para tratar com os adventícios, deixando-os muito à vontade. Não era de seu costume assustar ninguém, pois, em sua opinião, a vida já nos assusta, bastante e, como psiquiatra, seria a sua missão fazer com que as pessoas lidassem, de forma adequada, com seus medos e pressões, sejam internos ou externos. O Chá fazia o trabalho de nos apresentar tais pressões, de acordo com a nossa capacidade de resolvê-las, pois, como é sabido, a “Fonte nos dá frio, conforme o cobertor” e aqui este ditado seria e é mais do que presente, na vida dos que comungam a sagrada bebida.

Terminada a conversa com os novatos, Pinel dirigiu à Laura, para saber como ela tinha se percebido, no primeiro de sua nova função, no staff administrativo do Núcleo Samaúma. A moça estava radiante com as novas tarefas a desempenhar e demonstrava a sua satisfação nos sorrisos de

seus doces lábios juvenis, a agradecer todos que a viam, a andar, daqui

para ali e dali para acolá.

Às 19:00 horas os preparativos para a sessão já estavam encerrados. Um grupo de músicos comungantes afinavam a viola e violão, preparando-se, para a sessão.

O ritual, sempre, começava às 20:00 horas, pontualmente, com distribuição do Chá e transcorria de forma contínua, até à meia noite, quando o condutor fazia a chamadas de despedida da Minguarana.

Coube à Laura a recepção de Jota Cê e Cacá, apresentou-se espontaneamente aos dois e lhe apresentou à casa, mostrando-lhes as dependências do local.

Entabulou uma conversa do Jota Cê, trocando experiências, do uso do Chá em escolas diferentes. Jota Cê vinha de uma linhagem xamânica, de raiz, no meio da selva Amazônica. Só depois adotou a União do Vegetal, como caminho o que lhe dava uma rica experiência no assunto, podendo, até, escrever sobre tudo, num livro, se quisesse.

Cacá acompanhava, com atenção, a conversa dos dois, sem interrompê-los, seu interesse no assunto, só aumentava, à medida, em que o tempo passava. Sua ansiedade havia sumido e, naquele momento, restara, apenas, a curiosidade.

Pontualmente às 20:00 horas todos estavam nos seus lugares, com cadeiras dispostas, em círculos, no entorno de uma mesa, que podemos chamar de altar do Sagrado Chá.

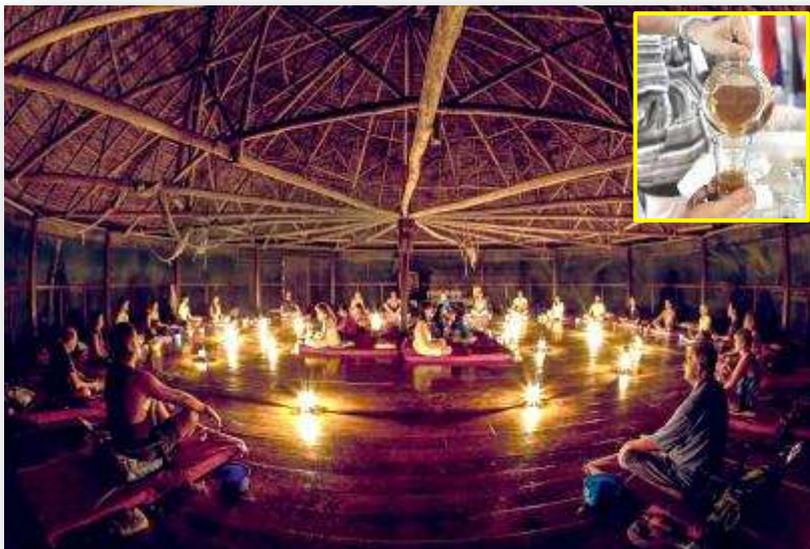
O mestre da cerimônia iniciou a distribuição da bebida, que durou alguns

minutos, para ser conduzida, por conta das setenta e quatro pessoas que estavam no salão, entre elas quinze adventícios e novatos no núcleo. A dose servida variava de acordo com o comungante.

O mestre olhava nos olhos de cada uma e decidia o quanto iria servir.

CÉU E INFERNO, EM EQUILÍBRIO, NO REINO DE HOASCA.

Em princípio o que fosse servido deveria ser bebido, sem reclamações ou pedidos para servir mais. Alguma energia “soprava”



nos ouvidos do condutor da sessão a quantidade para cada participante. Em geral a dose mínima era de 75 e a máxima de 150 ml. O Chá servido tinha uma graduação média e sua especificação era de 5x1, o que significa que, para os mais experientes, a quantidade tinha que ser um pouco maior.

Depois de repetirem os dizeres:

“Deus nos guie, no caminho da Luz, agora e sempre, amém Jesus”.

Todos beberam o Chá, simultaneamente. A leitura do boletim e do estatuto da UDV, veio logo, em seguida, na voz doce de Laura,

que treinara, exaustivamente, durante a semana anterior, para não ratear, na leitura.

Durante os vinte minutos posteriores, o sistema de som tocou músicas que nos ajudam a aprofundar a experiência enteógena.

Exatos trinta minutos depois de beber o Chá, o condutor da sessão iniciou as **chamadas de abertura**, da sessão: **SIMCU**.

- **Sombreia...**
- **Instrondou na barra...**
- **Minguarana...**
- **Caiano...**
- **Chamada da União**

Naturalmente, durante as chamadas, a Minguarana faz o seu papel e se iniciam as experiências, com mirações e ou peias e limpezas.

Raramente, a esta altura da sessão, existiria alguém que não tivesse iniciado o seu processo enteógeno.



Mirações percebidas e visualizadas por Laura e Cacá, segundo suas descrições.

CÉU E INFERNO, EM EQUILÍBRIO, NO REINO DE HOASCA.

As mirações se iniciam nas cabeças de Laura e Cacá, as figuras geométricas e excêntricas começaram a ser vislumbradas nas suas telas mentais. As duas resistiam a levantar e a fazer a limpeza, que parecia inevitável. O vomitório as convidava a tomar providências imediatas, mas, as duas resistiam, bravamente.

As sensações de enjoo e angústia se intensificaram nas duas moças cocumitantemente.

Depois de quarenta minutos da ingestão da bebida, as duas se encaminharam para fora do salão, para a área onde se punha para fora do corpo, tudo aquilo que se tornara obsoleto, para cada um (a) dos comungantes.

Expulsaram anos de angústias, de seu interior, ao mesmo tempo, nada poderia ficar, dentro que pudesse continuar a fazer mal a ambas. Laura, precavida, havia comido pouco e uma alimentação leve, por conta disso, estava tendo, apenas, espasmos, e cuspiu a saliva que produzia em sua boca. Já Cacá não atendera às recomendações que lhe foram dadas, por Jota Cê e comeu bastante, no almoço, o que lhe acarretou uma limpeza pesada.

Ficaram de joelhos e na posição de



São muito comuns, as peias que nos mostram nossos corpos sendo desintegrados, em uma morte figurativa, é claro, mas muito real e sensorialmente perceptível

um “caramujo”, com seus rostos quase grudados no chão. Viam as suas falhas bem definidas e eram colocadas, em uma encruzilhada, onde teriam que decidir se continuariam nas falhas

ou se tomariam o caminho do equilíbrio naquelas questões.

As pressões emocionais eram enormes e ambas buscavam um local de equilíbrio para as questões.

A ação das músicas sobre o processo, em si, era de extrema intensidade e parecia que cada uma estava tocando, com o objetivo específico de aumentar a peia e a miração de cada comungante.

Como somos frequências vibratórias ambulantes, a música, com certeza, teria a sua ação incisiva sobre cada um de nós e intensificaria quaisquer estados enteógenos, durante o processo.

O condutor de uma sessão deve ter o máximo de cuidado ao escolher a trilha sonora a ser usada, pois as músicas operam como os maestros de uma orquestra, numa sinfonia, durante as burracheiras e na intensificação de peias e mirações.

A quase totalidade dos adventícios foi visitar o “vomitório”, pelo menos uma vez, na naquela altura da sessão e os auxiliares tiveram muito trabalho nos cuidados dispensados aos que estavam passando mal.

Laura, mesmo naquele estado, teve que respirar fundo e se controlar, para ajudar os iniciantes que não sabiam como fazer, para passar as sensações angustiantes, das limpezas necessárias e inevitáveis.

Cacá teve as visões que deveria ter e via os átomos nocivos de todas as drogas sintéticas e do álcool, que ingerira, consumindo a sua saúde e se transformando em tumores futuros, ainda não somatizados, pelo seu organismo.

O arrependimento era a sensação marcante em sua experiência, mas ela precisaria, ainda, encontrar outra energia, aquela que curaria tudo aquilo, que estava sentindo e presenciando, a energia do perdão. Pensou, num relance, que sua única chance de sair do fundo do poço, no qual se encontrava seria abrir seu baú de autoperdão, esquecido e fechado, há muito tempo, em algum lugar de seus baús interiores.

Viu sua própria morte, nas mãos de seu companheiro de infortúnio, o bandido Dedo Leve.

Encarou, na sequência, o representante de suas sombras, o seu próprio demônio interior, cobrando-lhe a posse de seu corpo moribundo e já quase desfalecido, em processo de morte iminente.

Uma figura imponente, totalmente escura, com olhos de um fogo vermelho ativo e calcinante.

Tinha uma capa sobre os ombros, caída até o chão e um olhar inquisidor impossível de se descrever ou de se esquecer.

Estava arrependida de ter bebido aquela bebida, que Jota Cê chamava de sagrada, todo o tempo no qual se referia a ela.

Combinava consigo mesma, uma forma de nunca mais voltar a um ritual, como este e o arrependimento era múltiplo, tanto pelas coisas erradas que fizera, quanto por estar ali, naquele estado alucinante e deplorável, pela falta total de controle, sobre o que acontecia, dentro de si.

Uma coisa ela lembrou, da palestra ministrada pelo Dr. Pinel, antes do início da sessão:

- “Não se desesperem, com a peia, pois, por pior que seja a sensação, ela tem hora para acabar.”

CÉU E INFERNO, EM EQUILÍBRIO, NO REINO DE HOASCA.

Pensar nisso a acalentava e lhe dava esperanças, mesmo num lugar onde a esperança não prosperava e a angústia e o arrependimento eram os pratos principais, disponíveis e servidos à mesa de refeições, daquele processo e que parecia não ter fim.

Ao que parece, agora ela tinha encontrado o que todos chamavam de inferno e, para sua surpresa, o tal inferno, com seus demônios estavam dentro de si própria, mostrando-lhe, inclusive, que tinha sido arquitetado,

elaborado e manifestado, por ela própria, em algum lugar e tempo remotos, de suas existências anteriores.

Por alguns instantes teve a sensação de que tudo o que estava manifestado neste universo tinha sido criado por um demônio deificado e que, até aquele exato momento, ela teria sido enganada, pela cultura social e religiosa, ou matrix, onde fora educada, desde criança.

Naquele exato momento, recusou-se a continuar cooperando com esta possibilidade e preferiu morrer para uma realidade tão hedionda e inverossímil, quanto àquela, que se apresentava, como real, em sua experiência.



Prepare-se, pois a Ayahuasca vai fazer esta pergunta a você, esteja com a resposta na ponta da língua.

Ser uma criação do demônio era demais para ser aceito, por mais que tivesse errado na vida e tê-lo como objeto de adoração, seria pior, ainda.

Ato contínuo, experimentou a sua “segunda morte” enteógena, sentindo suas células se desfazerem em pura energia e vendo, nitidamente, a desintegração física de seu antigo veículo de manifestação.

Virou pura Luz!

Imaginava como iria lembra-se de tudo aquilo, depois que saísse do processo, aonde se encontrava e como poderia descrever o que sentiu e viu, para alguém, quando voltasse à vida, isto é, se voltasse, pois naquela altura, já não tinha certeza de mais nada.

Para algumas pessoas a sensação da pequena morte é tão real, que elas ficam na dúvida sobre o que aconteceu, realmente.

Perdem a sensação de contato com seu corpo físico, de forma total e, somente, quando a intensidade dos efeitos diminuem, é que elas percebem que ainda estão vivas.

Não havia mais nada a ser vomitado e ela voltou ao lugar onde tinha iniciado a experiência e sentou-se, da forma mais confortável que podia e conseguiu, naquelas circunstâncias.

A partir daí, experimentou as melhores sensações de sua vida.

A luz foi ficando cada vez mais intensa, até o ponto em que era insuportável, a tal manifestação.

Entrou em êxtase profundo ao ponto de perder a percepção do tempo. Teve, então, a noção da inexistência do tempo, de sua relatividade de como funcionava este relógio eterno e ilusório.

Sensações muito loucas passaram a se manifestar naquela Cacá, que já não se reconhecia, como antes. Sua percepção mudara, sendo virada ao avesso, em todos os sentidos. Sentidos? Em quais sentidos poderia confiar, naquela altura da experiência?



As visualizações geométricas, experimentadas e visualizadas são indescritíveis.,

Resolveu, então, entregar-se e ser, apenas, uma observadora de tudo, sem se envolver na própria história que presenciava.

Veza por outra a energia forte a jogava de volta às angústias que recém encarara, não conseguindo estabilizar a situação, por mais do que, alguns segundos.

Lembrou-se, novamente, das palavras da palestra inicial: “Por mais intensa e desagradável que seja a experiência, uma hora ela acabará”.

Passada a primeira hora, depois que ingeriu a Sagrada Bebida, as sensações começara a abrandar. Agora, ela tinha algumas “toneladas” de informações a processar, doravante.

Acessara níveis de consciência que nem sabia que existiam, abriu muitos “baús”, desta e de outras vidas, de uma só vez.

Apesar de experimentar uma burracheira forte, Laura cumpria bem o seu papel no acompanhamento dos adventícios. O vomitório estava

repleto de experiências nocivas, sendo expelidas e jogadas de volta na terra.

A Mãe terra de onde tudo vem e para onde, tudo volta.

A burracheira da Laura já estava mais branda e ela conseguia conversar com Cacá, acalmando-a. Diferentemente, Cacá, ainda, chorava aos soluços, pelas coisas que vira e sentira.

Para ela, todos os seus baús emocionais foram abertos, de uma só vez, causando-lhe uma avalanche de sentimentos e emoções inimagináveis.

Pensava, em relances: “Caso isso não me mate, curar-me-á”!

Era, apenas, uma esperança, mas, naquele momento, era o que lhe vinha à mente.

Lembrava-se do que o Jota Cê lhe falara, no último encontro:

- “Você se deparará, com tudo o que criou: Céus e Infernos, Deuses e Demónios, que, no final das contas, fazem parte de você mesma. Sua missão principal é equilibrá-los, assumindo o controle da situação, mas, sem interferir.”

O difícil era, exatamente, isso: “não interferir”.

Para um adventício, sem muita experiência e naquele estágio da experiência, permanecer como observador era, praticamente, impossível. Mas, tinha que tentar fazer alguma coisa, para amenizar a sua situação, diante de tanta pressão física e emocional.

Não conseguia por mais nada, para fora de si mesma.

O vomitório a recepcionara, por mais de uma hora. Agora eram só os espasmos, sem muita matéria física, a sair de dentro de si.

Passada a segunda hora da experiência, era o momento da repetição da dose do Chá. A segunda dose serve para aprofundar uma

CÉU E INFERNO, EM EQUILÍBRIO, NO REINO DE HOASCA.

experiência que não se completou, ou mesmo, para entrar na experiência, para aqueles que não conseguiram fazê-lo, na primeira parte da sessão.

Neste caso, especificamente, todos entraram na experiência, na primeira parte dos trabalhos e metade dos adventícios resolveu repetir a dose e aprofundar-se na energia de cura e transformação.

Nesta altura do ritual, as músicas estavam mais suaves e elevavam o estado de êxtase dos participantes. As experiências de luz começaram a se manifestar, na maioria dos adventícios.

A sensação de contato com Divino Interior de cada um já era uma manifestação, marcadamente experimentada, por alguns deles.

Tudo isso, por merecimento e dependendo do posicionamento mental de cada comungante.

No fundo do salão, existiam alguns colchonetes que estavam todos ocupados, pelos próprios adventícios, cada um, amparado por um dos membros mais antigos da casa, inclusive a Laura.

Cacá continuava, profundamente, no processo, pois resolvera beber mais uma dose do Chá.

Loucura?

Não! Parece-nos que a moça queria resolver, realmente, as suas questões energéticas caóticas.

Voltou ao processo de peia, mas, desta vez, tinha uma melhor noção do que fazer e evitou desesperar-se.

Verificou que tudo era uma questão de treino e costume, com



As sensações de se fazer parte do Todo são muito comuns, nesta fase das sessões.

as situações que enfrentava. Praticou a técnica de se colocar “na arquibancada das situações”, que se apresentavam, a cada momento. Aos poucos, foi negociando consigo mesma, as situações com as quais deveria interagir e, diante de cada uma, começou a experimentar “sofrer” menos.

Um exercício e tanto, para uma iniciante nas cerimônias de Ayahuasca.

Mas, Cacá era muito perspicaz e ativa, não se deixando vencer, facilmente.

Na terceira hora da experiência, as sensações estavam mais brandas, mesmo assim, permanecia, ainda, em transe aprofundado, curtindo as sensações boas, de luz, que a experiência proporciona. Iniciou-se a fase de recompensas da experiência, alucinantemente boas e relaxantes.

Êxtase total, mas agora, numa forma suportável e restabeecedora de suas energias.

Sentia-se curada, em todos os sentidos da palavra “cura”. Sua mente contabilizava, naquele momento, as perdas e ganhos, com a experiência inusitada.

Já não pensava mais em não voltar ali, ao contrário, imaginava como seria

a próxima experiência.

Percebera, com certeza, que o Sagrado Chá a escolhera.

Naquele momento, os participantes eram convidados a cantar em coro, canções, hinos e ícaros, específicos, para a ocasião.

Um afinado grupo, com violões flautas e tambores emitiam notas melodiosas das canções, bem ensaiadas e melhor, ainda, executadas.

Os adventícios receberam os cadernos, com as letras das músicas e cantavam, leves e felizes, ainda, pelo efeito do Chá.

Sensações cada vez mais iluminadas surgiam dentro de cada comungante da sessão.

A esta altura do ritual, as sensações de transe já haviam se dispersado na Laura, acostumada que estava às sessões do Samaúma.

Uma equipe de voluntários reorganizava o salão e chamava de volta os que ainda estavam for, encerrando seus processos de limpeza e recuperação, depois destes.

Jota Cê tentou não interferir muito nas situações passadas pela Cacá, pois sabia que ela teria condições de tirar de letra todo o processo. Seria mais conveniente que aprendesse com a experiência, sem interferências externas. Os membros da casa só interferem, em último caso, no sentido de reorientar a experiência do adventício. O Dr. Pinel dirigira aquela sessão e, neste momento, iniciara as chamadas de despedida da força.

Na despedida de Caiano, perguntava a cada um:

-“Fulano (a) como foi a burracheira?”

Ao que o comungante deveria responder: **“Foi boa, mestre!”**

A partir daí, o dirigente da sessão “fecha o oratório”, tampando o recipiente que contém o Chá que restou e deseja a todos uma boa semana, na Luz.

Cacá estava estupefata mas, feliz, ao mesmo tempo. Havia tomado algumas decisões durante a sessão e reunia forças para executar tudo o que decidira.

Abandonar a companhia de Dedo Leve era a principal delas.

Restava saber como faria isso. Mas poderia contar com a ajuda de Jota Cê, para esta tarefa

difícil e complexa, o que já era um grande fator para o sucesso da iniciativa do rompimento.

Na área do lanche, pós-sessão, Laura conversava,

animadamente, com o Dr. Pinel, relatando as suas

experiências da noite. O psiquiatra a ouvia, atentamente e dava algumas opiniões a respeito do que a sua paciente lhe contava.

Jota Cê e Cacá saíram do salão, após comerem alguma coisa e foram até às proximidades do “João Grandão”, o imenso jequitibá.

Sentaram no chão gramado e começaram a observar as estrelas e conversar a respeito da sessão. Um lindo céu sem nuvens e as estrelas a cintilar na imensidão do espaço exterior eram as companhias do casal de amigos. Conversavam sobre as suas filiações ao núcleo, para prosseguirem no caminho da Ayahuasca, como ferramenta de aquisição de Consciência e cura.



Um céu estrelado brindou o final da sessão. Jota Cê e Cacá, foram até o jequitibá João Grandão, apreciar o panorama.

CÉU E INFERN0, EM EQUILÍBRIO, NO REINO DE HOASCA.

O Dr. Pintel não poupou elogios à Laura que abria um largo sorriso a cada menção elogiosa do médico. As palavras do médico repercutiam como afagos na alma da moça.

No final das contas, tudo em equilíbrio no “Reino de Hoasca”!

6º. ATO – Voltando aos EUA e aprofundando as experiências de Ohana Stevens (Hostie) e Maria Ohara (Mari Ô).

Por volta das 08:00 horas, da manhã, Ohana e Mari Ô já estavam no campus da UCLA. As árvores estavam com suas folhas a cair por ser o início do outono no hemisfério Norte. As temperaturas, também, começavam a baixar, apesar do céu sem nuvens.

O primeiro compromisso das duas era uma visita panorâmica ao campus e ao museu da universidade. Esta agenda tomaria a manhã inteira. Almoçariam com o pesquisador chefe da cadeira de arqueologia, o Sr. Thomas Moore, uma espécie de Indiana Jones de setenta anos, de puro vigor.

O camarada, apesar de estranho, era muito simpático e observador, característica de todo arqueólogo e pesquisador de campo, como ele. Almoçaram no restaurante do próprio campus da universidade, para ganhar tempo e cumprir a agenda.

Dr. Thomas já houvera estado no Peru, realizando trabalhos de escavação, em ruínas do império Inca e conhecia bem os sítios arqueológicos daquele país, teria, então, muito, o que falar com Mari Ô.

A conversa não poderia ser de outro teor, embora o arqueólogo não poupasse elogios pessoais à peruana.

Logicamente que ela, na sua timidez, esquivava-se do “torpedeamento” do incauto professor de arqueologia.

Convidou-a para uma palestra aos seus alunos, na semana seguinte, o que fez seus olhos brilharem de prazer intelectual. A timidez se esvaia quando o assunto era da sua área profissional. Virava uma

“gigante” quando assumia a bancada e começava a falar para a plateia. Após o almoço, a agenda seria de visitas aos laboratórios da universidade e conversas com outros profissionais da área. O dia passou, rapidamente, como se os relógios não existissem.

No final da tarde, completada a agenda, voltaram para casa onde a conversa da noite anterior continuaria.

Por volta de 18:30 horas já estavam à beira da lareira. Meia hora depois de chegarem, chegou o Peter.

Os três estavam muito cansados, mas, a prioridade era tomar outra garrafa de vinho e voltar aos assuntos das medicinas da natureza.

A temperatura baixara bastante, caindo à casa dos 10 graus. Seria uma ótima oportunidade para acender a lareira e papear à sua borda.

Inicialmente, Peter houvera preparado um documentário de práticas xamânicas, para apresentar a Mari Ô.

O teor dos assuntos do filme versava sobre as práticas do uso das medicinas, notadamente, das substâncias enteógenas, contidas nos vegetais em questão.

Com duração de 75 minutos, o documentário era bem amplo e completo, na discussão dos assuntos do tema. Peter pôs fogo na lenha, enquanto Ohana preparava uma seleta de queijos nobres, para a degustação, em conjunto com um bom vinho.

Como de costume, o Peter foi até a adega, enquanto as mulheres, na cozinha, preparavam o que comer.

Às 20:00 horas, com tudo pronto, o Peter acionou a execução do filme no telão da sala que dispunha de um data show.

O documentário tinha por título: **“Estudo do uso das plantas de poder, no ideário religioso dos povos nativos americanos”**.

CÉU E INFERNO, EM EQUILÍBRIO, NO REINO DE HOASCA.

Um filme da Fox, patrocinado, pela Igreja Indígena Americana. Poucos comentários, durante a execução do filme. Ficaram todos, muito atentos ao desenrolar da película e às entrevistas com os especialistas, notadamente, os cientistas ligados à área médica. Peter houvera, durante muito tempo, defendido os interesses dos “peles vermelhas”, através de suas organizações, no sentido de terem autorização de uso, destas ferramentas naturais.

O debate se iniciou regado a um frutado vinho tinto, californiano *Harlow Ridge Zinfandel*, uma uva, basicamente, cultivada na Califórnia.

Seriam, pelo menos, duas garrafas, para os três.

Queijos fortes para iniciar a degustação e, na sequência, um lombinho ao forno, com batatas rosti, uma especialidade de cozinha da Ohana.

O assunto começou quente, ainda mais aquecido pela lareira. Ohana queria, a toda sorte, levar Mari ô, para um ritual de plantas enteógenas durante a sua estada na Califórnia.

Já haviam identificado um núcleo da UDV, brasileira, em Norwood, no Colorado, a 15 horas de carro, de Los Angeles.

Poderiam ir, na semana seguinte, bastando para isso reservar a participação dos três.



Fachada do templo de São Miguel, da UDV, em Norwood Colorado, nos EUA.

Parecia estranho que Mari Ô, saísse do Peru para comungar a Ayahuasca, pela primeira vez, num outro país, no qual as duas plantas de poder, nem existiam na natureza. Mas o universo tem dessas coisas que nos parecem estranhas, mas acabem sendo a forma certa de acontecer.

Naquela noite, a muito custo e depois de algumas taças de vinho, Ohana conseguiu convencer Mari Ô a pensar no assunto de comungar a Ayahuasca.

Já era uma vitória, para quem nem queria falar de quaisquer bebidas ou agentes, que lhe alterassem a consciência.

Ainda havia muito tempo até a ida a Norwood, mas havia necessidade de se realizarem planejamentos, para que nada desse errado, nesta ida ao Colorado.

Depois de beber o delicioso vinho, Mari Ô estava mais acessível à ideia da

Comunhão do Sagrado Chá.

Iniciaram, então uma conversa, séria, a respeito da experiência com a comunhão do Chá.

Ohana estava exultante e Mari Ô, hesitante.

Mas a americana era insistente e não poupava



**Imagens estranhas povoaram seus sonhos,
naquela noite.**

argumentos, para convencer a amiga de que seria uma experiência ímpar e única, em sua vida, abrindo-lhe a mente, para outras realidades, não alcançáveis, com outras ferramentas.

Mari Ô se deu por vencida, mas, não convencida, apenas, pelo cansaço, daquele momento. Quase dormindo, falou que iria pensar no assunto e responderia, no dia seguinte, após uma reflexão, mais aprofundada, consigo mesma. Despediu-se do casal e recolheu-se aos aposentos, dormindo, quase que, instantaneamente.

Sonhou, intensamente, com a conversa com a amiga e visualizou a presença de várias figuras alegóricas, flutuando no seu campo visual onírico. Viu-se fora de si, energeticamente, observando-se. Mas, não havia pensamentos em sua mente, apenas a imagem.

Mari Ô interpretou tudo aquilo como uma mensagem de seu inconsciente, para que analisasse, seriamente, a possibilidade de consagrar o Sagrado Chá.

Algum efeito da Ayahuasca, que nunca houvera comungado, já se fazia presente, em seus sonhos. Dúvidas começaram a povoar a sua mente de pesquisadora e começou a sentir-se convocada a conhecer melhor aquele caminho de evolução.

Provavelmente, as mensagens se originaram, em seus arquivos akáshicos pessoais e que, naquele momento, afloraram em sua mente consciente, através do sonho.

Acordou confusa, com o sonho e correu, no café da manhã, a contar o ocorrido à amiga anfitriã. Esta não perdeu a oportunidade, para voltar à carga, no assunto da cerimônia, da semana seguinte.

Mari Ô já estava, quase, se dando por vencida, nesta questão.

Ficaram de conversar novamente à noite.

CÉU E INFERNO, EM EQUILÍBRIO, NO REINO DE HOASCA.

Naquela manhã de sexta feira, voltariam ao Campus da UCLA, para cumprir uma nova e intensa agenda de visitas aos departamentos e apresentações aos profissionais de arqueologia da universidade.

Assistiriam a uma aula sobre a civilização Inca, especialidade de Mari Ô, ministrada pelo cientista que conhecera no dia anterior, o Sr. Thomas Moore. A aula versaria sobre as conclusões chegadas, pelo pesquisador e cientista, após a análise de seus achados, nos Andes peruanos, dois anos antes e sobre as suas conclusões, a respeito dos avanços científicos daquela civilização sul americana.



Uma obra de engenharia impossível, de ser concebida, para aquela época.

A abordagem do cientista agradou Mari Ô, que, por coincidência, tinha o mesmo viés operacional do pesquisador. Suas escavações

havam se concentrado na cidade religiosa de **Machu Pichu**, localizada na região centro-sul do Peru.

Seus estudos se focaram nas técnicas de construção e transporte das imensas pedras que viabilizaram a construção do sítio urbano-religioso, daquela civilização.

Em suas teses, o Sr. Thomas entrava nas searas defendidas, pelo escritor e astrônomo **Erik Von Deniken (Eram os Deuses Astronautas?)**, sustentando que, nem mesmo as técnicas modernas e convencionais, existentes, nos dias atuais, não seriam capazes de executar aquelas obras, com a precisão e detalhamento que as mesmas apresentam. Mari Ô era mais cética, em relação a estas afirmações do professor, mas, em

contrapartida, não conseguia argumentar à luz da ciência convencional, com o americano. Por isso se conservava, numa posição de reserva velada, com relação a este assunto.

Após a aula, encontraram-se, os três, em uma Starbucks, na área de alimentação dentro da universidade, para voltar às conversas de cunho arqueológico.

No meio da prosa, Hostie mencionou que na semana seguinte estariam em Norwood, Colorado, em viagem de passeio. O Sr. Thomas, curioso, comentou da existência da Igreja da UDV, na pequena cidade e falou, ainda, que vez por outra, costumava ir naquele lugarejo, comungar o Sagrado Chá, por conta de ter-se iniciado em rituais xamânicos, no Peu, em suas andanças arqueológicas.

Aquilo acendeu um fogo inquietante, nas entranhas emocionais de Mari Ô. Pensava ela: “Como um gringo houvera experimentado a

Sagrada Bebida, em suas terras, antes dela e ela, ainda, tinha dúvidas a respeito do processo?”.

Parece que tomara a decisão de ir a Norwood, naquele instante.

Suas dúvidas se dissiparam, após a conversa com o pesquisador, que lhe passou um pouco de suas experiências hoasqueiras, em seu país.

O Sr. Thomas, embora não pudesse acompanhá-los, na aventura do Chá, por conta de compromissos assumidos, na universidade, prontificou-se em ajudá-los na consecução da experiência vindoura, com a Ayahuasca, estreitando seus contatos com a administração do grupo da UDV, em Norwood. Passou-lhes os contatos dos condutores dos rituais, em Norwood, ao mesmo tempo em que, enviou-lhes uma mensagem, falando das amigas adventícias. Para Hostie, a missão já estava, praticamente, cumprida. A amiga comprara a experiência com o Chá!

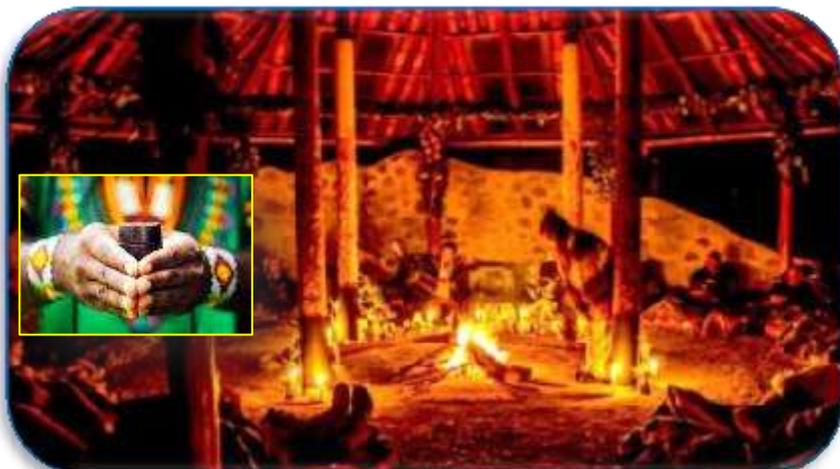
Mandou uma mensagem para o seu marido, oficializando a ida ao Colorado e solicitando que acelerasse os agendamentos necessários, à aventura do trio.

Numa sexta feira fria, nada mais a fazer, a não ser “comungar algumas garrafas de vinho”, à noite e à beira da lareira, “jogando fora”, conversas interessantes, das experiências de vida, dos três amigos.

Dali a uma semana, os três estariam envolvidos nas misteriosas experiências, com o Sagrado Chá, há 1.400 km, de Los Angeles, em Norwood.

7º. ATO – De volta ao Peru, com Madeleine de Marselle (Madá) e André Galhego Fontana (China).

O sol já iniciava a se pôr, no horizonte, quando Trueno Fuerte iniciou a cerimônia, cantando uma canção nativa de cura, vinda da raiz de suas crenças. Logo em seguida, chamou um a um, os participantes, para receber e comungar o Chá, nas canequinhas de pedra, fabricadas ali mesmo, na fazenda.



Um Salão rústico e espaçoso era o palco para a manifestação da Minguarana.

Tendo, todos os participantes, recebido a sua caneca de chá, beberam, simultaneamente, em um só gole.

Sentaram-se, cada um em sua esteira e viveram um profundo silêncio, que duraria, cerca de duas horas. Neste espaço de tempo deveriam escutar a sua voz interior, a lhes apontar o que haveria de corrigir, a partir daquele momento de suas vidas.

Não era uma tarefa fácil para ninguém.

CÉU E INFERNO, EM EQUILÍBRIO, NO REINO DE HOASCA.

Todos estavam convivendo com uma bagunça interna, que só poderia ser medida e identificada por eles mesmos.

Um trabalho no silêncio interior e acompanhado, apenas, pela sinfonia, eventual, da floresta, fora do salão.

Grilos, corujas, bugios e o crepitar das chamas da fogueira cuidavam, eventualmente, de quebrar o silêncio sepulcral que se fazia presente, no salão.

Cada um em seu processo, indo buscar a união, com a Fonte Criadora de tudo, mesmo sem saber que o destino das suas jornadas era “este mesmo”.

André estava apavorado, mas, inerte. Iniciara-se, dentro de si um verdadeiro julgamento de seus atos passados e das consequências vividas, por ele, desde que iniciara o seu convívio com as drogas, notadamente o ópio.



As fogueiras ativam as salamandras de cura, provocando a transformação dos estados de desequilíbrio.



Trueno Fuerte paramentado, para o ritual.

Tudo estava, totalmente, fora de seu controle normal, era como se seu ego o tivesse abandonado, completamente e, à deriva, nada pudesse fazer.

Quinze minutos, depois de beber o Chá, André

se viu, frente a frente com uma energia, em forma de um ser sombrio, que denotava uma profunda angústia. Naquele momento, sem saber o que fazer, aguardou algum acontecimento, seguinte e que movimentasse a cena, em questão.

No instante seguinte escutou uma voz telepática, dizendo o seguinte:

- **“Olhe à sua direita!”**

Ao que obedeceu, imediatamente e viu a cena da crucificação de Jesus, no Gólgota.

Em seguida, a figura de sombras lhe inquiriu, novamente:

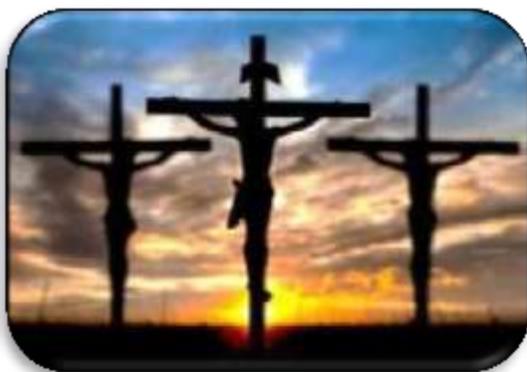
-**“Sinta a covardia Dele!”**

Naquele momento, André entrou em pânico e perdeu as poucas esperanças, que, ainda dispunha.

Perguntou a si mesmo:



Uma energia demoníaca, crida por mim mesmo, surgiu à minha frente.



Uma cena familiar e assustadora, surgiu na tela mental de André.

- **“Como covardia?”**

Tudo o que havia recebido de informações de suas fontes educadoras caíra por terra. Por longos três segundos, ficou sem chão.

Em seguida, tomou a única decisão que poderia tomar, naquela situação, foi até a cruz e se colocou na posição do “Crucificado”.

Surpreso e aliviado, entiu uma profunda paz, naquela posição, pelo que, tranquilizou-se, rapidamente, continuando ali, até ter uma resposta definitiva, para a aparente dúvida que se instalara, em sua alma.

A resposta veio em seguida, numa só palavra: Compaixão.

Pode, então, voltar a confabular com a criatura de sombras que o inquiriu, inicialmente e lhe disse:

- **“Não senti nenhuma covardia no Filho de Deus. O que senti foi, apenas, Compaixão!”**

Naquele instante, percebeu o que ocorrera e falou:

- **“Espere aí. Você, sou eu!”**

Percebeu, na própria pele o que houvera ocorrido.

A criatura de sombras era uma de suas próprias criações, resultado de centenas ou milhares de encarnações, acumulando energias destrutivas e de caos, em seu íntimo. Mais um, de seus demônios inquisidores pessoais.



A belga Marie, entrou em catarse, tentando se fundir com a Mãe Terra.

Sentiu, então algo que nunca sentira, de que lado, realmente estava, nesta batalha entre o bem e o mal.

Sentiu-se fortificado em perceber, que o ocorrido era uma criação sua e que estava sendo, mostrada, para que fosse equilibrada, dentro de si mesmo.

Mas a sensação de ter que por algo, para fora alimentara e parecia inevitável ter que realizar uma grande limpeza. A questão era, quando?

Deveria esperar um pouco mais? Deveria ir agora?

Já se passara meia hora do início do ritual e o casal belga já estava lá fora colocando “as tripas”, para fora do corpo.

Os dois beijando o chão e em intensa catarse, acompanhados por Madá, que saíra em socorro de ambos.

Neste momento, eles não conseguiam articular nenhuma forma de comunicação, via-se, apenas o desespero em seus olhares, atônito e aflitos. Madá, neste momento passou a falar com eles, recomendando-lhes que respirassem, profundamente.

A respiração é um dos fatores que nos trazem ao equilíbrio, dentro de um ritual, quando entramos numa peia profunda.

Mantê-la num fluxo perene e profundo, nos tira de muitas situações, nas quais perdemos todas as esperanças. Em alguns poucos minutos o casal belga, voltou à calma, embora estivessem muito assustados, ainda.

Neste momento, chegou a vez de André “atravessar o purgatório”. Passou em passos acelerados, por Madá e foi direto, na direção de uma gigantesca árvore, um jatobá centenário, chamado de João Grandão, confessor de muitos peregrinos que passaram por ali.

Entrou num estado de por tudo o que encontrara, de ruim, dentro de si, para fora de seu organismo.

A convulsão física entrara em ação e os anos de vícios estavam sendo expurgados de uma vez só. Pelo menos, era o que parecia, para ele.

A coisa não parava de lhe provocar convulsões repetidas e cada vez mais intensas, como se não coubesse mais, nenhuma energia, daquele tipo, dentro de si.

Àquela altura não havia ninguém a quem pedir socorro, sobrara, apenas, a escura floresta, que permanecia impassível, diante de sua agonia. Resolveu, então, relaxar e ver aonde iria ser levado, pela força do Sagrado Chá. Desta forma, as reações seguintes vieram para lhe conduzir aos demais baús a serem abertos.

Passou alguns segundos, em observação inerte, sem poder interagir com o que acontecia à sua volta. Era um mero observador de suas ações e reações, diante da energia que emergia, de dentro de si.

Em um dado momento, dentro da experiência, aparece-lhe mais um de seus demônios, criado e alimentado, durante centenas de vidas, aparentemente.



A imagem do ser, que o inquiria e simbolizava a sua loucura, parecia-se com um personagem das histórias em quadrinhos.

Tinha as feições de um personagem de história em quadrinhos, um arquivilão de alguma história da Marvel e, olhando profundamente, para si, perguntou:

-“Porque demorou,tanto, a voltar?”

Parecia que o tal personagem o conhecia de longa data e o estava esperando, há um tempo, bem longo, igualmente.

André não gostou de tamanha intimidade, pois não lembrava de conhecê-lo. Tudo era uma assombrosa novidade. A figura tinha um desenho geométrico brilhante, como se suas bordas fossem de luz neon, que mudava de cores. constantemente.

Mas, na condição na qual se encontrava, não tinha condição de fazer exigência alguma.

Simplesmente tentava entender o que acontecia à sua frente e, por

testemunha, havia, apenas, a grande árvore, que, impassível, parecia rir do adventício, mas, era onde ele se apoiava.

A estranha figura e ele eram os únicos protagonistas da situação inusitada.

Teria que se livrar daquilo, sozinho, não haveria ajuda externa.

Como já havia concluído, anteriormente, ao enfrentar o primeiro “demônio” que encontrara, tudo havia sido criado, por ele mesmo. Conseguiu se livrar da primeira experiência, com sucesso, ao perceber esta verdade interna.

Neste momento, a nergia lhe fez um pedido:

- “Preciso entrar na sua mente! Não há o que temer, relaxe e deixe fluir.”

André estremeceu com a solicitação da energia, pois, caso permitisse, poderia virar um escravo eterno, da loucura, o que seria inconcebível, à luz de seus entendimentos.

Mas, a energia era, cada vez mais, sedutora e convincente em suas explicações do porquê de querer entrar na mente de seu criador.

A resistência de André estava se esgotando e ele já cogitava a ceder à solitação da energia. A sua loucura, que acabara de sair de um de seus baús emocionais, querendo dominar a sua vida. Seria isso possível? E como saber, se não tentasse?

Neste momento, André sentiu-se caindo num poço escuro e sem fundo, sem luz e sem perspectiva de volta. Era uma queda em parafuso, angustiante, rumo a um lugar indefinível e sem destino certo.

Já estava prestes a entregar as chaves das portas de sua mente, à figura de sua loucura, quando apareceu Madá e pôs a mão em seu ombro esquerdo, perguntando-lhe, como estava. Voltou a si, na mesma hora e a energia, que o assediava escafedeu-se em seu inconsciente, instantaneamente. Seja qual fosse o resultado da entrega da sua mente, à própria loucura, não saberia o resultado, ainda, daquela vez.

Madá o acalmou, enquanto balbuciava algumas palavras incompreensíveis e o levou de volta até o salão, onde o acomodou em seu lugar no leiaute inicial do ritual.

Permaneceu deitado, até o final do rito.

As sensações que experimentava, agora, eram totalmente diferentes. Parecia que havia sido catapultado do inferno aos céus, durante a caminhada de volta ao salão, conduzido por Madá.

A luz que experimentava, desta vez, era muito intensa, parecia que não iria aguentar. Viu o seu corpo físico se dissolver e fótons, partículas luminosas, que flutuavam ao redor de seus pensamentos. Sentiu, então, o que Trueno Fuerte falou que iriam experimentar: a morte física.

Uma morte simbólica, mas, muito convincente. Sentiu-se morto e vivo ao mesmo tempo, um paradoxo inexplicável.

Não tinha mais corpo físico, era pura energia circulando pelo universo infinito, numa sensação de plenitude, inexplicável.

Aproveitou a situação e adormeceu, profundamente, como se tivesse que por em dia, um sono de uma vida inteira.

A sessão atingiu a sua segunda hora e era o momento de se verificar se alguém necessitava de mais alguma dose do Chá.

Accionada por Trueno Fuerte, Madá perguntou a cada um dos comungantes se aceitariam mais uma dose da bebida.

Àquela altura, apenas Dominique apresentou-se, para a segunda jornada, do Chá. Mulher de coragem, pois a sua burracheira estava bem profunda e já fizera muitas limpezas seguidas.

Mas, algo lhe dizia que precisava de mais profundidade, para alcançar, realmente, a cura, que procurava.

A segunda dose lhe foi servida pelo próprio Trueno Fuerte, que àquela altura e em seguida, iniciou um ritual com o tambor



A batida cerimonial do tambor sagrado, nos leva a níveis inimagináveis de Consciência.

sagrado.

O que aconteceu a seguir, não daria para ser descrito, mas, apenas, vivido, por cada um dos comungantes.

As mirações multiplicavam-se de forma caótica, dentro de cada um e as reações eram incontroláveis, pelos egos, pegos de surpresa, pelos efeitos da bebida. O som do tambor aprofundava a burracheira de cada um de forma irrefutável, os níveis de frequência vibratória modificavam-se em todas as direções, possíveis.

A um determinado momento, a batida do tambor era acompanhada



As mais diversas mirações multiplicavam-se nas telas mentais dos comungantes.

pelo som emitido por uma flauta andina. As sensações enteógenas multiplicavam-se no salão e Madá, com a sua voz melodiosa cantava chamadas, para intensificar a Sagrada Força, que invadia o íntimo de cada um.

Poder-se-ia definir aquele momento como um “transe de pura consciência”.

Pode-se dizer que nenhum dos comungantes seria o mesmo, após aquele ritual e eles sabiam disso, de antemão.

CÉU E INFERNO, EM EQUILÍBRIO, NO REINO DE HOASCA.

Pararemos por aqui, no Peru, para a analisar a continuidade, as outras experiências, dos demais protagonistas, com o Sagrado Chá.



As mirações são representações de energias que estão em nosso inconsciente e que afloram, com o efeito do Chá.

8º. ATO – De volta ao Samaúma e à vida cotidiana, com Jeoshua Cruz (Jota Cê), Carla Fioravante (Cacá), Dr. Pinel e Laura.

De volta ao mundo normal da matrix, Cacá procurou saber o que acontecera ao seu cotidiano, durante o final de semana em que permanecera no Núcleo Samaúma.

Uma notícia bombástica lhe chegou pelo what's app: Dedo Leve houvera sido preso, numa ação policial, específica, para capturá-lo.

Além do Dedo Leve, mais dois de seus comparsas foram tirados de circulação, depois de uma troca de tiros com os policiais.

Por conta disso, aliviou-se e pensou do que havia se livrado, por estar na sessão de Ayahuasca, no Samaúma, naquele final de semana. Sentiu-se na proteção de uma Força superior a lhe guiar, pelos seus caminhos.

Se estivesse com o Dedo Leve, como de costume, poderia estar presa, juntamente com o traficante.

Estaria livre do meliante, por algum tempo, enquanto ele estivesse atrás das grades. Teria tempo, para elaborar algum plano de se livrar, definitivamente, de suas influências marginais.

Com certeza, teria que pedir ajuda ao Jota Cê, que já sabia, por alto, da situação da amiga.

Marcaria um encontro com ele, durante a semana, para lhe contar as novidades e para pedir conselhos a respeito do que passara na sessão do Samaúma.

Havia uma grande luz iluminado o “túnel inteiro de sua vida” naquele momento.

Laura, por sua vez, estava exultante por ter dado tudo certo na sua primeira intervenção como auxiliar oficial de uma sessão.

Não via a hora de ir à consulta semanal com o Dr. Pinel, o que se daria dali a três dias. Ansiava por esta ocasião. Teria que guardar, consigo mesma, a sensação que ainda sentia, por conta dos efeitos do sagrado Chá, que, agora, ela chamava de "Chá da Vida", ao invés de "vinho da pequena morte".

Uma feliz confusão se passava, em seu interior. Para ela, fazia todo o sentido, da morte ser, a verdadeira vida.

Mas teria que pensar e sentir, com calma, a este respeito, com mais tempo e, também, com mais discernimento, para poder por em prática a nova verdade que nascia dentro de si.

Apenas pelo fato da medicação estar diminuindo e os efeitos de sua doença estarem desaparecendo, já era uma grande vitória pessoal, para ela.

Sorria aos quatro cantos, encantando quem a encontrava e não mais a reconhecia, como a pessoa angustiada que era, até alguns meses atrás.

Jota Cê, nesta semana estaria empenhado em muito trabalho de campo, demarcando pilares de uma passagem de nível, onde seria construído um grande viaduto da estrada que ajudava a surgir, nos arredores de São Paulo.

Será que daria conta? Também, não parava de pensar em Cacá e, naquela noite resolveu que lhe ligaria, para saber se estaria bem, depois da experiência inusitada.

Era um dia chuvoso, o que atrapalharia um pouco as suas atividades e o deixaria bem cansado, mas era primordial falar com a amiga.

No final da tarde, chegou à república onde morava e foi direto para o chuveiro, para acalmar-se e se preparar para ligar para a amiga.

Havia muita coisa a ser falada e compartilhada com ela e não sabia por

onde começar. Sentia uma atração pela garota e, em algum momento, teria que compartilhar seus sentimentos, com uma pessoa que conhecera, há, apenas, duas semanas.

No chuveiro treinou uma forma de iniciar a conversa com Cacá, mas, atrapalhava-se, no meio de seus pensamentos. Desistiu e concluiu que deixaria rolar e que deveria ser, como tivesse que ser.

Não sabemos se foi por transmissão de pensamentos, mas, Cacá resolveu ligar, antes, o que pegou Jota Cê desprevenido, mas feliz, por receber a ligação.

Com certeza, já havia uma conexão energética entre os dois e, ao atender o celular, seu corpo tremia inteiro. Engoliu a seco atendeu a amiga.

-“Boa noite querida, como você está?”

A voz de Cacá, com evidente energia de alegria e satisfação, respondeu:

-“Estou ótima e, agora melhor!”

-“Ainda flutuando, com os efeitos da Ayahuasca. Parece que estou, num tapete voador, à deriva!”, disse Cacá.

A resposta deixou Jota Cê exultante e sem palavras.

Cacá, diante do silêncio de Jota Cê, perguntou:

- “Vamos nos ver nesta semana?”

O moço engoliu a seco e respondeu:

- “Claro. Vamos sim.”

Depois de contar as novidades da sua visível libertação, por conta da ação policial que prendeu Dedo Leve, marcaram de se encontrar, depois do trabalho de Jota Cê, no meio da semana, no mesmo local do primeiro encontro. Jota Cê daria um jeito de se liberar mais cedo, para ter mais tempo, para conversar com a garota. Pensou em já dizer, para ela, alguma coisa de seus sentimentos, mas, achou prudente falar-lhe, olho no olho, durante o encontro vindouro.

Afinal, seriam, apenas, mais dois dias de espera e, ademais, Cacá estava focada nos acontecimentos que a libertara dos perigos que poderia correr, por conta de sua relação com a quadrilha de Dedo Leve.

Falaram, cerca de, meia hora e se despediram, depois da conversa quase que esclarecedora, aos dois, pela forma como o papo se desenrolou. Uma pequena luz se acendeu, também, no coração de Cacá. Sentia alguma coisa pelo rapaz, mas, como ele ainda não falara nada, neste sentido, ficou com a desconfiança esperançosa, para si. Curtiria esta sensação até à próxima quarta feira.

Noutra parte da cidade e no dia seguinte, o Dr. Pinel adentrou em seu consultório e começou a rever o prontuário de sua paciente, a Laura. Ficou espantado com os progressos da menina e quase ligou, para saber como ela estava. Conteve-se, pois o trato entre eles era que só ligariam uma para o outro, numa situação de emergência e achou por bem, não quebrar a regra que já vigia a, cerca de, um ano.

No começo do tratamento, a Laura não parava de ligar. Era quase uma regra, falarem-se, pelo menos a cada dois dias, com ela, sempre, em surto e desespero.

Este fato lhe dava a certeza da melhora de Laura e contabilizava mais um paciente, quase curado, pela ação do Sagrado Chá.

Pensava em escrever um trabalho a este respeito, em parceria com amigos de profissão que seguiam a mesma linha de tratamento, com alguns pacientes. Lembrava, sempre, que a “Ayahuasca é quem escolhe quem pode consagrá-la e quem não deve seguir por este caminho”.

Regra básica, que deveria ser, sempre, lembrada e respeitada, bem como informada aos pretendentes às “Sagradas Curas do Chá”.

Estava exultante e feliz com os resultados e agradecia, profundamente, ao Sacramento, por ter surgido, na sua trajetória de vida.

Começou então a fazer uma sinopse de seus resultados e conclusões, nos anos que se passaram desde que iniciou a experiência, com os voluntários da pesquisa terapêutica.

Anotou na agenda a necessidade de marcar uma reunião, para dar início ao projeto do livro, com seu grande amigo e, também, psiquiatra, Dr. Pascoal, que, atualmente, atende seus pacientes, em Campinas e leciona na UNICAMP.

Passou o resto do dia organizando seus trabalhos escritos a este respeito. Concluiu que seria uma obra de, pelo menos, quinhentas páginas, com conteúdo voltado aos pesquisadores desta área específica.

Havia, apesar dos casos de sucesso, muita dúvida a respeito do grau de profundidade da bebida, em determinados casos e alguma pesquisa de campo, ainda deveria se desenvolver, para que

conclusões mais sólidas pudessem ser catalogadas, como rotas a serem seguidas.

Encontraria o amigo, na semana seguinte, para propor o projeto do livro e continuidade das pesquisas, sobre o Chá.

Finalmente chegara a quarta feira e Jota Cê, mal se concentrava noutra coisa, a não ser no encontro com Cacá. Durante o dia teve muita dificuldade em manter a atenção no trabalho e, várias vezes, teve que reinstalar o teodolito, seu principal instrumento de trabalho, por, ainda, estar com seu “coração voando”.

Rezando para o tempo passar mais rapidamente, custou a se concentrar no que tinha que fazer.

Seu supervisor chamou-lhe a atenção, por conta da distração evidente, que o rapaz apresentava.

Engoliu o almoço em quinze minutos e voltou aos trabalhos, para ganhar algum tempo, já que suas tarefas eram medidas, por missão diária.

Corrigindo a desatenção, evidente, do período da manhã, conseguiu, finalizar as tarefas, cerca de, uma hora antes, do término do expediente e liberou-se para voltar a São Paulo.

Marcara com Cacá, às 19:30 horas, no mesmo shopping, da primeira vez.

Chegou quinze minutos, antes da hora marcada e sentou-se na praça de alimentação, aguardando a amiga.

Na hora marcada, sentiu uma mão no seu ombro e o perfume francês, usado por Cacá. O coração disparou de felicidade e o fez levantar e dar um abraço apertado, na garota. Levou alguns segundos, para voltar à calma.

Cumprimentaram-se com beijos nos rostos e sentaram-se. A conversa engrenou rapidamente, com Cacá tomando a iniciativa de abrir a oratória, como de costume.

Contou tudo o que ocorrera, ao Jota Cê, aos borbotões, expressando muita alegria, ao dissertar sobre os fatos.

O rapaz, neste momento, sem dizer uma palavra, roubou-lhe um beijo de supetão. Atônita, mas, sem nenhuma reação contrária, Cacá lhe correspondeu à iniciativa, retribuindo-lhe. Um demorado contato labial se deu, no meio do shopping. Por alguns momentos, os dois corações bateram, em perfeita sincronia e, ambos, esqueceram-se do tempo.

Tinham muito, o que conversar e planejar, para manter aquele “fogo” aceso, mas, também, teriam tempo para isso.

Passado o primeiro impacto, ocasionado, pelo beijo inusitado acalmaram-se e começaram a falar dos efeitos do Chá, em ambos. A viagem de Cacá foi algo surreal, vira como ficaria, caso não abandonasse a vida, fútil e

desregrada que abraçara, anos antes. Não queria isso para sua vida e deveria mudar de rota, o mais rapidamente, possível.

Coma saída de circulação de Dedo Leve, encontraria menos obstáculos, nesta guinada de vida que precisaria empreender.

Contou a Jota Cê, das mirações estranhas e incompreensíveis que vira, em sua tela menta e o rapaz lhe disse que estas reações do cérebro, liberando as imagens do inconsciente era o primeiro sinal de que a miração estava em ação, no seu processo e que tudo isso servia para lhe mostrar a inconsistência da matéria física, diante da verdade interior.

Jota Cê lhe informou, ainda, que era provável que as mirações lhe voltassem, em sonho, durante alguns dias, pois sabe-se que, os efeitos da Ayahuasca, perdura por, pelo menos, quinze dias, até serem completamente eliminados, pelo organismo, através do metabolismo.

Por isso, as sessões devem ser repetidas, em intervalos, desse mesmo período, para que a cura se estabeleça, por inteiro, nas pessoas que apresentem problemas, específicos, que possam ser curados pelas substâncias contidas no Sagrado Chá.

A sensação de leveza se dá, por conta das limpezas que o Chá provoca, ao encontrar substâncias e energias que estiverem fazendo mal, ao comungante e que, este próprio, não esteja conseguindo lidar com elas, transmutando-as, pela sua própria vontade.

Sabe-se, notoriamente, com as experiências quânticas, que, pensamentos criam e pensamentos ruins, criam situações de caos e doenças somatizadas e pensamentos bons e construtivos criam cura e felicidade.

Marcaram de ir, novamente, ao Samaúma, na próxima sessão de escala que se daria dali a onze dias. Como o vício da Cacá era, somente, recreativo, seria mais fácil liberar-se dele, com a utilização do Chá, de forma frequente e com



As imagens e modelos gráficos mentais, causados pela ação do Chá, não saiam da mente de Cacá.

acompanhamento do amigo mais experiente.

Ficaram no shopping até o seu fechamento e, como de costume, ela o levou até a república onde o rapaz residia.

Despediram-se, com outro prolongado beijo, selando a situação entre eles.



Cacá estava exultante e emocionada, na consulta.

No dia de sua consulta semanal, Laura chegou com certa antecedência e ficou a tagarelar com a recepcionista do consultório. Contou à Juliana da sua nova experiência, como ajudante no Samaúma e de sua melhora com relação à esquizofrenia e à depressão.

Pinel, atraído, pela conversa das duas, saiu da sala para tomar um café e chamar a Laura para entrar em consulta.

Abraçaram-se, demoradamente, e algumas lágrimas caíram dos olhos da Laura, no jaleco de seu benfeitor.

Emocionada, respirou fundo, ao entrar na sala de consulta. Passada a emoção inicial, abriu um grande sorriso, de agradecimento ao Dr. Pinel.

Imediatamente, Pinel tomou as rédeas da situação e pediu para Laura começar a falar, posto que a moça parecia que iria explodir, caso não iniciasse, logo a conversa, da consulta. O Dr. Pinel deixou a moça falar à vontade e dentro de seus próprios critérios de oratória. Era importante, para ela, por para fora o que estava sentindo e compartilhar tudo com o seu benfeitor.

Começou falando do final da semana no Samaúma e, especificamente, da experiência enteógena. Vira-se, numa outra vida, na qual era opressora de um grupo de pessoas que estavam sob o seu comando e que dependiam dela para sobreviver. Ela era uma senhora de terras poderosa, no entanto, não soube precisar, quando se dera esta história, no tempo e no espaço, apenas, lembrava de ser, a tal pessoa.

Os rostos de suas vítimas fluuavam ao seu redor e um profundo remorso lhe sobreveio, no íntimo, corroendo-lhe, por inteiro, neste exato instante, iniciou um processo de morte dentro da experiência. Estava matando aquela experiência, dentro de si e simbolicamente, morria, também. Foi uma “peia” muito forte e não esqueceria, facilmente, das imagens que vieram à sua tela mental.

De certa forma, pode-se dizer, que foi uma vivência horripilante e difícil de ser descrita, em seus detalhes.

Pinel a escutava, atentamente. E anotava tudo em seu bloco de notas. Estimulou a Laura a continuar e a descrever seus sentimentos, atuais, em relação à experiência. Nem precisava pedir, pois era exatamente o que a moça estava a fazer, naquele momento. O que mais impressionava o médico era a capacidade de autoanálise da garota, que chegava a conclusões, sobre si mesma, às quais ele, também, chegaria. A consulta, naquele dia, durou uma hora e meia.

Fizeram planos para a próxima sessão do Samaúma, que se daria em menos de duas semanas.

CÉU E INFERNO, EM EQUILÍBRIO, NO REINO DE HOASCA.

Os dirigentes da Casa de Sacramento haviam elogiado a postura de Laura, em suas tarefas de auxílio à sessão passada. Derramou algumas lágrimas, ao ouvir os elogios de Pinel.

Em mais alguns dias, os quatro protagonistas deste ato da história encontrar-se-iam, novamente, em mais uma sessão do Sagrado Chá.

9º. ATO – Ohana Stevens (Hostie) e Maria Ohara (Mari Ô), em Norwood, Colorado, para a primeira sessão de Vegetal, de cada um.

O trio saiu de Los Angeles, bem cedo, às 06:00 horas, da matina, na direção de Norwood, resolveram ir de carro para mostrar o país à Mari Ô. Seria uma viagem e tanto, passando por vários parques nacionais. Acredito que foi por este motivo que a peruana cedeu aos encantos da Ayahuasca, sem muita discussão.

Saindo bem cedo, chegariam ao destino, ainda, no mesmo dia, de viagem, depois de cerca de quatorze horas de viagem e uma hora antes, com duas ou três paradas, pela diferença, para menos, no fuso horário. Desta forma, planejavam chegar às 20:00 horas, no horário de Norwood.

O hotel já estava reservado e haveria uma reunião no final da tarde com os condutores desta sessão de adventícios, na própria sede da igreja xamânica, onde seria realizado o ritual de quatro horas, no dia seguinte.

Fariam duas paradas, antes de chegar ao destino, a primeira em Las Vegas, para o almoço e abastecimento do veículo e a segunda, numa pequena localidade, chamada Salina, em Utah, para novo abastecimento, outras paradas dependeriam das necessidades de momento. Neste trajeto, passariam em Barstow, cidade natal de Hostie. Ela mencionou o fato, mas não parariam lá na ida, para melhor utilizar o tempo no foco da viagem, a sessão do dia seguinte.

Na volta estavam programando passar na fazenda dos pais da Hostie e pernoitar por lá. O carro de Peter era uma espaçosa SUV Equinox,

CÉU E INFERNO, EM EQUILÍBRIO, NO REINO DE HOASCA.

da GM, com motor 2.0 Turbo, o que garantiria conforto e segurança para a viagem. Levaram duas barracas de camping, para uma aventura, no retorno a Los Angeles, em algum parque nacional, existente, no caminho.

Esta era a vida das duas arqueólogas, dormir na natureza em barracas de camping e, com seu sangue Sioux, Peter as acompanharia, com prazer.

Pretendiam fazer a viagem de volta, em sete dias, parando e conhecendo os locais pitorescos, do percurso.

Passadas cinco horas, estavam em Las Vegas, onde fizeram uma rápida parada, para o almoço. Pararam na periferia da cidade, num restaurante, já conhecido, pelo casal. Não entraram na cidade, para poupar tempo.

Rapidamente, após a refeição, já estavam na estrada.

O sono bateu nas duas amigas e o Peter, prosseguiu, sem companhia, por umas duas horas da excelente **Highway 15**, compenetrado na estrada, não as incomodou. Havia combinado com a esposa de trocarem a direção, do veículo, na segunda parada, da viagem.



Com tranquilidade, chegaram a Salinas e pararam para abastecer e para satisfazerem as suas necessidades fisiológicas, seria uma pequena parada de quinze minutos, pois já eram 16:00 horas.

Haviam que dirigir mais quatro horas, pelo menos, até o seu destino final.

Pediram informações ao atendente do posto de gasolina, que as deu com prazer, ainda mais que foi a Mari Ô a solicitante, que encantou o rapaz, com seu inglês, com sotaque espanhol e sua beleza latina, rara, naquela região central americana.

Concluíram que chegariam dentro do horário, se continuassem naquele ritmo de viagem. Compraram algumas guloseimas para consumirem na última parte da viagem, embarcaram e partiram, com tanque e estômagos abastecidos.

Mudaram de estrada para a **Highway 70** e teriam que mudar, novamente, em alguns quilômetros para a **Hw 191** e, finalmente, chegar a Norwood, pela **Utah 46**, uma rodovia estadual.

Estavam cansados, aquela altura da viagem, mas, logo chegariam ao destino, onde uma banheira, com água quente os esperava. Era uma noite fria de final de outono e os 10° Celsius, de temperatura, convidava a uma banheira e, logo depois, a uma lareira.

Não haveria vinho, naquela noite, pois estavam cumprindo o jejum, recomendado pelos organizadores do ritual.

Chegaram a Norwood, à 20:30 horas, dentro do que estava previsto e combinado com o hotel.

Estacionaram à frente da recepção e, após os devidos registros, dirigiram-se, aos seus quartos, que ficavam vizinhos, um do outro.

Não saíram, para comer, pediram pizzas, pelo *dellivery*, que não demorou. Conversaram um pouco e foram direto para a cama. Peter e Hostie, antes de dormir, curtiram a banheira com hidromassagem, do seu quarto.

No dia seguinte, acordaram, por volta das 09:00 horas, da matina e foram,

direto, ao **breakfast**, servido no hotel, a seus pedidos. Ovos com bacon, pão fresco, suco de laranja, manteiga feita na região e algumas frutas

foi o cardápio servido, na pequena sala de refeições do hotel.

A Ayahuasca voltou a ser o tema das conversas, entre os três. Mari Ô, embora fosse a cética do grupo, começara a ficar apreensiva, como se estivesse recebendo recados de seu inconsciente, por antecipação. Não sabia

definir tais sentimentos, mas, compartilhou a sua apreensão com o casal de amigos.

Ambos, acalmaram-na, pois pela experiência com o peyote, sabiam que estas coisas aconteceriam e explicaram à amiga, a normalidade da situação que vivenciava, naquelas horas, antes do ritual.



San Miguel river, uma paisagem de fazer "cair o queixo".

Hostie propôs um passeio, na região, pois só teriam que estar no local da sessão, por volta das 16:00 horas, quando haveria uma palestra inicial, para as explicações pertinentes ao leiaute do ritual. Teriam, ainda, que passar por entrevistas individuais com um membro da triagem, pré-sessão. Tudo que havia



para fazer, no local, era ligado à natureza e verificaram que havia algumas cachoeiras, próximas, do Rio São Miguel e que poderiam ser visitadas, em um curto espaço de tempo, nada melhor do que isso para distrair Mari Ô, tirando-lhes as neuras que experienciava. Às 10:30 horas estavam saindo, na direção de suas primeiras aventuras, na região de Norwood. Chegaram ao local, um hora, depois e já foram buscar lugares, para as fotos que queriam tirar. Era um local de prática de pesca e canoagem e que poderia ser aproveitado pelo trio, caso ficassem mais algum tempo por lá.

A esta altura Mari Ô se acalmara e só pensava nas paisagens deslumbrantes do local. Tirou mais de cem fotos, entre *selfies* e fotos das paisagens.

Ficaram de voltar na segunda, pois não sabiam como estariam, no dia seguinte, ao ritual.

Depois de algumas caminhadas, pelos pontos principais do local, voltaram à sede do parque, onde fizeram uma pequena refeição e, dali foram direto à igreja, para as providências, antes do ritual, como estava previsto.

Chegaram um pouco antes das 16:00 horas e foram conhecer o local. Já havia gente ligada à administração da igreja, realizando tarefas ligadas à sessão daquele dia.

Foram os primeiros adventícios a chegar ao local, sendo encaminhados a realizarem os registros, para poderem participar do ritual de logo mais.

Foram feitas as perguntas de praxe aos três. Relataram possíveis doenças, existência de vícios e uso de medicamentos.

Depois da entrevista e preenchimento da ficha relatório, foram liberados, para aguardar o ritual. Resolveram ficar por ali, mesmo, pois a sessão teria início, em uma hora e meia.

O local era simples, mas, muito bem organizado e limpo.

Os membros usavam uma espécie de uniforme, com camisas de cor verde e calças brancas.

O espaço comportava, cerca de, cem pessoas, acomodadas e sentadas, devidamente.

Exatamente às 20:00 horas, o condutor da sessão, o Sr. Pablo Ramirez, de clara descendência indígena, provavelmente Lakota, iniciou a distribuição do Chá, para as trinta pessoas presentes ao ritual, das quais, sete eram adventícios.

Em média eram servidos de 75 a 100 ml do Chá para cada participante, provavelmente uma Ayahuasca de média graduação, na razão 5x1. A bebida servida, houvera sido importada, oficialmente, do

Brasil, em quantidade suficiente, para a utilização dos membros da igreja.

Tais informações foram colhidas, pela Hostie, antes da sessão, por conta de sua curiosidade científica aguçada.

Tendo todos participantes, recebido o seu copo com o Sagrado Chá e aguardando a ordem para bebê-lo, Mari Ô já estava enjoada, pelo cheiro forte da bebida. Procurava respirar pela boca, por conta do odor exalado pelo Chá.

Finalmente, o condutor do ritual levantou o seu copo e, em conjunto, todos fizeram o mesmo, na sequência repetiu:

- “Deus nos guie, no caminho da Luz, agora e sempre, amém Jesus.”

- “Bebamos!”

- **“God guide us, in the light way, now and forever, amem Jesus.”**

- **“Drink, everybody!”**

No Salão, havia cadeiras suficientes para todos e sete colchonetes, num parte reservada do local, para aqueles que necessitassem deitar, pelas

circunstâncias dos efeitos do Chá.

Para cada dois adventícios, haveria uma pessoa do local responsável, pelos cuidados, em casos de necessidades individuais.

Mari ô bebeu o seu copo de Chá e, imediatamente, comeu um fruta oferecida, como tira gosto, no caso dela um pedaço de pera.

Peter e Hostie fizeram o mesmo, mas estavam mais à vontade com a situação do que a Mari Ô.

Realizadas as chamadas do SIMCU, em português do Brasil, com muito sotaque, por sinal, pelo condutor. Os efeitos começaram a vir, notadamente, na Mari Ô, que sentiu a sua cabeça rodar e perdeu a

conectividade com seu próprio corpo. Era como se o tivesse abandonado e, agora, vagasse, pelo espaço, sem luz e sem cor.

Não havia mais ninguém, em sua experiência enteógena, naquele momento. Tudo era um completo vazio e tudo rodava a seu redor.

Aguardava, para saber o que fazer. Mas, afinal, haveria algo a fazer?

Ou deveria, apenas, esperar e observar?

Faria, então, o que fosse capaz de fazer.

As sensações de caos ficaram presentes dentro de si, por algum tempo, que não soube definir.

Não há nada de mal no caos, desde que não o sejamos. Se, apenas, o observarmos, sem sê-lo, estaremos tomando pé da situação, sem tentar controlá-la, o que é desejável, nestas situações de burracheira forte.

Estas situações ocorrem para nos mostrar que, apenas, vivemos uma “ilusão de controle” e que, na verdade, nada controlamos. O tamanho de nossa “ilusão de controle” é o tamanho de nossa consciência readquirida. Quanto maior a Consciência, menor o controle. Um cético, que em nada,

acredita, acha que tudo controla, então, a perda desta percepção faz com

que entre em completo pânico.

Mas, Mari Ô estava incapacitada para reagir, não conseguia controlar aquela situação de pânico que tomava conta de si e pensou, com a única parte de sua mente que, ainda, conseguia gerenciar:

-“Não adianta resistir, parece que a força da minha resistência é o combustível desta situação.”

- “Coisa maluca e desesperadora!”.

Viu que não tinha como vencer aquela sensação, naquele momento. Resolveu relaxar da forma que pudesse e ver o que aconteceria, afinal, tinha a certeza de que, em algum momento, a ação da química do Chá passaria e tudo voltaria ao normal. Esta foi a parte da palestra inicial, que assistiu, antes do ritual, da qual, mais se lembrava.

Veza por outra, abria os olhos e via um completo silêncio e a mais profunda quietude, no salão. Parecia que todos dormiam. Apenas a música, de fundo, de flautas e instrumentos andinos, penetrava em seus ouvidos, indo, diretamente, ao cérebro e aprofundando as situações vividas.

Tudo era caos, tudo era confuso, tudo era incontrolável, quando, de repente, a música a tocar era o mantra **“OM MANI PADME HUM”**, o Mantra da Budha da Compaixão ***Kuan Nin***.

A partir desse momento o baú do caos se fechou e outro se abriu, pleno de Luz. A mudança de situação foi instantânea, do inferno ao Céu em menos de um segundo. Como poderia ser isso? Uma pergunta sem resposta, a não ser que ela entendesse que, ambos, Céu e inferno estão dentro dela mesma e a gestão de quem vai prevalecer ser, sempre, do observador que ela se tornou, nesta experiência. Onde colocaria, partir de agora, todo o ceticismo que carregava e minava a sua possibilidade de readquirir a sua Consciência “esquecida”?

Não tinha ideia, sobre o que fazer.

Mas, afinal de contas, o que importaria, a partir dali?

Se estamos, sempre, em eterna transformação, por que parar numa coisa que já se tornara obsoleta e dispensável e que só poderia lhe fazer mal se permanecesse acoplada, era hora de investir nas “ações da fé”, pois elas começavam a reagir na “cotação da sua Bolsa de Energia”.

Pensou, firmemente, nas possibilidades futuras, de transformações, que estavam

por vir e já batiam às portas de seu coração.

Em alguns minutos de experiências enteógenas, já não era a mesma pessoa e já cogitava uma mudança radical e total de sua compreensão das coisas da vida.

A impermanência seria a direção a ser seguida e ela, sempre, como observadora do movimento da experiência vivida.

Uma sensação de ser banhada na Luz da “Fonte Criadora de Tudo” trespassou-lhe todos os átomos formadores de seu “hardware humano”.

Uma imagem impressionante lhe passou na tela mental, onde se via,



O caos era a matiz, de sua tela mental, naquela parte do ritual.

nas profundezas de seu ser, limpando tudo o que não lhe servia mais, no nível atômico de sua formação.

Uma imagem impressionante lhe passou na tela mental, onde se via nas profundezas de seu ser, limpando tudo o que não lhe servia mais, no nível atômico de sua formação. Sentia seu corpo se expandir, sem limites, em alguns segundos, já era o universo inteiro e não havia como explicar aquilo que ocorria consigo. Apenas observava os fenômenos que se apresentavam, na sua tela mental, povoada de novas imagens a cada segundo, todas engrenadas, como se estivessem numa corrente de energia e vida.

Começaram a aparecer cenas de algumas vidas passadas, como sacerdotisa inca de imensos poderes e prestígio na corte de Atahualpa.

(Nota: Atahualpa foi o décimo terceiro e último Sapa Inca de Tahuantinsuyu,



Viu-se num processo de limpeza profunda, no nível atômico, de seu "hardware humano".



Sacerdotisa da Corte de Atahualpa, no Império Inca.

como era chamado o Império Inca. Foi o governante de Quito, por cinco anos antes de conquistar o Império Inca de seu irmão Huáscar, em resposta a uma ameaça, inicial, deste).

Teve que enfrentar os sacerdotes cristãos espanhóis, em plena inquisição e recusou-se a converter-se aos cristianismo, foi perseguida, mas, conseguiu fugir, vivendo o resto da vida em uma caverna. Seus restos mortais nunca foram encontrados e não mais se soube dela, de forma precisa, apenas, lendas e história dos locais de Cusco, onde vivera, desde a infância. Ela viu que descendia de uma linha de sacerdotisas e sacerdotes, que já tinha séculos de corrente cármica, com a questão do tratar o divino no meio do profano.

Viu que a sua decepção e perseguições sofridas, nestas vidas passadas, lhe trouxeram o ceticismo desta vida atual, como “carma contratual” a ser equilibrado.

Já seria um ponto de partida, para a cura que necessitava, agora, restava saber em que direção remar, para dar continuidade ao processo.

Achar uma bússola e um foco, para guia-la nesta nova situação, seria essencial, para seu sucesso, na busca daquilo que perder e já vislumbrava no final do túnel de sua caminhada.

Não perdeu o foco da limpeza que realizava intimamente, cada rusga e sujeira encontrada era, imediatamente, dissolvida em algo parecido com fótons de profunda luz e o que era problema transformava-se em solução.

Passadas as duas primeiras oras de ritual, houve uma interrupção para algumas chamadas, realizadas pelo condutor, entre elas a

Chamada do “Anjo da Guarda” e, na sequência a chamada da “Guarnição de Salomão”.

Tais chamadas eram realizadas pelo condutor, quando ele sentia que o peso da peia, em adventícios estava muito intensa.

Era, também, a hora de servir a segunda dose do Chá a quem se voluntariasse a bebê-la.

Mari Ô dispensou a segunda dose, mas o casal de amigos se apresentou, para receber o segundo sacramento do ritual.

Hostie e Peter estavam em burracheira profunda, mas, queria ultrapassar os limites que haviam atingido.

A coragem dos dois foi reverenciada por Mari Ô, que se perguntou:

- “Onde será que eles querem chegar?”

Hostie e Peter, estavam num processo semelhante ao de Mari Ô, mas a visão deles de religiosidade, os colocava em situações diferentes, do ponto de vista das sensações sentidas.

Hostie enfrentava os problemas cármicos que tinha, no inconsciente com seus pais. Já Peter, os problemas ligados ao seu egoísmo e egocentrismo, relacionados a um conjunto de vidas que tivera quando era um “pele vermelha” e assumiu a chefia de uma tribo de sua ascendência. No foco desta época e vivência, as disputas com o homem branco, ainda, não eram seus principais problemas, pois a ocupação do continente, ainda se concentrava, no leste do país.

Com certeza, apesar da profundidade da burracheira de Hostie e Peter, a vivência de Mari Ô era, de longe, mais intensa, pela sua condição de descrença naquelas coisas que vira e sentira.

Pode-se dizer que nenhum dos três jamais sentira as sensações que estavam presentes, em cada um, nesta ritual.

Muita luz e compreensão estiveram presentes nas burracheiras dos três, até o final do ritual.

As músicas e mantras, tocados na sessão estavam mais leves e ligadas à suas questões emocionais e cardíacas. Aos poucos, foram voltando à matrix de suas vidas comuns, mas tudo houvera sido abalado, pelas experiências vividas, por cada um, individualmente.

Encerrada a sessão, era chegada a hora da confraternização e do lanche que, sempre, era servido ao final dos trabalhos.

Os três foram conversar com o condutor da sessão. Era a intenção, do casal, iniciar um trabalho sério com a Ayahuasca, em Los Angeles e, para isso necessitariam da ajuda de Pablo Ramirez.

O sacerdote achou uma excelente ideia e, os ajudaria, com certeza, desde que houvesse um determinado número de pessoas, para iniciar um núcleo, oficialmente.

Até seria interessante, por conta do clima da Califórnia, muito mais quente que na região de Norwood e onde poder-se-ia tentar o cultivo do mariri e da chacrona, para produção do Chá, criando independência, para o núcleo. Restava resolver a questão legal, do cultivo das plantas, em território americano.

Era uma situação a evoluir, em todos os sentidos. Peter cuidaria, como advogado, da parte legal do processo. Estava acostumado com o assunto, por conta de suas ações para legalização do uso ritualístico do peyote, nas comunidades indígenas que representava.

Chegaram ao hotel, por volta de 04:00 da matina, muito cansados e já sem assunto, a não ser dormir.

Banho quente e cama era a receita recomendável aos três adventícios da Ayahuasca e foi, exatamente, o que fizeram.

A ideia de visitar o Rio San Miguel, no dia seguinte, caiu por terra, não haveria disposição física para pilotar canoas, depois da experiência da noite anterior. O assunto, agora, era montar um núcleo da UDV, na Califórnia, coisa que não saía da cabeça da Hostie e o Peter já sabia que, quando a esposa punha uma ideia na cabeça, nada, no universo, era capaz de convencê-la do contrário.

Mari Ô, meio zozna, ainda, nem falou muito. Despediu-se, tomou um banho rápido e caiu na cama, imediatamente. Nem ela sabe direito se conseguiu dormir ou não, pois os sonhos eram muito reais, para serem ignorados.

No dia seguinte, ao acordar, lá pelas 11:30 h, não se sentia cansada, embora achasse que não houvera dormido.

Tomou um banho demorado e, em seguida, foi procurar o casal de amigos, para comerem alguma coisa.

Encontraram uma lanchonete aberta na cidade e durante a refeição, decidiram que pegariam a estrada, na manhã seguinte, seguindo o roteiro de parar em Las Vegas e em Barstow, onde fica a casa e fazenda dos pais da Hostie e também o berço de origem de Peter, seu marido.

Esta história continuará, mais adiante.

10º. ATO – De volta a Ayacucho com Madeleine de Marseille (Madá) e André Galhego Fontana (China).

Já se passara uma semana, desde o primeiro ritual com a Ayahuasca e a comunidade estava coesa em busca da cura de cada um.

A cada dia bebiam uma porção do Chá, menor que a servida no ritual, apenas, para a manutenção do estado de graça, alcançado com a ingestão da bebida.

As jornadas eram de trabalho intenso, com a terra e com alguns animais que havia na fazenda de Trueno Fuerte. Dia sim dia não, realizavam uma trilha que durava, cerca de duas horas de caminhada. Havia cinco trilhas distintas. Duas se destacavam, como tema de vida. Uma era uma subida especialmente íngreme, chamada de **“Trilha para o Inferno”** e a outra, que parecia ser a solução, para a primeira, chamada de **“Trilha do Inferno ao Céu”**.

Era literalmente o que estavam fazendo ali, diariamente: descendo aos infernos e, eventualmente, subindo aos Céus.



A Trilha para o Inferno começava numa mata densa.

Tais caminhos iniciavam-se, no meio da mata e, esta acabava e só se viam imensas escarpas de pedra e vegetação rarefeita. As trilhas tinham de quatro a sete quilômetros de extensão e média de tempo para realiza-las, era de duas horas e meia a três horas.

CÉU E INFERNO, EM EQUILÍBRIO, NO REINO DE HOASCA.

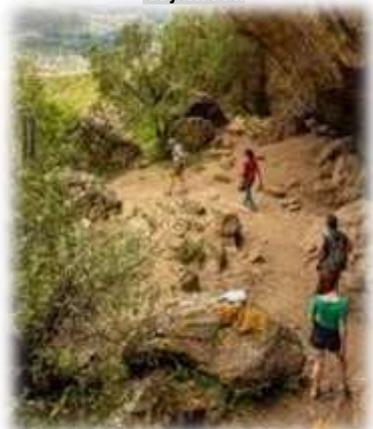
Todos acabavam extenuados, pois realizavam as caminhadas, sob o efeito de 30 ml do Sagrado Chá, servido, vinte minutos antes, do início da jornada, em um ritual simplificado, para a consagração da bebida.

Na primeira vez que realizaram a trilha, os adventícios achavam que não teriam condições de ir e voltar, por conta da burracheira. Mas é impressionante a inteligência da Sagrada Bebida, quando há uma necessidade física iminente, os efeitos do Chá ficam mais brandos e, embora um pouco zonzos, os comungantes conseguem se safar de perigos e realizar tarefas que exijam esforço, como caminhar, subir e descer uma trilha de média ou grande dificuldade.

Esta experiência põe em confronto a necessidade de aumentar o metabolismo, pelo



Uma dose de Chá era servida, antes da jornada.



Mais adiante, virava uma trilha aberta, cheia de pedras.



A trilha para o Céu era mais aberta, porém mais íngreme, até chegar a alguns terraços Incas.

esforço e a de diminuir, pela ação da bebida. O corpo acaba encontrando um ponto de equilíbrio nesta questão crucial de equilíbrio hormonal, entre a adrenalina e as endorfinas produzidas pelas nossas glândulas reguladoras e produtoras de hormônios, para cada estado de consciência.

A caminhada era realizada com, cerca de, doze pessoas e, para cada adventício havia uma pessoa do centro terapêutico, para cuidá-la, no início das sessões deste tipo.

A proposta era de, até o final do tratamento, cada adventício realizar, pelo menos uma vez, uma trilha isoladamente, na solidude da experiência. Esta tarefa não seria obrigatória, mas bastante meritória ao peregrino que conseguisse realizar a “caminhada do êxtase”, como era denominada, por Madá.

Apesar do vício em ópio e outras drogas, o China sempre fora, de alguma forma, adepto dos esporte mais radicais, gostava das escaladas, nas pedras e, numa fase da vida, fora triatleta.

Suas lembranças celulares, ainda estavam vivas, no organismo, adaptando-se depois de duas semanas, ao convívio, com aquela agenda maluca, elaborada por Trueno Fuerte e sua equipe.

O Sacerdote os acompanhava na maioria dos eventos, com disposição de um “menino da montanha”. As hemácias abundantes, em sua corrente sanguínea, fruto da vivência de mais de cinco décadas, numa altitude superior a três mil metros, supria de oxigênio, todos os seus músculos e não ficava devendo a nenhum dos jovens que participavam da aventura terapêutica.

Os comungantes o chamavam de “**Velho Inca Maluco**”, pelas suas

atitudes, pitorescamente, estranhas e inusitadas, na relação com os adventícios.

A caminhada foi iniciada, pontualmente, às sete horas da manhã, cada um com a sua pequena mochila, onde levavam, algum alimento, um cantil preso, num cinto de utilidades, com um litro de água e um casaco impermeável, para o caso de ocorrência de chuva e frio.

Um dos guias da aventura levava, consigo, um celular com comunicação por satélite, para o caso de alguma necessidade de resgate, por conta de eventuais incidentes e ou acidentes.

Madá e André estavam juntos, na trilha e conversavam um pouco a cada parada, para descansar e beber um gole d'água, que nunca durava mais de um minuto.

Era uma dia frio e ensolarado. A temperatura beirava os dez graus Celsius e havia uma pequena brisa gelada a lhes acompanhar, na jornada.

Uma coisa era certa, todos estavam com uma manifestação de zonzeira peculiar, por conta dos efeitos do Chá e vislumbravam a natureza deslumbrante, à sua volta de forma muito mais realçada do que se estivessem com suas sensações normais da ilusão da matrix.

Naquele dia, por coincidência, fariam a “Trilha para o Inferno” e haveria, depois de vencida a metade da jornada, a possibilidade de se beber mais uma dose do Chá.

Madá levava, na sua mochila, uma garrafa com, cerca de, um litro de Ayahuasca, com esta finalidade.

Trueno Fuerte seguia à frente do grupo, guiando a turma de comungantes, numa passada de média intensidade. Na segunda e terceira posição da coluna vinham os que tinham menos capacidade

física, pois não havia “gordinhos” neste grupo. E por último os mais capacitados. Todos tinham que sair juntos e voltar juntos, era a regra máxima e imutável, do desafio e que Trueno Fuerte, nunca desrespeitara, em todos estes anos de existência do Centro Terapêutico. Isso reforçava a ideia de espírito de corpo de todos os grupos e, também, de que Somos todos Um.

Como dizia a todos, repetidamente, o Sacerdote Inca.

Num determinado momento, da caminhada, uma borboleta monarca pousou e pegou carona, nos ombro de Madá e o fato foi registrado, numa foto, por um de seus companheiros da fazenda.

Era um sinal de que tudo estava correndo bem, na empreitada e que deveria relaxar, com relação aos resultados da aventura.

A imensa borboleta colorida permaneceu, cerca de dez minutos, no ombro direito de Madá, voando, depois, na mesma direção, em que seguia a coluna de comungantes.

Madá já estava acostumada com esta situação, que se repetia, diversas vezes nesta caminhadas com adventícios.

A borboleta representa a transformação, desde a condição de larva, até a condição de animal, com a possibilidade de voar, liberta e



Uma imensa borboleta acompanhou a trilha no ombro de Madá.



A lição da lagarta e da borboleta, represente muito bem o que ocorre em toda a natureza.

totalmente transformada, em relação à sua condição anterior. Muitos de nós estão nesta caminhada de transformação, de uma forma mais consciente e ativa, comandando os passos, da caminhada, na medida de suas possibilidades. Depois de duas horas e meia de intensa caminhada e de três quilômetros de distância percorrida, estando, todos, ainda, dentro

da burracheira, o grupo chega ao ponto que se poderia considerar, como a metade do caminho.

Trueno Fuerte para a marcha, numa clareira, à beira da trilha e, depois de cinco minutos, pergunta a todos, quem quereria repetir a dose do Chá.

Dos adventícios, China, o casal de belgas e Dominique, aceitaram o convite e ingeriram mais uma dose de 30 ml, do Sagrado Chá.

A dosagem era pequena, por conta da graduação daquela bebida, em questão. Um Chá 12x1, mel e estrela, considerado forte, só era servido a quem já estivesse bem acostumado com as práticas ritualísticas.

Aguardariam, acomodados, mais meia hora, antes de prosseguirem de volta.

Como o relevo, no primeiro trecho era basicamente, só descida, todos imaginavam como seria o caminho de volta, tendo que subir um desnível, de altitude, de cerca de, oitocentos metros.

O ar rarefeito, ainda, submetia alguns dos comungantes a um sofrimento, provocado pelo cansaço precoce, por déficit de oxigênio, na corrente sanguínea e na musculatura, por consequência.

Apenas, depois de um mês, estima-se, é que os organismos estariam adaptados às novas condições de altitude, experimentadas, no local.

CÉU E INFERNO, EM EQUILÍBRIO, NO REINO DE HOASCA.

Naquela meia hora que pareceram eternas, cada um entrou, profundamente, nas suas mirações e peias, aguardando o comando de Trueno Fuerte, para voltar.

Naquele momento, todos experimentaram os seus infernos e demônios pessoais, da maneira que podiam.

O casal de belgas e Dominique fizeram uma grande limpeza, colocando, para fora muito do que lhes fazia mal, na forma de vômitos e espasmos intensos e constantes.

Trueno Fuerte sonorizou, durante aquela meia hora, cinco chamadas em língua quéchua, evocando os espíritos de cura da natureza, presentes no local. As chamadas acalmavam aqueles que estavam em convulsão de cura.

Finalmente, era chegada a hora de voltar e não seria, pelo mesmo caminho. A trilha dava a volta no relevo e retornava à fazenda, pela outra face, ou seja pelos

fundos da propriedade, formando um caminho com leiaute de “alça”.

Muitos o chamavam de “alça do inferno”, pela sua dificuldade de execução.

Seis quilômetros e meio de puro esforço, para se aprofundar e, em seguida,



Imagens diversas, daquela experiência de sombras, permeavam as telas mentais dos adventícios.

emergir de volta, ao início do caminho, com a experiência de ter realizado as caminhadas externa e interna, cocumitaneamente.

Uma jornada extenuante, para quem não estava acostumado com as condições extremas de realização.

Estimava-se em quatro horas a duração da caminhada de retorno.

Levando-se a máxima de que:

“Para baixo todo Santo ajuda e, para cima, todo e qualquer, pequeno demônio atrapalha.”

Já que estavam na “**Trilha do Inferno**”, seria natural que alguns demônios internos interferissem no desempenho de alguns dos adventícios, já acostumados com suas descidas, aos baús de sombras, que haviam se acumulado, ao longo desta vida e de outras, anteriores.

As imagens nas telas mentais dos adventícios eram diferentes, mas, as peias tinham a mesma direção: “*seus infernos pessoais*”.

Cada um, à sua maneira, enfrentava seus demônios e reagia como podia, de acordo com a experiência espiritual individual, continuando a extenuante caminhada de subida de volta à fazenda.

Madá e os demais participantes, mais antigos, “operários dos trabalhos de Trueno Fuerte”, tiveram bastante trabalho, para conduzir os adventícios de volta e em conjunto, pela trilha acima.



A ajuda mútua era uma das lições a serem exercitadas pelos integrantes da caminhada.

Em alguns locais, subida era quase vertical e um precisava ajudar ao outro para vencer, determinados trechos da saída “**Trilha dos Infernos**”.

Não precisamos repetir as descrições das experiências, já descritas nesta obra, para cada adventício, pois elas se repetiam, à sua maneira e de acordo com as vivências individuais de cada comungante, do “Chá Misterioso”.

Por volta de 14:30 horas, a coluna de Trueno Fuerte chegou à fazenda, pela face ocidental, nos fundos da propriedade.

O efeito do Chá já estava diluído, em quase todos os participantes da aventura. Apenas André, ainda, estava num processo de peia forte, no que foi ajudado, por Madá. Haveria, ainda, uma reunião, no Salão de Cerimônias, para voltarem à calma, comerem alguma coisa, um sopão que os esperava, num panelão, sobre o fogão à lenha, do local e pão fabricado, na própria fazenda, à moda Inca. Trueno Fuerte executou um ritual de tambor e maracas, para a despedida da Minguarana.

Depois de dez minutos de execução dos instrumentos, como ferramenta de despedida cerimonial, estavam todos cansados, mas felizes e mais completos em suas curas pessoais.

André, o casal de belgas, Dominique e os franceses já se alimentavam e se hidratavam. Haveria, a partir das 16:00



Trueno Fuerte executa a despedida da Minguarana, ao som dos tambor e da maracas.

CÉU E INFIERNO, EM EQUILÍBRIO, NO REINO DE HOASCA.

horas, três horas para descansarem e , às 19:00 horas, Trueno Fuerte realizaria uma reunião, com todos os adventícios e com seus ajudantes, a respeito do tratamento ao qual estavam se submetendo. Haveria aconselhamento individual, para cada adventício. Dispersaram-se para os seus alojamentos, para um banho e duas horas de sono, antes da reunião, que seria anunciada, quinze minutos, antes, através do sino da fazenda. Madá considerava mais uma missão cumprida.



Centro Terapêutico, Céu e Inferno, Em Equilíbrio, em Ayacucho.

11º. ATO – Em São Paulo, com Dr. Pinel, Laura, Cacá e Jota Cê, para as observações finais mas, não tão conclusivas, de suas experiências.

Passados quinze dias, da última sessão, era hora de voltar ao Samaúma, para mais um ritual de Ayahuasca.

Laura, Cacá e Jota Cê, cada uma à sua maneira, já começavam a “digerir” as suas situações individuais, com relação às suas experiências pessoais.

A relação pessoal entre Jota Cê e Cacá progredira e ela estava, cada vez mais, entusiasmada com o acreano e ele correspondia os sentimentos da moça, que se libertava dos bandidos e das drogas, com a sua ajuda.

Saíram mais duas vezes, depois do primeiro beijo e a consolidação do namoro já se dera, nos corações dos dois jovens.

Tudo coroadado e abençoado, pelo Sagrado Chá, segundo o depoimento pessoal de cada um.

Situação evoluíra de tal maneira que, Cacá já fazia planos para morar na Amazônia, logo após o encerramento do contrato de trabalho de Jota Cê, com o consórcio que o contratara.

A moça queria fugir de tudo o que a lembrasse de seu passado recente e sua ligação com Dedo Leve e sua quadrilha.

Aliás, esse iria ficar um bom tempo na cadeia, devido ao grande número de condenações que pesavam sobre a sua cabeça. Do outro lado o Dr. Pinel e Laura avançavam no tratamento da moça, em breve, quem sabe, poderiam diminuir, ainda mais o peso da medicação alopática, concentrando-se de forma mais intensa, na ação do Chá.

Era uma esperança de ambos, nos últimos dois anos, quando os resultados já começaram a surtir efeitos na moça. Na última consulta, antes do ritual daquela semana, ambos fizeram planos, para os próximos passos, no tratamento.

Pinel lhe falara de uma clínica localizada no Peru, onde se utilizava a Ayahuasca, como elemento terapêutico principal, no tratamento de pessoas viciadas, em quaisquer tipos de drogas e com outras afecções mentais.

Pinel mencionou que poderia ser uma experiência válida para a sua paciente e que poderia coroar a finalização de um tratamento, que já durava quatro anos, da vida de Laura.

Laura experimentou um brilho novo, em seu olhar, ao escutar as palavras de seu mentor e psiquiatra.

Falaria com seus familiares e poderia ser uma possibilidade a ser estuda, para o ano seguinte.

Nada certo, mas muito provável que poderia dar certo, pelo menos como tentativa. O Dr. Pinel comprometeu-se a verificar, in loco, como funcionava a Clínica, Céu e Inferno em Equilíbrio, em Ayacucho, antes de recomendá-la aos seus pacientes, como etapa final do tratamento.

Pedi para a sua secretária entrar em contato com os peruanos e verificar a possibilidade de uma agenda de reuniões com o Sacerdote Inca, Trueno Fuerte.

Podendo tudo ocorrer, já no mês seguinte, quando o Dr. Pinel pretendia tirar férias e casando com a sua curiosidade em conhecer Machu Pichu.

Dias depois, chegara o sábado do ritual e os quatro estavam ansiosos para mais uma sessão com o Sagrado Chá.

Como de costume, Cacá deu uma carona ao, agora, namorado Jota Cê, passando às 16:00 horas, na Praça da República, para pegar o rapaz.

Não pararam de falar um segundo, sobre tudo o que ocorrera nas últimas três semanas.

Chegaram ao local do ritual, em quarenta minutos, pois o trânsito estava tranquilo e já se puseram a ajudar o staff do local com as providências, para a sessão. Laura que já estava lá, desde às 14:00 horas, recebeu os dois e deu-lhes tarefas a realizar, desde varrer o salão a arrumar as cadeiras no espaçamento adequado. Tarefas de cozinha não faltavam, também, pois naquela sessão deveriam estar presentes, cerca de, setenta pessoas, mas, não haveria adventícios, naquela ocasião, somente membros efetivos e os adventícios que houveram se tornado filiados, na última sessão.

Desta vez, eles fariam uma fogueira gigantesca, na área externa do salão e seria uma sessão de transmutação, pelo fogo e pela ação das salamandras. Uma nova experiência para a Cacá que não sabia como tudo isso funcionava.

Tais sessões figuravam como ímpares, na vida do núcleo e eram ansiosamente esperadas, por todos, pois era uma ocasião para se livrar, de vez, de padrões arraigados e difíceis de serem transmutados, pois o que vai, pelo fogo, não costuma voltar.

Jota Cê, após arrumar as cadeiras no salão, juntamente com outros membros do núcleo, apresentou-se a cuidar da imensa fogueira que estava no estágio final de montagem.

CÉU E INFERNO, EM EQUILÍBRIO, NO REINO DE HOASCA.

A madeira era composta de eucalipto de reflorestamento e restos de árvores mortas da região do Núcleo Samaúma e a “construção” já estava com, cerca de, dois metros de altura do solo, deveria queimar por quatro horas.

Haveria uma pessoa responsável por manter a fogueira, sempre, acesa, alimentando-a, quando necessário, mantendo o fogo, durante o ritual.

Jota Cê apresentou-se, para ajudar na tarefa, já que a sua experiência, neste tipo de ritual, com fogueira, já era corriqueira, há muito tempo, nos rituais xamânicos realizados, na Amazônia. O guardião do fogo agradeceu a ajuda e o pôs a arrumar a madeira de reposição, ao redor da grande pira

que era formada, para ser acesa, pontualmente às 20:00 horas, coincidindo com o início do ritual.

Após o recebimento da porção de Sagrado Chá e realizadas as

leituras de praxe e chamadas de abertura, todos seriam

convidados a levarem as suas cadeiras para o lado de fora do Salão e se organizarem ao redor da grande fogueira, numa



Leiaute do Ritual no Núcleo.

distância de segurança. Formaram dois círculos concêntricos, de trinta comungantes, em cada um.

Duas caixas de som, localizadas na parte externa do salão, transmitiam os acordes das músicas selecionadas, para tocar, entre elas, algumas preferidas pelo Mestre José Gabriel da Costa.

Cacá ficou na segunda linha de cadeiras, mais externa, por conta da facilidade de se levantar, para realizar eventuais limpezas, pois ainda, não se acostumara a enfrentar determinadas situações, ou peias, sem realizar as limpezas pertinentes. Tudo pronto, beberam o chá, depois do comando do condutor do rito, naquela noite, o guardião do fogo acendeu

a fogueira e, logo, o fogo já estava alto e crepitante.

Passados quarenta minutos de iniciado o ritual, pelo menos, cinco pessoas já estavam no vomitório, sinal de que a fogueira estava realizando o seu trabalho, em conjunto com o Chá.

A egrégora estava bem forte e intensa, a peia atingira, praticamente a todos e todas.

A limpeza seria profunda e muitos baús seriam abertos, para surpresa de seus detentores.

Fazia tempo que o Dr. Pinel não realizava limpezas do tipo “vomitório”, mas, desta vez, nem o médico escapou. Foi até o João Grandão, para se “confessar” para si mesmo, como se dizia no núcleo.

João Grandão era dotado do “soro da verdade”, nada ficava impune, nas suas vizinhanças.

Os “pecados” eram revistos e confessos, por todos os que iam até ele, mas, em compensação, saiam curados e mais leves, depois da “surra”, recebida e compreendida, pelo (a) incauto (a) peregrino (a).

As sensações já descritas, nesta obra, de elucidação dos efeitos da Ayahuasca, foram experimentadas, por quase a totalidade dos participantes do ritual.

Houve bastante trabalhado, para todos os mais antigos presentes no ritual, aqui descrito, tanto consigo mesmos, quanto com os companheiros (as) mais novos, presentes aquela noite, no núcleo.

Laura teve trabalho, mas, não consigo mesma, sua “burracheira” foi bem tranquila e cheia de mirações de Luz.

Sua sessão pareceu-lhe uma recompensa, pela sua disciplina, no tratamento, levado ao cabo pelo Dr. Pinel. Naquela sessão, quem cuidou do outro, foi a Laura com relação ao Dr. Pinel. A moça, ao perceber os apuros do psiquiatra, junto ao João Grandão, foi fazer-lhe uma visita e perguntou-lhe se poderia ajudar com alguma providência. Pinel agradeceu-lhe, mas não havia nada a ser feito, a não ser aguardar o final dos efeitos do Chá, que já se aproximava, no caso do psiquiatra.

Jota Cê estava engajado, a esta altura, em ajudar a manter o fogo num bom tamanho e intensidade adequadas.

Não tomou a segunda dose quando lhe foi oferecida, por conta de querer estar atento ao fogo e aos perigos que isto acarretaria, por quaisquer descuidos dos alimentadores da fogueira.

Jota Cê gostou de estar ali e faria força para permanecer nesta posição, em outras situações, futuras.

CÉU E INFERNO, EM EQUILÍBRIO, NO REINO DE HOASCA.

Passadas três horas e meia, do início dos trabalhos, a fogueira estava alta e as pessoas entoavam, em conjunto, músicas ligadas aos trabalhos com o Chá. Havia um *pot-pourri* de, cerca de, cinquenta



músicas utilizadas, comumente, em sessões, onde o canto era permitido, pelo protocolo do ritual e daquele núcleo, especificamente. Havia integrantes tocando instrumentos de cordas, percussão e maracas e cada integrante recebeu um apostila com as letras das músicas entoadas. Tal prática servia para tornar, mais efetivo, o retorno de cada participante, ao mundo da matrix e à sua condição de plano e manifestação físicas.

Cacá adorou a prática, pois tocava violão com desenvoltura e tinha uma voz para ganhar, quaisquer festivais.

Ao mesmo tempo, Jota Cê era um assíduo praticante de tambor xamânico, o que colocava o casal, como integrantes, quase que obrigatórios, do grupo instrumental do núcleo.

A sessão estava próxima do encerramento, quando o condutor convidou a todos a voltarem ao salão para o encerramento do ritual, com o fechamento do oratório e a despedida da Minguarana.

O processo todo durou, exatas, quatro horas, entre o início e o encerramento da sessão. Esta disciplina de horários era observada, com rigor, no núcleo, o que denotava o respeito que todos tinham com as entidades de Luz, de outros planos que acompanhavam as cerimônias, fossem elas de que origens fossem.

Naquele dia a mesa estava farta, mas os comungantes estavam com pouco apetite, diante das limpezas realizadas, por todos. Mesmo assim, havia um sopa de abóbora, temperada, com gengibre ralado, em um imenso caldeirão e que cheirava, por todo o salão, aguçando o apetite de alguns, através dos seus quintos sentidos (o olfato).

Laura atacou as frutas que estavam na mesa e preferiu morder uma pera. Já Cacá e Jota Cê foram direto ao sopão e consumiram dois pratos, cada um.

A arrumação do salão, depois da cerimônia era uma atividade dividida por todos.

Guardar as cadeiras, varrer o salão e lavar a louça, principalmente, os copos, onde foram servidas as doses de Ayahuasca eram tarefas que só terminavam, quando acabavam e nada mais havia para limpar ou lavar.

Os que estavam em melhores condições e já haviam saído de suas “burracheiras” tomavam a iniciativa e eram seguidos pelos demais, na medida em que iam saindo, do estado enteógeno da sessão.

Depois de algum tempo, tudo estava em ordem limpo e organizado, um belo treinamento, para quem estava organizando, a si próprio, interiormente.

Cacá e Jota Cê saíram do núcleo, por voltada três e meia da manhã. A moça convidou o rapaz para irem para a sua casa, onde poderiam conversar mais, antes de dormir. Sem poder recusar Jota Cê aceitou o convite e rumaram para a casa dos pais de Cacá, que estavam no apartamento da praia, naquele final de semana. Voltariam, apenas, na segunda feira, o que daria ao casal um tempo, sozinhos, no domingo.

Pinel e Laura dormiriam no núcleo e voltariam a São Paulo, apenas, no final da tarde do domingo.

Teriam que conversar, sobre a ida ao Peru e se seria viável a ida da moça, consigo na primeira ida do médico, para conhecer o processo. Como já estavam no final do ano, a aventura investigativa dar-se-ia, apenas, no início do ano seguinte, caso fosse realizada. O médico adaptaria o período de suas férias a esta necessidade de viajar ao local.

Na segunda feira, resolveria os detalhes da empreitada, no berço do Império Inca.

12º. ATO – Conclusões e encontros finais dos protagonistas da história enteógena.

01. Mari Ô, Hostie e Peter Mackoy, na costa oeste americana.

A viagem de volta de Norwood, até Los Angeles durou os sete dias programados pelo casal americano e Mari Ô. Passaram três dias, em Las Vegas, hospedaram-se no Luxor e visitaram a cidade e os seus atrativos, como puderam. Uma das programações seria um sobrevoo, de helicóptero, no Grand Canyon, uma novidade, para Mari Ô, mas uma aventura já realizada, várias vezes por Hostie e Peter. Inclusive, ambos se aventuraram, no Rio Colorado, por duas vezes, na prática do “*rafting*”, uns dois ou três anos, antes.

Depois das aventuras em Las Vegas, chegaram, finalmente, na fazenda dos pais de Hostie, em Barstow, onde foram recebidos, com grande entusiasmo, por todos. Fazia alguns meses que Hostie não aparecia por lá, estando, então, devendo esta visita aos pais. A situação entre a moça e seu pai, estava mais amena e apaziguada,



Um sobrevoo no Grand Canyon entrou no roteiro do trio.



Na fazenda dos Stevens, em Barstow, CA.

depois que tiveram um conversa, no ano anterior e o Peter já era visto, pela família da moça, com outros olhos, pelo sucesso que vinha tendo nas demandas judiciais que defendia.

Era uma fazenda, eminentemente, de criação bovina, das raças Angus, Brahman e Chifres Longos e de cavalos, entre outras raças de Mustangs Espanhóis e de Quartos de Milha.



Cavalgar era a prática mais executada, na fazenda.

O pai da Hostie,

ainda, montava, todos os dias, do alto de seus sessenta e três anos de idade.

Mari Ô ficou maravilhada com a propriedade e, como adorava montar, sentiu-se em casa, desde sua chegada, à fazenda.

Chegaram a Barstow, por volta do meio dia, da quinta feira e depois de instalados, foram direto à sala de refeições, onde, invariavelmente, havia uma gama de pratos de origem animal.

Na mesa a conversa se concentrou em Mari Ô e seu trabalho nos Andes, o que acalmou o pai de Hostie, com relação às escolhas da filha.

Alimentaram-se e marcaram de, depois da sesta, cavalgarem, pela propriedade, ali pelas quatro horas da tarde, pois teriam, ainda, duas horas de sol.

Ficariam na fazenda, até a segunda, pela manhã, pegando a estrada de volta a Los Angeles.

A ideia de formar um núcleo para a consagração da Ayahuasca, em Los Angeles estava quente nas ideias e vontades do casal. Já faziam planos de como proceder e de como arrebanhar adeptos para a missão.

Teriam que ter alguma terra no altiplano californiano, que tivesse bastante verde e, apenas, natureza ao seu redor. Iriam iniciar a busca, imediatamente, assim que chegassem, em casa. Mari Ô ainda teria mais

duas semanas nos EUA, para completar a sua estada, mas, poderia estender, por mais uma semana se necessário. Decidiria, ao chegar a Los Angeles.

Hostie, com seu jeito especial de convencimento, conseguira adquirir um litro do Chá, na igreja em Norwood, com o Sacerdote Pablo, apenas, com o pretexto de abrir o núcleo, na Califórnia.

Peter iniciaria, logo, as pesquisas jurídicas, para verificar o que seria necessário, legalmente, para dar início ao projeto, da esposa e que, agora, era seu, também.

02. Madá e André Galhego Fonseca, na fazenda de Trueno Fuerte, em Ayacucho, no Peru.

De volta ao Peru, já houvera se passado dois meses, do início do tratamento intensivo, ao qual foram submetidos, os seis adventícios, na fazenda de Trueno Fuerte.

Tudo corria bem, até então, André houvera abandonado, inclusive, o vício do cigarro, ao qual aderira, para compensar a falta das drogas mais pesadas. Estava completamente limpo.

Todas as trilhas já haviam sido vencidas nestes dois meses. Haveria mais uma prova, onde, em duplas, os adventícios, por sorteio, realizariam, cada dupla, uma trilha, sem acompanhamento de nenhuma pessoa do staff da fazenda terapêutica. Levariam, apenas, um celular via satélite, para comunicação em casos de emergências. Todos assinaram um termo de responsabilidade, pela decisão voluntária, de prosseguirem, na jornada de cura e começaram a se preparar para a execução do trekking, que se daria no dia seguinte.

Seriam três duplas, André e Dominique, os dois franceses e o casal belga, respectivamente, nas trilhas: ***Do Inconsciente, Descida aos Infernos e Subida aos Céus.***

Três pessoas, ajudantes de Trueno Fuerte, desceram, com uma hora de vantagem, em relação às equipes e esperariam as duplas na metade de cada trilha, com a segunda dose de Ayahuasca, para quem quisesse consagrá-la, novamente.

Das três trilhas escolhidas, para este teste, a mais perigosa era a do Inconsciente, pois todos os trechos do caminho eram muito parecidos e confundiam os praticantes, além dos declives acentuados, comuns em quaisquer uma delas.

Madá desceu pela ***Trilha do Inconsciente***, com todo o

cuidado e chegou à metade do caminho, em uma hora e meia, tempo recorde, mas a moça já estava acostumada com a aventura e já tirava



de letra todo o percurso. Mesmo assim, ainda se confundia em algumas bifurcações, da rota.

Em todas elas havia, a cada duzentos metros, em média, placas indicativas das direções a seguir e com a distância percorrida, até aquele ponto. Praticamente, todas elas localizavam-se na propriedade de Trueno Fuerte, o que facilitava as suas execuções. André e Dominique seguiram, pela **Trilha do Inconsciente**, às 07:00 horas da matina e iniciaram a jornada com uma subida íngreme, no meio da mata com muita vegetação e pedras.

Estavam meio zonzos pela ação do Chá, mas mantinham um ritmo bom, de caminhada, sendo constantes nas passadas. Cada um havia trazido um cajado, para ajudar no apoio a cada passo.



No ponto mais alto da Trilha do Inconsciente, os picos gelados, dos Andes, eram visíveis, ao longe.

Procuravam conversar pouco, para aproveitar a “burracheira” e para economizar as suas energias. Seus corpos, mais acostumados às condições andinas sofriam menos do que nas vezes anteriores, nas trilhas da fazenda.

Em compensação, as condições emocionais, pelos efeitos do Chá, abriam, mais e mais baús inconscientes, em cada uma deles.

Coisa muito normal, para aquela trilha, pela sua própria denominação. Seu nome não fora escolhido à toa. Cada uma delas recebera o nome de Trueno Furte e estava energizada, em conformidade com a

função na cura, de cada peregrino adventício, que frequentava a fazenda.

Passadas duas horas, a dupla chegou à metade do caminho onde comungaram mais uma dose, do Chá, servido pela Madá, num pequeno ritual e aguardaram meia hora, para reiniciarem o caminho de volta à fazenda.

Estavam em profunda burracheira vendo mais e mais baús serem abertos simultaneamente, como se não tivessem escolha. Parecia uma maratona, onde teriam que resolver tudo, num piscar de olhos. Haveriam de piscar muito, seus olhos, ainda, antes de chegarem ao destino final, na volta. Madá esperou cerca de, uma hora, após partida de André e Dominique, antes de iniciar o seu retorno.

Desta forma, haveria mais segurança no processo, caso os dois se perdessem ou passassem mal. Se ambos mantivessem o ritmo inicial, chegariam, antes da monitora, que os seguia.

Depois de uma hora de caminhada, no retorno, Dominique precisou parar para fazer uma grande limpeza e foi ajudada pelo André.

Pararam por vinte minutos, tempo suficiente, para se recuperarem e prosseguirem, na caminhada.

Dominique teve relances emocionais, de uma de suas vidas passadas, em sua tela mental, quando fora queimada em uma fogueira, pela inquisição espanhola, acusada de bruxaria. Neste momento precisou da ajuda e



Relance de lembranças de uma morte na fogueira, pela inquisição espanhola, na tela mental da Dominique.

do amparo do seu companheiro de trilha, pois experimentava uma morte, dentro do processo enteógeno. Sentiu seu corpo se desintegrar no meio das chamas, mas não havia a sensação da dor física, das queimaduras, apenas a pressão emocional de perder seu veículo material.

Passada a experiência, prosseguiram por mais duas horas e meia, até a fazenda, terminando o percurso de volta em três horas de caminhada. Exaustos dirigiram-se ao salão para se recuperarem do extenuante esforço e aguardar Trueno Fuerte, para o encerramento do ritual, como faziam, sempre. As outras equipes chegaram um pouco depois, defasadas de quinze minutos cada uma. No final das contas, haviam passeado em seus inconscientes, descido aos infernos pessoais e retornado, além de terem subido aos Céus, cada um à sua maneira.

Cerca de dez minutos, após a chegada das duplas, chegaram todos os monitores, verdadeiros “anjos da guarda” dos peregrinos adventícios.

Todos cansados, mas muito felizes, pelos resultados da jornada reuniram-se no Salão dos Rituais e aguardaram Trueno Fuerte que iria encerrar os trabalhos, daquele dia e liberar os adventícios, que teriam o restante do dia, livres, para descansar.

Realizado o ritual de encerramento, das atividades ligadas ao ritual daquele dia, foram todos aos seus respectivos alojamentos, para um banho quente e, logo em seguida, para a cama. Descansariam até o início da noite quando seria servido um jantar revitalizante.

Os trabalhos de rotina na fazenda terapêutica incluíam, tratar dos animais, um pequeno rebanho bovino, alguns cavalos, cabras, lhamas e galinhas produtoras de ovos, em abundância.

Também havia uma pequena horta comunitária, com o essencial, para a manutenção, das pessoas na fazenda. O consumo de proteína animal, reduzia-se aos ovos, leite e queijo. Evitando-se, ao máximo, o consumo de proteína, com o abate de alguma, das criações.

Todos adoravam a rotina de cuidados da fazenda e dedicavam-se, individual e coletivamente, às tarefas distribuídas pelos monitores.

Para manter aquela estrutura havia a necessidade de se arrecadar muito dinheiro e o tratamento dos adventícios não saía barato, para quem podia pagar. A cada turma de adventícios Trueno Fuerte distribuía uma espécie de “Bolsa de Cura” a um ou dois inscritos, em um processo de cadastro e respectiva análise detalhada, de cada candidato, através do site da fazenda. Naquela equipe de seis, não havia candidatos da Bolsa de Cura, pois havia a necessidade de, pelo menos, dez adventícios, em tratamento, para esta possibilidade se realizar.

Trueno Fuerte havia recebido, naquela manhã, uma consulta, para o agendamento de uma reunião com um médico psiquiatra brasileiro, o Dr. Marcus Patriota, para uma possível visita de avaliação, à fazenda. Marcaram de se conhecer, no início do ano seguinte, em janeiro, quando o médico teria um período de férias e poderia viajar ao Peru. A ideia era passar alguns dias na fazenda e conhecer o processo, por inteiro, primeiramente, para submeter à Laura, como coroamento de sua situação de cura e depois, aos demais pacientes, tratados com a Ayahuasca, na sua clínica.

03. Cacá, Jota Cê, Dr. Pinel e Laura, em São Paulo, continuando seus processos de redenção.

A ideia de ir ao Peru verificar as condições de tratamento de pessoas com problemas de vícios e com transtornos mentais latentes, com o Sagrado Chá, ganhou vulto na rotina do psiquiatra e na cabeça de Laura, sua paciente.

A moça conseguira apoio de seus pais que não mediam esforços no sentido de ajudar à filha, a sair do desconforto de seu problema mental.

Precisavam ajustar as agendas da viagem, de forma a coincidir com uma turma de adventícios, se possível, para que pudessem entender a forma de tratamento empregada, na fazenda terapêutica.

Tudo, ainda estava em negociação, mas avançava, rapidamente e ambos não escondiam as expectativas para a realização da empreitada, no altiplano peruano.

O Dr. Pinel realizaria uma ligação, para a fazenda, no sentido de acertar as agendas da visita de avaliação de seu método terapêutico. Tudo ficou acertado para o mês de janeiro, do ano seguinte, na segunda quinzena do mês, quando já estaria em tratamento, outra turma de adventícios.

Desta forma, após os agendamentos da viagem, voltaram às tratativas cotidianas de suas vidas privadas, contando as páginas do calendário, para a chegada do grande evento.

Haveria, ainda, neste ano, algumas sessões de Ayahuasca no núcleo e eles deveriam aproveitá-las bem, antes de partir ao Peru.

CÉU E INFERNO, EM EQUILÍBRIO, NO REINO DE HOASCA.

Jota Cê e Cacá encontravam-se, pelo menos três vezes por semana e o namoro do casal ia se solidificando em sentimentos e emoções.

No final de semana, após o ritual, foram até a cidade de Brotas, no interior, para curtir, um pouco, a natureza e os rios e corredeiras, da região central do estado.



Cachoeira do Canyon do Jacaré, em Brotas - SP.

Chegara, ainda na sexta feira à noite, por volta das 19:00 horas e se instalaram numa pousada, de onde partiriam para as aventuras do pacote turístico. Seria um final de semana memorável. A pousada dispunha de quinze chalés, para casais e o que eles escolheram, ficava mais recolhido e distante dos demais, dando-lhes mais privacidade.

Jota Cê houvera levado um pouco de Ayahuasca, cerca de 300 ml, para, eventualmente utilizarem na viagem, por isso mesmo, a escolha daquele chalé, com lareira.

Levara, ainda o seu inseparável



O Tabaco Xamânico, através do Cachimbo Sagrado, proporciona a expansão da consciência de quem realiza o ritual.

CÉU E INFERNO, EM EQUILÍBRIO, NO REINO DE HOASCA.

cachimbo e tabaco dos índios Yawanauás, da fronteira do Acre com a Bolívia.

Pitava, invariavelmente, três vezes por semana, em um ritual, aprendido com seus amigos da floresta amazônica. Usava o tabaco, assim como o rapé, como medicina complementar da Ayahuasca.

Cacá, também, já embarcara nesta ferramenta e acompanhava o namorado, nas suas sessões de rapé e tabaco.

Ao chegarem ao chalé, com a natureza à sua volta, iniciaram os rituais com as duas medicinas. Estavam um pouco distante, da recepção da pousada, portanto, não seriam incomodados, por visitantes eventuais, podendo ficar na varanda do chalé, mais à vontade, dentro dos rituais que realizassem.

Naquela primeira noite, permaneceria, apenas nos rituais de rapé e tabaco, pois no dia seguinte a agenda seria cheia, com as aventuras, nas trilhas e cachoeiras, da região.

Haviam levado algumas guloseimas, para ingestão,



Apesar de gostar da medicina, Cacá era, especialmente sensível aos efeitos do rapé. Sempre que tomava um sopro, fazia uma limpeza profunda.



Curipe, para aplicação individual do rapé e tipi, para aplicação em outras pessoas.

antes dos rituais, principalmente queijos e pastas, com pães, sem glúten.

A Cacá era, especialmente, sensível à aplicação do rapé e sempre que se submetia à medicina, realizava uma limpeza intensa e profunda. Levou algum tempo para se recuperar do “sopro” do acreano.

Jota Cê se aplicou em si próprio, com o seu curipe e aplicou o sopro na Cacá com o tipi.

Terminada a jornada de tabaco e rapé, foram dormir, pois acordariam às 06:00 horas, da manhã, para se prepararem, para enfrentar as aventuras do dia.

Inicialmente fariam uma trilha até as cachoeiras do Canyon do Jacaré e, depois da pausa, para o almoço iriam até um ponto onde

experimentariam um pequeno trecho de “rafting”,

esporte que a Cacá praticara e curtira, dos quatorze aos dezoito anos, quando, ainda não conhecia o pessoal das drogas, na zona sul de São Paulo.

No final da trade, por volta das 17:30 horas, já haviam cumprido todo o roteiro do dia e tinham que decidir se iriam, ou não comungar o Chá trazido por Jota Cê, pois, no domingo, deveriam cumprir mais um roteiro na parte da manhã e voltar a Sampa, no final da tarde, pois, na segunda



“Rafting” era um dos esportes preferidos de Cacá, quando ainda era adolescente.

feira, Jota Cê tinha trabalho, logo cedo.

Resolveram não comungar o Chá, por conta das atividades do outro dia, com receio de que os efeitos se prolongassem, madrugada adentro e na manhã seguinte. Teriam que sair da pousada até à 13:30 horas, com o final da diária.

Trocaram o Chá por um bom vinho tinto, chileno, trazido pela Cacá, juntamente com os queijos e pastas.

No dia seguinte haveriam que decidir entre a canoagem ou uma outra trilha com cachoeiras, decidiram pela segunda opção, pois seria uma trilha cavalgando, coisa que a Cacá, também, adorava. Jota Cê houvera trabalhado numa fazenda de gado, quando adolescente e não teria problemas em montar qualquer tipo de equinos.

Voltaram a São Paulo, como combinado, no final da tarde, chegando à Praça da República, por volta das 20:00 horas. Despediram-se, com um demorado beijo e cada um foi, para as suas respectivas casas.

CAPÍTULO 07

CONCLUSÃO (INCONCLUSIVA), DA SAGA HOASQUEIRA.

A ideia de contar a história, através dos personagens aqui descritos, surgiu, na minha tela mental, durante um ritual de Vegetal, no Núcleo Estrela Universal, em São Lourenço da Serra, em São Paulo, como descrevemos, no introdutório, dessa obra.

Primeiramente, veio-me o título, numa outra sessão, veio-me a forma de escrever a saga que, baseada no sentido intrínseco, daquele mesmo título.

Agora concluímos, “inconclusivamente”, posto que conclusões não existem, a história encomendada, pelas entidades que me guiam e que, acredito, ocupam algum espaço tempo, dentro de mim mesmo.

O Nada e o Tudo são um eterno “Sopro Divino”, que se manifesta em diástoles e sístoles contínuas, expandindo e encolhendo matéria física, em universos locais e paralelos, indefinidamente. No atual estágio de nossa evolução e consciência, seria impossível este entendimento, por uma pessoa comum e de média evolução que é a realidade de mais de noventa por cento dos que habitam este planeta. Como fazer, então, para acelerar este aprendizado? Haveria que existir um catalizador, capaz de acelerar a evolução humana, abrindo-lhe portas da consciência, que, de outra forma, levaria centenas de milhares de anos, para ocorrer, naturalmente.

*Surge, então, **Hoasca** a Conselheira do Rei Inca que, de conselheira, após a sua morte, se transforma numa rainha do reino vegetal, chamada **Chacrona**, a portadora da Luz, materializada, num arbusto que nasceu sobre o seu túmulo.*

*Outro personagem, chamado **Tihuaco**, o Marechal, chefe dos exércitos de do império, após fazer um chá da folha da planta, que nascera, no túmulo de Hoasca, a sua amada e tomá-lo, teve a sua morte e a sua libertação, de forma fulminante. Enterrado ao lado da sua amada, nasce um cipó, chamado **Mariri**, em seu túmulo, assim como nascera um arbusto, no túmulo, de Hoasca.*

Sem a sua conselheira e sem o seu comandante militar, o Rei Inca resolve, então, fazer um chá, da combinação do cipó (macerado) e das folhas lavadas, do arbusto que nascera no túmulo de Hoasca.

Desta combinação, nasceu a Ayahuasca, uma bebida que o Rei Inca, consumia, em comunhão sacramental, quando necessitava de um conselho, para tomar decisões importantes.

Desta pequena fábula, que tem muitos outros capítulos misteriosos, não descritos aqui, podemos inferir o entendimento de que a Ayahuasca é um poderoso catalizador, das transformações necessárias, à aquisição de consciência, de quem a consagra e comunga, regularmente.

Como todo catalizador, nas reações químicas, o objeto da reação sofre, invariavelmente, aumento da temperatura e do atrito, pelo movimento, entre seus átomos primordiais, que são representados, em nós humanos, no processo enteógeno e figurativamente, como a abertura dos muitos baús, com as situações emocionais e físicas, ainda não resolvidas, mas, urgentes, de serem equilibradas, para que seja possível o aumento da respectiva frequência vibratória e consequente, ancoramento da **Energia Crística**, nos aptos a serem colunas de sustentação, na transição planetária, que já ocorre, por estas plagas. Esta é, apenas, uma explicação, superficial, do que se

CÉU E INFERNOS, EM EQUILÍBRIO, NO REINO DE HOASCA.

manifesta, quando bebemos o Sagrado Chá e mais uma motivação, para bebê-lo. No entanto, para sabermos, realmente, com a Ayahuasca poderá nos ajudar, teremos que entrar em contato com ela, intimamente, através da consagração, em rituais.

A SAGA FINAL, DE CADA PROTAGONISTA.



ANDRÉ GALHEGO FONTANA: Depois do tratamento recebido, na fazenda terapêutica, do Peru, André voltou, ao Brasil e sustenta os resultados conseguidos, com o tratamento. Já marcou de voltar à fazenda, no ano seguinte, para outra estadia de três meses, num outro nível de tratamento.

Trueno Fuerte mantém contato com todos os integrantes dos tratamentos, em sua fazenda.

Parece-nos que a sua volta, além da continuidade terapêutica, tem a ver com Madeleine de Marseille, a ajudante principal do sacerdote e que causou forte impressão no rapaz.

Aqui no Brasil, de volta a Brasília, atualmente, procura uma igreja para dar continuidade à consagração da Ayahuasca. Visitou algumas igrejas do Daime e da UDV e decidirá, proximamente, qual será a escolhida. É importante salientar que a sua compulsão, por drogas encerrou-se, em sua vida. Está em acompanhamento terapêutico e psiquiátrico, para se manter, em equilíbrio, sem o concurso dos “venenos” que consumia.



JEOSHUA CRUZ: Sua estadia em São Paulo durará enquanto estiver contratado, pelo consórcio que constrói o rodoanel paulista. Sua frequência no núcleo Samaúma, tornou-se quinzenal, onde virou membro de carteirinha do local.

Sua relação com a Cacá ficou mais intensa e firmou-se, com o tempo e a cada ritual de Vegetal que participavam juntos.

Aos poucos, destacou-se como melhor topógrafo do consórcio e recebeu a promoção ao cargo de supervisor. A promoção lhe abriu os horizontes, para pensar numa relação mais

séria com a moça. Depois de um ano, na capital paulista, era tempo de tirar as suas primeiras férias e mencionou a Cacá, a possibilidade de irem até Rio Branco, no seu estado natal, para conhecer sua família, adotiva, já que os pais não mais frequentavam a sua vida. Com certeza, a moça aceitara o seu convite e se preparou para a viagem dali a trinta dias. Estávamos em vias de presenciar, depois de algum tempo, um casamento à vista, entre os dois jovens.



MARIA OHARA: Mari Ô voltou ao Peru, depois de um mês, nos EUA e com outra cabeça. Estava, ainda, abalada, pela experiência com a Ayahuasca, em Norwood.

Disposta a continuar com os rituais do sagrado Chá, em seu país, assim que voltou de viagem, iniciou uma busca por um lugar, seguro, para consagrar o Chá. Seu ceticismo, misturado com ateísmo ficaram estremecidos,

com o que viu e experimentou em sua viagem, à América. O contato como casal xamânico, Hostie e Peter houvera sido fundamental para a sua mudança de foco espiritual. Voltou-se para si mesma de uma forma contundente. Convidou o casal para uma estadia em Cusco, para retribuir a atenção que os dois tiveram, consigo. Também existia um viés científico, no convite, por conta da intenção de Hostie em estudar as culturas andinas, notadamente, o império Inca, que teve a sua principal capital, no atual Peru, na região de Cusco.

Havia, ainda, a ligação pela Ayahuasca que, estava amalgamada, entre os três amigos. Nas buscas de Mari Ô, ela soube da existência da Fazenda Terapêutica Céu e Inferno em Equilíbrio, de Trueno Fuerte e resolveu que iria visita-la, proximamente. Parece-nos que todos vão se encontrar no berço de Hoasca, em algum momento. Esperemos para ver.

OHANA STEVENS: Hostie estava entusiasmada com a possibilidade da abertura do núcleo de comunhão de Ayahuasca, em Los Angeles, Peter já estava reunindo a documentação, necessária, ao cumprimento das necessidades legais do processo. Teve que estudar a situação, mais a fundo, por conta do caminho ser diferente do peyote.



Pelo fato de que, nem o mariri, nem a chacrona, plantas envolvidas, no Chá, são nativas dos EUA. Nada que não pudessem contornar, legalmente e, inicialmente, continuariam importando o Chá, para as cerimônias do futuro núcleo. Ficaram de voltar a Norwood, dali a dois meses, para uma nova cerimônia e para receber mais informações, do Sr. Pablo Ramirez, que se prontificara a ajudá-los, desde o início, inclusive, dando-lhes os contatos, pra conseguirem o Chá, já preparado e oriundo da floresta brasileira, de uma tribo do Amazonas, na região do Juruá. Marcara de visitar a amiga Mari Ô, nos meses iniciais, do ano seguinte, para uma aventura arqueológica e hoasqueira, a três, sendo que a peruana ficara de pesquisar um local, em seu país, para continuarem a comunhão do Sagrado Chá. Ainda comparava os efeitos do peyote com os da Ayahuasca e sentia dificuldade em definir, qual dos dois sacramentos era mais eficaz e potente. Sentia que os efeitos eram bem diferentes, até porque, no caso da Ayahuasca, os rituais que a moça conheceu eram muito bem elaborados e embasados, numa doutrina, mais conhecida por ela, através do sincretismo com as religiões cristãs ocidentais e com as orientais mais conhecidas, como o budismo, por exemplo.



MADELEINE DE MARSELLE: Madá continuara seus trabalhos na Fazenda de Trueno Fuerte e suas aventuras arqueológicas, no planalto andino.

André causara-lhe uma forte impressão naqueles três meses de tratamento.

Os dois criaram fortes vínculos, embora, não tenha rolado nenhuma situação afetiva, mais íntima, entre a francesa e o brasileiro, até porque estas situações eram, terminantemente, proibidas, pelas severas regras comportamentais de Trueno Fuerte. Dominique, sua amiga, após o tratamento na fazenda, continuou, no Peru, hospedada da casa de Madá. Seu tratamento vingou, mas, a moça, ainda, estava tentada pelas drogas e não queria voltar ao seu país, antes de ter plena certeza de que estava totalmente livre de uma eventual recaída. Teria que esperar, pelo menos, um período de três meses, antes de poder voltar à segunda fase do treinamento, onde o curandeiro aprofundaria a experiência com a Ayahuasca, num nível mais intenso e profundo.

A rigor, o tratamento completo durava, cerca de, três períodos de três meses, com intervalos de três meses, entre cada fase, com atividades diversas, como numa iniciação xamânica.

Madá participava quando podia, por conta de suas atividades na **Universidade San Antonio del Cusco**.

No ano seguinte teria, apenas, um período de três meses, para investir da Clínica, por conta de um novo sítio arqueológico, a ser explorado e situado, há cinco quilômetros de Machu Pichu, sendo um trabalho proveniente de convite de um dos professores da universidade, onde trabalhava.

Independentemente de seu trabalho na fazenda do sacerdote inca, ela comungava o Chá, pelo menos, uma vez por mês. Haveria de conhecer os demais protagonistas e companheiros desta obra, em algum momento, no ano seguinte, já que a Fazenda Terapêutica já estava na agenda de quase todos.



CARLA FIORAVANTE: Cacá fora curada duas vezes, a primeira, com relação ao seu vício com drogas pesadas e a segunda, porque saíra de uma relação doentia, com o traficante Dedo Leve, agora preso e por conta de ter conhecido Jota Cê, seu novo namorado. As sessões, no núcleo de Araçariguama, continuavam, quinzenalmente, sempre frequentadas por ela e Jota Cê. “João Grandão”, o imenso jequitibá,

sempre presente, por aquelas plagas a mais de cem anos, pelo menos, continuou sendo o confessor de inúmeras peias experimentadas, pelos frequentadores do local. João Grandão é a “*grande biblioteca das lamentações humanas*”, depois de tantos rituais acontecidos, por aqueles lados, da Paulicéia. Cacá se calçou na energia de Jota Cê, para elevá-lo à condição de seu companheiro. Os dois pareciam que haviam sido feitos, um para outro, pois, quando um pensava uma coisa a outra já estava expondo a mesma ideia, numa situação de complemento.

No início do ano seguinte, iriam até o Acre, passar parte das férias de Jota Cê, na selva amazônica e conhecer alguns parentes e afins do namorado.

Cacá considerava o rapaz como o seu herói salvador, embora ele detestasse esta alcunha e a reprimisse, quando ela insistia neste assunto.

Dedo leve ficaria fora de combate, definitivamente, pois, durante na troca de tiros, que resultou da ação policial e que o prendeu, um projétil se alojou, na região de sua coluna, deixando-o paraplégico e numa cadeira de rodas, numa prisão de segurança máxima.

Uma pena de trinta anos o aguardava, o que deixaria Cacá livre do bandido, provavelmente, por esta encarnação inteira.

O casório da moça, com Jota Cê, já era líquido e certo.

Laura comentara com Cacá, da clínica **Céu e Inferno em Equilíbrio**, no Peru e a paulistana já cogitava, seriamente, em frequentá-la. Iria falar com Jota Cê sobre esta possibilidade.



DR. MARCUS PATRIOTA: O médico psiquiatra estava cheio de entusiasmo, com a possibilidade de realizar uma parceria, com o sacerdote Trueno Fuerte, na sua clínica, Ayacucho, no Peru.

Seu sucesso com Laura e com os demais pacientes, o credenciava a realizar mais pesquisas, utilizando as ferramentas do peruano, em sua fazenda terapêutica. Ele e a Laura, assim como Cacá e Jota Cê, eram assíduos frequentadores do núcleo em Araçariguama, quinzenalmente. O psiquiatra, em algumas ocasiões, se consultava com o imenso jequitibá, “João Grandão”, durante as suas peias nas sessões.

Acreditamos que, quando o ilustre psiquiatra punha as suas mãos no imenso tronco da árvore centenária, esta prestava uma atenção especial, pela presença ilustre, na sua base de sustentação. O Dr. Pinel preparava-se, para a viagem ao país vizinho, em conversas e reuniões, com seu pacientes e colegas de trabalho, ligados às suas pesquisas com o Chá.

Em cada sessão do Sagrado Chá, o Dr. Pinel focava a sua intenção, para saber se estava certo, no direcionamento de suas pesquisas e aplicação dos tratamentos, em seus pacientes.

Até aquele momento, parecia-lhe que estava no caminho correto e adequado, em suas conclusões, mas, estava, sempre, requerendo uma confirmação adicional.

Com este critério, o psiquiatra colocava parte da responsabilidade de suas técnicas terapêuticas, na própria medicina, do que não discordamos, como forma adequada de auditoria espiritual.

Nota do Autor: *Esta obra tem a finalidade de elucidar dúvidas e gerar um debate saudável, entre aqueles que comungam e ou pretendem comungar o Chá Ayahuasca, em qualquer viés legalmente permitido e dentro da segurança de quem o consome, nas regras fundamentadas na experiência, das igrejas constituídas, pelo homem branco e ou pelo lado do Xamanismo, na figura de pajés e sacerdotes com, notórias experiências, em suas ações nas tribos e comunidades nativas, da selva amazônica e do planalto andino. Não é absoluta, nem tão pouco definitiva, em suas exposições e conclusões, posto que as experiências e as pesquisas continuam no campo das operações e dos rituais religiosos e sempre que existirem novas comprovações dos efeitos, benéficos e, mesmo, malefícios, comprovados, estaremos, aperfeiçoando-a, para o público interessado.*

**A CASA DO PAI
(A NOSSA ORIGEM E O NOSSO DESTINO)**

A CASA DO PAI É LOGO AQUI, É ALI, OU É, EM TODO LUGAR.
A CASA DO PAI É, PRIMORDIALMENTE, UM LUGAR PARA AMAR.
EM ALGUM MOMENTO, A CASA DO PAI,
POR TEMPOS INFINDÁVEIS,
TEMOS QUE DEIXAR.

FOI MEU PAI QUEM ME MANDOU, A VIDA EXPERIMENTAR.
SER COMO ELE, EM QUALQUER LUGAR.
NA SOMBRA OU NA LUZ.

MESMO EM LUGARES, ONDE EU NÃO POSSA SONHAR.

A GARANTIA QUE TENHO É UM VERBO A CONJUGAR.
DO AMAR, AO AMOR.
LONGA ESTRADA A CAMINHAR.

DE UMA MÃE, PRECISO, ENTÃO, PARA ME ENSINAR.
A PARTIR E A VOLTAR.

MAS COMO FAZER? TENDO QUE TUDO ESQUECER?
ESQUECER QUEM SOU E SAIR DE MEU PRIMEIRO LUGAR.
PERCORRER A ESMO, UMA TRAJETÓRIA,
MUNDOS E FREQUÊNCIAS A EXPLORAR.

PERDER-SE É FÁCIL E NECESSÁRIO, ANTES DE,
NOVAMENTE, A ESSÊNCIA ENCONTRAR.

ILUMINA-ME, FORÇA CRIADORA,
EM QUALQUER LUGAR, ONDE ESTIVER.
A MISSÃO DE MEU PAI, EU TENHO QUE TERMINAR.
TRAZER-ME DE VOLTA, À SUA CASA,
COM BOAS NOVAS, PARA CONTAR.

SEPARAÇÃO E COMUNHÃO FAZEM PARTE DA ILUSÓRIA MISSÃO.
QUE DEPOIS DE SUA CONCLUSÃO,
SINTETIZA-NOS, NO CORAÇÃO.

CÉU E INFERNO, EM EQUILÍBRIO, NO REINO DE HOASCA.

LÁ É A CASA DO PAI, BATENDO, FURTIVO, EM AMOROSA SOLIDÃO.
PULSANDO VIDA EM COMUNHÃO.
REALIZANDO SUA DIVINA AÇÃO.

PERCORRE MEUS CAPILARES, CRIADOR DE MIM.
FAZ-ME LUZ, OU QUALQUER COISA ASSIM.
DAI-ME DE VOLTA A DIREÇÃO.
PERDOA-ME E CONVOCA-ME À REDENÇÃO.

GALÁXIAS, ESTRELA E SISTEMAS, EU CRIEI, POR TI.
REALIZANDO O QUE ORDENASTES, ME PERDI.
ILUSÃO E SOLIDÃO PROFUNDAS, SENTI.
MAS, EM MEU PRÓPRIO SANGUE, DERRAMADO,
A MIM PRÓPRIO, REDIMI.

DE VOLTA AO TEU SEIO, NÃO TENHO MAIS NENHUM RECEIO.
INTEIRO, SINTO-ME, AGORA.
DEPOIS DE TANTO TEMPO, PENSANDO, TER ESTADO FORA.
AGORA, EM TOTAL CONSCIÊNCIA, COMPARTILHO, FINALMENTE,
TUA DIVINA PRESENÇA.

EU E TU, UM SÓ SER, DE AMOR EM PROFUSÃO.
NA ETERNA CASA DO PAI, TUDO E TODOS EM COMUNHÃO.
LUZ INTENSA BROTA DE MEU CORAÇÃO.
SAGRADA CURA, PELA ORAÇÃO.
UM FILHO PRÓDIGO, DE VOLTA, À CASA DO PAI,
PELA SUA PRÓPRIA VONTADE, GUIANDO A SUA DIVINA AÇÃO.

ATMAN

**Texto jogado na rima, escrito Pelo Autor, ATMAN, depois de sua 92ª. Sessão de Vegetal, em 2.011, na cidade de São Lourenço da Serra – SP.
O texto aqui colocado fluiu como uma “burracheira” de Luz.**

O ESTADO DA ARTE, NA CURA, PELA MEDICINA DA NATUREZA É, ATRAVÉS DELA, RECONECTAR-SE, À CONSCIÊNCIA PLENA.

